OS GRANDES PENSADORES

BIBLIOTECA DO ESPÍRITO MODERNO

*Série 1 * FILOSOFIA * Vol. 3*

★

WILL DURANT

★

OS GRANDES PENSADORES

Prefácio do autor,
especial para esta edição

Tradução de
MONTEIRO LOBATO

★

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO

ÍNDICE

II PARTE

AVENTURAS NA FILOSOFIA

III Parte

AVENTURAS NA LITERATURA

PREFÁCIO PARA A TRADUÇÃO BRASILEIRA

É-ME agradavel saber que um novo livro meu vai ser dado a um publico sul-americano, embora o prazer que eu sinta sofra do pezar de até agora não ter podido conhecer a America do Sul. Bem informado estou das belezas naturais dos paises que a compõem e sei que o panorama do Rio visto do mar, e vice-versa, é uma das sete maravilhas do mundo moderno. Mas o que mais me fascina é o temperamento latino.

Tambem sou latino, um torturado da sensibilidade e um consumido pela imaginação, em luta para controlar o sentimento romantico pelo estudo do pensamento classico, com supressão do poeta que sou em proveito duma respeitavel e bem domesticada prosa. Não me sinto em casa no norte, entre habeis homens de negocio ou sutis diplomatas, ou fleugmaticos hiperboreos; meu anseio é pelo sul da França, pela Italia, pela Espanha, pela America do Sul — por paises com sol no sangue e que não se matam a ganhar a vida, mas vivem.

E porisso invejo aos meus livros, e desejaria poder segui-los para alem do equador e viver algum tempo proximo ao Rio ou São Paulo, aprendendo a lingua que aí se fala, estudando a literatura e (nas entrelinhas) observando as mulheres, que são, afinal de contas, muito mais interessantes que os nossos livros. Mas se o não posso fazer, muita honra sinto em que minhas palavras o possam, e que por meio delas eu fale através de mares e continentes aos sul-americanos amigos dos genios, e que se deleitam em conversar e refletir

sobre os grandes homens. Sei que o espirito latino jamais cometerá o erro setentrional de conceber a historia dum modo impessoal, como um movimento de massas, preços, salarios e diagramas. É verdade que pequenas causas produzem grandes efeitos, mas essas causas operam sobretudo através dos grandes homens; e não ha razão para que a historia escrita não revele alguma coisa dos vincos da historia vivida.

Os mais poderosos fatores da historia são as ideias. Não necessitamos fazer muito esforço para compreender que, hoje, são as ideias — invenções, religiões, filosofias, formas de pensamento falado ou escrito e formas de governo, ideias do individuo e da vida nacional — que movem os homens nas crises dos negocios internacionais. As ideias de Nietzsche, por exemplo, influenciaram profundamente Hitler e Mussolini; as ideias de Karl Marx transformaram a vida da Russia; as de Spengler fazem que cada estadista pondere sobre o futuro do seu povo e da sua civilização; as ideias de Flaubert influenciaram metade da literatura da Europa e da America. Neste livro procurei interpretar algumas destas concepções basicas do nosso tempo na literatura e na filosofia. Estou convencido de que as grandes coisas do nosso seculo não sairão dos campos de batalha, sim dos nossos cerebros e dos nossos corações.

WILL DURANT

Great Neck, New York, 6 de maio de 1939

INTRODUÇÃO

DOS muitos ideais que na mocidade dão á vida uma significação e uma radiancia que faltam ás friorentas perspectivas da idade madura, um pelo menos não se adormentou em mim, permanecendo brilhante como no começo — a intrepida adoração dos herois. Numa idade que nivela tudo e nada reverencia, ponho-me ao lado de Carlyle e acendo minhas velas, como Pico de Mirandola diante da imagem de Platão, no santuario dos grandes homens.

Digo intrepida porque sei como está fora da moda admitir na vida ou na historia, genio mais alto do que nós mesmos. O dogma democratico nivelou não somente todos os eleitores como todos os lideres; deleitamo-nos em demonstrar que os genios vivos não passam de mediocridades e que os genios mortos não passam de mitos. A crermos em Wells, Cesar foi um pateta, e Napoleão, um louco. Mas como é contrario ao bom tom louvar-nos a nós proprios, chegamos ao mesmo fim por uma senda indireta: rebaixando todos os grandes homens da terra. Em alguns isso será, talvez, um nobre e impiedoso ascetismo que procura arrancar dos corações os ultimos vestigios da adoração, de medo que os deuses voltem e de novo nos aterrorizem.

De minha parte apego-me á religião dos herois e nela descubro contentamento e estimulo mais duradouros que os peculiares aos extases devotos da mocidade. Como parece natural receber Rabindranath Tagore com o titulo que ha tanto tempo lhe foi dado pelos seus conterraneos — *Gurudeva*, Reverendo Mestre! Porque se nos quedamos reverentes em face de quedas d'agua e topos de montanhas, ou duma lua de outono refletida em mar calmo, por que não faremos o mesmo diante do maior dos milagres — um homem ao mesmo

tempo grande e bom? Muitos de nós somos apenas talentos, crianças irrequietas no jogo da vida, e quando o genio surge em nossa presença apenas podemos curvar-nos diante dele como dum ato de Deus, uma continuação do genese. Tais homens são o verdadeiro sangue da historia, da qual a politica e a industria não passam da ossatura.

Parte em virtude do seco escolasticismo de que passamos a sofrer quando James Harvey Robinson nos intimou a humanizar o conhecimento, é que surgiu o conceito da historia como fluxo impessoal de figuras e "fatos", no qual os genios representavam papeis de tal insignificancia que o bom era ignora-los. Foi sobretudo Marx o implantador desta concepção da historia; ele apaixonara-se por uma visão da vida hostil a todos os homens de exceção, sentia ciumes de todas as superioridades e exaltava os humildes como os herdeiros da terra. Por fim começou-se a escrever a historia como se ela nunca fora vivida, como se nenhum drama jamais a sacudisse, nem igualmente comedias e tragedias de lutadores falhos. As vívidas narrações de Gibbon e Taine cederam o passo a montes de cinzas eruditas, com todos os fatos estabelecidos e documentados com a maior correção — mas mortos.

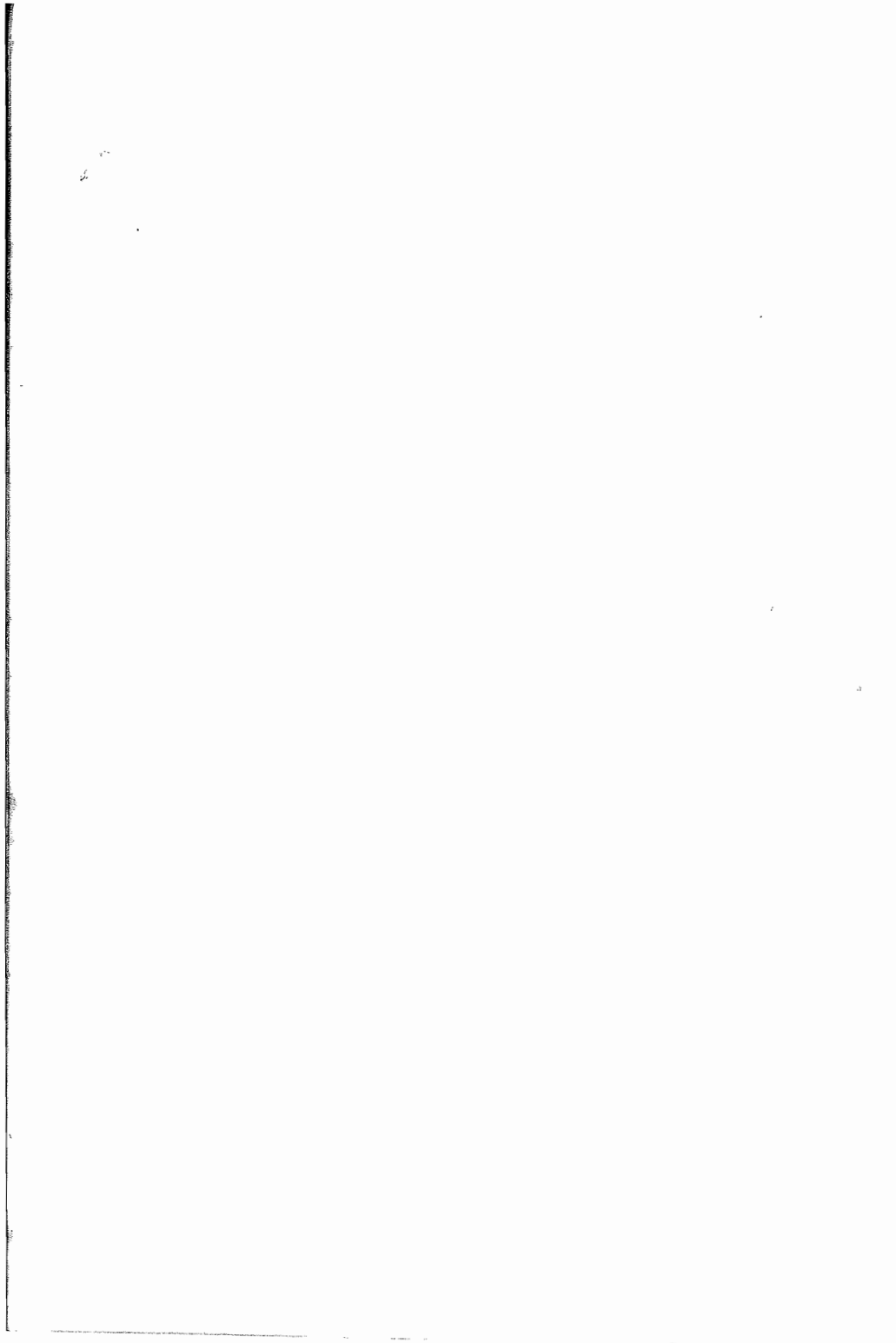
Não, a verdadeira historia do homem não está nos preços e salarios, nem em eleições e batalhas, nem no nivel de vida do homem comum: está nas duradouras contribuições dos genios para a soma da civilização e da cultura humana. A historia da França não é a historia do povo francês, o desenrolar da vidinha de creaturas sem nome que lavraram o solo, fizeram sapatos e roupas, mascatearam artigos (porque estas coisas sempre foram feitas em todos os tempos); a historia da França é o relato da ação dos seus homens e mulheres excepcionais, seus inventores, cientistas, homens de estado, poetas, artistas, musicos, filosofos e santos, e das adições que eles trouxeram á tecnica e á sabedoria, ás artes e aos costumes, tanto da França como da humanidade. E o mesmo com todos os demais paises; a historia do mundo é a historia dos grandes homens. Que somos nós senão tijolos e cimento que eles manejam para a melhoria das raças?

Por esse motivo encaro a historia, não como o doloroso palco da politica e das carnificinas, mas da luta do homem guiado pelo genio contra a inercia da materia e o escorregadio segredo do espirito; luta para compreender, para dominar e para refazer-nos a nós e ao mundo. Vejo homens de pé á beira do conhecimento, sustendo um archote pouco adiante de suas cabeças; homens esculpindo no marmore formas que enobrecem a especie; homens moldando povos em melhores instrumentos da grandeza; homens sonhando com vidas mais altas — e vivendo-as. Temos aqui um processo de creação mais vivaz do que em qualquer mito, uma religião mais real do que todos os credos.

Contemplar tais homens, insinuar-nos pelo estudo em seu convivio, observa-los no labor e aquecer-nos á flama que os consome — isto é reconquistar alguma coisa do extase que a juventude nos dava, quando no altar ou no confessionario sentimos a presença de Deus. Nessa sonhadora juventude críamos que a vida era um mal, e que só a morte nos poderia erguer ao paraiso. Erro. Ainda em vida podemos penetrar no eden. Cada grande livro, cada fina obra d'arte, cada biografia dum grande homem, constitue um apelo e um abre-te-sezamo para os Campos Eliseos.

Muito cedo apagamos a chama da nossa esperança e da nossa reverencia. Mudemos de idolos e reacendamos as velas.

WILL DURANT

NOTA — Reclamo do leitor indulgencia para a inclusão de varios ensaios que nada têm com o titulo desta obra. E apresento meus agradecimentos ao *American Magazine*, ao *Plain Talk*, ao *Red Book*, ao *Forum* e ao *Thinker*, nos quais alguns apareceram em forma cruelmente abreviada. Os primeiros são populares e pedagogicos; os leitores que não necessitarem disso poderão começar pela terceira parte.

I Parte

AVENTURAS EM SUGESTÃO

CAPÍTULO I

OS DEZ "MAIORES" PENSADORES

I — DEFINIÇÕES

QUE é pensamento? Não ha definição possivel, porque a palavra inclue tudo através do que pode ela ser definida. É o fato mais imediato que conhecemos e o ultimo misterio do nosso ser. Todas as outras coisas nos chegam como formas do pensamento, e todas as realizações humanas nele encontram a sua fonte e a sua meta. O surto do pensamento constitue a grande virada do drama da evolução.

Como teve começo o milagre? Talvez quando o impetuoso derrame dos gelos polares se dirigiu para os tropicos, enregelando o ar, destruindo a vegetação, eliminando inumeraveis especies de animais inadaptaveis ao frio, e repelindo uns poucos sobreviventes para a estreita faixa mais calmosa, onde, durante muitas gerações, ficaram apegados ao equador, á espera de que a ira do Norte se derretesse. Foi provavelmente nesse periodo critico, quando todos os velhos modos de vida se tornaram inadequados diante do gelo invasor, e as tradicionais reações contra o meio já de nada valiam diante da radical modificação do ambiente, que os animais já dotados de completo aparelhamento instintivo foram eliminados por não poderem adaptar-se ás novas condições, e que certo animal, ainda plastico, porque ainda não cristalizado em formas rigidas, aprendeu as artes do fogo, da cozinha e do vestuario, resistiu á calamidade e levantou-se a uma indiscutivel supremacia sobre todas as mais especies. Esse animal, o homem.

Foi presumivelmente numa emergencia terrivel como essa que o humano raciocinar apareceu. A mesma "incompletidão" e adaptabilidade de reações que vemos hoje na criança e que a faz tão inferior aos filhotes de todos os outros animais, mas é compensada pela possibilidade do aprender — essa mesma plasticidade salvou o homem e os mais elevados mamiferos; concomitantemente, poderosos organismos, como o mamute e o mastodonte, que até então reinavam como supremos, sucumbiram diante da invasão glacial a ponto de existirem hoje apenas para os paleontologos. Tiritaram e extinguiram-se, ao passo que o debil Homo permaneceu. O pensamento e a força inventiva surgem no mundo: a tonteira dos instintos colhidos de surpresa dá surto ás timidas hipoteses, ás primeiras tentativas de ligar coisas, ás primeiras generalizações, ás primeiras ideias de similaridade e de regularidade de sequencia, á primeira adaptação de coisas *aprendidas* a situações tão novas que diante delas as reações instintivas habituais já de nada valiam. Foi então que certos instintos de ação envolveram em modos de pensamento e em instrumentos da inteligencia: o que havia sido simples espera da presa tornou-se atenção; o medo e a fuga fizeram-se cautela e deliberação; a pugnacidade e o assalto passaram a curiosidade e analise; a manipulação virou experiencia. O animal erecto fazia-se homem, escravo ainda de mil circunstancias, timidamente valente ante os incontaveis perigos, mas já assinalado para tornar-se o senhor da terra.

Desse obscuro periodo até o presente, a historia da civilização tem sido uma aventura da razão humana. Foi o pensamento que nos ergueu, passo a passo, penosamente e por tentativas, a um poder maior e a uma vida mais alta. As invenções determinam a historia — e as invenções saem das idéias. Sem duvida que é o desejo, a inquietação e a insaciavel das nossas necessidades, o que nos força a pensar; mas, embora assim motivado ou inspirado, é o pensamento que descobre os caminhos. Não podemos pois admitir a velha disputa entre os exalçadores dos herois, como Carlyle e Nietzsche, que interpretam a historia em função dos grandes homens, e os depreciadores dos herois, como Spencer e Marx, que atrás de todos os acontecimentos só descobrem causas

economicas. Estamos seguros de que nenhuma pressão de circunstancia economica teria sido bastante para fazer avançar a humanidade, se as iluminantes faiscas do pensamento não houvessem interferido. Talvez Gabriel Tarde e William James tenham razão, e toda a historia seja uma sucessão de invenções feitas pelos genios e adotadas pela massa, uma serie de iniciativas tomadas pelos lideres aventureiros e propagadas no povo pelas ondas da imitação. Não ha duvida que no começo e no topo de cada epoca aparecem uns tantos genios heroicos, vozes e sumulas do seu tempo, herdeiros e interpretes do passado, pioneiros e guias do futuro. Se pudermos acertar em cada periodo da civilização com os homens que lhes guiaram o pensamento, teremos um panorama vivo da nossa historia.

Mas quando nos defrontamos com a tarefa de selecionar esses personagens maximos em redor dos quais a peça se desenvolve, uma duzia de dificuldades nos surgem á frente. Qual deverá ser o test da grandeza? Quais, no rol dos genios humanos, os que devemos omitir e os que devemos nomear?

Temos aqui de ser implacaveis e dogmaticos; e embora nos doa, não podemos admitir em nossa lista nenhum tipo de genio senão o que exerceu duradoura influencia sobre a vida da humanidade. O test supremo será este. Procuraremos verificar a originalidade e o escopo, a veracidade e a profundez, de cada pensador; mas o que acima de tudo nos cumpre ter em mente é a extensão e persistencia do influxo do genio sobre a vida e as ideias dos homens. Unicamente assim poderemos de algum modo controlar os nossos preconceitos pessoais e conseguir imparcialidade de escolha.

E, agora, como definirmos o pensador? Certo que a palavra tem de abarcar filosofos e cientistas; mas somente a estes? Deveremos incluir homens como Euripedes, Lucrecio, Dante, Leonardo, Shakespeare, Gœthe? Não; curvarnos-emos humildemente diante de tais nomes, mas, a despeito da profundidade do seu espirito, te-los-emos como pensadores secundarios, precipuamente artistas. E devemos incluir lideres de tão grande influencia social como Jesus e Buda, Agostinho ou Lutero? Não; os fundadores e renovadores de

religiões não cabem em nosso plano; não foi o pensamento ou a rázão, sim o sentimento apaixonado, a visão mistica, a irredutivel fé, que os fez movimentar o mundo. Deveremos aceitar em nosso conselho os grandes homens de ação cujos nomes ressoam nos corredores da historia — homens como Pericles, Alexandre, Cesar, Carlos Magno, Cromwell, Napoleão, Lincoln? Não; se aplicarmos a palavra *pensador* a tais herois estaremos a adultera-la na sua significação essencial, e falhariamos na definição do pensamento. Na nossa lista só cabem filosofos e sabios. Procuraremos os nomes que pelo pensamento, antes que pela ação ou paixão, mais influenciaram o genero humano. Procura-los-emos nos calmos remansos do mundo, longe do tumulto das multidões, nos obscuros recantos onde grandes ideias lhes vem como trazidas "nos pés da pombinha", e onde por um momento eles vislumbram, como numa transfiguração, a face da verdade.

II — LITANIA

1. *Confucio*

Qual citaremos primeiro?

Confucio — e imediatamente começam nossas duvidas. Por que incluir Confucio e omitir Buda e Cristo? Pelo fato de ser um filosofo moral antes que um pregador de fé religiosa; pelo fato de seu apelo á vida nobre ter base em motivos seculares e não em considerações sobrenaturais; pelo fato de, muito mais que Jesus, assemelhar-se a Socrates.

Nascido numa era de confusão (552 A.C.), na qual o velho poder e a gloria da China se desintegravam na luta das facções, Kung-fu-tse empreendeu restaurar a sanidade e a ordem da sua terra. Como? Ouçamo-lo:

> Os grandes antigos, quando queriam revelar e propagar as mais altas virtudes, punham seus estados em ordem. Antes de porem seus estados em ordem punham em ordem suas familias. Antes de porem em ordem suas familias, punham em ordem a si proprios. Antes de porem em ordem a si proprios, aperfeiçoavam suas almas. Antes de aperfeiçoarem suas almas, procuravam ser sin-

ceros em seus pensamentos e ampliavam no maximo os seus conhecimentos. Essa ampliação dos conhecimentos decorre da investigação das coisas, ou de vê-las como elas são. Quando as coisas são assim investigadas, o conhecimento se torna completo. Quando os pensamentos são sinceros, a alma se torna perfeita. Quando a alma se torna perfeita, o homem está em ordem. Quando o homem está em ordem, sua familia tambem fica em ordem. Quando sua familia está em ordem, o estado que ele dirige tambem pode cair na ordem. E quando os estados caem em ordem o mundo inteiro gosa de paz e felicidade.

Eis aqui uma sã filosofia moral e politica enfeixada em poucas linhas. Trata-se dum sistema altamente conservador, que exalta as boas maneiras e a etiqueta, com menosprezo da democracia; a despeito da sua enunciação da Regra de Ouro, Confucio estava mais proximo do estoicismo do que do cristianismo. Um discipulo tendo-lhe perguntado se devia pagar o mal com o bem, ele respondeu: "Com que então recompensarás a bondade? Pagarás o bem com o bem, e o mal com a justiça." Confucio não admitia que todos os homens fossem iguais; a inteligencia não era um dom outorgado a todos. Quando o discipulo Mencio tocou no assunto, o mestre respondeu: "O que diferencia o homem dos outros animais é muito pouco — e a maior parte dos homens deita fora esse pouco". O maior bem para um povo será afastar dos cargos publicos os ignorantes e escolher para governa-los os homens de maior sabedoria.

Uma grande cidade, Chung-tu, tomou-o ao pé da letra e escolheu-o para magistrado. "Maravilhosa reforma, diz a lenda, ocorreu na vida do povo... Cessaram os crimes... A deshonestidade e a corrupção recolheram as unhas. A lealdade e a boa fé tornaram-se as caracteristicas dos homens; e o pudor e a docilidade, as das mulheres." Isto nos parece bom demais para ser verdadeiro — e provavelmente não durou muito tempo. Mas ainda durante sua vida os seguidores de Confucio compreenderam-lhe a grandeza e previram a duradoura influencia que ele iria ter no moldar a urbanidade e a placida sabedoria dos chineses. "Seus discipulos enterraram-no com grande pompa. Uma multidão de seguidores construiram cabanas proximas á sua tumba e lá se deixaram

ficar, chorando, como pela morte dum pai, durante tres dias. E quando todos se retiraram, Tse-Kung, "que o amava mais que todos", permaneceu por mais tres anos sozinho junto ao tumulo".

2. *Platão*

E surgem agora novos problemas. Grandes civilizações se desdobram diante de nossos olhos sem uma figura dominante, sem nenhuma personalidade secular das que amoldam o povo com o pensamento. É assim na India e entre os Judeus, bem como entre as raças nomades do "fertil Crescente" da Asia Menor: temos um Buda, um Jesus, um Isaias, um Maomé, mas não temos nenhum cientista-mundial, nenhum filosofo-mundial. E em outro caso — talvez na mais longa e maravilhosa civilização que o mundo jamais conheceu — temos uma centena de faraós e inumeraveis reliquias duma arte variada; mas nenhum nome se ergue, dos que cream perspectivas de sabedoria e estampam sua influencia sobre o desenvolvimento mental do povo. Vamos respeitosamente pular por cima desses povos e desses seculos para atentarmos na gloria da Grecia de Pericles.

Por que amamos a Platão? Porque foi um homem do amor: amoroso da amizade, amoroso da ebriedade dialetica, apaixonado pesquizador da ilusoria realidade oculta dentro das ideias e das coisas. Amamos a Platão pela sua energia, pelo nomadismo da sua imaginação, pela alegria que ele encontrava na aventurosa complexidade da vida. Amamo-lo porque se mostrou vivo em todos os instantes da existencia e nunca cessou de crescer; um homem assim pode ser perdoado de todos os erros cometidos. Amamo-lo pelo seu apaixonado interesse na reconstrução social por meio da inteligencia; porque durante os seus oitenta anos de vida manteve aquele zelo pelo melhoramento das condições sociais que para a maioria de nós é um luxo da mocidade; porque concebeu a filosofia como instrumento não só de interpretação como de remodelação do mundo. Amamo-lo porque adorava a beleza tanto quanto a verdade, e no drama deu preeminencia ás ideias, vestindo-as com toda a radiancia da arte.

Vemos na *Republica* e nos *Dialogos* um tal jacto de imaginação creadora como só seria possivel num Shakespeare; sua fulguração de imagens explode com senhoril prodigalidade; seu humor faz-nos ressentir a ausencia de humor dos filosofos modernos; seu sistema não é um sistema, mas todos os sistemas; nele vemos a fonte copiosa de todo o pensamento europeu; e prosa forte e bela como a arte com que a alegria grega encheu os templos; Platão creou a prosa literaria — e creou-a já adulta.

Que venha pois Platão como o segundo nome da nossa lista. Mas temos de defende-lo contra uma razoavel alegação. Onde fica Socrates, quasi o pai e, seguramente, o maior martir da filosofia? Parecerá grotesco omitir Socrates dum rol que encerra vultos nem pela metade tão grandes quanto ele. Mas cumpre-nos dizer que Socrates é metade mito, metade homem. Um erudito francês, Dupréel (na *Légende Socratique*), reduziu-o ao nebuloso estado historico de Aquiles, Edipo, Romulo, Siegfried. Não ha duvida que depois da nossa morte um profundo erudito pode provar que qualquer de nós nunca existiu. Mas parece-nos certo que em boa medida Socrates deve sua fama á fertil imaginação de Platão, que empregava o magnifico perambulador como alto-falante de sua propria filosofia. O quanto do Socrates de Platão foi realmente Socrates, é coisa que provavelmente nunca o saberemos. Tomemos pois Platão como significando ao mesmo tempo a si proprio e a Socrates.

Seus *Dialogos* constituem uma das maiores preciosidades do genero humano. Pela primeira vez a filosofia toma forma, e pela sua exuberancia atinge perfeição jamais observada. Quereis ouvir um nobre discurso sobre o amor e a amizade? Lede o *Lysis,* o *Charmides* e o *Phedon,* cujas derradeiras paginas são picos culminantes na historia da prosa. Estais interessados nos misterios da mente e do conhecimento? Lede o *Parmenides* e o *Theœtetus.* Tendes interesse em tudo? Lede a *Republica,* onde encontrareis metafisica, teologia, etica, psicologia, educação, estatismo, arte; e tambem feminismo, controle da natalidade, comunismo e socialismo com todas as suas virtudes e dificuldades, eugenia e educação

libertaria, aristocracia e democracia, vitalismo e psicanalise — que é que não encontrareis lá? Não admira que Emerson aplicasse á *Republica* as palavras que o piedoso califa Omar escreveu no *Corão*: "Queimem-se as bibliotecas, porque neste livro está tudo."

Quanto á influencia de Platão... Considere-se a academia que fundou — a primeira universidade e a mais duradoura do mundo. Considere-se a perpetua ressurreição da sua filosofia desde os Neo-platonicos de Alexandria até aos platonizantes de Cambridge, na Inglaterra. Considere-se a impregnação platonica da teologia cristã e o simbolismo e o predominio de Platão na cultura medieval. Considere-se o entusiasmo que suas ideias despertaram na Renascença, quando a mesa de Lourenço de Medicis recapturou algo da gloria do *Symposium*, e Pico de Mirandola acendia velas devotas diante da sua imagem. Considere-se que neste momento, em cem paises e cem cidades, milhares de estudantes, moços e velhos, absorvidos na leitura da *Republica* e dos *Dialogos*, sentem-se lentamente moldados em sabedoria pelo ardor e sutileza do Mestre. Temos aqui uma imortalidade de alma que torna quasi insignificante o deperecimento do corpo.

3. *Aristoteles*

O mundo inteiro concordará com a inclusão de Aristoteles em nossa lista. A Idade Media apelidou-o *O Filosofo*, como a dizer que ele corporificava a classe numa exponencia de perfeição. Não que eu o ame; os textos de Aristoteles expõem com tanta monotonia uma desapaixonada moderação que depois da radiancia platonica nós nos congelamos ao seu contacto. Mas seria deslealdade não aceita-lo por causa de seus livros; sabemos que esses livros não passavam de apressadas anotações feitas por ele mesmo ou por seus discipulos, para memento das preleções; seria absurdo julga-lo com base na comparação destes fragmentos tecnicos com os vívidos dialogos por meio dos quais Platão conquistou, pela primeira vez, uma audiencia para as ideias. Mas se saltarmos esta barreira da terminologia escolastica e do pensamento concentrado, estaremos diante dum intelecto de quasi incrivel

profundidade e alcance. Trata-se duma circumnavegação do globo que espirito nenhum reproduziu depois; cada problema da ciencia e da filosofia entra em consideração, é esclarecido e tem solução defensavel; o conhecimento apresenta-se sob todos os aspectos e coordena-se numa solida visão do mundo. E a fraseologia nasce, e de tal modo nasce que é impossivel hoje pensarmos sem recorrer aos moldes que o cerebro de Aristoteles cunhou. Ha em sua obra muita sabedoria; sabedoria calma, temperada e completa no possivel, oriunda de uma ilimitada e majestosa inteligencia. E brotam ali novas ciencias fundadas com a maior facilidade, como se essas supremas criações do espirito humano não passassem de simples recreações dum filosofo; aparecem a biologia, a embriologia e a logica. Não que antes dele nenhum homem houvesse pensado nessas materias; mas nenhum, como Aristoteles, controlou o seu pensamento por meio da paciente observação, da cuidadosa experiencia e da sistematica formulação dos resultados. Tirante a astronomia e a medicina, a historia da ciencia começa com o enciclopedico trabalho do estagirita.

Só Confucio teve influencia tão grande quanto Aristoteles. Toda gente sabe como em Alexandria e na Roma imperial sua obra deu começo ao avanço da ciencia; como no seculo treze seus escritos filosoficos, trazidos pelos mouros á Europa recem-desperta, desempenharam um papel fertilizante no desenvolvimento da filosofia escolastica; como a grande *Summa* desse periodo da historia não passava de meras adaptações da *Metafisica* e do *Organon;* como Dante o colocou entre todos os pensadores como "mestre dos que sabem"; como depois da queda de Constantinopla a migração dos professores bizantinos trouxe os ultimos tesouros do seu pensamento aos sequiosos estudantes da Renascença; e como esta calma soberania dum homem sobre todo um milenio de historia intelectual só chegou ao fim com a audaciosa irreverencia de Occam e Ramus, com a ciencia experimental de Rogerio e a renovadora filosofia de Francis Bacon. Na volta em redor do mundo que estamos a dar não encontraremos outro cerebro de maior influencia no espirito da humanidade que o de Aristoteles.

4. *Tomás de Aquino*

E assim passou a Grecia e veio Roma. Quais os grandes pensadores de Roma? Primeiro, o mais fino de todos, Lucrecio. Entretanto, pelo fato da sua filosofia não ser dele proprio, ou ser com a maior candidez atribuida a Epicuro, e tambem porque a sua influencia sobre os romanos e a posteridade fosse esoterica e esporadica, alcançando apenas os espiritos mais elevados, temos de deixa-lo fora do nosso rol, consolando-nos com a sua altissima posição na literatura do mundo. Quanto a Seneca, Epiteto e Marco Aurelio, eram ecos da Grecia, adaptadores da apatia de Zeno á moribunda Roma. A velha civilização já ia desaparecendo quando eles escreveram; a força já escapava dos nervos romanos; por toda parte eram os homens livres desbancados pelos libertos, e as orgulhosas cidades livres humilhavam-se na vassalagem tributaria. As classes dominantes dividiam-se em epicuristas de refugo ou estoicos demasiado severos para admitir os deleites da filosofia. Subitamente, o velho edificio ruiu — e a civilização europeia fez-se montão de ruinas.

Tudo começou de novo quando a Igreja cicatrizou as feridas da luta com a mistica autoridade da Palavra, e dos campos de guerra trouxe os homens para a vida laboriosa. Os imperadores passaram e os papas permaneceram; as legiões já não se moviam, mas os monges e missionarios da fé nascente calmamente creavam a ordem nova em que de novo o pensamento iria funcionar. Que longa e lugubre esta segunda infancia da conciencia europeia! Estamos ainda hoje tão precariamente firmados que podemos sentir o penoso vacilar de tantos anos.

Mas o comercio se desenvolveu, aldeias passaram a cidades, escolas evoluiram em universidades; novamente se tornou viavel a uma seção do genero humano fugir ao trabalho exaustivo e gosar do lazer em que floresce o luxo do pensamento. A eloquencia de Abelardo agitou metade do continente. Boaventura e Anselmo consolidaram em majestosa teologia o que havia de racional na fé medieva. Quando o trabalho preparatorio se completou, um segundo Aristoteles

surgiu — Tomás de Aquino, homem que fez do universo a sua especialidade e lançou uma fragil ponte de racionalismo sobre os baratros interpostos entre o Conhecimento e a Fé. O que foi Dante para as esperanças e terrores da Renascença catolica, foi Aquino para o pensamento da epoca — unificando o conhecimento, interpretando-o, enfocando-o sobre os grandes problemas da vida e da morte. O mundo já o não segue hoje, preferindo o Tomás que duvidava ao Tomás dogmatizante; mas tempo houve em que todos os intelectos honraram o Doutor Angelico e todas as filosofias tomaram-lhe a "Summa" como premissa. Ainda hoje em cem universidades e mil colegios o pensamento de Aquino é reverenciado como coisa superior á ciencia, e sua filosofia constitue o sistema oficial da mais poderosa igreja da cristandade. Podemos desadora-lo, já que tanto veneramos os rebeldes e os martires do pensamento; mas em virtude da sua modesta supremacia num grande seculo, e da sua vasta influencia sobre milhões e milhões de homens, temos de conceder-lhe um posto em nossa litania intelectual.

Não ha duvida que muitos corações hão de arrepiar-se com esta escolha — e nesse numero está o meu. Muitos nomes existem que poderiamos evocar, mais interessantes que o de Aquino, porque mais afins com o mundo moderno; nomes como o de Spinoza ou Nietzsche, pelos quais sentimos apaixonamento e não simples respeito mental. Mas se vamos revelar-nos infieis ao programa estabelecido, então será melhor po-lo de lado já de começo; o rol dos dez seria então um album dos favoritos, não a galeria dos espiritos de maior influencia na humanidade.

5. *Copernico*

E então soou uma voz da Polonia, dizendo que o nosso planeta, almofada de repouso dos pés de Deus e ponto escolhido para a sua peregrinação redentora, não passava de pequenino satelite dum pequenino sol. Isto parece-nos hoje afirmação muito simples, hoje que sabemos ser a terra um corpo momentaneamente compacto, feito de elementos que

se desintegrarão sem deixar destroços atrás de si. Mas para o mundo medieval, cuja filosofia repousava na vizinhança entre a terra e Deus e sobre a constante solicitude da divindade para com o homem, a nova afirmação astronomica equivaleu a uma blasfemia ateista, cruel golpe preposto a derribar a escada de Jacó erguida pela fé entre os homens e os anjos.

O livro de Copernico sobre as "Revoluções dos Corpos Celestes" foi feliz no titulo, porque nenhum outro determinou jamais tamanha revolução. O pio monje que pacientemente contemplava as estrelas, não teve intenção de a produzir; não suspeitou o alcance da sua afirmativa sobre o futuro da fé; havia afundado no estudo e estava certo de que a verdade é sempre boa e bela e libertadora dos homens. E, assim, pela magia da sua matematica, transformou um universo cujo centro era a terra e o homem, num caleidoscopio de estrelas no qual o nosso planeta não passa da momentanea precipitação duma nebula. Tudo mudou a partir desse instante — distancias, significações, destinos. E Deus, que estava tão perto de nós, morando no seu solio de nuvens, afastou-se para o fundo do espaço sem limites. Foi como se as paredes duma casa caissem durante um vendaval, deixando seus moradores desabrigados dentro da treva imensa.

Não sabemos da profundidade desse monje como pensador, mas conhecemos a incomensuravel influencia de sua obra. Com ele começa a modernidade. Começa o secularismo. Com ele a Razão faz uma Revolução Francesa contra a Fé imemoriavelmente firme em seu trono; e o homem começa um longo esforço para reconstruir o arrazado palacio dos sonhos. O ceu mistico torna-se o ceu fisico da meteorologia — espaço e ar, ou desce á terra e cria visões utopicas no coração faminto dos que anteriormente esperavam o Paraiso. Foi como na fabula de Platão; os deuses, que haviam cuidado do homem até que ele atingisse a maioridade, desapareceram, deixando-o entregue aos seus proprios recursos. Foi como nos tempos da barbarie, quando o chefe da tribu expelia do grupo os moços, para que procurassem novas

terras e dessem começo a novos agrupamentos. Com a revolução de Copernico o homem se viu forçado a considerar-se maior.

6. *Bacon*

E o homem não falharia á intimação. O seculo que se seguiu a Copernico foi um viril tempo de audacia e coragem em todos os campos. Pequenos navios começaram a explorar a limitada redondeza da terra; mentalidades tateantes começaram a explorar o mundo mental, indiferentes aos dogmas, libertos da tradição e seguros da vitoria. Oh, o impeto dos fulgurantes dias da Renascença, quando foi esquecida a pobreza de um milenio e o trabalho de outro milenio tornou o homem mais intrepido, sorridente a todas as barreiras e limites! O fulgor desses olhos alerta, o rico sangue daqueles corpos fortes, os tons quentes de seus trajes luxuosos, a espontanea poesia do falar apaixonado, a insaciavel creatividade dos desejos, o destemor investigativo dos cerebros recem libertados — será que conheceremos novos dias assim?

A quem escolheremos como o nome e o simbolo desse periodo de intensa fermentação? Leonardo? — pintor, musico, escultor, desenhista, arquiteto, inventor, anatomista, fisiologista, fisico, engenheiro, quimico, astronomo, geologo, zoologo, botanico, geografo, matematico, filosofo? Ai de nós! O nosso programa o exclue da lista porque primacialmente foi um esteta e só secundariamente filosofo ou cientista; lembram-no hoje "Ultima Ceia" e a "Mona Lisa", não as suas teses sobre fosseis, nem a sua antecipação de Harvey, nem a sua majestatica visão da Lei Universal. Ou será Giordano Bruno? essa alma eternamente indagadora, insatisfeita com o finito, faminta da incomensuravel unidade, impaciente com divisões, seitas, dogmas, credos, esse homem só menos controlavel que o vento, só menos impetuoso que o Etna e, por força da turbulencia do seu espirito, condenado ao martirio da fogueira?

Não; não pode ser Bruno, porque ha um maior que ele: "o homem que deu o toque de reunir e mobilizou todas as inteligencias"; que conclamou os amantes e servos da verdade

para um cerramento de fileiras em redor da ciencia; que norteou a missão do pensamento não para inutil utensilio da escolastica, nem oca especulação academica, mas para o inquerito dedutivo das leis naturais, para a resoluta extensão do dominio do homem sobre o meio; o cerebro que levantou o mapa dos terrenos desconhecidos da investigação; que atribuiu a cem ciencias a sua tarefa e lhes predisse incriveis triunfos; que inspirou a Sociedade Real da Inglaterra e a grande Enciclopedia da França; que desviou o homem da simples meditação contemplativa para o conhecimento remodelador; que pôs de lado a adoração e urgiu o controle da natureza; que derrubou a logica de Aristoteles para entronizar a estrita observação e urgiu o controle da natureza; que derrubou a nenhum outro em seu tempo, o espirito e o proposito da mente moderna.

7. *Newton*

Desses dias até os nossos, a história do intelecto europeu não passa da vitoria do espirito baconiano contra a concepção medieval do mundo. Predominantemente, mas não continuamente; muitos grandes vultos permaneceram afastados da estrada real. Em Descartes o novo luta nos braços do velho — e não consegue nunca desembaraçar-se; na grande alma de Leibnitz a tradição medieva ainda está bastante forte para transformar o matematico em precario teologo; e em Kant a voz da fé ancestral ressoa em conjunto com o cepticismo moderno. Ligando dum modo estranho essas duas correntes mentais, a cientifica e a mistica, emerge o vulto de Spinoza: polidor de lentes embriagado de Deus; silencioso devoto da especulação solitaria e formulador da metafisica da ciencia moderna; amador de mecanica e geometria e, como Bruno, martir da filosofia — embora não na fogueira. Cada espirito profundo sentiu depois dele a sua influencia, cada historiador atestou a calma profundidade da sua sabedoria. Mas nosso programa nos leva a julgar estes herois da inteligencia dum ponto de vista objetivo, com base na influencia que exerceram no mundo; e ainda os maiores apaixonados de Spinoza têm que confessar que a ação do

suave filosofo apenas alcançou as raras almas de grande finura. Spinoza pertence á aristocracia do pensamento, região a que o mundo ainda não subiu.

Mas com Isaac Newton já não se dá a mesma coisa. Nenhum estudante ignora-lhe a distraida genialidade; todos sabem como Newton, ao preparar os ovos quentes da sua refeição, ferveu por tres minutos o relogio enquanto media o tempo olhando atentamente para um ovo; ou sabem que indo ao quarto vestir-se para o jantar, esquecidamente despiu-se e meteu-se na cama.

Nem todos os estudantes, entretanto, saberão que os *Principios* de Newton estabeleceram a hoje indisputada hegemonia da ciencia no pensamento moderno; que as leis do movimento e da mecanica, como ele as estabeleceu, tornaram-se a base de todos os progressos posteriores. A descoberta da gravitação iluminou o mundo da astronomia, reduzindo o brilhante caótico das estrelas a uma unidade quasi organica. "Ha pouco tempo, diz Voltaire, em ilustre companhia estavam discutindo a frivola questão sobre qual o maior homem, Cesar, Alexandre ou Cromwell. Alguem respondeu que o maior era sem duvida Isaac Newton. E respondeu certo: porque é o que conquista o nosso espirito pela força da verdade, e não o que nos escraviza pela violencia, que devemos reverenciar". Ainda durante a sua existencia o mundo viu em Newton um dos maximos herois do pensamento.

8. *Voltaire*

Foi Voltaire quem introduziu em França a mecanica de Newton e a psicologia de Locke, desse modo dando começo á Era da Luz. Irritará aos espiritos escolasticos a inclusão de Voltaire entre os pensadores supremos, e alegarão eles que o pensamento voltairiano era de emprestimo, não original, e que sua influencia foi imoral e destruidora. Mas quem na vida é original a não ser na forma? Que ideia concebemos hoje que dum modo ou de outro não venha do passado? É mais facil ser original no erro do que na verdade, porque

cada verdade destrona centenas de erros. Um filosofo honesto admitirá, como Santayana, que em seus lineamentos a verdade é tão velha quanto Aristoteles, e que tudo quanto necessitamos hoje é variar o desenho de acordo com as nossas urgencias momentaneas. Não tomou Spinoza, o mais profundo pensador moderno, os elementos essenciais do seu pensamento de Bruno, Maimonides e Descartes? Não defendeu Ramus, em sua tese de doutorado, a modesta proposição de que em Aristoteles tudo era falso, exceto o que ele pilhara de Platão? E não pilhou Platão, como tambem o fez Shakespeare, o que pôde e onde pôde, transformando as coisas furtadas em maravilhas de beleza? É certo que Voltaire, como Bacon, "acendia a sua vela no fogo que se lhe deparava"; mas o inegavel é que fez tão intensamente brilhar esse fogo que com ele iluminou o mundo. Coisas que lhe chegavam opacas ele as fazia radiantes; coisas que lhe vinham obscuras ele as fazia claras como a luz do sol; coisas que lhe vinham em despreziveis vestes escolásticas, ele as revestia de maravilhosa forma — e o mundo as assimilava. Jamais nenhum homem ensinou tanto e com tão superior mestria.

Foi destrutiva a sua influencia? Quem o poderá afirmar? Deveremos abandonar aqui a nossa objetividade de julgamento e repelir o risonho filosofo de Farney pelo fato do seu pensamento ser diverso do nosso? Mas já sacrificamos Spinoza, embora juremos sobre a sua filosofia; e sacrificamo-lo porque a sua influencia, conquanto profunda, foi limitada. Evidentemente, pois, temos de incluir Voltaire, independente de lhe aceitarmos as conclusões, porque o mundo as aceitou e ele moldou a humanidade educada de seu tempo.

Não ha duvida que esse grande feito está no ativo de Voltaire. Luiz XVI, encontrando na prisão do Templo suas obras e as de Rousseau, disse: "Estes dois homens destruiram a França" — isto é, o despotismo. Talvez com esse juizo o pobre rei fizesse muita honra á filosofia; porque na realidade fortes causas economicas ocultavam-se dentro do levante conduzido por Voltaire. Mas assim como a decadencia fisiologica não conduz a nenhuma reação antes que a mensagem da dor seja levada á conciencia, assim tambem a corrupção

politica da França dos Bourbons teria prosseguido em seu curso se um cento de penas viris não levasse aquele estado de coisas á conciencia popular. E nessa imensa empresa Voltaire foi o general supremo; todos os mais lhe reconheceram a liderança — e com orgulho. O proprio Frederico o saudava como "o mais belo genio produzido pelo mundo".

Apesar da recrudescencia das antigas fés que presenciamos hoje, a influencia de Voltaire persiste. E toda a Europa curvou-se ao cetro de sua pena; os grandes lideres mentais dos ultimos seculos honraram-no como á maior fonte de luz da epoca. Nietzsche dedicou-lhe um dos seus livros, e bebeu á larga no copo voltairiano; Anatole France formou o seu espirito, a sua agudeza e o seu estilo, nos 99 volumes que o grande sabio deixou atrás de si; e Brandes, velho sobrevivente de muitas batalhas na guerra pela libertação humana, deu alguns dos seus ultimos anos de vida a uma biografia perdoavelmente idolatra do Grande Emancipador de Farney. No dia em que nos esquecermos de honrar Voltaire não seremos mais dignos da liberdade.

9. *Kant*

Não obstante, ha outro aspecto neste inevitavel conflito entre a fé simples e a duvida honesta. Algo ficou a ser dito em prol dos credos que a Era de Luz aparentemente destruira. O proprio Voltaire havia conservado uma sincera fé numa Divindade pessoal, e erigido "A Deus" uma linda capela em Farney. Seus discipulos, entretanto, foram alem, de modo que o materialismo acabou expulsando do campo todas as filosofias.

Dois modos existem de abordar uma analise do mundo: podemos começar com a materia — e seremos então forçados a deduzir da materia todos os enigmas do espirito; ou podemos começar com o espirito, e somos forçados a olhar para a materia como simples feixe de sensações. Porque — como poderemos conhecer a materia senão pelo pensamento e os

sentidos? e que é então a materia senão a idéia que dela fazemos? A materia, como a conhecemos, não passa duma forma do espirito.

Quando pela primeira vez Berkeley anunciou ao mundo esta nova conclusão, o abalo dos "pundits" foi grande; vinha ele oferecer uma esplendida resposta á infidelidade da Era da Luz. Chegara o momento de reafirmar o primado do espirito e reduzir o seu ameaçador inimigo a mera provincia dum reino, desse modo restaurando as bases da fé religiosa e da esperança na imortalidade.

A figura suprema deste desenvolvimento idealistico foi Emanuel Kant, perfeito tipo do filosofo abstrato; Kant, que "viajou" muito em Konigsberg e do passeio das ruas via o ceu estrelado fundir-se num fenomeno semi-irreal, transformado pela percepção numa coisa subjetiva. Foi Kant quem melhor trabalhou para libertar o espirito da materia; que argumentou mais irrefutavelmente, porque mais ininteligivelmente, contra os usos da "razão pura"; e quem, pelo malabarismo do pensamento, ressuscitou as queridas fés religiosas.

O mundo ouviu-o com encanto, sentindo que poderia viver unicamente pela fé, porque, desadorando uma ciencia destruidora de suas esperanças, desejava viver unicamente com base na fé. Durante o seculo 19 a influencia de Kant aumentou; sempre que o racionalismo e o cepticismo ameaçavam os velhos redutos, os homens corriam a ele em busca de reforço. Ainda homens positivos como Schopenhauer, e hereticos como Nietzsche, o aceitavam, olhando para a sua redução do mundo a uma simples aparencia como a indispensavel preliminar de todas as filosofias. Tão vital foi a obra de Kant, que em seus lineamentos gerais e em suas bases até hoje permanece intacta. Não admite a propria ciencia, com Pearson, Mach e Poincaré, que toda a realidade, toda a "materia", toda a "natureza" com suas "leis", são meras construções do espirito, possivelmente jamais conheciveis na sua verdadeira realidade? Aparentemente Kant venceu a batalha contra o materialismo — e o mundo pode cultivar a esperança.

10. *Darwin*

Finalmente temos Darwin — e a guerra se reinicia.

Não podemos saber o que a obra de Darwin virá a significar na historia do genero humano. Talvez que no futuro seu nome brilhe como um "viradouro" na marcha do desenvolvimento mental da civilização do Ocidente. Se ele estiver errado, o mundo o esquecerá, como já quasi esqueceu Democrito e Anaxagoras; se estiver certo, os homens datarão de 1859 o começo do pensamento moderno.

Porque, calmamente e com a maior humildade, Darwin ofereceu uma pintura do mundo totalmente diversa das que desde o começo vinham entretendo os olhos dos homens. Haviamos admitido que o mundo era uma ordenação a mover-se, sob o governo duma inteligencia todo-poderosa, para um objetivo de perfeição, em que cada virtude encontraria afinal a sua recompensa. Mas, sem atacar nenhum credo, Darwin descreveu o que os seus olhos viram. E subitamente o mundo se tornou rubro, e a natureza, que parece tão bela sob as cores do outono, passou a mostrar-se feroz arena de luta, na qual o nascimento era um acidente e a morte a unica certeza. "Natureza" era "seleção natural", isto é, a luta pela vida; e não só pela vida como pelo poder — uma impiedosa eliminação dos "inaptos", das flores mais tenras, dos animais de maior delicadeza, dos homens de maior bondade. A superficie da terra enxameia de especies e individuos belicosos, e cada organismo se torna a presa natural de algum mais forte; cada vida é vivida á custa de outra; grandes catastrofes "naturais" sobrevêm, eras de gelo, terremotos, secas, tufões, pestes, fomes, guerras: milhões e milhões de vidas são violenta ou lentamente eliminadas. Algumas especies sobrevivem por algum tempo. Isto é a evolução. Isto é a natureza. Isto é a realidade.

Copernico reduzira a terra a grão de poeira entre as nuvens; Darwin reduziu o homem a um animal em luta para uma transiente dominação do globo. Deixou o homem de ser o filho de Deus; passou a filho da luta, com suas guerras crudelissimas a espantarem os mais ferozes animais. A es-

pecie humana não era mais a creação favorita duma deidade benevolente; sim uma especie simiesca, que os azares da mutação e da seleção ergueram a precaria dignidade, e que a seu turno está destinada a ser sobre-excedida e desaparecer. O homem não é imortal e está condenado a morrer desde a hora em que nasce.

Imagine-se a impressão destas idéias sobre a suave filosofia dos nossos anos verdes, e o esforço para adaptar-nos á sangrenta pintura do mundo darwiniano. Não admira que a velha fé as combatesse ferozmente e que durante uma geração o "conflito entre a religião e a ciencia" fosse mais amargo do que no tempo em que Galileu era forçado a retratar-se e Bruno morria na fogueira. E os vencedores, exaustos da peleja, sentam-se tristes em meio das ruinas, secretamente lamentando o proprio triunfo, secretamente chorando o velho mundo que a vitoria destruiu...

III — EXCUSAS

Bem, aqui temos os nossos dez. Vamos recapitula-los: Confucio, Platão, Aristoteles, Aquino, Copernico, Bacon, Newton, Voltaire, Kant e Darwin. Os que omitimos dariam formosa lista: Democrito, Epicuro, Marco Aurelio, Abelardo, Galileu, Spinoza, Leibnitz, Schopenhauer, Spencer, Nietzsche. E atente-se nos largos movimentos mentais que não levamos em conta: o feminismo, por exemplo, com seus grandes lideres, de Mary Wollstonecraft a Susan Anthony; e o socialismo, com o seu rol de esperançados teoristas, de Diogenes e Zeno a Lassalle e Marx. Era necessario ser assim; lista nenhuma poderia exhaurir o tesouro da herança humana ou abarcar a sua infinita variedade. Está bem. Tenhamos muitas listas e muitos herois; nunca os honraremos em demasia. Aqui estará talvez a verdadeira litania dos santos — nomes que devem aparecer em nossos calendarios como os que deram nova beleza ao mundo, ou o impeliram para a humanização.

CAPÍTULO II

OS DEZ "MAIORES" POETAS

1. *Homero*

MUITOS anos atrás, na Russia, tive ensejo de observar a origem da poesia. Tinhamos resolvido estudar os russos em seu ambiente, e fiquei por uma semana no "isba" da familia do nosso guia, em Chernigov. No primeiro dia os habitantes da aldeia nos olharam com desconfiança; alguem lhes havia dito que eramos ladrões de crianças. Mas no segundo dia juntaram-se á noite á frente da nossa casa para uma sessão de musica e dansa ao ar livre; e, sentados em bancos ou na relva, ouvimos um velho cego barbaçudo cantar ao acompanhamento da sua "balalaica" coisas do folclore local. Era uma narrativa queixosa, sempre finalizando num tom menor que provocava a continuação do relato, como um alentado volante cujo impeto do movimento repetido basta para faze-lo dar outra volta. Ao contemplar aquilo tive a sensação de Homero a cantar para os gregos a queda de Troia.

Desta maneira simples e musical, com o ritmo a ajudar a memoria, o homem transmitiu e ornamentou a sua historia antes de aparecer no mundo a escrita. Nos dias dos deuses a historia tinha sublimidade bastante para merecer as honras da poesia; a historia do amor e da guerra, refulgente com a celestial co-participação das divindades, reuniu as narrativas de muitos bardos ambulantes na epica que conhecemos como a *Iliada* e a *Odisseia*. "Homero" foi provavelmente um dos rapsodos que cantaram esses versos comemorativos; demos

o seu nome a todos os poetas que compuseram tais cantos porque gostamos da unidade e desadoramos a fragmentação da verdade. A literatura de cada nação começa com epicas assim — "vedas" ou "sagas": *Ramayanas, Mahabaratas, Niebelungenlieds, Beowulfs* ou *Canções de Rolando;* são tão naturais para uma nação como o é a infancia para o individuo; tomam o lugar daquelas historias patrioticas nas quais o nosso país está sempre com o direito, vence todas as guerras e é sobretudo o bem amado de Deus.

Parece sem importancia que os contos de Homero não representem a verdade, que seus homens e mulheres — bem como suas deidades — sejam aparentemente creaturas de sua fogosa imaginação; tudo está tão bem inventado e tão vivamente contado, que se a verdade o não aprova tanto peor para ela. A beleza tem tantos direitos quanto a verdade; e a *Iliada* é muito mais importante do que a guerra troiana. Admitamos que não passe Helena de um nome, ou de uma inspiração diplomatica, e que o objetivo real da guerra foi por parte dos gregos a conquista de um porto estrategico; não obstante, sete Troias jazem soterradas enquanto Helena é um imortal sinonimo de beleza, poderoso bastante para lançar cem mil livros sobre o maior dos oceanos — a Tinta.

Tambem não importa que essas antigas epicas não sejam complicadas em arte ou pensamento; eram dirigidas aos ouvidos, não aos cerebros, e ao povo, não á elite; tinham de ser compreendidas á proporção que recitadas.

Hoje levamos vida intrincada e frequentemente introversa, vida para a qual a ação, como a compreendiam os gregos, é uma exceção, vida baseada na imprensa e coletada de longe; o homem é hoje um animal que pára e pensa. Porisso a nossa literatura tornou-se analitica de motivos e pensamentos; é no conflito mental que encontramos as mais terriveis guerras e as mais negras tragedias. Mas no tempo de Homero a vida era ação, e Homero, o profeta da ação. Seus versos e seu estilo são ditados pela ação; através de turbulentos hexametros a historia flue como impetuosa corrente; de modo que (depois de apreendermos a genealogia dos deuses e herois) somos agarrados pelo poema como por

um Niagara. Apesar disso, no meio das batalhas sobrevêm trechos serenos como este, belos ainda na aleijada traslação para outro idioma:

> Assim arengou Heitor e os troianos o aclamaram. E então desatrelaram dos carros de guerra os corceis suarentos e os puseram á peia; e da cidade trouxeram bois e carneiros gordos, e vinho e mel, e juntaram lenha. E as brisas levaram da planura aos ceus o olor suave dos assados... E ali junto ao campo de batalha sentaram-se felizes dentro da noite, na qual brilhavam as muitas fogueiras de vigilancia. Do mesmo modo que nos ceus as estrelas brilham em redor da lua, e os picos e os promontorios e as trilhas se tornam visiveis, e o ceu glorioso se expande e brilha de incontaveis luzes que alegram o coração do pastor cansado, assim, entre a sombra dos navios e o Xanto brilhavam as fogueiras dos troianos... enquanto os cavalos cansados da trabalheira da guerra mascavam a aveia branca, rente aos seus carros, á espera do amanhecer recamado de ouros (VIII, fim).

2. *"Daví"*

Assim, é Homero a minha primeira escolha; mas não me atrevo a prosseguir antes de enfrentar a inevitavel pergunta: "Qual o vosso criterio da grandeza dum poeta?" Penoso dilema! Porque se adoto algum teste objetivo, independente de meu gesto pessoal, perco o impeto de aventura e surpresa que pode advir duma alegre rendição ao gosto pessoal. E o unico teste objetivo é a fama ou a influencia; mas este criterio, aceitavel na escolha dos grandes pensadores, já o não é em se tratando de poetas. Como pensar na classificação de poetas contemporaneos de acordo com a sua fama ou influencia? Quem indicaria o amavel e melodioso Longfellow como o nosso maior poeta unicamente porque maior numero de pessoas o ouvem com maior prazer do que ás heresias e experiencias de Whitman? Não; não pretendo aqui revelar meus preconceitos, escolhendo nomes que, mais que outros, me têm elevado pela musica, pela emoção, pelo imaginoso ou, em suma, pela poesia.

E assim sendo apresso-me a colocar o nome d'"O Salmista" logo após ao de Homero. Quem foi ele não o sabemos, exceto

que não foi Davi. Davi não passava dum fascinante bandido que enriqueceu pela pilhagem, usurpou o trono de Saul, raptou a mulher do proximo, infringiu todos os mandamentos e acabou honrado pelos posteros como o piedoso autor dos Salmos. Esses "Cantos de Louvor", porém, haviam sido compostos por muitos, menos por ele; acumularam-se durante seculos no Templo de Jerusalem e foram consolidados cento e cincoenta anos antes de Cristo, ou um milenio depois da morte de Davi.

Mas não importa quem os escreveu, nem quando surgiram; basta que existam como a mais profunda lirica de todas as literaturas, tão plenos de extase que ainda os inimigos de todos os dogmas sentem na alma a estranha impressão de sua musica. É verdade que são muito lamuriosos; que antecipam o espanto de Job ante o sofrimento do justo e a prosperidade do mau; que deprecam excessivamente a punição dos inimigos; que ora bajulam Jeová com rasteiro louvor, ora o acusam de negligencia (X. 1; XLIV), e geralmente pintam o Deus dos Judeus como um terribilissimo chefe guerreiro (XII, 3; XVIII, 8, 34, 40; LXIV, 7).

E, no entanto, em meio desses hinos de guerra, quanta ternura lirica de humildade e magua! "Para o homem, seus dias são como a relva; como uma flor do campo, assim ele floresce. Porque o vento passa-lhe por cima e o leva; e o lugar que ocupou não o conhecerá mais." Nunca o sentimento religioso foi tão poderosa e belamente expresso; com lingua que se em inglês permanece modelo de simplicidade, clareza e força, em hebraico ressoa com ampla majestade; com frases de uso corrente ("fora da boca de crianças e dos filhotes", "a maçã dos meus olhos", "não pôr a vossa confiança em principes"); com paixão imaginosa e rica, como a do Oriente (o sol a erguer-se "é como o noivo a sair do seu quarto, alegre como o homem forte na corrida"). São os cantos mais belos que existem e os de maior influencia; por dois mil anos comoveram os homens; não admira, pois, tenham sido o consolo dos judeus em aflição e dos pioneiros que forjaram a America. Qual doce cantiga de mãe, cheia de segurança e repouso, temos este salmo, o mais famoso da coleção:

O Senhor é o meu pastor; eu de nada mais preciso.

Ele faz-me deitar nas pradarias verdes; ele guia-me para as aguas quietas.

Ele reconforta minha alma; por amor ao seu nome, conduz-me pelos bons caminhos.

Sim, embora eu ande pelo vale da sombra da morte, não temo nenhum mal: porque tu estás comigo; teu bastão me conforta.

Tu me preparas a mesa na presença de meus inimigos; tu unges minha cabeça de oleo; minha taça transborda.

Certamente que a bondade e a misericordia me seguirão por todos os dias de minha vida; e eu morarei na casa do Senhor para sempre.

3. *Euripedes*

E agora estamos na Grecia, sentados no teatro de Dionisio, prontos para ouvir Euripedes. Filas e filas de assentos de pedra dispostos em semicirculo nas encostas do monte em cujo cimo se ergue o Parténon. Neles se sentam trinta mil atenienses, vestidos de tunica solta, apaixonados, tagarelas, ricos de sentimentos e ideias — a mais fina audiencia que um poeta jamais teve. Na primeira fila, em assentos de marmore esculpido, estão os magistrados de Atenas e os sacerdotes do deus da tragedia. Á frente do enorme anfiteatro ergue-se um pequeno palco pavimentado de lages; atrás dele esconde-se a "skene", ou a "cena". E recobrindo tudo, nada mais que o ceu e a luz do sol. Longe, na base do monte, o azul do mar Egeu sorri.

Estamos no ano 415 A. C. Atenas anda mergulhada na guerra do Peloponeso, luta intestina travada com a ferocidade das porfias entre irmãos. O temerario dramaturgo escolheu para tema de sua peça outra luta, a guerra de Troia; e seus amigos (entre os quaes Socrates, que só vai ás peças de Euripedes) murmuram que ele inverterá Homero e mostrará a guerra troiana do ponto de vista dos derrotados. Subitamente tudo se aquieta; da "skene" uma figura emerge repre-

sentando Poseidon, o deus do mar; ergue-se nos altos coturnos, fala atrás da mascara ressoante e dá o tom da peça:

> Que cegos sois, vós arrazadores de cidades, vós que lançais os templos na desolação e destruis os túmulos. esses inviolaveis santuarios onde dormem os velhos mortos, vós, que tambem breve morrereis...

(Seria neste prologo que Socrates, como o conta a historia, aplaudiu tanto que o ator resolveu repetir a tirada?)

Os gregos haviam matado Heitor e tomado Troia; e Taltibio vem buscar Andromaca, a esposa de Heitor, sua irmã, a orgulhosa profetisa Cassandra, e sua mãe Hecuba, a rainha de cabelos brancos — para que fossem ser escravas e amantes dos gregos. Hecuba bate a cabeça com desespero e lamenta-se.

Andromaca procura reconforta-la com a ideia do suicidio:

> Bate, bate a cabeça despida de corôa, dilacera as faces até que as lágrimas corram vermelhas! Um homem cruel e falso vai ser o meu senhor... Oh, hei de pensar nas coisas que se foram e tecê-las num canto... ó tu cuja ferida foi mais profunda, tu que conservas meus filhos, tu Priamo, Priamo, velho guerreiro, leva-me para onde estás a dormir o grande sono.
>
> Mãe, se tendes ouvidos ouve esta palavra dominadora do medo até que teu coração, como o meu, vibre sem alegria. Morrer é apenas não ser... O mortal feliz que experimenta uma calamidade enlanguesce de tristeza á recordação da dita anterior; mas eu que cheguei ao cume da felicidade e alcancei não pequena gloria, caio de bem alto despenhada pela fortuna. No palacio de Heitor eu cumpria os santos deveres proprios do meu estado. Em primeiro lugar, como tolda a boa fama das mulheres o não ficarem em casa, embora não cometam faltas, renunciei a sair portas afora; não me agradava o convivio de amigas elegantes; minha mestra unica era a conciencia — minha conciencia naturalmente pura e na verdade isso me bastava: diante do meu esposo eu me calava e sorria; só a espaços mantinha meu parecer — geralmente cedendo. Pois esta reputação de esposa perdeu-me, visto que, chegando até ao exercito grego, o filho de Aquiles me quer como esposa, e quer aos mais daqui como servos no palacio dos matadores de meu marido. E se esqueço o meu amado Heitor e abro o coração a um novo esposo,

censurar-me-ão como falsa; e se procedo de modo contrario, odiar-me-ão meus novos donos.

Ó meu Heitor muito amado, que era meu e era tudo para mim, meu principe, meu conselheiro, meu heroi! Nenhum homem jamais se aproximou de mim antes que me tirasses da casa de meu pai e me fizesses tua... E estás morto, e eu condenada a comer o pão da vergonha na Helade alem dos mares!

Hecuba reprova-a e sugere que Astianax, o filho de Heitor, pode algum dia restaurar a derruida Troia. Nesse momento Taltibio aparece com a nova de que o Conselho dos gregos decidira, para boa segurança da Helade, dar a morte ao filho de Heitor, precipitando-o de cima das muralhas. Andromaca, apertando Astianax nos braços, despede-se da sua ultima esperança:

Tu, querido, que te aninhas em meus braços, que doce perfume sinto em teus cabelos! Tudo então será nada, meu querido? Nada este seio que té amamentou? nada as noites e noites que velei à tua cabeceira até derrear-me de cansaço? Beija-me uma ultima vez. Nunca mais me beijarás. Cinge meu pescoço com teus braços e beija-me, beija-me na boca... Oh, gentis gregos, encontrastes uma tortura que excede a todas as do Oriente! Levai-o depressa! Arrastai-o, arremessai-o do alto das muralhas! Despedaçai-o, feras, depressa! Os deuses que me destruiram não me deixaram braços para salvar o meu filhinho da morte...

Menelau entra em procura de Helena, furioso por mata-la; mas quando a esposa infiel aparece, orgulhosa e destemida, deusa entre as mulheres, o esposo traido sente a tontura da beleza e esquece os propositos assassinos — e manda aos escravos que a conduzam a uma galera. Em seguida vem Taltibio com o cadaver do filho de Heitor. Hecuba envolve nos lençois funerarios o corpinho inerte e fala-lhe com realismo:

Ah, que morte encontraste, meu querido neto!... Os teus bracinhos macios, os mesmos de Heitor... E os labios orgulhosos, tão cheios de esperança, fechados para sempre! Que erradas palavras me disseste ao cair da noite, quando subiste á minha cama e me acarinhaste, e me prometeste: "Avózinha, quando morreres eu cortarei

meu cabelo e farei todos os chefes desfilarem diante do teu tumulo." Por que me enganaste com tal promessa? Sou eu que, velha, sem lar, sem filhos, estou a cobrir-te de lagrimas, a ti morto ainda tão criança. Deuses! O andar do meu filhinho, o amima-lo em meu colo, o dormir junto com ele! Tudo se foi. Com que palavras um poeta gravará na lage do túmulo a verdadeira historia do meu filhinho? "Aqui jaz uma criança que encheu os gregos de terror — e, aterrorizados, eles a destruiram".

A imprecação continua, escondida pelas toadas melancolicas do côro:

Bate, bate tua cabeça; bate e sangra pelos mortos. Desgraçado de mim...

Temos aqui a força de Shakespeare, embora sem o seu alcance e a sua sutileza — mas com uma paixão social que nos move mais que qualquer obra do drama moderno, com exceção da morte de Lear. Euripedes é bastante forte para, em plena guerra do Peloponeso, falar sobre a estupida bestialidade das matanças; tinha a coragem de mostrar aos gregos como eram eles barbaros na vitoria, e como eram heroicos na derrota os seus inimigos. "Euripedes o humano". o denunciador da escravidão, o esclarecido defensor das mulheres, o duvidador de todas as certezas e o amigo de todos os homens: não admira que a mocidade grega lhe declamasse os versos nas ruas e que atenienses prisioneiros readquirissem a liberdade por meio da recitação de cór de suas peças. "Se estivesse certo de que os mortos conservam a conciencia, eu me enforcaria para encontrar-me com Euripedes" — foram palavras do dramaturgo Filemon. Euripedes não tinha a serenidade classica de Sofocles, nem a severa sublimidade de Esquilo; comparado a este e a Sofocles lembrava Dostoievski diante do impecavel Turgueniev e do titanico Tolstoi. Mas é em Dostoievski que sentimos os segredos e os vagos anhelos do nosso coração — e é em Euripedes que o drama grego, farto do Olimpo, desceu á terra e carinhosamente se dedicou aos negocios humanos. "Produziram todas as nações do mundo um dramaturgo na altura de apresentar a Euripedes as suas chinelas?" perguntou Goethe. Sim, um.

4. e 5. Lucrecio

Quatro seculos se passam. Estamos agora numa velha mansão italiana construida por um opulento ninguem de nome Memmius, longe do tumulto de Roma. Aos fundos, o quintal, quieto, defendido do mundo pelos muros e do sol pelas arvores. Uma linda cena nos toma os olhos: dois rapazes sentados num banco de marmore fronteiro a um tanque; entre ambos, o professor, animado e afetuoso, lendo-lhes magnifico poema. Reclinemo-nos na grama e ouçamo-lo, porque esse professor é Lucrecio, o maior poeta e tambem o maior filosofo de Roma; e o que ele lê (diz Shotwel), é "a mais bela realização da antiga literatura" — "De Rerum Natura", um ensaio em verso sobre a natureza das coisas. Lucrecio recita a apostrofe ao amor, fonte de toda a creação.

> Tu, Venus, és a unica senhora da natureza das coisas, e sem ti nada penetra nos divinos reinos da vida, nada cresce em beleza e alegria... Através de todas as montanhas e mares e rios, e fofos ninhos de aves, e planicies relvosas, tu tocas todos os peitos com o amor, e com o fogo do desejo aproximas os seres para que as especies se perpetuem... Porque logo que a primavera irrompe os rebanhos selvagens saltam nas pradarias felizes, e nadam nas correntezas, todos enleados em teus amavios e tangidos pelo desejo.

É um homem, este Lucrecio, evidentemente nervoso e instavel; diz a historia que um filtro de amor o envenenou, deixando-o sujeito a acessos de melancolia e delirio. Todo sensibilidade e orgulho, tudo o magoa — um homem nascido para a serenidade e forçado a viver no meio dos alarmas de Cesar; um homem com aspecto mistico de santo a forjar-se no materialismo ceptico: alma solitaria arrastada á solidão pela timidez e apesar disso ansiando por companhia e afeição. Um negro pessimista que em tudo vê dois movimentos que se anulam — crescimento e decadencia, reprodução e destruição. Venus e Marte, vida e morte. Todas as formas começam e deperecem; unicamente os atomos, o espaço e a lei natural subsistem; o nascimento é o preludio da corrupção, e até o proprio universo regredirá para o informe.

Coisas nenhuma subsiste, mas tudo flue.
Fragmento ajusta-se a fragmento e as coisas assim crescem
Até que as conhecemos e nomeamos.
Fundem-se, e já não são as coisas que conheceramos.

Formados dos atomos que caem velozes ou lentos
Vejo os sois, vejo os sistemas se ordenarem;
E tanto os sois como os sistemas
Lentamente derivam no eterno impulso.

Tu tambem, ó Terra, teus imperios, paises e mares,
A menor de todas as galaxias,
Tambem formada assim, tambem tu te irás, ó Terra,
E hora a hora vais indo, ó Terra.

Nada subsiste. Teus mares desaparecerão em nevoa;
As areias abandonarão o seu lugar,
E onde hoje se acamam outros mares
Abrirão, com suas foices de brancura, outras baías.

Está aqui uma triste filosofia, mal calculada para dar aos homens animo de enfrentar o destino; não admira que Lucrecio se suicidasse aos quarenta e um anos (55 A. C.). O que para nós enobrece estes versos é a sinceridade e a rude força da sua poesia. Tambem era rude o latim em que foram escritos; uma geração se passaria antes que a lingua se refinasse com Cicero e Virgilio; mas a fluencia do grande orador e a graça do favorito de Augusto curvam-se diante dos masculos hexametros de Lucrecio, enfibrados de adjetivos pitorescos, de imponentes verbos e ressoantes substantivos. Ao ouvi-lo sentimo-nos transportados ao jardim de Epicuro onde ouvimos o riso de Democrito — o qual sabia o que Lucrecio ignorava: que a alegria é mais sabia que a sabedoria.

6. *Dante*

A Europa estava atravessando a fase medieval quando a China, sob as dinastias Tsang e Sung, "figurava á frente da civilização" como "o mais poderoso, o mais culto, o mais progressista e bem governado país da terra" (Murdoch). Quão lentamente a Europa convalescia do longo pesadelo da degeneração romana e da invasão dos barbaros! Mas novas

cidades surgiram afinal, e tambem nova riqueza e nova poesia; da França á Persia, de Nijni Novgorod a Lisboa, o comercio restaurado deu alento á literatura e á arte. Em Naishapur, Omar compõe o seu *Rubaiyat* de desiludida alegria; em Paris, Villon subtrae cabeças de corpos e soma verso a verso; e em Florença, Dante encontra Beatriz e nunca mais volta a ser o mesmo.

Vede-o aos nove anos, numa festa, procurando ocultar-se de todos, com vergonha de cada parte de seu corpo e de cada par de olhos do recinto. Subito, Beatrice Portinari surge-lhe á frente — uma menina de oito anos, e imediatamente nasce no coração do menino o amor — um amor em que a carne não fala — pura devoção. "Naquele instante o espirito da vida, que se esconde no mais intimo recesso do coração, começou a vibrar com tal violencia que se revelava em minhas pulsações; e, tremulo, eu pronunciei estas palavras". "Esse Deus mais forte que eu virá governar-me". Assim escreveu Dante anos mais tarde num relato idealizado, porque nada na memoria tem a suavidade do primeiro amor. E continua:

> Minha alma deu-se inteira ao pensamento dessa gentilíssima creatura; e em breve caí em tão desmedrada condição que minha aparencia inspirou receios a muitos dos meus amigos. Respondi-lhes que era o amor que me levara áquele estado. Confessei-o porque tudo em meu aspecto o denunciava. Mas quando eles indagaram para quem se dirigia aquele amor, olhei-os sorrindo e calei-me.

Beatriz entretanto deu-se a outro, e faleceu aos vinte e quatro anos, de modo que foi possivel a Dante ama-la até ao fim. Para fortalecer esse amor casou-se com Gemma Dei Donati, teve quatro filhos e muitas brigas. E jamais pôde esquecer o rosto da que desaparecera antes que o tempo lhe apagasse a beleza, ou que a satisfação do desejo lhe embotasse a ele a fantasia.

Dante mergulhou-se na politica, foi derrotado e exilado, com todos os bens confiscados. Depois de quinze anos de pobreza e vida errante, foi-lhe sugerido que poderia reconquistar a cidadania e rehaver seus bens, se pagasse uma

multa a Florença e se submetesse á humilhante cerimonia da "oblação" no altar, como o condenado que recebe perdão. Recusou com o orgulho dum poeta. E os suaves florentinos condenaram-no a ser queimado vivo — caso fosse apanhado. Dante não se deixou apanhar, mas espiritualmente sofreu a pena da fogueira: pôde mais tarde descrever o inferno porque na terra passou por todos os circulos infernais; e se menos vivamente pintou o Paraiso foi por falta de experiencia pessoal. Andou de cidade em cidade, perseguido e sem amigos, muitas vêzes a morrer de fome.

É possivel que o poema que começara a escrever o salvasse do suicidio ou da loucura. Nada mundifica tanto a alma dum homem como a creação da beleza e a busca da verdade: e se os dois objetivos se fundem como sucedeu com Dante, sobrevem a purificação. Como disse Nietzsche, o mundo é insuportavel a quem o não encara como espetaculo estetico; olha-lo como motivo para um quadro é atitude que afasta os espinhos. Assim, Dante resolveu escrever; contou em magoada alegria como tinha vivido no inferno, como se purificara no purgatorio do sofrimento e como afinal se alçara a um ceu de felicidade conduzido pelas mãos da sabedoria e do amor. E desse modo, na idade de quarenta e cinco anos, lançou-se á fartura da *Divina Comedia,* o maior dos poemas modernos.

"No meio do caminho da minha vida, diz ele, encontrei-me numa floresta escura, e por Virgilio levado ás portas do inferno sobre elas li a terrivel inscrição — *Lasciate ogni speranza, voi ch'entrate!*" Essas palavras soam como um ringir de roda de tortura, um rasgar de carnes, um ranger de dentes. Dante conta como viu todos os filosofos reunidos no inferno e como ouviu Francesca de Rimini narrar o seu amor e a morte de Paolo; e conta como dessas cenas de tormento passou com Virgilio ao purgatorio, e daí, com Beatriz a guia-lo, se foi para o ceu. Não seria coisa medieval se não fosse alegorica: nossa vida na terra é sempre um inferno até que a sabedoria (Virgilio) nos purgue dos maus desejos e o amor (Beatriz) nos erga á felicidade e á paz.

Dante jamais conheceu tal paz; permaneceu até o fim torvo de aspecto e alma — como Giotto o pintou. Dizem

os seus contemporaneos que jamais sorriu, e dele falavam com pavor como do homem que voltara do inferno. Alquebrado e gasto, prematuramente velho, morreu em Ravena em 1321, aos 56 anos de idade. Setenta e cinco anos mais tarde Florença implorou pelas cinzas do que em vida ela tanto se esforçara por queimar na fogueira; mas Ravena jamais cedeu. O tumulo de Dante ainda lá está como um dos grandes monumentos dessa cidade semi-bizantina. Quinhentos anos depois outro exilado, Byron, ajoelhava-se diante dele — e compreendia.

7. *Shakespeare*

"Dante — disse Voltaire — foi um louco; e sua obra, uma monstruosidade. Teve muitos comentadores e porisso não pôde ser compreendido. Sua reputação irá crescendo porque ninguem mais o lê". E diz tambem: "Shakespeare, que floresceu no tempo de Lope de Vega... é um barbaro" que compôs "monstruosas farças e tragedias". Os ingleses do seculo dezoito concordaram com o francês. "Shakespeare", disse Lord Shaftesbury, "é um espirito selvagem e grosseiro". Em 1707 um Nahum Tate escreveu um drama denominado *Othelo,* dizendo que "havia tomado o enredo de um autor sem nome". Alexandre Pope, perguntado por que motivo Shakespeare escrevera tais peças, respondeu: "A gente precisa comer". Eis o que é a fama. Um homem nunca deve ler seus criticos — nem ser curioso a respeito do veredictum da posteridade.

O mundo inteiro sabe a historia de Shakespeare — como se casou ás pressas e se arrependeu demoradamente; como fugiu para Londres, se fez ator, refez a seu modo velhas peças, e "fez" a cidade com o desregrado Kit Marlowe, concluindo que "todas as coisas são melhores de caçar do que de gosar"; como esgrimiu com agudeza contra Chapman e Ben Jonson na taverna da Sereia; como declarou guerra aos puritanos incipientes e os desafiou com alegria — "Pensas que porque és virtuoso não deve mais haver petisqueiras e cerveja?"; como leu Plutarco, Froissart e Holinshed e aprendeu historia, como estudou Montaigne e aprendeu filosofia; como

afinal, por meio do estudo, do sofrimento e dos desastres, se tornou o Guilherme o Conquistador dos teatrologos do seu tempo e passou desde então a governar o mundo que fala inglês.

Sua rica e ruidosa energia foi-lhe a fonte do genio e dos defeitos; deu-lhe a intensidade das paixões e a morte prematura. Shakespeare não podia ir a Stratford sem fazer pelo caminho travessuras: parava na hospedaria de Mrs. Davenant, em Oxford (Street-ford e Ox-ford eram pontos de passagem por agua no caminho para a Irlanda), e acabou deixando por lá um jovem William Davenant, que tambem foi poeta e nunca se queixou da paternidade. Certa vez em que o rapaz corria para a taverna, um engraçado o deteve com um "Para onde vai?". "Ver meu padrinho William Shakespeare", foi a resposta. "Meu rapaz, disse o engraçado, não invoque o nome de Deus em vão" (1).

Convidado a representar peças na côrte, Shakespeare aqueceu-se por uns tempos ao calor das belas damas e dos fidalgos, e apaixonou-se loucamente por Mary Fitton, ou outra "Dark Lady" de outro nome. Dame Quickly e Doll Tearsheet desapareceram de suas peças para abrir lugar á majestosa Porcia. Sua alma refervia de romance e comedia, e seu espirito brincava na creação de Viola, Rosalinda e Ariel. Mas o amor nunca se contenta; na alma ansiosa do poeta surge uma premonição de loucura e fim. O "Amor", diz Rosalinda, "é simples loucura e merece hospicio e chicote, como os têm os loucos". "Por Deus", disse Byron, "eu amo, e o amor me ensina a melancolia".

Por ser assim o coração da tragedia de Shakespeare e o nadir de sua vida é que o seu mais caro amigo, "Wi H.", a quem ele havia oferecido sonetos de amor infindo, roubou-lhe a "Dark Lady" da sua nova paixão. Enfurece-se o poeta e compõe sonetos sobre a loucura e a duvida; afunda num inferno de sofrimentos, roi o coração e põe-no a nú no *Hamlet,* no *Othelo,* em *Macbeth,* no *Timon* e no *Lear.* Mas a tortura

---

1. Trocadilho. Padrinho em inglês é "God-father" e Deus é "God".

aumentou-o de profundidade; e ele passa de simples comedias em que figuram tipos simples, ao jogo de complexas personalidades; em tragedias intrincadas nas malhas do destino. Tornou-se pelo desespero o maior de todos os poetas.

O que nele mais gostamos é a loucura e a riqueza do seu falar. Tem o estilo da vida que levava, pleno de energia, tumulto, côr e excessos; "nada como o excesso". Estilo ás carreiras, sem folego; o poeta escrevia a galope e jamais encontrou folga para arrepender-se. Nunca emendou uma linha, nem corrigiu provas; a suposição de que no futuro suas peças seriam antes lidas do que representadas jamais lhe ocorreu. Descuidado do porvir, escreveu com o fogo da paixão. Palavras, imagens, frases e ideias lhe vinham numa inexhaurivel torrente — e inquieta-nos saber de que fonte brotavam. Ele tem "uma casa-da-moeda de frases em seu cerebro". Homem nenhum dominou tanto uma lingua, nem usou-a com maior prodigalidade. Vocabulos anglo-saxonicos, franceses, latinos, palavras de cervejaria, palavras medicas, palavras legais; ligeiras linhas monossilabicas e sonoros discursos sesquipedais; eufemismos de damas e grosseiras obcenidades idiomaticas: unicamente um escritor do tempo de Isabel ousaria jogar com semelhante lingua. Temos hoje melhores maneiras e menos força. Sim, seus enredos são impossiveis, como o notou Tolstoi; os equivocos são pueris, os erros são legião, e a filosofia é de renuncia e desespero. Nada importa. O que importa é que em cada pagina fulgure a divina energia da alma — e isto nos faz perdoar tudo a um homem. A vida está além da critica — e Shakespeare é mais vivo que a vida.

8. *Keats*

Repousemos por um instante e contemos os não mencionados. Primeiro, Safo, a tanger a sua lira de amor num promontorio da ilha de Lesbos; depois, Esquilo e Sofocles, vencendo o premio dionisiaco mais vezes do que Euripedes; o sutil Catulo, o cortezanesco Horacio, o vívido Ovidio, o melifluo Virgilio; Petrarca e Tasso, Omar-Fitzgerald, Chaucer

e Villon. Mas isto é pecado venial perto do pecado mortal que ainda temos de cometer com a omissão de Milton e Goethe, chamados mas não escolhidos; e de Burns e Blake, Byron e Tennyson, Hugo e Verlaine, Heine e Poe. Heine, o diabo do verso; e Poe, a metade melhor da poesia; pô-los de lado parece-me imperdoavel. Tennyson, cujos cantos eram todos belos, e Byron, cuja vida não passava duma tragedia lirica — onde maiores a quem eles cedam o passo? Peor ainda não incluir Milton, que escreveu como principes, potentados e potencias, e fez o idioma inglês relampaguear como o hebraico de Isaias. E peor que tudo não incluir Goethe, a alma da Germania, que na mocidade escreveu como Heine; na maturidade, como Euripedes; e na velhice, como uma catedral gotica — confuso e surpreendente; que alemão, ou europeu, o eliminaria? Não importa; pequemos com ousadia e em vez do filosofo Goethe incluamos o poeta John Keats.

Derrubado pela tuberculose em 1819, depois de semanas no leito, Keats escreveu a Fanny Brawne: "Tive agora oportunidade de passar noites de ansia, e ao despertar encontrei-me obstruido de pensamentos. Mas tenho de morrer, digo-o a mim mesmo, e não deixarei nenhuma obra imortal atrás de mim — nada que faça meus amigos se orgulharem de minha memoria; amei a beleza acima de todas as coisas, e se tivesse tempo me faria lembrado". "Se tivesse tempo" — eis a tragedia de todos os grandes homens. Keats nada escreveu de importancia depois disto; não obstante, seus amigos só são relembrados pelo que ele disse e atrás de si ficaram poemas tão duradouros quanto a lingua em que os vasou — e mais perfeitos que os de Shakespeare. Nada mais acrescentaremos, mas releremos o canto ao Rouxinol. Basta.

Na penumbra escuto e muitas vezes me enamoro da Morte serena, peço-lhe que me exsolva em sopro no ar quieto. Mais que nunca, hoje, parece-me belo morrer, cessar sem dor á meia-noite enquanto soltas pelo espaço o extase do teu canto. E continuarias cantando sem que eu, transfeito em pó, tenha ouvidos para ouvir teu sublime requiem.

Keats deixou a Inglaterra pela Italia em busca do sol; mas as tempestades da viagem arrazaram-lhe o corpo e o pó do sul não lhe fez bem. Hemoptises. Pediu que as cartas de Fanny não lhe fossem entregues; não as suportaria. Deixou de escrever a Fanny e aos amigos; só tinha uma coisa a fazer: morrer. Tentou envenenar-se; Severn o impediu. "A idéia da morte — escreveu Severn — parece ser o seu unico reconforto. Fala da morte com deleite. Nada o horroriza mais que o pensamento de sarar". Nos últimos dias "seu espírito cresceu em quietude e paz". Compôs o proprio epitafio: "Aqui jaz um cujo nome está escrito na agua". No ultimo momento pediu a Severn: "Erga-me, estou morrendo. Acabarei calmo. Não tenha medo. Graças a Deus a morte chega". Vinte e tres de fevereiro de 1821. Vinte e cinco anos tinha Keats. "Se eu tivesse tempo!"

9. *Shelley*

Quando soube da morte de Keats, vitima dos tuberculosos e da *Quarteley Review,* Shelley afundou em prolongada reclusão, derramando sua colera e sua dor na maior das elegias inglesas, *Adonais.* Devia ter sentido com sua feminil sensibilidade, o quanto o seu destino se aproximava do de Keats — e quão cedo tambem ele cairia derrotado na guerra da poesia contra os fatos.

Porque Shelley, como diria Sir Henry Maine, baseou sua vida no "estado natural", no sonho da Idade de Ouro de Rousseau, na qual todos os homens seriam iguais; e era fisiologicamente hostil ao "metodo historico" que equilibra ideais com a realidade e aspirações com a historia. Shelley não podia ler a historia, parecia-lhe uma abominavel enumeração de miserias e crimes; em cada pagina procurava não a conduta e as reais vicissitudes dos homens, mas a sua poesia, os seus sentimentos, ideais e os seus desejos; Shelley conheceu a Esquilo melhor que a Tucidides — e em Esquilo não viu que Prometeu fôra encadeado. Que poderia ser mais certo que o seu sofrimento?

Era tão sensivel como a sua "Sensitive Plant", sujeita, como ele, a rapido deperecimento enquanto as mais grosseiras

floriam e sobreviviam. Descreveu-se a si proprio no Julian — "Eu, que sou como um nervo sobre o qual se enrolam as insentidas opressões deste mundo." Vendo esse debil rapaz que nunca chegou a adulto, ninguem o imaginava o autor das heresias que puseram o mundo inglês em fogo. Escreveu Trelawney da primeira vez que o encontrou: "Será possivel que este suave rapazinho imberbe seja o verdadeiro monstro em guerra contra o mundo inteiro?" O pintor Mc-Cready não pôde pintar-lhe o rosto porque era "belo demais" e tambem muito fugidio; todo ele vibrava de alma.

Ninguem foi de modo mais completo e exclusivo o que na realidade é o poeta. Corporificava tudo quanto a poesia quer dizer. "A Poesia", escreveu ele na sua famosa "defesa", a poesia e o principio do Eu, do qual o dinheiro é a encarnação visivel, são o Deus e o Mammon do mundo... Mas sobreexcede a toda a imaginação conceber qual teria sido a condição moral do mundo se Dante, Petrarca, Boccaccio, Chaucer, Shakespeare, Calderon, Bacon ou Milton não tivessem existido; se Rafael e Miguel Angelo nunca tivessem nascido; se uma revivescencia do estudo da literatura grega não se tivesse dado; se nenhum monumento da antiga escultura não houvesse chegado até nós; e se a poesia da religião dos antigos perecesse com a fé que a animava".

A 8 de julho de 1822 Shelley e seu amigo Williams deixaram a Casa Magni, na qual estavam hospedados na ilha de Lerici, e puseram-se ao mar no barco "Ariel", através da baía de Spezzia, rumo a Livorno, afim de se encontrarem com Leigh Hunt, que insistentemente convidava Shelley para uma estadia em sua casa. O pequeno barquinho de vela chegou sem novidades a Livorno, mas ao fazer-se de volta os ceus anunciaram tempestade. Hunt resolveu adiar a viagem para o dia seguinte, mas Shelley insistiu no retorno a Lerici naquela mesma hora.; Mary Shelley e Mrs. Williams, que lá haviam ficado, se afligiriam se seus homens não aparecessem. Logo que o barco se pôs a vogar, os marujos encontrados pelo caminho advertiram-n'os do perigo. Shelley não lhes deu atenção.

Sobrevindo a noite e não aparecendo eles na Casa Magni, Mary Shelley pressentiu a desgraça. No maior desespero,

embarcou para Livorno logo que a manhã rompeu. Lá encontrou Hunt e Byron, mas nada de Williams e Shelley. Energicamente Byron meteu-se á procura dos desaparecidos, pesquisando a costa palmo a palmo; oito dias depois encontrou o corpo de Williams, já irreconhecivel, semi-enterrado nas areias; e foram ainda necessarios mais dois dias para a descoberta do corpo de Shelley — ou do que dele haviam deixado os abutres. A identificação foi feita pelo encontro dum volume de Sofocles num dos bolsos e um de Keats no outro.

A lei da Toscana exigia que os corpos lançados pelas ondas á costa fossem queimados, para prevenir a pestilencia. Byron, Trelawney e Hunt colocaram o cadaver numa fogueira, e ao vê-lo já meio consumido Trelawney retirou o coração, que a viuva de Shelley fez enterrar junto a Keats, no cemiterio protestante de Roma, sob uma lage com esta simples inscrição: "Cor cordium" — o coração dos corações. Quando 29 anos mais tarde Mary faleceu, foram encontradas no seu exemplar do "Adonais", num involucro de seda, as cinzas do amado morto, entre as paginas sobre a imortalidade e a esperança que subsiste sempre no coração dos homens derrotados.

10. *Whitman*

Vem, Musa, emigra da Grecia e da Jonia;
Abandona, por favor, essas narrativas já gastas,
Esse tema de Troia, e colera de Aquiles,
e Eneas, e viagens de Odisseu;
Coloque-se um "Mudou-se" e um "aluga-se" nos rochedos
do vosso Parnaso;
A mesma coisa em Jerusalem — os letreiros bem altos
nas portas de Jaffa e no monte Moriah;
E a mesma coisa nas paredes de vossas catedrais
goticas, e nos castelos da Alemanha, da França e da Espanha;
Vem conhecer um mundo mais fresco, melhor,
o grande mundo que te espera, que te chama...
Ouvi dizer que procuras alguem que defina este
enigma — o Novo Mundo,
E defina a America e sua atletica Democracia;
Eis porque te endereço meus poemas, para que
neles vejas o que procuras.

Foi uma grande revolução na historia da literatura o aparecimento do homem que via elementos poeticos nas cenas do drama humano, na vida fresca borbulhante em seu redor; que encontrou meios de pôr em cantos o espirito dos pioneiros, e achava mais poesia sob as estrelas do que em todos os salões do artificialismo. Pela primeira vez um poeta encontrava no viver do homem comum temas dignos de nobres versos; levantava o povo até á literatura e lançava a Declaração dos Direitos do Homem á Poesia; e trocava os vagos idilios de Arthur ou outro mito de deuses mortos, pela rudeza do seu país, pela sua duvidosa democracia, pelos seus tempos de evolução tumultuaria. O que faz Homero para a Grecia, Virgilio para Roma, Dante para a Italia, Shakespeare para a Inglaterra, iria fazer Whitman para a America — porque ousou enfita-la e no novo continente descobrir material para os seus cantos. E construiu para a America nova vida e nova forma de versos, soltos e irregulares, flutuantes e fortes. E tão fielmente a viu e cantou, que por fim se tornou não só o poeta da democracia e da America, como, pela sua grandeza de alma e universalidade de visão, o poeta do mundo moderno.

"A originalidade das "Leaves of Grass", diz um critico francês, "é talvez a mais absoluta ainda manifestada em qualquer literatura." Primeiro, originalidade nas palavras; não ha ali nenhuma sutil nuança de lingua, nenhum nevoeiro shelleyano, mas nomes e adjetivos viris, verbos brutais, expressões brutais, tomadas das ruas e dos campos.

("Tive grande dificuldade em abandonar o estoque de chapas poeticas, mas o consegui.") E depois, originalidade de forma: nada de rimas, exceto ocasiões descaidas como "capitão, meu capitão"; e nenhum metro ou ritmo regular, apenas os naturais da respiração ou dos ventos no mar. E' acima de tudo, originalidade de temas: a simples admiração duma criança em face dos prodigios da natureza ("O silencioso jacto da aurora", "o louco embate das ondas na terra"); a vívida identificação de si proprio com todas as almas em todas as experiencias; a intrepida sinceridade dum espirito aberto que ama e respeita todos os credos; o franco e forte senso da carne; a fragrancia das estradas em aberto; a defesa e a compreensão da mulher:

O rosto cansado das mães de muitos filhos!
Caluda! Estou contente...
Olhe uma mulher!
Ei-la em seu capote de quaker — com o rosto mais claro e
belo que o ceu.
Ela senta-se numa poltrona, à varanda da casa da fazenda
Com o sol a bater na sua velha cabeça branca.
Seu vestido folgado é de tons cremes;
Seus netos cultivaram o linho e suas netas fiaram-no nas
roças.
O melodioso caracter da terra,
O fim alem do qual a filosofia não pode ir e não deseja ir.
A mãe dos homens...

esta profunda sintese do individualismo e da democracia; a tendencia cosmica da sua imaginação e simpatia, aceitando todos os povos e saudando o mundo com desrespeito de todas as tradições e preconceitos; e até os protestos que a poesia de Whitman determinou, provam a sua força e a sua necessidade. Toda a America se revoltou exceto um homem, o qual a redimiu com a nobreza de uma carta. A 21 de julho de 1855 Emerson escreveu a Whitman:

> Não me sinto cego ante o valor do admiravel presente que nos fez com a "*Leaves of Grass*". Considero-o a mais extraordinaria contribuição de sabedoria ainda apresentada pela America. Ao ler esse livro sinto-me verdadeiramente feliz, da grande felicidade que uma grande coisa nos dá... Exulto ante o vosso pensamento audacioso e livre... Saudo-vos no começo duma grande carreira, que deve ter tido uma solida genese para exibir um tal surto. Esfreguei os meus olhos com medo de que essa aurora fosse ilusão; porque o fundo do livro é uma sobria certeza... Desejo conhecer o meu presenteador; e quando minhas tarefas mo permitirem e for a New York, irei apresentar-vos os meus respeitos.
>
> *R. W. Emerson.*

Whitman já se foi. Viveu quando eramos crianças. Mas provou que mesmo em nossa era podem aparecer gigantes; e mesmo na America, tão jovem e grosseira ainda, pôde surgir um poeta unico, digno de ombrear-se com os grandes. Meses atrás estive em sua casa de Canden, na qual a paralisia o conservou invalido por tantos anos; e entristeci-me diante de tantas provas de que os genios tambem morrem. Mas tomei

o seu livro e uma vez mais li as linhas que me não saem da cabeça e aqui transcrevo para que continuem pelo mundo na sua missão:

> Eu parto com o ar — sacudo minha neve branca ao sol
> que foge;
> Desfaço minha carne em redemoinhos de espuma,
> Entrego-me ao pó para crescer nas ervas
> que amo;
> Se queres ver-me novamente, procura-me sob teus sapatos.
> Dificilmente saberás quem sou ou o que significo;
> Não obstante serei para ti boa saude
> E filtrarei e comporei teu sangue.
> E se não conseguires encontrar-me, não desanimes;
> O que não está numa parte está noutra;
> Nalgum lugar estarei á tua espera.

CAPÍTULO III

OS CEM MELHORES LIVROS PARA UMA EDUCAÇÃO

SE EU fosse um homem de dinheiro havia de ter muitos livros e regalar-me com encadernações macias ao tacto e agradaveis á vista, obras impressas em bons papeis opacos, naqueles caracteres dos primitivos impressores. Vestiria meus deuses de couro e ouro, e diante deles acenderia á noite cirios, e desfiaria seus nomes como contas dum rosario. Havia de ter minha biblioteca bem espaçosa, bem sombria e fresca, liberta da curiosidade alheia e do barulho, com voluptuosas poltronas das que convidam ao sonho, com lampadas de luz discreta aqui e ali — lampadas de santuarios; e cada palmo das paredes seria recoberto com camadas da herança mental da nossa raça. E lá, a qualquer momento, minha mão e meu espirito dar-se-iam aos amigos de alma faminta e mãos limpas.

No centro de tal santuario de livros eu reuniria os Cem Melhores de toda a literatura educativa do mundo. Figuro a mim mesmo uma pesada mesa de cedro, entalhada pelos mestres que enriqueceram a abadia de Westminster. (Devo ser um impenitente reacionario, porque abomino os materiais duros com que se fazem hoje as nossas casas de concreto, as nossas camas e secretarias de ferro; ha em mim um afeto organico para com tudo que é feito de madeira.) No meio da mesa eu ergueria uma estante com os meus Cem Melhores. E vejo meus amigos confortavelmente sentados ali por algumas horas todas as semanas, manuseando com volupia aquelas obras.

Quereis tambem, leitor, sentar-vos a essa mesa? Talvez sejais um diplomado, e em condições, portanto, de dar inicio á vossa educação. Talvez nunca tenhais tido ensejo de cursar uma universidade e tereis perguntado o que os nossos filhos lá aprendem, além da moral do dia. Muita coisa bela podem aprender, se as cursam depois de certa idade; mas nesta era de complexidades nossos rebentos demoram tanto a crescer, que estão sempre muito verdes quando fazem o curso — muito verdes para absorverem e compreenderem os tesouros que lhes são oferecidos. Se fizestes o vosso curso na vida e não nos colegios, muito bem; a rude tutela da realidade amadureceu-vos para a pronta compreensão dos grandes homens. Aqui em redor da espaçosa mesa podereis preparar-vos para a Internacional do Espirito; tereis amigos como Platão e Leonardo, Bacon e Montaigne, e em consequencia desta boa companhia ficareis preparados para acompanhar os mais finos lideres do vosso tempo e vossa terra.

Podereis dispor de uma hora por dia? Dai-me sete horas de cada uma de vossas semanas e eu farei de vós um filosofo ou um erudito: em quatro anos estareis tão bem educados como qualquer Doutor em Filosofia deste país.

Temos preliminarmente que nos entender: não podeis esperar nenhum lucro monetario desta intimidade com os grandes homens. O lucro poderá vir mais tarde, acidentalmente, em consequencia da maturidade e fundo que alcançareis; mas estes dividendos, como o das companhias de seguros, são garantidos. Na realidade estareis "perdendo o tempo" da vossa profissão ou do vosso negocio; se sonhais com milhões, afastai-vos deste mapa da Cidade de Deus e fincai o vosso nariz na terra. E encontrareis embaraços pelo caminho: um livro obscuro ou com excesso de paginas, e todas as vossas forças terão que ser mobilizadas para vencer a tarefa. Lembrai-vos de que não estou compondo uma lista dos absolutamente melhores cem livros, ou mera lista de obras primas nas belas letras; nossa escolha se fez com base na força educativa das obras.

Desde que o meu intento foi conseguir cerebros bem ordenados e evitar o cáos das leituras, temos de começar do começo — com as distantes estrelas e a antiga terra; e estes

começos serão o mais penoso da tarefa proposta. "Initium dimidium facti", disseram os romanos; o inicio é metade da façanha. Apertemos o nosso cinto e apuremos a nossa coragem para a subida destes morros do começo — o resto da viagem será por caminhos planos, com boas aquisições de sabedoria a cada marco da quilometragem e agradaveis visões de beleza a todo instante. Nossa mira aqui não é apenas entretenimento, sim educação; mas educação com tal ordem que cada novo conhecimento adquirido se entroze logicamente em nossa memoria e nos dê no fim aquela amplitude de perspectivas que é a fonte e o vertice da compreensão.

Por esse motivo as primeiras obras da nossa escolha — a introdução para o resto — têm que ser as mais aterrorizantes de todas. Começaremos com "The Outline of Science"; ai de nós! teremos de nos nutrir com alimentos pre-digeridos, á moda dum almoço americano? E o peor é que "The Outline of History", esse fantasma dos historiadores que se prezam, está em quinto lugar na nossa lista, coisa imperdoavel. O critico mostrará o quanto estes livros valerão como substitutos do melhor e o quanto valerão como preparo para o melhor. Á custa dum pouco de esforço desagradavel temos de nos familiarizar com a descrição cientifica do mundo em que o homem se desenvolveu; temos de adquirir uma pequena base astronomica e biologica para corretivo do nosso orgulho de homens; temos de conhecer as últimas hipoteses sobre eletrons e cromossomos, e olharmos para a frente enquanto a fisica e a quimica transformam o mundo.

E então passaremos para nós mesmos, embora ainda introdutoriamente. Estudaremos a arte da saude; porque, de que valerá se no fim dos quatro anos estivermos eruditos mas dispepticos, filosofos na imaginação mas arruinados de corpo? Deixemos que dois grandes medicos nos apresentem as teorias rivais do como viver: o Dr. Clendoning nos dirá, com agudeza escandalosa num cientista, que muitas das coisas que comemos, bebemos ou fazemos são boas, e com muito encanto o Dr. Kellog nos provara que são más. Eu creio que usualmente o Dr. Kellog está certo, mas é admissivel que usualmente eu e ele estejamos errados.

As creaturas humanas possuem corpo e espirito; porisso convem que procurem de algum modo compreender-se antes de entregar-se ao estudo da historia da especie. Encaminhemo-nos, pois, para William James; é verdade que ele escreveu ha já mais de uma geração, mas os seus "Principios de Psicologia" continuam sendo a obra prima nesta ordem de estudos. Temos de evitar a edição abreviada em um volume; a anterior, mais ampla, é de mais facil compreensão. Enquanto estiverdes mergulhado em James, convem não vos preocupardes com passageiras "modas psicologicas", tais como psicanalise e behaviorismo; depois de bem captado o pensamento de James, estareis imunes a essas epidemias. Lede ativamente, não passivamente: meditai a cada passo sobre o acordo entre o que diz James e o que diz a vossa experiencia pessoal — e meditai tambem sobre a aplicação desses conhecimentos á conduta de vossa vida. Se discordais do autor, ou vos sentis chocados pelas suas heresias, lede-o do mesmo modo; a tolerancia para com as opiniões diferentes é o distintivo de um gentleman. Anotai todas as passagens que possam servir de fundamento á reconstrução do vosso carater (não do carater humano em geral) ou para auxiliar-vos na consecução dos vossos fins; e classificai essas notas de modo que possam ser consultadas a qualquer momento.

Não tenhais pressa em sair desses livros introdutorios, porque sereis forçados a um longo assedio antes que possais tomar as trincheiras exteriores da cidadela da sabedoria. Se eles vos sobrecarregam a digestão, temperai-os com os acepipes mais agradaveis da lista: Plutarco, por exemplo, ou Omar, ou George Moore, ou Rabelais, ou Poe; na realidade, muitos dos livros dos Grupos X e XI servirão de "hors d'œuvres," ou de alivio, quando os demais vos oprimirem com o seu excessivo peso.

O proprio Wells vos parecerá esmagador no começo; cansam-nos os seus repteis e peixes, os seus homens do Cro-Magnon e do Neandertal. Mas temos de galgar essas grimpas geologicas, e vadear esses pantanos de reminiscencias antropologicas; iremos aguçando os nossos dentes nessas palavras proibidas e vencendo as dificuldades passo a passo; isso nos enrijará para o resto. E se somos tão abastados quanto corajosos, poderemos adquirir um dicionario maneiro, como o

Webster (Colegiate), evitando os grandes, cuja massa imensa nos desanima; e tambem enfeitaremos a parede com algum alentado mapa-mundi, de modo que as novas palavras e os velhos lugares adquiram significação. Depois de findas as lições de Wells, o *Folkways* de Sumner vos valerá por apetitosa sobremesa; ninguem jamais sonhou que esse homem pudesse tornar a sociologia tão fascinante!

Quereis saber como a religião começou, e como da superstição nasceu a filosofia? Lede o "Golden Bough", de Frazer; neste livro o grande sabio reune em um tomo as investigações de sua vida inteira — façanha pela qual o governo britanico o condecorou. Pulai pelo livro, se quiserdes; aprendei a arte de extrair de cada paragrafo a "sentença topica" em que o autor formula a proposição que o resto do paragrafo trata de provar; e se a tese escapa ao vosso interesse, pulai para o topico seguinte, ou para outro e outro, até que a materia vos empolgue. Terminado o estudo deste livro, a parte mais dura da vossa educação estará concluida; o resto não passa de uma aventura com os deuses.

Por que motivo a nossa lista se dispõe, daí por diante, em ordem historica? Primeiro, porque o sabio é estudar a historia como ela foi vivida, com a fusão de todas as atividades humanas — economicas, sociais, politicas, cientificas, filosoficas, religiosas, literarias e artisticas; assim fazendo, iremos ver cada obra literaria, filosofica ou artistica em seu justo lugar, e melhor lhes compreenderemos a origem e significação; não esquecer que a perspectiva é tudo. Segundo, porque esta disposição alterará as mais deleitosas obras primas com os tomos mais pesadamente instrutivos; uma coisa ajudará a digestão de outra. Assim, depois de mais algum Wells e do perfeito capitulo de Breasted sobre o Egito, na excelente historia da Europa denominada "A Aventura Humana," encontraremos bem merecida diversão na coletanea de Brian Brown sobre a sabedoria de Confucio, Lao-tse e Mencio; e a inigualavel simplicidade e beleza da Biblia suavizarão a suculenta "Historia da Ciencia" (1) do Dr. Williams e os ditirambos

1. Se não puderdes obter este livro, procurai a *Historia da Ciencia* de Dampier-Whetham ou *A Aventura da Ciencia*, de Ginzburg.

de Faure sobre a arte. E através destes mares bravios alcançaremos as ilhas da Grecia.

Eis-nos em plena região dos genios; como meter tantos gigantes em nossa pequenina lista? Recorramos aos guias: Breasted e Wells nos mostrarão os maiores monumentos, o professor Bury nos ensinará as complexidades da politica helenica, e Gilbert Murray nos introduzirá nos dominios da maior literatura do mundo. E depois virão os nossos contactos com os proprios genios; Herodoto, o homem das deleitosas narrativas, nem sempre verdadeiras; Tucidides, o pensador realista de estilo classico (não esquecer a famosa "Oração Funeral" em honra a Pericles); e Plutarco, o das biografias que Bury reaviva; e Homero, com o seu cantante carrilhão de herois e deuses; e Esquilo, com a sua vigorosa pintura de Prometeu encadeado mas sempre rebelde, simbolo do genio punido pelo bem que faz; e Sofocles, com sua doce sabedoria ganha através do sofrimento; e Euripedes, o "humano", a lamentar o infortunio dos proprios inimigos e por fim perdoando até aos deuses.

E agora, o primeiro grande periodo da filosofia europeia: Diogenes Laercio conta-nos a historia de Socrates, o martir; de Platão, o reformador; de Democrito, o filosofo que ria; de Aristoteles, o enciclopedico; de Zeno, o estoico; e de Epicuro, o que não foi epicurista. Platão fala e pinta a sua ideia do estado perfeito; o eternamente razoavel Aristoteles prega a aurea mediocridade — e casa-se com a mais rica herdeira da Grecia. Williams toma esse material e ensina-nos como a ciencia ocupou o lugar da superstição; como Hipocrates se tornou, depois de tantos seculos de medicos, o "Pai da Medicina"; e como Arquimedes resolvia teoremas quando um soldado, simbolizando a eterna oposição entre a arte e a guerra, o apunhalou mortalmente. Finalmente, Faure nos mostrará Fidias, com a paciencia que é genio, esculpindo sublimes marmores do Parténon, e Praxiteles cinzelando a graça perfeita de Afrodite. Quando veremos no mundo outra idade como essa?

Para compreendermos esses gregos cumpre-nos adquirir uma educação especial; um grande educador americano está fazendo a experiencia dum curso de dois anos a um cento

de felizes estudantes, sobre a civilização grega sob todos os seus aspectos. Já os romanos não nos oferecem tanta coisa; porque embora lançassem dum modo admiravel os fundamentos da ordem social e da continuidade politica para todas as nações da Europa, imiscuiram-se em excesso na fatura de leis, e em guerras, e na construção de estradas e esgotos, e na defesa contra os barbaros, para se permitirem a cultura das flores da filosofia e da arte. Mesmo assim encontraremos deuses em Roma: o maior estadista que jamais existiu, apresentado pela arte e por Plutarco; o sombrio Lucrecio a expor em viril poesia a inapreensivel natureza das coisas; a delicada felicidade de Virgilio a tecer em trama de ouro o passado lendario dos romanos; e por fim o ultimo grande homem, Marco Aurelio, a meditar, de cima do trono, sobre a vaidade da ambição e do poder.

Que tremenda e tragica historia! O colosso derramou pelo mundo a sua majestade e por fim, pela corrupção e escravidão, apodreceu lentamente até que os barbaros de fora e os cultos orientais de dentro o ruissem em escombros. Foi neste ponto que o maior dos historiadores, Edward Gibbon, começou a sua imponente narrativa do "Declinio e Queda do Imperio Romano" — compondo com poderosa voz de orgão catedralesco a marcha funebre da desolação. Percorramos sem pressa esse desfile de paginas majestosas; a vida não é coisa tão importante que não possamos consagrar um pedaço da nossa á leitura do homem que soube conciliar a sabedoria dos comentarios com a musicalidade da forma.

Tão generoso se mostra Gibbon que não se restringe a historiar apenas a moribunda Roma, mas tambem nos revela a infancia da Europa nordica, que conhecemos como Idade Media. Vemos o surto do Papado para a realização do maior sonho do catecismo ocidental — a unificação da Europa; e aqui, a conversão de Constantino e a coroação de Carlos Magno; e ali, a sangrenta historia de como Maomé e seus generais, chefiando exercitos famintos de pilhagem e bebedos de teologia, derramaram-se sobre a Africa e a Espanha, construiram a civilização de Bagdad e Cordova e por fim recuaram para o deserto, quando os turcos, ainda mais barbaros que eles, rolaram do Caucaso sobre o Ocidente em desordem.

Maimonides e Omar nos atestarão como os judeus e persas prosperaram sob o dominio do Islam. Em Williams encontraremos um belo relato das realizações islamicas na matematica e na medicina, na astronomia e no setor filosofico: e Faure nos mostrará a sua delicada arquitetura no Alhambra, em Granada e no Taj Mahal, na India.

Mas havia nesse tempo, tambem, um pugilo de cristãos. Robinson nos descreve a sua civilização n'*A Aventura Humana* dum modo tão sugestivo que não podemos afasta-lo da nossa lista. Dante e Chaucer corporificam a epoca: os peregrinos de Canterbury, empenhados numa viagem, divertem-se contando historias cruas como as de Rabelais; e Dante, embora em luta contra a igreja, ergue a teologia catolica a um esplendor que por um momento nos faz esquecer o barbarismo que creou o inferno. Abelardo duvidou dessa teologia, mas repentinamente perdeu a virilidade necessaria para firma-lo naquela atitude; nada mais doloroso e humano que o seu abandono de Heloisa e da duvida. Se quereis verificar a que grau de perfeição pode a prosa inglesa atingir, lêde George Moore na sua narração do imortal amor de Heloisa e Abelardo. No "Monte de S. Miguel e Chartres," Henry Adams tambem nos conta esta mesma historia, e expõe a enciclopedica ortodoxia de Tomás de Aquino, como incidentes do seu passeio em redor das grandes catedrais francesas; nesta obra o gotico é obrigado a falar inglês e a revelar-se até aos americanos. Temos depois a ainda não devidamente apreciada "Historia da Literatura Inglesa" de Taine, um livro de tão solido valor e de tanta beleza como o de Gibbon, nele um francês explica aos ingleses a literatura inglesa. E finalmente ouviremos a masculamente melancolica musica da Idade Média nos majestosos cantos gregorianos; Cecil Gray não é nisto o guia perfeito, mas é incisivo; e os que aceitam a musica como a mais alta das filosofias, terão de afastar-se neste ponto da nossa lista e ler o quarto, quinto e sexto volumes da "Historia da Musica" de Oxford. Vida sem musica é um equivoco, disse Nietzsche.

Mas a Idade Media desaparece e subitamente defrontanos o Renascimento italiano. Wells dá-nos aqui umas poucas paginas insuficientes e nos remete aos sete alentados volumes

de J. A. Symonds, que consumiram até ao ultimo alento a sua vida de doente. (Se vos escasseia tempo para esta longa digressão, lêde "O Renascimento na Italia," de Burchchardt.) Aqui novamente assistimos ao enxamear dos genios: em Florença penetramos no palacio dos Medicis, onde Pico de Mirandola acende velas diante do busto de Platão recem-descoberto, e um rapaz de nome Miguel-Angelo esculpe a figura dum fauno desdentado; em Roma pisamos o pavimento de marmore do Vaticano acompanhados de Julio e Leão X, e vemo-los transformando a riqueza em poesia e arte. Vasari nos mostra o atelier de Botticelli, de Brunelleschi, de Leonardo, de Rafael e de Angelo; Faure põe em rapsodias esta florescencia unica de pintura, estatuaria e ornamento; Cesar Borgia posa diante de Machiavel para o retrato do principe ideal; Cellini de vez em quando abandona a adaga assassina para esculpir um vaso maravilhoso; Bruno e Vanini renovam os esforços do homem para compreender o mundo do ponto de vista da razão; Copernico, Vesalius e Gilbert lançam as pedras fundamentais da ciencia moderna; e nas asas da sua musica Palestrina nos leva ao céu. A éra é suprema.

Mas, saido das severas frialdades do norte, Lutero não se deleita com a licenciosa arte da Italia cheia de luz; e com voz ouvida pelo mundo inteiro apelou para o retorno à antiga simplicidade ascetica da Igreja. Os principes da Alemanha, utilisando-se da revolta luterana como instrumento politico, destacaram seus reinos do Papado, estabeleceram uma série de paises independentes e inauguraram o nacionalismo dinastico, que é a enfibratura da historia europeia desde a Reforma até á Revolução. A consciencia nacional se substitue á conciencia religiosa, o patriotismo ocupa o lugar da piedade, e cada povo europeu inicia um seculo de Renascimento proprio. É a idade da politica romantica: Catarina de Medicis e Henrique VIII, Carlos V e o Felipe da Invencivel Armada, Isabel e Essex, Maria Stuart com os seus amantes e Ivan o Terrivel. É a época dos gigantes da literatura: na França, Rabelais gargalha a todos os mandamentos e adjetivos, e Montaigne discute negocios, publicos ou não, nos mais profundos ensaios jamais escritos; na Espanha, Cervantes encontra forças para escrever o mais famoso dos

romances, e Lope de Vega compõe 1800 peças; em Londres, o filho dum carniceiro produz os maiores dramas modernos, e toda a Inglaterra, como diria Spengler, está "em forma". Esse tempo foi a primavera da alma moderna.

Os sabios estão áfeitos a proclamar que depois desta brilhante emancipação da Espanha, da Inglaterra e da França, a Europa sofreu um recuo e desceu do alto nivel a que o Renascimento a levara. Num certo sentido é verdade: o seculo 17 foi uma éra de conflito religioso, a idade da Guerra dos Trinta Anos, arruinadora da Alemanha, e da Revolução Puritana, por um seculo garroteadora da exuberancia poetica e artistica dos ingleses. Mas ainda assim, que seculo! É o tempo dos Tres Mosqueteiros: Richelieu e Mazarino fortalecem o governo central da França contra os barões feudais, e presenteiam Luiz XIV com um estado poderoso e uno — meio de proporcionar ensejo á floração da cultura dirigida por Voltaire. La Rochefoucauld dá forma ao cinismo da côrte e do teatro; Molière mete a riso a hipocrisia e presunção do seu povo, e Pascal mistura, com apaixonada retorica, a matematica e a piedade. Bacon e Milton elevam a prosa inglesa a grande altura — e este ultimo ainda compõe versos bem toleraveis. É uma éra de poderosos sistemas filosoficos; Bacon, Hobbes e Locke, na Inglaterra; Descartes, Spinoza e Leibnitz, no continente. Na ciencia emerge Galileu, o astronomo, Sir William Harvey, o fisiologista, Roberto Boyle, o quimico, Isaac Newton, o tudo. A pintura é um chuveiro de estrelas: na Holanda, Rembrandt e Franz Hals; na Flandres, Rubens e Van Dyck; na França, Poussin e Claude Lorrain; na Espanha, El Greco e Velasquez. E para a musica veio Bach.

João Sebastião Bach é um olimpico bem proximo de Zeus; não descansareis, pois, enquanto não ouvirdes o majestoso ritmo de sua "Missa em B menor" e a "Paixão segundo Mateus." Com o velho organista de Arnstad, que tinha tempo de alternar a composição de obras primas com a fatura de vinte filhos, a musica atinge um dos seus picos culminantes: só o louco Beethoven pairou tão alto. O seculo 18 está cheio de opulentas melodias: Handel compõe oratorios e Haydn desenvolve a sonata e a sinfonia; Gluck crea um

nobre acompanhamento para o sacrificio de Efigenia, e da sua tristeza Mozart arranca sonoridades que fazem todas as composições anteriores parecerem discordantes e caoticas. Se quereis conhecer a "musica absoluta", fechai por um momento o vosso radio e tocai ao fonografo o "Andante" do Quarteto em D maior de Mozart.

Mas aqui estamos no seculo 18, que Clive Bell, na sua preciosa obra sobre a Civilização, põe ao lado do seculo de Pericles e do Renascimento como uma das tres epocas supremas da historia da cultura. Era de lutas barbaras, de avanços na ciencia, e de filosofia libertada; de exploração pelos barões, de maneiras e modas tão belas que fazem as nossas calças de canudos e as saias aprisionadoras das pernas femininas parecerem coisa funebre ou de penitenciaria. "Os que não conheceram o mundo anterior a 1789 não sabem o que é a felicidade de viver", disse Talleyrand, "aquela lama em meias de seda", como lhe chamou Napoleão. Leia-se nos "Retratos" de Sainte-Beuve a vida dourada daqueles homens; vejam-se os quadros de Watteau e Fragonard, de Gainsborough e Reynolds; e depois tome-se uma poltrona de primeira fila em Taine e Carlyle para assistir ao drama do desmoronamento. Pense-se numa idade que podia produzir historiadores como Gibbon e Voltaire, filosofos como Hume e Kant, espiritos empreendedores como os obreiros da "Enciclopedia", biografos como Boswell, homens como Johnson, Goldsmith, Gibbon, Burke, Barrick e Reynolds; novelistas como Fielding e Sterne, jamais sobreexcedidos na Inglaterra; economistas como Adam Smith, cinicos como Swift, mulheres como Mary Wollstonecraft!

E a Revolução vem e a aristocracia perece na guilhotina; arte e boas maneiras desaparecem, a verdade substitue a beleza, e a ciencia refaz o mundo. Deixemos que Robinson nos conte da Revolução Industrial que tão rapida e profundamente transformou nossas vidas, nossos governos, nossas morais, nossas religiões e filosofias; estamos diante dum dos pivôs sôbre que a historia regira. Assim como o seculo 18 foi a idade da mecanica e da fisica teoricas, dando origem ao triunfo da ação, assim o seculo 19 foi a idade da biologia teorica, dando origem ao triunfo ativo das ciencias biologicas.

Novos conceitos da natureza e do desenvolvimento do homem dominam o palco cientifico e precipitam a guerra entre as crenças que sombreou o espirito ocidental. Foi um seculo pobre em escultura, a despeito de Rodin, e cheio de duvidosas experiencias na pintura, desde os crepusculos de Turner até ás chuvas de Whistler; mas na musica sobreexcedeu a todas as outras epocas da historia (e quem o esperaria numa era de maquinas?).

Aqui temos Beethoven, passando, no fim do seculo, da simplicidade de Mozart, revelada em suas primeiras obras, da perfeição da Quinta Sinfonia e da sutil delicadeza da Sonata de Kreutzer, á louca exuberancia das ultimas sonatas da Sinfonia Coral; aqui temos Schumann, infinito de melodia, deixando em sua agua-furtada centenas de obras primas ineditas; aqui temos Brahms, com o seu aspecto de carniceiro, a compor como um anjo, a tecer harmonias mais profundas que as de Schuman, e, não obstante, tão leal á memoria do mestre que, amando com furor a sua viuva, protegeu-a durante quarenta anos sem coragem de pedir-lhe a mão. Que dinastia de sofredores — do moribundo Beethoven, sacudindo os punhos contra o fado, de Schubert bebedo, de Schumann louco e de Chopin roido pela tuberculose e abandonado por George Sand, até Ricardo Wagner, o genio charlatão que suportou indignidades durante meio seculo e depois fez os principes da Alemanha pagarem as contas de Bayreuth! Mais feliz foi Mendelssohn, temperamento muito bondoso e simples para sofrer em excesso; e Liszt, que na taça da fama bebeu até á derradeira gota, passando uma vida ebria de gloria; e Rossini, que preferia preparar um spaghetti a compor o "Barbeiro de Sevilha"; e o genial Verdi, pondo um realejo em cada teatro europeu. Mas quando entramos na Russia, é a melancolia que ressoa novamente: o alquebrado Moussorgsky canta a morte, e Tschaikovsky, de coração espedaçado por uma Venus do palco, põe termo á vida com o veneno (podemos estar seguros disto, visto como todos os historiadores respeitaveis o negam).

Aparentemente a beleza nasceu no sofrimento e a sabedoria é filha da magua. Os filosofos do seculo anterior ao nosso eram quasi tão infelizes como os compositores; começam

como Schopenhauer, o autor da enciclopedia da miseria humana, e termina com Nietzsche, que amou a vida pelo que nela havia de tragico, mas enlouqueceu á ideia de viver novamente. Que doloroso quadro o da invalidez de Buckle, sem um momento de saude, morto aos quarenta e dois anos sem completar a introdução á "Historia da Civilização na Inglaterra!" O unico homem sadio em toda a lista dos genios do seculo 18 foi Goethe, que se distinguiu de Shelley pelo fato de ter vivido bastante. Lêde as "Conversações com Goethe" de Eckermann e tereis por uma semana a companhia dum espirito maduro. Lêde a parte primeira do "Fausto", mas não permiti que nenhum critico de nome — nem mesmo o grande Brandes — vos induza a ler o resto — amontoado de caduquices dignas de Edward Lear. Cerebro companheiro do de Goethe temos o do Corso, possante instrumento da imaginação, da energia e da vontade; deixai que Ludwig vos conte a sua historia e depois lêde as noventa fulgurantes paginas em que Taine lhe analisa o genio nas "Origens da França Contemporanea."

Absorvei todas as palavras de Taine no capitulo sobre Byron, e lêde depois a "Peregrinação de Childe Harold, Cain" e dois ou três cantos do "Don Juan". Não vos esqueçais das Odes de Keats, pois são os mais belos poemas da lingua inglesa. Verlaine e Musset escapam á nossa lista, já que tradução nenhuma pode captar-lhes a caprichosa melodia; e Heine é incluido a despeito da dificuldade de transpormos duma lingua para outra a agudeza e a musica dos seus versos. Tennyson entra com o "In Memoriam" e os "Idilios do Rei" — mas se eu tivesse coragem seu lugar seria ocupado por Thomas Malory, cuja "Morte de Artur" é um majestoso monumento da prosa inglesa. De Balzac podereis ler muito; em toda a sua obra a vida fulgura intensa. Aos "Miseraveis" lereis salteadamente, mas nenhuma palavra perdereis da "Salammbô" e da "Madame Bovary", de Flaubert. Podereis depois repastar-vos nos primores da Anatole France, que constituem a destilada essencia da cultura e arte francesas; na nossa lista só incluimos a "Ilha dos Pinguins", mas se tendes a gulodice da beleza e das subtilezas de linguagem, lereis vinte volumes de Anatole. "Pickwick Papers" e "Feira das

Vaidades" (ou "David Copperfield" e "Henry Esmond") deverão ser manuseados vagarosamente, com esquecimento da nossa malsinação do periodo vitoriano; antes da nossa epoca iguala-lo na literatura, não poderá apedreja-lo. Da Inglaterra passareis á Escandinavia e lereis Peer Gynt, o maior poema depois do Fausto. Saltareis á Russia para conhecer a perfeição de Turgeniev, para errar sem pressa através da cordilheira de montanhas que é "Guerra e Paz" (1700 paginas apenas) e finalmente para render-vos a Dostoievski, o maior de todos os romancistas. Em sua obra tudo tem valor, mas se quereis mergulhar a fundo na alma humana não lereis apenas os "Irmãos Karamazov", sim tambem "Crime e Castigo", "O Idiota", "O Possesso". Depois disso, volta á America.

Desdenharia o nosso rol algum dos herois americanos? Tenhamos em vista a mocidade da America; só muito recentemente passamos do pioneirismo ao comercialismo e hoje estamos começando a entrar na arte; Whitman ainda é o nosso unico gigante. Thoreau equivale a uma estação na vida plena — voz dessa febre de Retorno á Natureza que arde no sangue dos moços inquietos com um civilizamento muito rapido. Emerson me parece um tanto magro, hoje; ha nele quasi tão pouca substancia como em Thoreau, mas os estudiosos de estilo devem dar-lhe uma semana. Edgard Poe tambem está subcotado — esse homem fantastico e melodioso, tramador de contos terriveis tão do agrado do nosso gosto pelo misterio e do nosso deleite pelas torturas imaginarias; gostamos de sofrer por procuração. Quando classificamos Poe de grande artista, apenas queremos dizer que sua biografia é interessante e seus sofrimentos nos atraem. É sempre mais facil amar ao fraco do que ao forte; este não necessita do nosso amor — e instintivamente procuramos defeitos em sua irritante perfeição; cada estatua é um desafio.

E desse modo chegaremos ao seculo atual, a era da eletricidade e do "Gotterdammerung", a era da Grande Loucura e da Paz Louca, a era das mudanças intelectuais e morais mais rapidas da historia. Deixai que Henry Adams vos revele o segredo do nosso tempo — a filosofia mecanistica que constitue a base do nosso pessimismo não é a forçada

conclusão da biologia; apesar de tudo, talvez os homens não sejam maquinas. Havelock Ellis, o maior estudioso moderno, parece-nos algo mais do que maquina; e quando lemos o "Jean Christophe", o grande romance do seculo, apreendemos o sentir do artista em choque com o do cientista — o senso de creação em vez do senso de desamparo. Spengler discorda de nós e admite a morte da civilização; a razão disto está em nossa paixão pelo poder e a guerra, que ele admira com o impeto dum intelectual que se julga nascido para a ação. Deixemos que Robinson e Wells (ou o professor Fay) nos revelem as origens da Guerra Mundial, para que vejamos quãos vis são em suas origens essas invejadas glorias, e quão repugnantes em seus resultados; e façamos que os nossos filhos tambem os leiam, para que aprendam como as guerras se fazem e como os homens podem em tres anos retraçar quasi todos os passos que, da selvageria á civilização, o genero humano lentamente galgou em trinta seculos.

Dolorosos livros são estes, mas chegados que somos ao fim da nossa lista, não nos faltará coragem para aborda-los sem o recurso á anestesia. E poderemos ainda admitir, a despeito de todo o nosso conhecimento, que a raça produtora dum Platão e dum Leonardo adquirirá um dia o bom senso necessario para controlar a onda demografica, conservar os mares abertos a todos os povos, e todos os mercados francos ao capital e ao comercio; e assim, por meio de alguma organização internacional, suprimiremos a guerra. Coisas mais estranhas já se deram no decurso da historia; quarenta vezes mais maravilhoso foi o incrivel desenvolvimento do homem, da bestialidade inicial até cumes como Cristo e Confucio. Estamos apenas começando.

Eis a nossa Odisseia de livros. É todo um mundo, contendo a excelencia bem ponderada de cem gerações; mundo não tão belo e vivo como o da realidade — como a natureza e o homem, mas abundante de insuspeitada sabedoria e de inexplorada beleza. A vida vale mais que a literatura, a amizade suplanta a filosofia, e as crianças nos tocam a alma com musica mais profunda que a de todas as sinfonias; mas ainda assim estes deleites vivos não desmerecem o prazer secundario que em tais obras encontraremos. Quando a vida

se torna amarga, ou os amigos fogem, ou nossos filhos nos abandonam a casa para a fundação de outro lar, resta-nos o consolo de sentar-nos a esta mesa com Shakespeare e Goethe, e de rir-nos do mundo com Rabelais, e de contemplar a sua beleza de outono com Keats. Porque estes são amigos que nos dão unicamente o melhor, que nunca nos refogem e que sempre estão á nossa espera. Depois de frequenta-los por algum tempo e de humildemente ouvi-los falar, curados estaremos de nossas enfermidades e conheceremos a paz que vem da compreensão.

O CAMINHO DA LIBERTAÇÃO

Os cem melhores livros para uma educação

GRUPO I — INTRODUTÓRIO

1. J. A. THOMSOM, *The Outline of Science* (Linhas Gerais da Ciencia), 4 v.
2. LOGAN CLENDENING, *The Human Body* (O Corpo Humano).
3. J. H. KELLOG, *The Dietetics* (A Nova Dietetica) pp. 1-531, 975-1011.
4. WILLIAM JAMES, *Principles of Psychology* (Principios de Psicologia), 2 v.
5. H. G. WELLS, *The Outline of History* (Historia Universal), (1) caps. 1-14.
6. W. G. SUMNER, *Folk Ways* (Creações Populares).
7. FRAZER, *The Golden Bough.*

GRUPO II — ÁSIA E ÁFRICA

8\. BREASTED e ROBINSON — *The Human Adventure* (A Humana Aventura), 2 v. Vol. I, caps. 2-7.

5\. WELLS, caps. 15-21, 26.

9\. BRIAN BROWN, *The Wisdom of China* (A Sabedoria da China).

10\. A BÍBLIA: Genesis, Exodo, Ruth, Ester, Job, Salmos, Proverbios, Eclesiastes, Canticos de Salomão, Isaias, Amos, Os Evangelhos, Atos dos Apostolos, Epistolas de S. Paulo.

11\. ELIE FAURE, *Historia da Arte*, 4 v. Vol. I, caps. 1-3; vol. II, caps. 1-3.

12\. H. S. WILLIAMS, *Historia da Ciencia*, 5 v. Vol. I, caps. 2-4.

---

1. A tradução desta obra de Wells, lançada pela Companhia Editora Nacional, apareceu com o titulo de *Historia Universal.*

GRUPO III — GRÉCIA

8. BREASTED e ROBINSON, vol. I, caps. 8-9.
5. WELLS, caps. 22-25.
13. J. B. BURY, *Historia da Grecia,* 2 v.
14. HERODOTO, *Historias.*
15. THUCYDIDES, *A Guerra do Peloponeso.*
16. PLUTARCO, *Vida dos Homens Ilustres.*
17. GILBERT MURRAY, *Literatura Grega.*
18. HOMERO, *Iliada.*
19. HOMERO, *Odisseia.*
20. ESQUILO, *Prometeu Encadeado.*
21. SOFOCLES, *Edipo e Antigona.*
22. EURIPEDES, tudo trad. Gilbert Murray.
23. DIOGENES LAERTIUS, *Vidas dos Filosofos.*
24. PLATÃO, *Dialogos, Apologia de Socrates, Fedo, A Republica.*
25. ARISTOTELES, *Etica.*
26. ARISTOTELES, *Politica.*
12. WILLIAMS, *Historia da Ciencia,* liv. I, caps. 5-9.
11. FAURE, *Historia da Arte,* vol. I, caps. 4-7.

GRUPO IV — ROMA

8. BREASTED e ROBINSON, vol. I, caps. 27-30.
5. WELLS, caps. 27-29.
16. PLUTARCO, vidas de Catão, Tiberio e Caio, Mario, Sila, Pompeu, Cicero, Cesar, Bruto, Antonio.
27. LUCRECIO, *De Rerum Natura* (A Natureza das Cousas). Algumas passagens são admiràvelmente parafraseadas na obra de W. H. Mallock, *Lucretius on Life and Death.*
28. VIRGILIO, *Eneida.*
29. MARCO AURELIO, *Meditações.*
12. WILLIAMS, livro I, caps. 10 e 11.
11. FAURE, vol. I, cap. 8.
30. GIBBON, *Declinio e Queda do Imperio Romano.*

GRUPO V — CRISTIANISMO

8. BREASTED e ROBINSON, vol. II, caps. 1-11.
5. WELLS, caps. 30-34.
31. OMAR KHAYYAM, *Rubayat.*
32. GEO MOORE, *Heloisa e Abelardo.*
33. DANTE, *Divina Comedia.*
34. TAINE, *Historia da Literatura Inglesa.*
35. CHAUCER, *Canterbury Tales.*

36. H. ADAMS, *Monte de S. Miguel e Chartres.*
12. WILLIAMS, liv. II, caps. 1-3.
37. G. GRAY, *Historia da Musica.*

GRUPO VI — RENASCIMENTO ITALIANO

5. WELLS, cap. 35.
38. SYMONDS, *O Renascimento na Italia.*
39. B. CELLINI, *Autobiografia.*
40. VASARI, *Vida dos Pintores e Escultores.*
41. H. HOFFDING, *Historia da Filosofia Moderna.*
42. MACHIAVELLI, *O Principe.*
37. GRAY, caps. 6-8.

GRUPO VII — EUROPA DO SÉCULO 16

8. BREASTED e ROBINSON, vol. 11, caps. 13 e 14.
43. P. SMITH, *A Era da Reforma.*
44. FAGUET, *A Literatura da França.*
45. RABELAIS, *Gargantua e Pantagruel.*
46. MONTAIGNE, *Ensaios.*
47. CERVANTES, *Don Quixote.*
48. SHAKESPEARE, peças.
34. TAINE, liv. II, caps. 1-4.
37. GRAY, liv. II, caps. 4-7.
12. FAURE, vol. III, caps. 4-6.
13. WILLIAMS, liv. II, caps. 4-8.

GRUPO VIII — EUROPA DO SÉCULO 17

8. BREASTED e ROBINSON, vol. II, cap. 15.
44. FAGUET, parte relativa ao sec. 17.
49. LA ROCHEFOUCAULD, *Reflexões.*
50. MOLIÈRE, peças.
51. F. BACON, *Ensaios.*
52. MILTON, *Licidas, L'Allegro, Il Penserroso, Sonetos, Arcopagitica* e parte do *Paraiso Perdido.*
12. WILLIAMS, liv. II, caps. 9-13.
41. HOFFDING, parte relativa a Bacon, Descartes, Hobbes, Locke, Spinoza e Leibnitz.
53. HOBBES, *Leviathan.*
54. SPINOZA, *Etica e Melhoramento da Compreensão.*
11. FAURE, vol. IV, caps. 1-4.
37. GRAY, caps. 9-10.

GRUPO IX — EUROPA DO SÉCULO 18

8. BREASTED e ROBINSON, vol. II, caps. 16-21.
5. WELLS, caps. 26-7.
44. SAINTE-BEUVE, *Retratos do seculo 18.*
56. VOLTAIRE, Obras.
57. ROUSSEAU, *Confissões.*
58. TAINE, *Origens da França Contemporanea,* vols. I-IV.
59. CARLYLE, *A Revolução Francesa.*
39. TAINE, *Hist. da Lit. Inglesa,* liv. III, caps. 4-7.
60. BOSWELL, *Vida de Samuel Johnson.*
61. FIELDING, *Tom Jones.*
62. STERNE, *Tristam Shandy.*
63. SWIFT, *Viagens de Gulliver.*
64. HUME, *Tratado sobre a Natureza Humana.*
65. MARY WOLLSTONECRAFT, *Reivindicação dos Direitos da mulher.*
66. ADAM SMITH, *A Riqueza das Nações.*
12. WILLIAMS, liv. II, caps. 14-15.
41. HOFFDING, parte relativa ao sec. 18.
11. FAURE, vol. IV, caps. 5-6.
37. GRAY, caps. 11-12.

GRUPO X — EUROPA DO SÉCULO 19

8. BREASTED e ROBINSON, vol. II, caps. 22-28.
5. WELLS, caps. 3-9.
58. TAINE, *Origens da França Contemporanea,* vol. V.
67. E. LUDWIG, *Napoleão.*
68. G. BRANDES, *Principais Correntes da Literatura do Seculo 19,* 6 vols.
69. GOETHE, *Fausto.*
70. ECKERMANN, *Conversações com Goethe.*
71. HEINE, *Poemas.*
34. TAINE, *Hist. da Lit. Inglesa,* livs. IV e V.
72. KEATS, *Poemas.*
73. SHELLEY, *Poemas.*
44. FAGUET, parte relativa ao sec. 19.
75. BALZAC, *Père Goriot.*
76. FLAUBERT, obras.
77. V. HUGO, *Os Miseraveis.*
78. ANATOLE FRANCE, *Ilha dos Pinguins.*
79. TENNYSON, *Poemas.*
80. DICKENS, *Pickwick Papers.*
81. THACKERAY, *Feira das Vaidades.*
82. TURGUENIEV, *Pais e Filhos.*
83. DOSTOIEVSKI, *Irmãos Karamazov.*

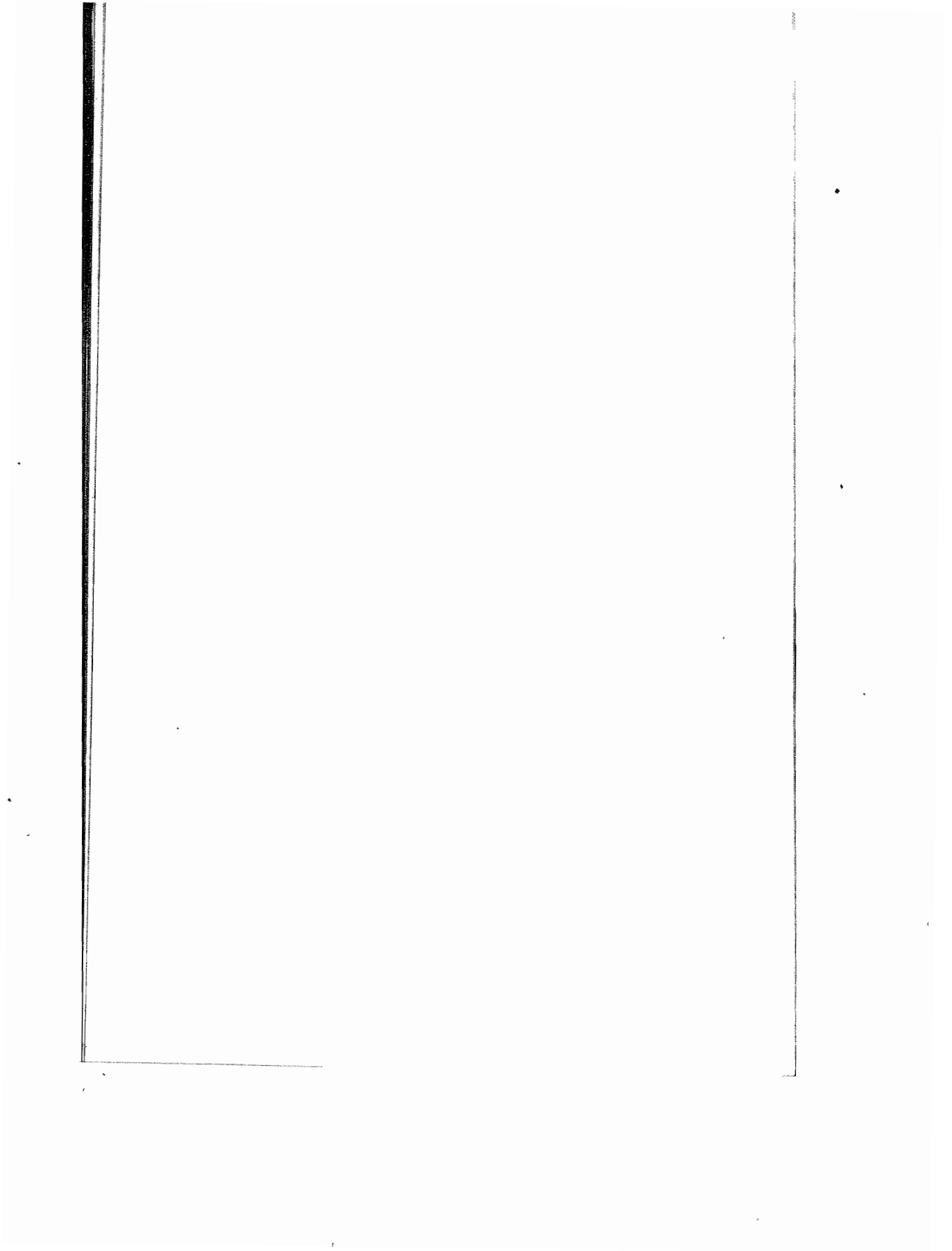
84. TOLSTOI, *Guerra e Paz.*
85. IBSEN, *Peer Gynt.*
12. WILLIAMS, liv. III-IV.
86. DARWIN, *A Descendencia do Homem.*
41. HOFFDING, parte relativa ao sec. 19.
87. BUCKLE, *Introdução á Historia da Civilização na Inglaterra.*
88. SCHOPPENHAUER, Obras.
11. FAURE, Vol. IV, caps. 7 e 8.
37. GRAY, caps. 13-17.

GRUPO XI — AMÉRICA

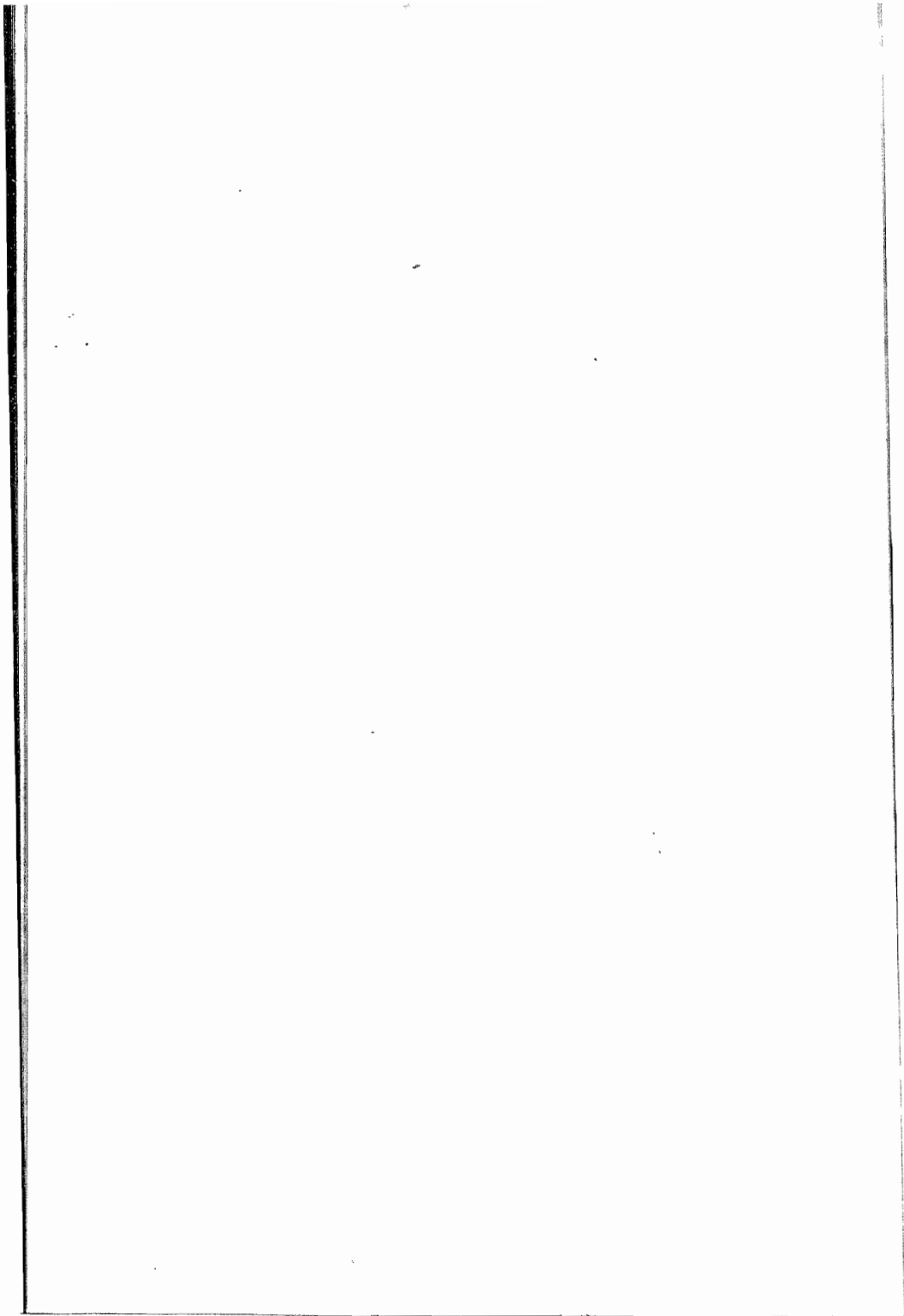
90. C. BEARD, *The Rise of American Civilization* (Surto da Civilização Americana).
91. POE, Poemas e contos.
92. EMERSON, *Ensaios.*
93. THOREAU, *Walden.*
94. WHITMAN, *Leaves of Grass.*
95. LINCOLN, *Cartas e Discursos.*

GRUPO XII — O SÉCULO 20

8. BREASTED e ROBINSON, vol. II, caps. 29 e 30.
5. WELLS, caps. 40 e 41.
96. R. ROLLAND, *Jean Christophe.*
97. H. ELLIS, *Estudos de Psicologia Sexual.*
98. H. ADAMS, *A Educação de Henry Adams.*
99. BERGSON, *A Evolução Creadora.*
100. SPENGLER, *O declinio do Ocidente.*

Os livros numeros 3, 5, 8, 10, 11, 16, 24, 29, 30, 31, 34, 46, 48, 51, 59, 60, 63, 69, 72, 73, 74, 76, 90, 94, 97, 98 e 100, num total de 27, devem ser adquiridos; custo aproximado, 90 dolares. Total dos livros enumerados na lista, 151; custo aproximado, 300 dolares. Tempo necessário para a leitura, 4 anos, á razão de 7 horas por semana, ou 10 horas por volume.

II Parte

AVENTURAS NA FILOSOFIA

Euclides C. Andreis

CAPÍTULO I

A FILOSOFIA DE SPENGLER

I — O HOMEM E SEU LIVRO

IMAGINE-SE um estudante de filosofia passando uma semana em Munich no ano de 1927, gosando a calma beleza dessa cidade medievo-moderna, passeando sob graciosos beirais e torres, misturando-se com gente bem humorada ainda amiga de passeios os domingos, parando diante das casas de Wagner e Lenbach — e passando pela "Windenmayerstrasse" sem saber que num apartamento dessa espaçosa avenida estava vivendo e escrevendo o mais avançado pensador da nossa geração. Figure-se Oswald Spengler lá, alto e forte como os junkers que ele tanto admirava, de rosto severo e cabeça calva, colecionando armas, errando pela "Velha" Galeria de Arte sem nenhum interesse pela "Nova", estudando quartetos de Beethoven e escrevendo com paciente devoção, e muita erudição, a sua tragica obra prima sobre a queda do Mundo Ocidental.

Spengler começou "Der Untergarg des Abendlandes" em 1912, com a ideia de exprimir em forma concisa a sua certeza de que a civilização europeia e americana haviam alcançado um estagio de inevitavel degeneração. A Grande Guerra a principio interrompeu, e depois apressou o seu trabalho; imediatamente ele a viu como a confirmação da sua analise e o apogeu da decadencia. "Não era uma momentanea conjunção de fatos casuais, filha do sentimentalismo nacionalístico... ou de tendencias economicas... mas o tipo duma mudança de fase historica a ocorrer dentro dum grande

organismo historico... no ponto pre-ordenado ha centenas de anos atrás" (1); era a realização dum inevitavel destino. Spengler sentiu-se colhido numa irresistivel sequencia; seu proprio trabalho, pessimista e ceptico, fazia parte do processo de desintegração do continente e do fim duma era; "tornou-se-me claro que estas ideias deviam aparecer exatamente naquele momento e na Alemanha." Em 1922 surgiu o livro na sua forma final; e embora fosse alentado e dificil, com meio milhão de palavras e nenhuma concessão á popularidade, os alemães adquiriram dele cem mil exemplares dentro de um ano. E aceitaram-no como a digna elegia duma era de poder e gloria encerrada na derrota e na morte.

Temos em inglês uma laboriosa e eloquente tradução de Spengler devida a Charles F. Atkinson e publicada em dois volumes por Alfred Knopf. Já as primeiras paginas anunciam um homem de importancia, rico de ideias, copioso de conhecimento, intrepido em seus propositos, varonilmente forte no estilo e nas ideias; um homem que não atenua as palavras nem enfeita as opiniões; que fala como um general, com frases dignas dos campos de batalha. Do mesmo modo que Keyserling, não revela grande modestia, e conduz-se com um orgulho que ofende tanto menos quanto mais avançamos na literatura. "Estou convencido de que o caso não é o de escrever uma das muitas filosofias possiveis e logicamente justificaveis, mas de escrever a filosofia do nosso tempo... E seja isto afirmado sem presunção." Não o é sem presunção e não o é sem verdade.

E temos aqui um homem que com um livro se colocou á testa da filosofia contemporanea. O longo reino da analise começa a chegar ao fim; a sintese é novamente tentada, a despeito dos milhares de erros que possa cometer; aqui um cerebro abarca o mundo e julga suas partes em correlação com o todo; aqui ha perspectiva e, portanto, verdadeira filosofia. Não espanta, pois, que todos os campos mentais da Alemanha se agitassem com a obra, nem que cada estudioso o tomasse em consideração, nem que Eduard Meyer, o maior

1. *O Declinio do Ocidente.*

dos historiadores vivos, lhe devotasse uma brochura — nem que os franceses escrevessem varios livros para refuta-lo. "Que uma vez mais "um de fora" obrigue os especialistas a re-examinar seus proprios materiais; que uma vez mais uma tempestade sacuda as folhas da floresta dos livros — não foram estas das menores realizações do pensador alemão, cujo nome anda em todas as bocas", disse o editor da "Isis".

Sim; com a maior parte das contribuições feitas á filosofia do seculo 19, a de Spengler não vem das universidades, sempre atoladas na tradição, mas dum solitario erudito que estudou os grandes hereticos e ignorou todas as autoridades. Spengler traça a sua filosofia precisamente para os tais "de fora"; primeiro para Goethe e depois para Nietzsche. Ele injustamente menospreza Schopenhauer, como Nietzsche menosprezou Platão — por dever muito ao filosofo do pessimismo e não querer confessar a divida; não lhe ocorreu estar desempenhando a mesma função, em seu tempo combalido pela guerra, que Schopenhauer desempenhou na Europa aparentemente arruinada pelas guerras napoleonicas; não lhe ocorreu que ele tambem era, assim como Schopenhauer, uma voz do desespero e do cansaço. Mais que tudo, porém, é o espirito de Nietzsche que paira sobre o livro: na impetuosidade do estilo, na masculinidade dos epigramas, no seu evangelho da vontade-de-poder, em sua assinalação dos guerreiros em vez dos negociantes, da aristocracia em vez da democracia, do instinto em vez do intelecto, do sangue em vez da riqueza, do poder em vez do direito, dos genios de iniciativa em vez das massas anonimas, como causa e alma da historia. A grande linha na filosofia alemã post-Kant não passa através de Hegel, Fichte, Schelling e os néokantianos (que poderá ser menos *néo* que um kantiano?); mas sim através de Goethe, Schopenhauer, Nietzsche e Spengler. São estes os avatares, as reencarnações de um poderoso espirito tipicamente germanico na sua jactancia e força, como Montaigne renasceu em Voltaire e Anatole France. A Alemanha deve sentir-se orgulhosa de haver produzido — e aceito — "O Declinio do Ocidente"; tamanho esforço não se reproduzirá tão cedo.

Estudemos a fundo este livro, como o mais importante que apareceu no seculo 20. Não será facil, porque Spengler

é abstruso e a espaços enche seu grande quadro de aerea verbosidade; nenhum alemão jamais escreve sobre qualquer assunto sem dispendio de exauriente metafisica. Não é obra para ser apenas lida; só depois de duas leituras "começamos" a aprende-lo — e cada leitura exige um mês. Spengler é goticamente caotico; todos os arcobotantes de suas digressões suportam o centro e o vertice do seu argumento; ele vê o mundo qual um todo, mas não o apresenta assim, introduz os pensamentos de relevancia e deixa que a unidade se revele por si mesma. Sua erudição é excessiva e prejudicial á clareza; em cada pagina vemo-lo mergulhar-se em dissertação tecnica e transformar referencias esotericas em puros extases.

Ninguem, nem o proprio Buckle, avança mais longe na cola da presa, nem reune em redor de si mais copioso material. A erudição de Spengler vai dos sumerios aos americanos; dos obscuros psicologistas arabes ás teorias atomicas de Planck e Bohr; da tecnica da arquitetura ás teorias de Marx; dos filosofos chineses mil anos anteriores a Confucio, a Woodrow Wilson e Tammany Hall. Com tremenda minuciosidade absorveu poesia, drama (de Esquilo e Shaw), religião (de Osiris a Mrs. Besant), musica, escultura, pintura, matematica, fisica, quimica, astronomia, geologia, biologia, psicologia, politica, economia, tatica militar e, sobretudo, historia. Quando fala de geometria dá-nos ideia de ser insensivel á arte; quando nos fala do Impressionismo deixa-nos a supô-lo incapaz de conhecer o Calculo infinitesimal. "Desde Leibnitz", escreve ele, "não tem aparecido filosofo que domine os problemas de "todas" as ciencias exatas", e Spengler quasi realizou isso. Spengler vasculha de golpe um seculo inteiro, e numa frase correlaciona meia duzia de culturas. Podemos inculpa-lo de juizos apressados e formulas incriveis; mas ha a compensação das sinteses que logo após sobrevêm; é sabido que o excesso de conhecimentos torna-se fatal á unidade, e que a extrema fragmentação arrasta o homem á loucura. Talvez seja isto o que nos está acontecendo agora.

Já que ninguem na America parece ler Spengler, acho de conveniencia expor sem comentarios suas ideias, organi-

zando um mostruario de suas riquezas e explicando-as, se o pudermos. O compreende-lo a fundo exige um trabalho especial de educação, porque para bem compreendermos o passado temos de bem compreender o presente e a nós mesmos; "não podemos viver in-historicamente", sermos arrancados das nossas raizes vale por suicidar-nos — trate-se dum homem ou duma nação. "Historia: compreensão da vida em relação á nossa propria vida". Spengler crê que todos os problemas especiais — ateismo, comercialismo, socialismo, feminismo, restrição da natalidade, pessimismo, impressionismo, Wagner ou a derrocada do casamento e da democracia tornam-se mais claros, como partes dum todo, por meio da iluminação historica — e assim é. Crê ainda que podemos prever o futuro se levarmos em conta as leis, as correlações e sequencias do passado: levantando o mapa do curso das civilizações mortas, nele encontraremos a longitude e a latitude de nossa propria cultura e geração, e estaremos habilitados a prever o nosso destino. "Neste livro, e pela primeira vez, tenta-se predeterminar a historia." "Até aqui tivemos a liberdade de, quanto ao futuro, esperar o que era do nosso agrado. Onde não dominam os fatos, domina o sentimento. Mas daqui por diante será dever de cada homem informar-se do que *pode* acontecer e portanto do que, por força de necessidade ou destino, independente de nossas ideias pessoais, esperanças e desejos, "vai" acontecer". Spengler admite a "possibilidade de transpormos o presente como limite de investigação e predeterminarmos a forma espiritual, o ritmo, a significação, de fases da historia ocidental, "ainda não chegadas."

Poderá ser isto feito? Vejamos.

II — INTERPRETAÇÃO DA HISTÓRIA

"Toda genuina obra historica", diz Spengler, "ou é filosofia ou mera industria de formiga." Porisso a maior parte da historia é um erro: escrita dum ponto de vista de tempo, espaço, religião ou politica muito acanhado, tal historia deixa de dar ao estudante a amplitude de perspectivas e a orien-

tação por meio das quais o conhecimento do passado ilumina o presente e profetiza o futuro. Assim o afastamento (mais a escassez de dados) faz-nos resumir os seculos antes da batalha de Maratona em um capitulo ou dois; não percebemos que Leonidas e Milciades estão no meio, não no começo, da historia escrita; não podemos compreender que a distancia para trás, desde Pericles até as piramides, é muito maior que a distancia desde Pericles até nós. Daí as palavras "antigo", "medievo" e "moderno" estarem mal colocadas para o historiador-filosofo — isto é, para quem deseja ver e compreender a humanidade como um todo no tempo; isto tambem é filosofia, tanto quanto a metafisica tradicional que procura compreender a realidade como um todo no espaço. Os gregos eram "modernos" em relação a Tutmose e Icnaton, e estes eram "modernos" em relação a Queops e Quefren, ou a Sargão I; os faraós das primitivas dinastias considerar-se-iam em país estrangeiro, falando lingua estranha a um povo estranho, se pudessem transportar-se dos tempos de Osiris ás ruas da Tebas Imperial.

E o que se dá com o tempo se dá com o espaço: nosso egotismo e nossos interesses limitam a historia do "mundo" á Europa; a India tem importancia porque os ingleses a conquistaram, e a China tambem a tem simplesmente por ser um mercado de opio; a vasta Asia, que está para a Europa como o continente europeu está para a Inglaterra, merece apenas um ratinhado capitulo nas nossas historias do "mundo". Do mesmo modo, os chineses escrevem a historia universal com fisionomia predominantemente oriental; em trinta volumes cabe um capitulo para Grecia e Roma; o Renascimento e a Reforma não merecem mais que uma linha; e Cesar e Napoleão nem sequer são mencionados. Estamos em historia no ponto em que estavamos em astronomia antes de Copernico; nunca duvidamos de que a nossa aldeia não seja o centro e o sol do mundo. "A mais apropriada designação a este novo sistema de escrever historia seria o de "Sistema de Ptolomeu". Mas o sistema que neste livro apresento considero-o como a "descoberta de Copernico" no campo historico, pois que não admite nenhuma especie de posição privilegiada para o Classico, ou para a Cultura Ocidental, com prejuizo

das culturas da India, Babilonia, Egito, China, Mexico e dos arabes – mundos separados, mas que do ponto da massa contam tanto, no panorama geral da historia, como o Classico, embora frequentemente superando-o em grandeza espiritual e poder." Ésta descoberta da perspectiva mundial na historia é tão vital e momentosa para a filosofia como a descoberta de Copernico o foi para a astronomia.

A historia para Spengler é pluralista, é uma "morfologia" comparada de Culturas – ou a comparação de condições e sequencias analogas e "contemporaneas" de suas mocidades, suas maturidades, seus declinios e mortes. Dessa maneira aprenderemos as caracteristicas "fisionomicas" das "estações" através das quais cada Cultura passou, e ficaremos habilitados a perceber os sintomas de decadencia da Cultura em que vivemos.

A "primavera" é agricola e repousa na economia das aglomerações urbanas rurais. No Egito é o periodo predinastico, ou de "Tinito" (3400-3000 A.C.); na China, o periodo Shang (1700-1300 A.C.); na India, o periodo védico (1300-1200 A.C.); na Grecia e em Roma, os periodos dorico e etrusco (1100-800 A.C.); na Arabia, a éra do primitivo cristianismo e cultos correspondentes, a idade dos Evangelhos e do Talmud, de Mani, Plotino e Origenes (0-300). É um tempo de conquistas, fixação e sagas heroicas: Menes, Rama, Agamemnon, Romulo, Cristo. Acima de tudo é uma época de intensa religiosidade, de mitos em "alto estilo", expressando os terrores e anseios dum povo primitivo e desse modo proporcionando tema e estimulo para as grandes creações da arte do "verão". É a idade do impulso barbarico e do desenvolvimento juvenil.

Com o "verão" aparecem os burgos e a conciencia da aurora da vida. Mas os burgos não são ainda cidades, e somente aqui e ali dominam o campo; as bases da sociedade estão ainda no camponês, sob a estrutura politica feudal. Uma aristocracia de "forma" e gosto se desenvolve, mas ainda não bastante civilizada para lutar. No Egito é o tempo do Velho Reino, a idade das piramides e da estatuaria masculina (2900-2400 A.C.). Na China é o periodo de "Chou" (1300-800

A.C.) que marca o fim do governo central, o surto da nobreza feudal e o aparecimento dos "pre-socraticos chineses", os filosofos anteriores a Confucio. Na India os bramanes sobem ao poder e estabelecem as tres castas (1000-800 A.C.). Na Grecia e em Roma (700-500 A.C.) florescem os cultos de Dionisio e Numa; a nobreza passa a dominar politicamente e se desenvolve em oligarquia aristocratica; é a era de Tales, Anaximenes e Heraclito na Grecia, de Pitagoras, Parmenides e Empedocles na Italia; é sobretudo a idade da coluna dorica, "a verdadeira corporificação do ideal antigo." No Oriente Proximo vemos a culminação da arte nos imperios bizantino e sassanidio — a basilica e a cupula, a coluna e o arco, o mosaico e o arabesco (300-700); no mesmo periodo encontramos os Padres Cristãos no apogeu do veneno e da gloria, lutando contra os nestorianos, os gnosticos, os maniqueos, os monofisitas, os monotelitas, todos a se engalfinharem com reciproca ferocidade; isto, como os historiadores supõem, não corresponde á juventude da Cultura Ocidental, pois não passa do apogeu da alma do "magismo"; coisa do Oriente, não do Ocidente, e que conduz, não á arquitetura gotica e á filosofia escolastica, mas á algebra arabica e á religião maometana, ao Alhambra e ao Taj Mahal. É em todas as Culturas uma idade de instintos impetuosos e de vitalidade juvenil.

O "outono" é a primeira estação da maturidade, e só no fim revela declinio. A aristocracia feudal cede o poder á monarquia centralizada; toda a vida politica da nação se concentra num funcionamento unificado — e o estado entra "em forma". Erguem-se cidades, que desenvolvem um comercio fertilizador da arte, e uma inteligencia critica que exalta a "Era de Luz", que coloca a ciencia e a filosofia acima da religião e lança as sementes do ateismo e da revolução. No Egito temos o Reino Medio (2150-1800 A.C.), a derrocada dos barões feudais pelos faraós de Tebas, a centralização do poder nas mãos dos cabeças da 12.ª dinastia, o apuramento da escultura, a majestade dos templos de Carnac, Luxor e Der-el-Bari. Na China temos a ultima fase do periódo Chou (800-500 A.C.), a epoca de Lao-tse e Confucio — o Rousseau e o Voltaire do Oriente. Na India temos a epoca de Buda (800-500 A.C.), dos sudras e dos grandes

sistemas do Vedanta e da filosofia Iogue. No Oriente Proximo (700-1000) o domo de Santa Sofia representa o dominio da mesquita moura; a trigonometria esferica corôa a matematica arabica; Alfarabi e Avicena lançam as bases da filosofia mourisca. Na Grecia e em Roma (650-300 A.C.) a cidade-estado alcança o seu ponto culminante, eminentes estadistas dirigem o "povo" onipotente e o Senado Romano se torna o mais poderoso corpo dirigente da epoca; a beleza jonia vem juntar-se á força dorica, Praxiteles completa Fidias, Polignoto e Zeuxis levam a pintura grega ao apogeu, Arquitas e Hipocrates dão formas á matematica e á medicina gregas, os sofistas emancipam o intelecto da subordinação a mitos e fés, Socrates mina todos os dogmas com a sua argumentação perguntativa, e o comunismo utopico de Platão (o Rousseau que arruinou Siracusa) anuncia o declinio.

Lentamente a grande maquina da organização social aristocratica chega ao fim, atacada por um racionalismo radical disposto a destruir tudo quanto a razão não pode compreender. No Egito (1788-1680 A.C.) o reino Medio termina com a revolução e a ditadura de generais de fora, e a arte desaparece por duzentos anos; na China a grande dinastia Chou é desmontada (441 A.C.) e segue-se um periodo de revoluções e guerras intestinas; na India o materialismo de Saquia ajuda o budismo ateistico a aluir a velha religião; na Grecia e em Roma (400-300 A.C.) surgem a revolução social e a guerra civil, o radicalismo de Apio Claudio, o despotismo de Alexandre, a graciosa escultura de Lisipo, a habil pintura de Apeles, a filosofia de Aristoteles, a substituição da arquitetura e musica doricas pela coluna corintia e a flauta jonia. Todas as velhas normas e todos os velhos costumes desabam em face do cepticismo, do luxo e da riqueza; a cidade triunfa sobre o campo; o povo (isto é, a classe media com dinheiro) triunfa sobre os proprietarios de terras; a democracia, sobre a aristocracia; o intelecto, sobre o instinto; a filosofia, sobre a religião, a ciencia, sobre a arte. Tudo que é velho sofre menosprezo e se enfraquece; todos os suportes caem: o caos revolucionario sobrevem e os generais tomam conta do mundo.

Finalmente chega o "inverno" — a rapida desintegração das fés antigas, dos costumes e da moral tradicional, das anteriormente solidas aristocracias e soberanias dos estados. Os Hicsos invadem e conquistam o Egito em desordem (1680-1580 A.C.), destruindo todas as formas de governo herdadas; Tutmose III torna-se o chefe e quasi conquista o mundo; Icnaton, faraó-filosofo, repele a religião de Amon, perde as colonias e seus tributos e, impotente, assiste á decadencia do Egito; a Persia, a Assiria, a Grecia, Roma, o Islam e a Inglaterra conquistam-no sucessivamente; por fim do Egito nada mais resta senão miseraveis felás — ou a "fellaheen" — uma população de camponeses tão primitiva e sem historia como a que precedeu as piramides. O "Periodo dos Estados Contendores" (480-230 A.C.) é o seculo 19 da China; a unidade nacional de outrora cinde-se numa confusão de principados em guerra até que Huang-ti, o Augusto do Ocidente, se firma como ditador, queima toda a literatura do passado e põe fim a uma grande Cultura; depois de Huang-ti, a China deixa de ter historia. O budismo (o socialismo da India) destroi o elemento heroico do carater indú, e a conversão de Asoca (264-228 A.C.) marca o fecho da era. O imperio de Alexandre cai aos pedaços por ocasião de sua morte (322 A.C.); a pintura e a escultura helenistica tornam-se subjetivas, "realisticas", teatrais, bizarras; o cinismo e o estoicismo, o epicurismo e o cepticismo, enchem o mundo moral e intelectual de agitação e desespero; os grandes sistemas cedem o passo á "filosofia profissional" e á "literatura de compendio"; Euclides e Arquimedes aperfeiçoam a geometria; a ciencia floresce; a religião morre; por fim a Grecia é conquistada pela barbara Roma. Roma passa da ditadura de Mario e Sila para as de Cesar e Pompeu; desordens internas inhibem a literatura e a arte — muito pouco se faz nesse campo até a vinda de Augusto; em vez disso, constroem-se estradas e aquedutos; a restrição da natalidade dizima a população e deixa Roma, qual concha vazia, exposta á tentação do invasor pilharengo; Marco Aurelio, essa "velha filosofa", é o simbolo da fraqueza e da decadencia; depois dele os germanos entram e não encontram quem lhes resista. No Oriente Proximo o ateismo abala o Islam, seitas comunistas

perturbam o governo dos Abassidas e um sombrio fatalismo (o estoicismo dos arabes) marca o fim do poder creador dos mouros.

Em todos os casos temos o fim duma Cultura graças a uma complexa corrupção denominada "Civilização": o dominio da aristocracia culta pela burguesia dinheirosa; a vitoria da industria e da finança sobre a agricultura; a concentração do poder político, social e economico em vastas megalopolis, ou cidades-metropoles (Tebas, Siracusa, Alexandria, Cartago, Roma, Bizancio), as quais sugam todo o plasma vital do campo e reduzem-no á esterilidade urbana; a substituição da qualidade pela quantidade, do bom gosto pelo exibicionismo, da beleza pela utilidade, da cultura pela riqueza; o triunfo do materialismo e da ciencia sobre a religião e a arte; a desintegração da arte em modas, manias, maneirismos, bizarrices; a aspera procura de novos estimulantes esteticos que excitem a consciencia megalopolitana; o levante das classes baixas em grandes guerras que terminam em revoluções, e em grandes revoluções que terminam em guerras; o advento do cansaço da guerra, do pacifismo, da exaustão do mundo e de novas religiões como meio de fuga á realidade e consolo; a expansão do luxo e do vício, com enfraquecimento do corpo e do carater moral, tornando a nação incapaz de auto-defesa; a extinção da força espiritual criadora; a decadencia da familia e da igreja como fontes de tradição e treino moral; a esterilidade dos inteligentes e a multiplicação do "povo" — isto é, de copiosas massas metropolitanas que flutuam tão impotentes como o "fellaheen"; o lento emergir em plena civilização das condições humanas primitivas; a tentação da desordem nos povos jovens, sequiosos de pilhagem; o advento de conquistadores de fora; o fim.

Eis os "anais da primavera e do outono" da historia. Tudo quanto sobe tem de cair, tudo quanto cresce tem que apodrecer; e não é só isso: todos os estagios e sinais de crescimento e decadencia em todas as Culturas são "contemporaneos" e paralelos, como os sinais e estagios da adolescencia e da maturidade são equivalentes e paralelos em todos os individuos normais de uma raça. Temos de esperar, pois, o encontro duma similar sequencia de mocidade, eclosão, seni-

lidade e morte na Cultura do Ocidente; e nela tambem veremos uma ordenada sucessão de estações, uma primavera de sementeiras, um outono de decadencia. Pergunta-se: e se o nosso outono já estiver passado e a mão da morte já estiver neste momento pousada sobre a nossa vida espiritual e cultural?

III — SURTO E QUEDA DA CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL

1. *Primavera*

Cada Cultura na filosofia de Spengler é um drama em quatro atos, com um movimento da aristocracia e arte para cima e um movimento democratico para baixo — e o fim. A Cultura Ocidental (Europa e America) tem sua origem no sistema feudal do servo e do senhor, que a conquista romana deixou sobre o territorio europeu qual rede de guarnições militares. Sua base, no caso de todas as Culturas que não degeneram em "Civilização", é uma estupida massa de camponios adstritos á terra e que suportam todo o peso da vida economica do mundo. Comparticipando da tarefa do camponês vemos a camponesa,. tão forte e estoica quanto ele, carregando em seu corpo a corrente da vida e vencendo a morte á força de utero. Enquanto o seu homem se gasta fora de casa na faina do solo ou na guerra, a camponia mantem o nivel demografico da raça e a rejuvenesce. "O homem faz historia, a mulher é a historia."

Acima do camponês erguem-se dois senhores, como elementos indispensaveis á criação de uma Cultura: o barão e o padre. O barão representa o tempo e a raça — sua superioridade é o produto da educação e do continuado treino de muitas gerações. O barão não hesita em crer em raça, e tambem em odio de raça; deve portanto defender sua vida e seu sangue. "É a "falta" de raça, e nada mais, que torna os intelectuais — filosofos, doutrinarios, utopistas — incapazes de compreender o fundo secreto deste odio metafisico."

Na opinião de Nietzsche o que faz a grandeza dum país, é essa aristocracia do sangue, preservada do grosseiro prosaismo economico da vida, cultivada no bom gosto, firme em padrões, promotora da guerra e com a ideia de que "a continuação da guerra pelos intelectuais significa o que chamamos politica." "Estados de classe, isto é, estados em que certas classes governam, são os unicos estados. A Propriedade e o Estado nascem das mesmas raizes. Esta é a organização dos estados "reais", em contraposição aos concebidos no papel e no cerebro dos pedantes."

Mas a dominação do barão encontra rivalidade: ao lado do homem de ação surge sempre o homem de pensamento; ao lado do homem de guerra aparece o homem de imaginação e de sutil dialetica; o poder da palavra disputa a supremacia com o poder da espada. Na primavera de cada Cultura o homem que pensa é originariamente o padre, e a primeira grande oposição num estado é a entre a catedral e o castelo, entre o bispo e o fidalgo. Lá pelo topo da Idade Media surge o conflito entre o Imperio e o Papado, que no fim degenera na luta entre governantes e intelectuais, guerreiros e pacifistas, estadistas e utopicos.

A oposição é, em sua primeira forma, criadora, e a religião participa com a guerra da paternidade da Cultura. "Cultura é sempre sinonima de criatividade religiosa. Cada grande Cultura começa com o poderoso tema que emerge do que é suburbano, cresce em cidades de arte e intelecto e termina no materialismo das grandes metropoles." A imemorial pobreza do povo gera uma poderosa fantasia religiosa, que nutre a arte e a literatura e constroi um mundo ideal, de mais realidade para a mente piedosa do que a propria realidade. O moto da religião é "crer porque é absurdo"; sua essencia é "o incognoscivel como certeza, o sobrenatural como fato, a vida como existencia num mundo que não é palpavel, mas é verdadeiro. Jesus só viveu nesse mundo."

E assim como dos barões feudais procedem o estado, a cavalaria e o codigo da honra, assim tambem do cristianismo remodelado pelo homem germanico procedem aquelas formas especificas de moralidade, ciencia, filosofia, lingua, literatura,

pintura, arquitetura e escultura que dão forma espiritual á Europa medieva. Os codigos morais trazem a marca das Culturas em que nascem e só são validos para elas; unicamente um missionario pensará em aplicar as mesmas formas de julgamento moral a todo o genero humano. Nosso desejo de sujeitar o mundo inteiro á nossa propria moralidade é peculiar ao egoismo expansivo e ao inquieto descontentamento do homem ocidental — o homem "faustiano." Os povos antigos não mostravam essa furia de converter os demais a um mesmo codigo etico; "na antiguidade classica não existem reformadores do mundo."

> Tudo que é faustiano anseia por dominar sozinho. O sentimento apolineo (grego)... é naturalmente tolerante... Conosco, cada "movimento" se norteia para o vencer, ao passo que cada "atitude" classica apenas quer *ser*, e pouco se preocupa com a moral do vizinho... Vontade-de-poder: o apaixonado esforço para estabelecer a moral propria como a verdade universal e impô-la á humanidade... eis a nossa principal caracteristica.

Quasi como se estivesse aplicando Einstein á historia, Spengler prega a relatividade historica: tudo, até a verdade, é coisa propria do seu tempo e lugar, de nada valendo em outro tempo e lugar; "para outros homens haverá diferentes verdades." "Não existe *uma* escultura, *uma* pintura, *uma* matematica, *uma* fisica, mas muitas, cada qual, em sua essencia, diversa das outras... justamente como cada especie de planta possue a sua flor ou fruta peculiar."

A propria ciencia é relativa e "fisionomica"; seu carater, seus dogmas e mesmo os seus axiomas mudam duma Cultura para outra e revelam o seu tempo; a matematica do ocidente, influida pela sede de infinito do homem faustiano, difere muito da calma e fechada geometria de Euclides, do mesmo modo que a complexidade da catedral de Chartres difere da simplicidade discreta do Parténon. "Por essa razão o leitor não deverá estranhar se falo dum barroco, ou mesmo dum estilo jesuita na psicologia, na matematica e na fisica pura." A lingua tambem reflete o povo e a epoca: o modesto e simples "feci" dos romanos torna-se, com o individualismo

do Ocidente, *ego habeo factum — j'ai fait — I have done — eu fiz.*

Já na primavera do Ocidente a arte toma um carater subjetivo e espiritual inteiramente diverso da "fisica" objetiva dos classicos. A arte ocidental exprime a alma interior, reflete a insaciabilidade; a arte grega exprime com calma moderação a beleza externa; movimento e repouso, aspiração e realidade, espirito e corpo — eis o que as distingue. "O interior das catedrais goticas exsuda força primaveril, mas o templo grego queda-se em majestatico repouso." A catedral gotica e os arcobotantes são para a Cultura Ocidental o que a coluna e o templo dorico foram para a Grecia — suprema corporização de grandes epocas de juventude na historia europeia. Do mesmo modo, as Cruzadas são o correspondente ocidental da Guerra de Troia e os "Niebelungenlied" são a "Iliada" teutonica — e o Renascimento é a volta de Dionisio. Com o Renascimento começa o verão do Ocidente.

2. *Verão*

O Renascimento não é um rebroto, sim a maturação da "Idade Media". Todas as raizes da incubação e desenvolvimento medieval abrem-se em florescencia; a jovem Europa exulta á conciencia de que a juventude chegou a termo e a maturidade começou. O seculo 16 e 17, e não a "Éra da Luz" do seculo 18, representa o zenite da alma ocidental.

E isso tanto na Italia como, mais ainda, na França. A Italia produz arte inexcedida, mas suas cidades caem na desordem e na dependencia por falta de governo sadio. Na França o feudalismo sazonou numa aristocracia a serviço do Estado; "a ideia de estado dominou finalmente o sangue da primitiva propriedade e pô-la inteira a seu serviço." "Mantem-se mais firme o estado em que a nobreza, ou a tradição formada pela nobreza, está inteira a serviço da causa comum, como o foi em Esparta, em Roma, sob Tsin" ou sob Luiz XIV. O segredo numero um dum grande estado é o bom sangue no poder; o segundo segredo é a tradição estabelecida por este sangue posta a sustentar a vida politica e cultural por

meio de padrões e "gostos" formados em seculos, imunes e modas e fantasias loucas, que são os ventos e tempestades do "povo". "A criação da tradição significa eliminação do incidente". Uma tradição dá origem a uma media mais alta, com a qual o futuro pode contar — não Cesar, mas um Senado; não Napoleão, mas um incomparavel corpo tecnico." Foi nisto que Frederico Guilherme I e Moltke venceram e Bismarck falhou; quando o Chanceler de Ferro caiu, ele não havia criado nenhum corpo ou tradição para prosseguir em sua obra. "A tradição pode dispensar o genio porque é em si uma força cosmica da maior capacidade." "O genuino estadista equivale a historia encarnada; correspondente á historia expressa por uma vontade individual; tem o carater da logica organica da historia." Quando uma aristocracia dominante está no apogeu, como na Inglaterra de 1600 e na França de 1700, o estado revela-se "em forma", como o atleta que está em perfeitas condições. "Em todas as altas Culturas ha uma classe camponesa que é a raça... e ha uma sociedade que está "em forma". Quando uma sequencia aristocratica ou uma tradição morre, segue-se o caos, e em vez da liberdade sobrevem a ditadura.

Esta idade de verão foi dum forte poder criador em materia de governo, ciencia, literatura, filosofia e arte. Considere-se Cosme e Lourenço de Medicis, Leão X e Julio II, Francisco I e Henrique IV, Calvino e Cromwell, Richelieu e Mazarino, Carlos V e Felipe II, Luiz XIV e Carlos XII, Henrique VIII e Isabel, Guilherme o Taciturno e Pedro o Grande. Foi uma idade de vistas largas e de sistemas nas pesquisas e na especulação: Copernico e Galileu, Descartes e Pascal, Leibnitz e Fermat, Harvey e Newton, Bruno e Spinoza, Bacon e Locke e Hobbes. As matematicas tomaram então a sua forma tipica, na qual os numeros, que entre os gregos significavam apenas quantidades, passaram a significar função e relação num mundo em mudança. A estatica cedeu á dinamica, a geometria de Euclides cedeu á geometria analista e ao calculo diferencial; diferença igual á que ha entre o dorico e o gotico, entre a escultura e a musica. O proprio numero não é universalmente o mesmo: significa algo

diverso para o hindu, o arabe, o grego, o europeu ocidental. O mesmo com a geometria e a astronomia; o espaço sem fim é o simbolo do norte, a limitação é o simbolo da antiguidade. Funções periodicas, séries irracionais — que é isto senão simbolo da dinamica fluidez do Ocidente? "Qual dos nossos historiadores percebe que entre o calculo diferencial e a dinamica politica do tempo de Luiz XIV, entre a cidade-estado classica e a geometria euclidiana, entre o espaço-perspectiva da pintura ocidental e a conquista da distancia pelos trens, pelo telefone, pelas armas de longo alcance, entre o contraponto musical e o credito economico, ha profundas uniformidades?" O leitor perde o folego aqui, mas temos de tocar para a frente.

A epoca é a dos grandes seculos de arte; apenas a musica reservará o seu triunfo para o outono. Foi o tempo de Rafael e Miguel Angelo, de Giorgione, Correggio, Tintoretto e Ticiano; de Velasquez e El Greco; de Fraz Halls e Rembrandt, de Rubens e Van Dyck. Desde os tempos do Partenon não surgira igual esplendor.

Mas já os sintomas da decadencia começavam a aparecer, do mesmo modo que, ás vezes, no meio do verão, folhas de arvores empalidecem e morrem. O subjetivismo, a introversão e a saudade que falam na arte moderna, encontraram sua primeira voz em Buonarotti, "ha mais psicologia (e menos "Natureza") no braço dum escravo de Miguel Angelo do que em toda uma cabeça do "Hermes" de Praxiteles."

E em pleno apogeu do Ocidente a desintegração ressôa, qual um preludio, na Reforma. Porque a Cultura fôra erguida com base na religião, sobre uma mitologia e uma etica corporificada nas lendas medievais, no sacerdotalismo, nos sacramentos e na igreja; não poderia sofrer golpes como os desferidos por Lutero, Savonarola, Wyclef, Huss e Calvino sem perturbar-se, talvez irremediavelmente, nas antigas bases teologicas da moral e do estado europeu. As Teses de Wittenberg foram o prolongo da Revolução Francesa, na qual a Cultura Ocidental subiu á guilhotina.

3. *Outono*

"Para os revolucionarios só tem valor o que é justificado pela razão." Depois do reinado da tradição e da ordem, surge a idade da razão e da liberdade; é lei da historia que cada epoca desfaça a precedente. As ultimas fases duma Cultura são comumente periodos de muita leitura e muita atividade dos escritores; a vitalidade decresce, refugiando-se nos livros. "Começa então a influencia dos livros e das teorias gerais sobre a politica — na China de Lao-tse, do mesmo modo que na Atenas de Sofocles ou na Europa de Montesquieu." Entrajada nas vestes que lhes deu Locke, os principios da liberdade inglesa penetram na França e passam para o resto do mundo; o infortunio da Europa é que toda especie de gente possa compreender Voltaire e Rousseau, embora a população não lhes apreenda a alta sabedoria. "Só suas palavras de propaganda constituem fatos — o residuo do sistema sociologico ou filosofico de que elas procedem não tem importancia para a historia. Mas tais *palavras de propaganda* ha dois seculos que se revelam forças de primeira ordem, mais eficazes ainda que o pulsar do sangue, já a arrefecer nas grandes metropoles."

As cidades sobrepujaram o campo em riqueza e poder economico, e a aristocracia rural está perdendo a hegemonia na vida nacional. Surge a burguesia, a qual se vendo em todos os setores bloqueada pelos privilegios aristocraticos, pelas exclusividades, pelas tradições e peagens, dá surto ás "deixas" de liberdade, igualdade e fraternidade e apoia os grandes escritores que conciente ou inconcientemente lhe servem aos propositos. Graças a esta situação é que o "filosofo" chega ao poder — o intelectual da "Éra da Luz" — a força mais destruidora da historia.

Oh, como Spengler odeia o intelectual! Sua ciumosa adoração da vida ativa fa-lo detestar o intelectual com um odio de intelectual — odio que o leva á eloquencia:

> "Ha homens do destino (pensadores e homens de ação). Todo um mundo separa o homem vivo — camponês ou soldado, estadista ou general, homem de sociedade ou do comercio, todos que querem prosperar, mandar, lutar

e ousar, organizadores e empreiteiros, aventureiros ou jogadores — do homem que é destinado, ou pela força de seu cerebro ou por defeito de seu sangue, a ser "intelectual" — o santo, o padre, o sabio, o idealista ou o ideologo... Tudo o que *propulsiona*: — a visão rapida, a fé em sua estrela, comum a todos os homens de ação, constitue algo totalmente diverso da fé na verdade dum ponto de vista; as vozes do sangue que falam nos momentos decisivos e a irredutivel convicção que justifica todos os fins e todos os meios — tudo isto é negado pelo homem de meditação e de analise. As proprias passadas do homem de ação ressôam diferentes, ressôam mais solidas que as do pensador, no qual a atitude mental microcosmica não permite uma firme relação com o solo."

Mas a tragedia do seculo XVIII foi que o intelectual ficou de cima; o aristocrata deixou-se convencer de que a aristocracia era injusta e passou a chefiar a destruição da classe. Antes de mais nada torna-se ateu; aceita Copernico, depois Voltaire, depois Holbach e Diderot. "Dos ultimos dias do Renascimento para diante, á noção de Deus começa a confundir-se, no espirito de cada homem de alta significação, com a ideia do espaço infinito." Mas Deus e Rei, Igreja e Estado, estavam muito intimamente ligados, de modo que quando um cài os outros entram a vacilar; o crepusculo dos deuses coincide com o esmorecer dos estados. Quando o velho suporte da piedade foi removido, todo o edifício social ficou precariamente suspenso no ar; "o milagre do cristianismo", como o denominou Napoleão (que o pobre não trucidasse o rico), chegou ao fim: o "povo" começou a ameaçar a ordem estabelecida e a abrir as prisões; os camponeses começaram a saquear, a queimar os castelos, a matar. A estrutura basica da Cultura desmoronou.

Essa estrutura caiu no momento em que o nivel da maturidade alcançou o nivel da decadencia. Que bela havia sido a vida dos aristocratas! — com seus Watteaus, seus Houdons, seus Coysevoix, seus Racines e Corneilles, seus Versalhes e Fontainebleaus, seus castelos e salões, seus vestuários suntuosos, seu Rambouillet e suas *preciosas*, seus Gluck, Lully e Rameau, seus Bach e Haydn e Mozart, seu Molière e seu

Fontenelle, seu La Rochefoucauld e seu La Bruyère, sua musica de camera e seu minueto, suas quadrilhas e sarabandas, seu gracioso adulterio e sua agudeza atica!

Mas tinha de passar porque o dinheiro entrou a ser mais forte que a propriedade rural, a cidade mais forte que o feudo, o banqueiro mais forte que o barão; "a naturalissima aliança entre a alta finança e as massas... para a destruição das tradições do sangue" saiu vencedora. Os barões abandonaram seus feudos, agregaram-se á Côrte, tornaram-se enfeites inuteis e sem funções na vida economica e politica duma terra governada pelos reis e pelos negociantes; foram decaindo por dentro antes de receberem por fora o golpe mortal da Revolução. A Cultura principiou a morrer com o abandono do solo. Quando a Revolução veio, a vitoria da cidade sobre o campo já era simbolicamente completa; daí por diante a França torna-se uma provincia de Paris.

Repentinamente toda a macia beleza da idade moribunda cai ao golpe de monstruosa faca; toda a velha estrutura social, a moralidade e o estado, foram engulidos pela onda de raiva represa. Exploração, militarismo e incompetencia foram substituidos por incompetencia, militarismo e exploração. O barão cedeu o passo ao banqueiro; o rei, ao orador; o padre, á imprensa. A Cultura chegou ao fim e a "Civilização" começou. Nossa raça jamais conhecerá novamente uma tão grande epoca.

IV — DEGENERAÇÃO

1. *Fatores básicos da decadência*

O declinio do Ocidente começa com o surto da maquina; a Revolução Industrial trouxe consigo a "modernidade" e a decadencia. A Idade Media foi um começo, não um interludio; o Renascimento foi uma culminação. Porque a maquina destroi tanto o homem do campo como o aristocrata; a sociedade perde suas bases naturais; nada permanece, exceto as grandes metropoles atulhadas de mecanismos, super-povoadas de operarios escravos e da burguesia inculta. A maquina

substitue a semente como simbolo da casualidade e de Deus; gera e multiplica-se indefinidamente, até que todos os homens se ajoelhem diante de sua majestade o Poder.

> E essas maquinas se tornam cada vez menos humanas, mais asceticas, esotericas, misticas. Entretecem o mundo inteiro com uma infinita teia de forças sutis, correntes e tensões. Seus corpos se tornam cada vez mais imateriais, cada vez mais silenciosos. As rodas, os rolamentos, as alavancas, não emitem sons. Tudo que tem importancia retira-se de seu interior... O centro deste reino artificial e complicado é o *engenheiro* — o padre da maquina.

Os antigos diziam "conhecimento é virtude"; o moderno diz "conhecimento é poder". E assim a riqueza vem e a paz retira-se. O corpo prospera e a alma decai. Pois, que vale ao homem ganhar o mundo inteiro se ele perde a honra, o senso da beleza, as boas maneiras e o bom gosto, a sua força espiritual como artista, poeta, homem de estado, filosofo e santo? O industrial, o comerciante, o financeiro jamais criam, unicamente acumulam e permutam; sua ocupação se resume em transferir dinheiro do bolso alheio para o seu; sua atividade se limita a amontoar coisas, fazer grandes vendas, grandes fortunas, grandes predios; nunca em produzir qualidade pela insuflação da alma na materia. O homem que mais amontoa torna-se o senhor; o manufatureiro escraviza o operario, o comerciante escraviza o manufatureiro, o financeiro escraviza o comerciante; por toda parte, quando a Cultura morre, o dinheiro ergue-se como o Deus Unico, não admitindo outros deuses a seu lado. A "ditadura do dinheiro" é o invariavel anuncio da decadencia.

O caracteristico da decadencia é a metropole, a megalopolis, as cidades-mundo: para Tebas, Babilonia, Cartago, Alexandria e Roma, temos hoje Paris, Londres, Berlim e New York; "toda a historia se encurrala em meia duzia de grandes centros." "O surto de New York á posição de cidade-mundial durante a Guerra Civil Americana poderá talvez constituir o mais importante evento historico do seculo." Na "Civilização" a cidade absorve toda a vida do mundo; não somente o campo, a aldeia e a aristocracia rural decaem, como nações

inteiras (Escandinavia, China) e continentes (Africa, America do Sul) se tornam "provincias" fornecedoras de artigos de alimentação e minerios, recebendo das distantes capitais emprestimos e ordens. Todos os problemas e todo pensamento se tornam problemas da cidade, pensamentos da cidade; socialismo, darwinismo, restrição da natalidade, Ibsen, Shaw — que tem isso tudo que ver com o campo?

> Olhando do alto duma torre sobre o mar de casas, percebemos nossa petrificação dum momento historico a epoca que marca o fim dum crescimento organico... Em todas as Civilizações essas cidades visam a forma do taboleiro de xadrez — esse simbolo da ausencia de alma... Tais cidades não possuem alma.

Paris e Berlim possuem cerebro, as moribundas Munich e Viena possuem alma. A cidade-mundo só tem intelecto; é habil, ceptica, pratica, irreligiosa, esteril; despreza a morosa astucia e a profundidade racial do espirito camponio do mesmo modo que o aristocrata despreza o superficial intelectualismo da cidade. O camponio é mais velho, mais enraizado, mais real; lentamente, porém, á proporção que a Cultura morre, as cidades parasitas atraem-no e digerem-no. Depois de digerido, redu-lo a uma proletario sem raizes, sem péga no solo, errante de fabrica em fabrica para a conquista dum pão que vem de fora. E surge o "fellaheen" das cidades,

> a fluidica populaça metropolitana... que substituiu o Povo. Constituem-na os ociosos dos mercados e praças de Roma e Alexandria, os leitores de jornais dos nossos tempos; os homens "educados" que fazem da mediocridade intelectual um culto e uma igreja de propaganda; o homem dos teatros e casas de diversões, dos esportes e dos "best-sellers"... Cinema, expressionismo, teosofia, lutas de box, dansas negras, poker e corridas — tudo isso houve em Roma... A reaparição do *panem et circensis* sob forma de disputa sobre salarios e partidas de futebol... As *Massas* repelem a Cultura. São o absoluto do "sem forma", a perseguir com seu odio todas as especies de fórmas, todas as distinções de hierarquia, toda ordenação de propriedade e de conhecimento. Formam o novo nomadismo da Cosmopolis, para o qual os escravos do mundo classico,

Sudras na India, e em geral tudo que é meramente humano, fornecem um material flutuante — qualquer coisa que cai de lado no momento em que nasce, e nem reconhece passado nem possue futuro... A massa é o fim.

E então, nessas cidades-mundo, a Cultura degenera em "Civilização".

Porque cada Cultura tem a *sua propria* Civilização. Pela primeira vez, neste trabalho, as duas palavras, até aqui usadas para definir uma indefinida distinção mais ou menos etica, aparecem com um *sentido de tempo*, para expressar uma estrita e necessaria *sucessão organica*. A Civilização constitue o inevitavel destino da Cultura... As Civilizações são uma conclusão: a morte a seguir a vida, a rigidez a seguir a expansão, a idade intelectual e a petrificação nas cidades-mundo a seguirem a mãe-terra e a espiritual meninice do dorico e do gotico. São um fim inelutavel, que sobrevem por força duma necessidade interna... Cultura e Civilização — o corpo vivo duma alma e sua mumia. Para a existencia ocidental a distinção aparece no ano 1800; dum lado desta fronteira a vida mostra-se em plenitude, formada por crescimento que vem do interior numa ininterrupta evolução da infancia gotica até Goethe e Nietzsche; e do outro lado, o outoniço, o artificial das nossas grandes cidades sem raizes, sob formas afeiçoadas pelo intelecto.

O principal efeito deste intelectualismo sem fundo racial e sem compreensão historica é a esterilidade — não apenas a extinção da grande arte, da filosofia profunda e das boas maneiras, mas o suicidio da raça por meio da restrição procreadora, "um fenomeno que não é de hoje, mas já foi lamentado na Roma Imperial e na China Imperial." O ignorante continua a proliferar; o educado esteriliza-se; o trabalho do educador se sente assim anulado pela restrição da natalidade; a reprodução da ignorancia sobreexcede a propagação da inteligencia. Porque o intelecto é tão individualistico como o instinto é racial; o instinto arrasta-nos á propagação da especie, o intelecto corta os laços entre o individuo e a raça, só pensa do ponto de vista da auto-preservação e do gozo, torna o sexo independente do fim procriativo e põe fim á cêpa que fez a Cultura. "Quando o pensamento comum dum povo altamente cultivado começa a olhar o "ter filhos" como

simples questão de prós e contras, a virada já começou." As mulheres cessam de ser primacialmente mães e donas de casa; casam-se, menos para ter prole do que para brinquedo sexual; fazem do casamento "carreira", enchem-se de ocupações anti-naturais que nunca lhes satisfazem a natureza e a alma. A mulher torna-se um problema na literatura e dá surto aos Ibsens e Shaws.

> A Nora, da *Casa de Boneca*, é o perfeito tipo da provinciana que desencarrilhou por força de leituras... O mesmo caso da americana que por coisa nenhuma pode perder uma "estação", ou da parisiense receosa de que seu amante a largue, ou da heroina de Ibsen que "pertence a si mesma" — todas elas pertencem a si mesmas e são infecundas... Neste ponto todas as Civilizações entram numa fase, que dura séculos, de apavorante despopulação. A piramide inteira do homem cultural se desvanece. Desaba pelo vertice — primeiro, as cidades-mundo; depois, as formas provinciais; e finalmente, o proprio campo, cujo melhor sangue corre para as cidades para alimenta-las por mais algum tempo. No fim de tudo, só o sangue primitivo permanece vivo, porém roubado de seus mais fortes e promissores elementos. E surge um residuo ao tipo do felá egipcio.

2. *Arte*

De par com este enfraquecimento do sangue opera-se uma gradual extinção da força criadora na literatura e nas artes. O jornalismo — "prostituição intelectual masculina na escrita" — substitue a literatura; "o drama já não é poesia no velho sentido dos tempos da Cultura, mas forma de agitação, debate e demonstração" — o artigo de fundo no palco; no começo, artigo moralizador (Ibsen, Shaw); depois, quando o intelecto já não mostra senso de grupo ou raça, simples força desmoralizante.

A frouxa fluidez da epoca tem seu simbolo na arte predominante, que é a musica; do mesmo modo como a escultura simboliza o Ser, a Raça, a Cultura, assim a musica moderna simboliza a Cidade e a Civilização; Berlioz, Liszt, Wagner são preludios da morte, como Bach e Mozart foram o produto do vertice da vida; em "Tristão e Isolda" a disso-

lução se torna audivel. Cada Cultura caracteriza-se pela sua escolha duma arte favorita, e "nenhuma arte de qualquer grandeza jamais renasceu." O verdadeiro sucessor de Miguel Angelo "foi Palestrina"; desde esses dias até hoje a pintura, a escultura e a arquitetura têm decaido — e a musica triunfado. Quando os sépias de Rembrandt cederam ao verde impressionista, o fato novamente valeu por um simbolo e um marco: a Cultura já se tinha ido e a Civilização entrara; o burgo se fôra e a cidade viera. O impressionismo com suas grosseiras bizarrias e chocantes novidades

> realmente significa uma concessão ao barbarismo de Megalopolis, o começo da dissolução sensivelmente manifestada numa mistura de brutalidade e refinamento. Como passo, é ele necessariamente o ultimo passo. Arte artificial não tem futuro organico, constitue marca dum fim. E a mais cruel conclusão é que essa arte domina todas as outras no Ocidente... O que hoje, se pratica sob o nome de arte... não passa de impotencia e falsidade... Que temos hoje como "arte"? Musica mistificada, cheia de barulhos artificiais e de instrumentos aglomerados; pintura mistificada, plena de efeitos idioticos, exoticos, de cartaz, apresentada cada decenio como um "estilo"... uma mentirosa plastica que saqueia indiferentemente a Assiria, o Egito ou o Mexico... Na grande pintura ou na grande musica a gente ocidental não pensa. Suas possibilidades arquiteturais parecem exaustas, nestes cem anos. Unicamente as *possibilidades extensivas subsistem...* Estamos hoje a fazer uma tediosa acrobacia com formas já mortas, para dar-nos a ilusão duma arte viva.

3. *Ciência*

Não; a vida de hoje não está na arte mas na ciencia, e acima de tudo na mecanica e na engenharia; ha mais inteligencia, e até mais bom gosto, em qualquer empreendimento de engenharia de primeira classe do que em toda a musica e pintura da Europa contemporanea; ha mais beleza num transatlantico, numa estrutura de aço, num torno de precisão, numa formula matematica ou numa teoria fisica do que em "todos os furtos e plagios das atuais artes e oficios."

A coisa de mais beleza no seculo 19 é o trabalho dos matematicos — a sutil finura da geometria não-euclidiana, as profundas visões de Riemann e Gauss. Como são estas matematicas caracteristicamente diferentes das da Grecia antiga! Nestas, o numero como magnitude; hoje, o numero como função; na Grecia, o senso do espaço; entre nós, o senso do tempo; na Grecia, o senso da limitação; entre nós, o Infinito — "o simbolo da alma faustiniana, o Espaço Sem Limites." A propria ciencia se tinge das cores da epoca; "Natureza" é uma função da Cultura que a descreve; cada teoria do mundo reflete seu tempo e lugar; a ciencia, do mesmo modo que a historia, é uma *convenção*, uma fabula aceita. A moda de hoje proibe aos homens falar em demonios e espiritos; consequentemente, a ciencia fala de "eletricidade", "energia posicional" e "força"; o industrialismo substitue a agricultura, e a "morta Natureza de Newton" substitue, na ciencia, a "viva Natureza de Goethe". A "luta pela vida", de Darwin — conceito nascido da competição burguesa — desbanca o aristocratico ideal do auto-desenvolvimento não-competitivo; a evolução é concebida como resultado de forças e estimulos de fora, não como efeito do desejo e da vontade interior; a psicologia coloca "em lugar dum *organismo* um *mecanismo*", no qual "percebemos a falta daquilo que dá vida aos nossos sentimentos." Ciencia é o que o homem é; o homem a cria á sua imagem, do mesmo modo que criou Deus.

A popularidade da teoria mecanica, na psicologia e na filosofia, é em si um simbolo de decadencia, um sintoma de enfraquecimento da vontade na raça e no individuo. Os homens fortes crêem mais em destino do que em causa, crêem mais no que os impele para a frente do que no que espicaça por trás, crêem mais numa força interna do que em estimulos externos. "O organico é o fundamento do mecanico", e a "direção é a origem da extensão...; causalidade é o destino em estado de rigidez...; destino e causalidade são como Historia e Natureza — a coisa em ação e a coisa já agida."

> O ceptico representa o espirito ocidental como mecanismo... Forçando o rigido esquema duma relação espacial e anti-temporal de causa e efeito sobre algo vivo (os mecanistas) desfiguram a face visivel da coisa em ação por meio de lineamentos de uma natureza fisica e, levados

desde o começo pelo *milieu* megalopolitano, de mentalidade causal, tornam-se inconcientes quanto ao absurdo duma ciencia que procura compreender uma coisa organica em ação como a *maquinaria* da coisa já agida... A ideia mecanica do mundo..., não destituida de arrogancia..., dita a proposição de que a representação mecanica do mundo é o mundo... Mas Platão e Goethe rejeitaram-na e refutaram-na... Será a tarefa caracteristica do seculo 20, quando comparado com o seculo 19, desembaraçar-se deste superficial sistema de causalidade.

Até no nobre edificio da ciencia, portanto, sinais de fraqueza e degeneração assinalam nossa idade. No proprio momento em que o intelecto urbano abandona a religião e faz da ciencia uma nova fé, a ciencia começa a decair. Torna-se caracteristico de cada Cultura que em seu outono a arte ceda o caminho á ciencia; e que em seu inverno a ciencia tambem comparticipe da morte geral. A fisica ocidental está obviamente no fim; desempenhou sua missão historica de transformar o "faustiano sentimento natural" da coisa viva que cresce, num "conhecimento intelectual" de algo mecanico e morto; chegou ao atomo e verificou a inutilidade de todas as suas orgulhosas categorias; e a fisica desfecha numa quasi risivel rendição ao misticismo atomico. "É impossivel ajeitar a teoria dos Quanta aos grupos de hipoteses da mecanica "classica"...; todavia juntamente com o principio da continuidade causal, a base do Calculo Infinitesimal está ameaçada." A Segunda Lei da termodinamica torna-se a odiosa pedra de fecho da ciencia: todos os processos da Natureza são irreversiveis, toda energia decae. As Matematicas no Ocidente nunca mais alcançarão os picos de Newton e Leibnitz, de Riemann e Gauss; "a ideação em grande estilo chegou ao fim." "Tanto na fisica como na quimica, tanto na biologia como na matematica, mortos estão os grandes mestres, e assistimos agora ao *decrescendo* da brilhante investigação que lembrava a dos sabios alexandrinos da éra romana."

4. *Filosofia*

O mesmo se dá com a filosofia, na qual a decadencia se torna patente a todos. "Por filosofia queremos dizer filosofia

efetiva, não sutilezas academicas e epistemologicas." Até os nossos tempos os grandes filosofos eram homens de sociedade, estadistas, reformadores em ação e não meramente teoricos; pense-se em Confucio, diversas vezes ministro; em Pitagoras, um organizador; nos presocraticos, "mercadores e politicos *en grand*"; em Platão e sua aventura em Siracusa; em Hobbes, "um dos fundadores do imperio colonial inglês"; em Leibnitz, que criava ciencias enquanto ensinava a Luiz XIV mais do que este poderia compreender quanto ao futuro do Reno e de Suez; de Goethe, que tomava parte em tudo e provou ser um excelente ministro num estado muito mesquinho para alcançar suas ideias. Para tais homens, a "epistemologia", ou ciencia do conhecimento, não significava nenhum brinquedo com as realidades do mundo externo, mas sim "conhecimento das importantes relações da vida real." "O que falta aos filosofos de hoje... é um pé firme na vida real. Nenhum deles interveio efetivamente com um só ato ou ideia na alta politica, no desenvolvimento da tecnica moderna, nem no desenvolvimento das comunicações, nem em economia ou outra "grande coisa" da atualidade. Nenhum deles é levado em conta... Por que sorrimos com piedade á simples ideia de chamar um deles a provar a sua capacidade no governo, na diplomacia, nas grandes organizações?" Os verdadeiros filosofos da nossa éra são os dramaturgos; "comparados a eles, nenhum dos nossos filosofos conferencistas e sistematistas vale nada. Tudo que estes pedantes fizeram por nós foi escrever e reescrever a historia da filosofia (e que historia! coleção de datas e "resultados"), e de tal modo que ninguem hoje sabe o que a historia da filosofia é ou pode ser."

Dois fenomenos correlativos aparecem neste processo de decadencia: eruditos academicos cuja ciencia perde o contacto com a vida, e vulgarizadores que tornam agradavel e acessivel ao publico a ciencia já abandonada pelos laboratorios e escolas. Ciencia e filosofia transformam-se em religião esoterica, com professores sacerdotais, com o grau de doutor elevado ao nivel duma ordenação. "Os não-iniciados são rigorosamente tratados de "leigos", e a ciencia popular é apaixonadamente combatida... A lingua da eru-

dição foi originalmente o latim, mas hoje inumeras linguas especiais se formaram, só inteligiveis aos iniciados." Um grupo de escritores aparece necessariamente, que procuram anular o abismo entre o leigo e o tecnico; mas o "compendio de literatura" que eles produzem é, justamente "porisso", um sinal de decadencia. Através da influencia desses escritores uma reação se desenha contra a metafisica; o positivismo, que é o utilitarismo na filosofia, revela a vitoria da burguesia nos dominios do pensamento. A etica substitue a metafisica; "questões de alcool e de regime vegetariano são tratadas com religiosa seriedade"; "a vida pratica se torna centro de consideração", e "a paixão do pensamento deperece." Zeno o Estoico substitue Aristoteles, Schopenhauer substitue Kant.

A idade dos grandes sistemas se foi; o cepticismo minou a coragem para as coisas grandes. A duvida e o pessimismo de Schopenhauer constituem a filosofia logica da "Civilização"; e embora o romantismo levante de novo a cabeça com Nietzsche, o tom de Schopenhauer triunfa e uma desesperançada lividez recae sobre o pensamento do Ocidente. O conhecimento perdeu o orgulho; volta a Socrates e confessa que nada sabe; volta a Protagoras e admite que, como o homem é a medida de todas as coisas, todas as "verdades" são relativas ou só verdadeiras para um dado individuo num dado momento. Einstein significa "finis"; será daqui por diante impossivel ao homem tomar-se novamente a serio. "A propria vida tornou-se problematica"; surge o tema: "Será a vida merecedora de ser vivida?" Alguns filistinos erigem o progresso em religião, e acalentam os corações que se esvaziaram com a perda do Eden falando em transmissão e acumulação de cultura. Mas cultura não é coisa transmissivel, tem que crescer no lugar; não pode ser dada ao espirito, tem de enraizar-se na alma; é indigena e unica; impossivel transferir a arquitetura gotica, o drama atico, ou a arte da fuga musical para solo estranho; Cultura não pode ser exportada. O que pode ser transferivel é a Civilização, isto é, os instrumentos, os metodos tecnicos, os vestuarios externos, as modas da vida e do espirito; mas isso não representa progresso, sim, unicamente, "mudança". O "Genero Humano" não tem objetivo, nem plano, do mesmo modo que a familia das borboletas ou das orquideas. É uma

expressão zoologica ou uma palavra oca... A historia da humanidade não tem nenhuma significação; "só ha significação profunda no curso vital das diferentes Culturas." E sendo assim, nenhuma filosofia em grande estilo poderá aparecer; nada nos ficou senão o cepticismo, o pirronismo da éra alexandrina. E talvez que a "in-filosofica filosofia" de hoje seja "a ultima filosofia que a Europa Ocidental conhecerá."

5. *Religião*

Sob tais condições surge essa estranha mistura de ateismo e piedade que assinala o periodo de morte de todos os estados historicos. As classes superiores abandonam a fé e as classes inferiores restauram-na sob mil formas, mais grotescas que as velhas. Em seu primeiro estagio — isto é, na primavera — a filosofia faz parte da religião; no verão emancipa-se; no inverno a destroi. "Como a essencia de todas as Culturas é a religião, assim — e "consequentemente" — a essencia de cada Civilização é a irreligião; estas duas palavras são sinonimas... As megalopolis, antagonicas ás velhas cidades culturais (Alexandria contra Atenas, Paris contra Bruges, Berlim contra Nuremberg), são em absoluto irreligiosas, até no aspecto das ruas, até na seca inteligencia dos rostos... O ateismo é coisa das cidades metropoles, dos "homens educados", dos centros que adquirem mecanicamente o que seus pais, os criadores da Cultura, viveram organicamente"; isto quer dizer que os processos mecanicos da industria urbana substituiram, como simbolo da criação, o trabalho germinativo do solo. Até as artes refletem a mudança. Vemos Lisipo e Fidias, Teocrito e Pindaro, Walter e Haydn, Manet e Velasquez. O impressionismo é o ateismo nas cores. "O ateismo é a necessaria expressão duma espiritualidade que já se realizou e exauriu as suas possibilidades religiosas — e vai declinando para o inorganico. É inteiramente incompativel com o vívido desejo da verdadeira religiosidade — e nisso se assemelha ao Romantismo, o qual igualmente recorda o que já lá se foi, a Cultura."

Se o ateismo dominar a nação inteira, a nação desaparecerá. Porque quando o homem descobre que a vida não tem significação depois da morte, a esperança o abandona; e ele recusa-se a fornecer filhos, exceto em pequeno numero, como mero enfeite da casa, para uma existencia em que a dor é certa e a alegria transitoria, em que o conhecimento aumenta o sofrimento e a derrota constitue a certeza unica. Aparece a restrição da natalidade e o resto é inevitavel; a raça morre pelo topo; sua hegemonia e grandeza chegam ao fim.

Isto, entretanto, não quer dizer que a religião esteja morta; apenas significa que deixou de ser organica, de ser a alma da Cultura; no fundo subsiste no coração do povo, desdobrada em inumeras novas mitologias. A onipotencia, a oniciencia e a onipresença da maquina cansam a alma e levam-na, como reação, a atitudes misticas de consoladoras fantasias. A Ciencia afasta-se mais e mais da religião, para no fim cair no misterio e na fé; o materialismo cessa de ser uma valente inovação para tornar-se "a visão do mundo adequada a paises afins." "Neste nosso seculo de auto-critica alexandrina, de grandes colheitas, de formulações finais, um novo elemento de significação interior se erguerá para contrabater o impeto-de-vontade da ciencia", os proprios engenheiros se cansarão dela e recairão no misticismo. "Nossa fraude teosofica, nosso Novo Pensamento, nossa "Christian Science", correspondem ao culto de Serapis, de Isis, de Mitra, ou das cem fés orientais que surgiram na decadencia romana; estas religiões dos "fellaheen" significam o apodrecimento das velhas plantas fertilizadoras do solo; são a Segunda Religiosidade que advem na senilidade de uma Cultura. Esta Segunda Religiosidade começa com o murchar do "racionalismo em desamparo"; passa por uma longa sucessão de variações e combinações, como nos dias do cristianismo antes que Constantino forçasse a vitoria das formas novas; por fim, depois de seculos de disputa, a religião coagula-se num credo e num ritual bastante poderoso para inspirar outra primavera — a mocidade de outra éra. Não será a ciencia e sim uma fé, como o Adventismo, que dominará a humanidade ocidental quando estivermos mortos."

6. *Política*

O estagio final da decadencia é politico. Começa com a perda da vontade-de-poder, a vontade de guerra: de todos os seus sinais, o pacifismo, o amor á segurança e á paz, é o mais claro e o peor. "Procuraremos dar aqui, em vez dum sistema ideologico, uma *fisionomia* da politica como vem sendo hoje praticada... e não como podia ou devia ser praticada." A lição politica hoje é de que a força tem a razão. "*A historia mundial é o tribunal do mundo* — e esse tribunal sempre se decidiu em favor do mais forte, da vida mais segura de si, mais completa, mais cheia. Sempre sacrificou a verdade e a justiça ao poder e á raça, e condenou á morte homens e povos para quem a verdade valia mais que os feitos, e a justiça mais que o poder." "O homem de ação é sempre inconciente", disse Goethe; "ninguem tem conciencia, afora o espectador." "No mundo historico não ha ideais, ha fatos; não ha verdades, mas simplesmente fatos. Não ha razão, nem equidade, nem honestidade, nem objetivo final, mas fatos; e quem não compreende isto poderá escrever sobre politica — mas não poderá fazer politica." "A relação natural entre os povos é de guerra"; paz é um simples tomar folego na corrente de vitorias e derrotas, e a politica domestica só existe para que a politica exterior se torne possivel.

E isto é o que é; os povos crescem á custa de outros... a dura necessidade da guerra forma os homens. "O melhor aspecto do nosso tempo está nas suas guerras imperialistas, na sua luta aberta pelo poder; o melhor aspecto da filosofia do seculo 19 está na admissão da vontade-de-poder como o principio dinamico da metafisica, da etica e da politica. Nietzsche estava certo e o pacifista está errado; Heraclito estava certo — "a guerra é a mãe de todas as coisas." O amor á paz destroi uma nação, transforma uma raça de bom sangue e força num "fellaheen" sem historia, conquistado e explorado por outras raças. Porque a escolha que nos é dada não é entre guerra e paz, mas entre dominação e escravidão. "Quando em 1401 os mongois conquistaram a Mesopotamia, ergueram um monumento comemorativo feito com os cranios de cem mil habitantes de Bagdad que não se haviam defendido." São precisos dois para evitar uma briga.

É isto o que o socialismo não compreende; e a ascenção do socialismo ao poder — como a ascenção do budismo na India ou do estoicismo na Grecia — equivale a uma bandeira branca — um emblema de fim. O cansaço europeu disfarça a sua fuga de luta pela vida com as palavras Paz, Humanidade, Fraternidade. Não ha melhor diagnostico da decadencia do que a exaltação socialista das massas contra o individuo, o "fellaheen" das cidades contra a aristocracia da Cultura, do estadismo e da guerra; o socialismo, do mesmo modo que a democracia, é a descrença nos grandes homens. Unicamente numa população adstrita ás fabricas e desarraigada do solo pode tal filosofia aparecer; aplica-la não somente á Inglaterra e Alemanha como a toda a historia é uma risivel confissão de ignorancia historica. Em todos os tempos a massa é a materia prima; quem a manipula é a "vontade"; a luta não se tratava entre principios, mas entre homens; não entre "verdades, mas entre raças, entre reservatorios de sangue." No fim é o individuo que determina a historia — Temistocles, Cesar, Richelieu, Frederico, Napoleão, Bismarck. O comicio da historia é o socialista assumir o poder justamente quando começa a perder a fé em seu credo.

E assim tambem com a democracia: a America oferece-a á Alemanha justamente quando os homens inteligentes a estão abandonando como a maior falencia da historia. Porque já hoje não é segredo para ninguem que a democracia não é o governo do povo, e muito menos o governo dos melhores, mas o governo do dinheiro, o governo dos carniceiros, padeiros e banqueiros, o governo dos politicos; democracia é a forma tipica da classe media no poder. Sob esta liderança se desenvolve um materialismo etico — uma adoração do dinheiro e do luxo, um julgamento de todas as coisas com base no ouro, o qual destroi tudo o que remanasce duma Cultura dentro duma Civilização. Na Inglaterra e na Alemanha alguma coisa dos velhos instintos, da intuição do sangue e da raça, sobreviveram até á nossa geração; a aristocracia teve a sutileza de aceitar as formas da democracia, mas continuando a dominar as operações. Mas isto não passa de transição: por toda parte o dinheiro está hoje na sela, as notas do banco substituem o sangue, o intelecto

superficial substitue os instintos profundos e a velha ordem desaba no caos. "A Democracia é a igualização do dinheiro ao poder politico. Em cada ultimo ato dum drama de Cultura... o dinheiro vence."

Como isto? Como acontece que "o governo do povo" se torne em soberania do ouro? Por meio da imprensa. As escolas ensinam o povo a ler — e a imprensa faz o resto.

> Quanto á moderna imprensa, o sentimentalista exulta de satisfação quando a vê constitucionalmente "livre" — mas o realista pergunta quem dispõe dela... A imprensa não propaga a opinião "livre" — gera-a... Onde está a verdade? Para a multidão que lê, a "Verdade" é hoje um produto da imprensa: o que a imprensa quer, isso é a verdade... Tres semanas de trabalho de imprensa e a verdade é reconhecida por todos... Quanto mais universal um privilegio, *menor* o poder do eleitorado... A imprensa e o seu associado, o serviço telegrafico, conservam a conciencia de povos inteiros, e continentes, sob um ensurdecedor trombetear de teses, formulas, pontos de vista, cenas, sentimentos, isso dia a dia por anos inteiros, de modo que cada Ego se torna uma monstruosa função intelectual de Alguma Coisa... Vivemos hoje de tal modo acobardados pelo bombardeio dessa artilharia intelectual, que dificilmente podemos alcançar a independencia interior necessaria á boa visualização do monstruoso drama... Com os seus jornais a democracia expeliu o livro da vida mental do povo. O mundo-livre, com sua profusão de pontos de vista compelidora ao pensamento critico e selecionador, está hoje ao alcance de poucos... Mais apavorante caricatura da liberdade do pensamento não pode ser imaginada... Não ha necessidade hoje, como no tempo dos principes barocos, de impôr o serviço militar a todos dum país — basta chicotear a alma do povo com artigos, telegramas e fotografias (North-cliff!) até que o *clamor* por armamentos force os chefes a fazer o que eles *queriam* que se fizesse... Na preparação para a Grande Guerra a imprensa de países inteiros caiu sob o controle de Londres e Paris, e os povos assim influenciados foram reduzidos a uma verdadeira escravidão intelectual... Isto é o fim da democracia.

A avalanche da imprensa destruiu a aristocracia, implantou a democracia e por fim corrompeu-a — anulou-a. A dominação que o dinheiro exerce sobre os funcionarios do governo tornou-se um lugar comum entre os intelectuais. O

parlamentarismo está em plena decadencia; em vez de governo exercido por homens eleitos por sociedades de debates, temos governo de homens escolhidos pelas associações industriais, pelas uniões operárias, pelas greves e panicos — pressão economica de todos os lados. Os Congressos se tornam uma forma, uma vitrina, como o rei inglês. A velha fé em programas e ideais desapareceu com esse excesso de liberalismo; foram abandonados os ideais "não em virtude da refutação, mas em virtude do tedio — o mesmo tedio que deu cabo de Rousseau e não demorará muito a dar cabo de Marx." Quando Platão escreveu a "Republica", o mundo o ouviu maravilhado; mas já no primeiro seculo antes de Cristo suas teorias tinham-se tornado mero exercicio escolar, e daí por diante só o poder passou a ter importancia. Para nós tambem... a idade da teoria está chegando ao fim... A fé em programas foi a marcha e a "gloria" dos nossos antepassados — em seus netos é prova de provincialismo. Em seu lugar está se desenvolvendo a Segunda Religiosidade.

Não ha escapar a este destino, exceto através dessa Segunda Religiosidade, rumo a uma nova esperança inspiradora de nova Cultura; nenhuma escapatoria, exceto através de ditaduras de sangue novo e novo poder, bastante fortes para dar vida e forma a uma nova Cultura. Talvez a Russia já esteja nesse caminho; a Russia não pertence a Pedro e Lenin, mas a Dostoievski e Tolstoi; pode subitamente afastar esses dirigentes ocidentalizadores e voltar-se para o Oriente, para uma fé mais consentanea ao seu natural orientalismo. Porque nunca pertenceu, nem nunca pertencerá, ao Ocidente.

Mas o Japão e a America pertencem; possuem a alma do Ocidente europeu e têm que perecer com ele. O Japão vendeu-o primeiro á China e depois á Europa; não possue alma propria.

Quanto á America, não se trata dum novo começo, mas duma cansada repetição; a America está para a Europa como Roma esteve para a Grecia: — um poderoso epilogo materialista. "Temos de admitir a dura frieza dos fatos da vida "passada", para a qual o paralelo não se encontra na Atenas de Pericles, mas na Roma de Cesar." Tudo na America — a

propria Tammany Hall — tem o seu analogo em Roma. Como Roma, a America ha de entregar-se a longas lutas imperialisticas, e sua arte será imitativa e esteril; como Roma, não será lembrada pela beleza, só pelo poder — pelas suas estradas, e suas maquinas serão suas obras d'arte. E por fim a sua corrupta e incompetente democracia degenerará em ditadura — o fim.

Porque só ha uma força que possa enfrentar o dinheiro: o sangue; no fim de tudo o banqueiro não terá que lidar com a plebe, mas com uma ditadura armada. O mundo vai se tornando desesperado com a dominação do dinheiro e com as eleições de circo; e breve acompanhará de bom grado qualquer força que ponha termo á farça. Pense-se nas caudais de sangue derramado para a obtenção do direito de voto: "hoje o direito de voto foi conquistado, mas as crianças grandes não se movem, nem á força de castigo, a fazer uso do voto;" Só as mulheres votam. Que alivio não será uma honesta ditadura que ponha fim á odiosa ditadura das finanças! Como as massas cansadas não cairão aos pés dum homem forte que domine não só as multidões como ainda o ouro! O povo sentir-se-á feliz de entregar a tal homem todos os problemas do governo e esse homem se rirá de todas as formas de liberalismo e democracia que destruiu; e o povo rirá com ele e deixa-lo-á governar. Depois de dois seculos de experiencia com o estado, a plebe se afastará, abandonará seu sonho de dirigir, e consolar-se-á com alguma nova crença sobrenatural. Voltará ao trabalho e teremos um epilogo de Cultura — epilogo sem historia.

> Com a formação do estado, a alta historia, cansada, deita-se a dormir. O homem novamente se torna uma planta aderida ao solo, bronca e sofredora. A aldeia do "eterno" camponês reaparecerá, gerando crianças e enterrando sementes no seio da Madre Terra — um enxame operoso sobre que a tempestade dos imperadores-soldados pisará de passagem. Pelo meio da terra estadear-se-ão as velhas cidades-mundos, vazios receptaculos duma alma extinta nos quais uma humanidade sem historia lentamente se aninhará. Os homens viverão da mão para a boca, com mesquinha poupança e pequeninas fortunas, e subsistirão. As massas serão apisoadas nos conflitos dos conquistadores que disputam o poder e os despojos do mundo, mas os sobreviventes taparão os buracos com a sua ferti-

lidade de primitivos, e sofrerão. E enquanto no alto se desdobra a eterna alternação de vitoria e derrota, os de baixo rezarão — rezarão com a profunda piedade que desconhece todas as duvidas. E nas almas cairá a paz do mundo, a paz de Deus, a benção dos monjes e ermitas de cabelos brancos. Estará despertada uma capacidade de sofrimento que o homem historico, nos milhares de anos do seu desenvolvimento, jamais conheceu. É um drama nobre apesar da sua falta de objetivo, nobre e sem objetivo como o curso das estrelas, como a rotação da terra, ou como a alternação de terra e mar, de gelo e florestas, na crosta do nosso planeta. Poderemos maravilhar-nos com isso; poderemos lamenta-lo — mas é o que é.

V — COMENTÁRIO

Temos aqui Jeremias. E que responder-lhe?

Antes de mais nada, façamos-lhe justiça. Estamos sem duvida diante dum cerebro poderoso, um verdadeiro Everest de erudição. Suas generalizações marcham como esquadrões irresistiveis, armados de milhões de argumentos; suas brilhantes sentenças são lategos que expulsam os ocos otimistas dos santuarios da filosofia. "Si non é vero, é bene trovato", certa ou errada, a obra de Spengler é um monumento.

O critico tem que começar observando a paixão de correlação que caracteriza Spengler. Ninguem jamais sofreu tanto da febre das formulas; ás vezes parece não ser o pensador profundo que é, mas um homem que sofre a coceira da teoria e a furia de subjugar o mundo com uma frase. A mesma doença que atacou Houston Stewart Chamberlain e Nietzsche; até aos inglezes e poloneses o solo alemão infecciona com a "formulitis".

Spengler é metafisico. Protesta contra a historia envolta nas triadas misticas de Hegel e a seguir compõe uma metafisica historica á sua maneira, forçando o cáos a entrar em moldes estabelecidos pelo seu pensamento. "Cada adolescencia, cada maturidade, cada velhice numa Cultura, cada um dos seus estagios intrinsecamente necessarios..., tem uma duração definida, sempre a mesma" — poderá haver maior rejeição dos fatos á formula? Que historiador jamais

admitiu que todas as culturas são de igual duração? — Atenas e China, Egito e Espanha, India e Babilonia? — que as flutuações do clima e do comercio de nada valem para alterar a simetria numerica, a pitagorica regularidade da historia?

Nada mais simples do que extrair de Spengler um museu de maravilhosas correlações. Um homem rigorosamente classico... é sempre (palavra valente, porém temeraria!) completo e nunca "voluvel"; o inquieto Alcebiades, o vacilante Platão, Temistocles o louco por dinheiro, a apaixonada Safo, o insaciavel Alexandre — houve jamais uma Cultura tão heraclitamente fluente, ativa, mutuamente volatil, como a ateniense? "Podemos falar do "andante" da Grecia e de Roma e do "allegro con brio" do espirito faustiano"; mas nesse "andante" quem pode ouvir a rumorosa precipitação da assembléia de Atenas, condenando hoje filosofos e generais para amanhã tentar arranca-los ao tumulo com decretos; quem pode ouvir o extase dionisiaco, a colera de Aquiles, a furia de Alexandre a matar Clitus e suas lagrimas sobre o cadaver do amigo?

Lemos que a vontade caracteriza o homem moderno, como ao antigo caracterizava a razão; isto interessaria a Leonidas de Esparta, a Felipe da Macedonia ou ao mais nobre dos romanos. Lemos que os povos classicos não tinham o sentimento do tempo ou da distancia; "cf" Herodoto ou Cesar nas piramides. Os gregos aceitavam limitações, os europeus ocidentais amam o infinito; eis o que para Spengler determina metade da Historia. "A existencia euclidiana está ligada á multidão de pequenas ilhas e promontorios do mar Egeu; e o apaixonado Ocidente, vogando no infinito, liga-se ás largas planuras da Franconia, Borgundia e Saxonia." "Possuidos pela sede de ganho, como eram os mercadores gregos, um profundo acanhamento metafisico os inhibia de dilatar os horizontes, e na geografia, bem como em outros campos, eles se restringiam ao perto"; daí as colonias gregas que pontilharam o Mediterraneo desde a Espanha até ao fundo do Mar Negro; daí a luta por Troia como a chave do comercio com o Oriente. "Acanhamento metafisico" equivale a audacia metafisica para "navios sem bussola". O moderno imperialismo é dado como consequencia do "conceito faustiano no

espaço infinito"; eis como o alemão chama o "amor ao ouro". Nossos suburbios "indicam nossa irresistivel tendencia para o infinito"; e que indicará a nossa tendencia para a aglomeração em cidades metropoles? A coluna egipcia era, desde o começo, de pedra, ao passo que a dorica começou sendo de madeira; isto é uma clara indicação da "intensa antipatia da alma classica para com a duração." E não será um coisa devida ao fato dos egípcios, já donos do Mediterraneo, possuirem ouro, como o tiveram os atenienses quando construiram o Partenon? A decadencia da escultura era consequencia da sua incapacidade de exprimir o faustiano pendor para o infinito; nada tinha que ver com a passagem da civilização e da riqueza do Sul batido de sol para o frio, cientifico e industrioso Norte. A musica domina a arte moderna em consequencia da "vontade da transcendencia espacial", e a musica vocal cede o passo á instrumental porque a primeira não pode "exprimir o apaixonado impulso para o infinito"; "cf." como na "Paixão de S. Mateus", de Bach, no canto gregoriano, nos corais de Palestrina, nos hinos de Lutero. Assim tambem com a lingua: "o advento do "Eu" especifico é o primeiro albor da ideia de personalidade, que iria criar o sacramento da Contrição e absolvição pessoal"; não havia personalidade na linguagem-sem-eu de Tacito, ou no "Veni, vidi, vici" de Cesar. Isto é um verdadeiro "Walpurgisnacht" de generalizações.

As vezes as correlações de Spengler são tão absurdas como uma pintura néo-impressionista. "O socialismo etico é nada mais, nada menos, que o sentimento da ação á distancia, o patetico moral da terceira dimensão." "Ha um estoicismo e um socialismo do atomo, uma destas palavras descrevendo a ideia estatico-plastica do atomo, e outra, a ideia dinamico-contrapontica." "Muito naturalmente observamos a descoberta de J. H. Meyer (lei de equivalencia o calor e o trabalho mecanico) coincidindo no tempo com o surto da teoria socialistica." Oh, naturalmente! "O deismo do Baroco relaciona-se á sua dinamica e á sua geometria analitica: seus tres principios basicos, Deus, Liberdade e Imortalidade, são, na lingua mecanica, os principios da iner-

cia, da ação e da conservação da energia." "Chegado a este ponto, o leitor não verá paradoxo em chamar o Calculo Infinitesimal o estilo jesuitico da matematica." Absolutamente não!...

E desse modo Spengler tanto brinca com a ciencia como brinca com a arte. As diferenças entre as artes de duas Culturas são devidas a diferentes concepções do espaço. Os tons sepias caracteristicos de Rembrandt revelam em si qualquer coisa de protestante; esse "molho pardo" (como os rebeldes franceses lhe chamam) equivale para o holandês a Destino, Deus, significação da vida; o sepia torna-se a cor da alma; esse sepia protestante contrasta com o "catolico azul-verde." O mesmo com a musica: "o tom verde-azulado de Watteau reaparece em... Couperin, Mozart e Haydn; e o sepia holandês em Corelli, Handel e Beethoven". Musica e pintura mostram muitas correlações: "o allegro feroce de Franz Hels", o "andante con moto" de Van Dyke, etc. Lá por 1700 a pintura cede o passo á musica porque Deus se havia tornado impessoal, identificado ao espaço infinito.

Finalmente, depois de ajeitar os fatos á sua teoria, Spengler, com a coragem de Danton, apresenta a sua teoria como o meio de determinar os fatos. O estabelecimento de datas que Eduardo Meyer fez para o regimen Hicsos, contrariando as datas de Petrie, "demonstra-se de novo por comparação com seções correspondentes de outras culturas"; isto quer dizer que a duração do periodo de Hicsos pode ser achada por meio da descoberta de invasões similares em outras civilizações. O conde Keyserling que tenha olho nos seus laureis, pois está aqui um teutão que lhe passa á frente.

Mas temos de perdoar-lhe estas coisas; Spengler é um gigante, um verdadeiro dinossauro da filosofia e isto não passa de pulgas em seu pêlo. Coisas mais serias têm que ser consideradas. Spengler cruelmente sacrificou a cronologia a bem das suas ideias. Irrita a sua formula de que a primavera da arte mourisca na Espanha, na Sicilia e na India, não veio no "verão" (300-700 A.C.), nem no "outono" (700-1000) da Cultura "Magiana", mas no inverno da sua "decadencia". Tambem dificilmente se ajeita á sua formula, que muito de-

pois do "inverno" da China (começado com Shi Huang-ti, 221 A.C.), a dinastia Han haja restaurado a unidade e a ordem politica, a dinastia Tang haja produzido os tres maiores poetas chineses, a dinastia Sung haja erguido a arte da porcelana a um apogeu jamais de novo alcançado. Muito mais provavelmente Tang foi o verdadeiro "verão" da China; Sung e Ming e Manchus foram o seu longo "outono"; e a revolução de 1911 foi o 1789 da China. Estamos, pois, hoje, no periodo "Diretorio" da China, o apogeu da rivalidade dos generais; breve surgirá o Napoleão amarelo e a China terá o seu seculo 19 e a sua Revolução Industrial. Mas se é assim, temos cá um "outono" de mil anos; e está prejudicada a igualdade de duração de estações semelhantes em diferentes Culturas; e nós sem meios de predeterminar a historia do futuro; impossivel doravante dizer quanto tempo durará uma "estação". Os alicerces do edificio arreiam.

Nova deflação da teoria se faz necessaria, caso nossos preconceitos não se casem com o de Spengler. Ele odeia o capitalismo com o odio dos socialistas; e, como Bismarck, só toleraria o socialismo se o socialismo aceitasse a aristocracia e a guerra. Spengler é avido de guerras, sendo, como é, um intelectual já fora do serviço militar; "o seculo 19", diz ele sequioso de sangue, "foi relativamente pobre de grandes guerras"; talvez o seculo vinte o consolasse. Spengler zomba da filosofia e da literatura, considerando-as materiais despreziveis para a historia, porque para ele a historia não passa da velha enumeração das guerras e ações politicas; é como se a partir de 1648 a verdadeira historia da França e da Alemanha consistisse nas tomadas e retomadas da Alsacia Lorena. Torna-se obvio que a tradição de Nietzsche e Mommsen, de Treitschke e Bernhardi, não está morta; o prussiano ainda embebeda-se de espada. Spengler não compreende que o proposito dessas nobres chacinas não passa de obtenção de lucros materiais tão claros como os que seduzem a burguesia; não vê atrás da arrogante insolencia militarista a sêde de terras e dinheiro, obtidos pela pilhagem, pela mentira, pelo crime; não percebe que a ditadura cesarista não passa de instrumento protetor do capital: considera Arquimedes

inferior ao anonimo soldado que o matou; admite que a guerra tem 99% de gloria e só 1% de desinteria.

Não vê na historia nenhum conceito ou fator que não seja ferro e sangue. Mas por momentos esquece-se e exagera a influencia ideologica no surto da Revolução Francesa; admite que as ideias possam produzir males, nunca bens. Não lhe ocorre que os grandes homens da Alemanha — Lutero, Leibnitz, Lessing, Kant, Goethe, Beethoven, Schopenhauer, Heine, Nietzsche, Wagner — não vinham da aristocracia; esquece que a historia é determinada pelas invenções; e as invenções são determinadas pelas ideias; e as ideias, pelas necessidades economicas. De nada valem as ideias, na filosofia de Spengler; são para a historia, a seu ver, o que é a consciencia para o cerebro da concepção mecanica: rodeiam de inutil fosforescencia o processo vital do sangue.

E, no entanto, as "estações" de Spengler são ideias, um triangulo tão metafisico como qualquer triade de Hegel; mas não podemos considerar lei da historia a sequencia dessas estações. Uma nação pode ter primavera e nunca ter verão ou outono; pode, como a China, passar de outono para outono e por todo um milenio iludir os vermes da decadencia. Em vez de metaforas abstratas, como as estações do ano, seria mais aconselhavel descrever os ciclos das civilizações do ponto de vista economico; um estagio de "pioneirismo", de caça, de trabalhos do solo; um estagio "comercial"; ás vezes um estagio "cultural" em que a riqueza acumulada permita o lazer que gera as artes; e por fim um estagio "senil" em que a exaustão da alma reflete a exaustão do solo, e a ausencia de genios reflete a ausencia de trafico. Não ha inevitabilidade neste desenvolvimento; o primeiro passo não traz necessariamente o segundo, nem o segundo traz o terceiro; só retrospectivamente é que o terceiro estagio faz pressupor o segundo, e o segundo faz pressupor o primeiro. Não ha fronteiras entre os estagios; cada um deles se encaixa no anterior e no posterior e contem elementos de um e de outro; já em Abelardo pressentimos a luz de Voltaire. Mas é deste mesquinho modo economico, terra a terra e suado, que cada "Éra da Luz" nasce.

Hoje metade do mundo mergulha-se febrilmente na industria e no comercio. A Italia camponesa se transforma sob a ditadura fascista em nação industrial; a Russia, o mesmo, sob a ditadura comunista; a China, o mesmo, sob a ditadura dos intelectuais (temperada com a dos generais) ansiosos de tornar a sua nação poderosa e inquieta como o Ocidente. Se o Ocidente está morrendo do industrialismo, que venha então o Oriente compartilhar da mesma sina; é que todo o planalto está em decadencia.

Mas a Vida-Força que ha em nós não nos permite admitir que no mundo ocidental tudo está no fim e que a America está morrendo, ou que a velha Europa está morta. Já no passado ouvimos o canto destas tragicas profecias; lembram as dos politicos apeados do poder, que prevêm todas as catastrofes caso não voltem ás antigas posições. "É agradavel anunciar a queda de grandes imperios; isso nos consola da nossa pequenez", disse Voltaire. Ha um seculo atrás, quando o nome de Spengler era Schopenhauer, e a calamidade da guerra já havia durado 24 anos em vez de 4 apenas, todos os filosofos, e metade dos poetas, tinham a certeza de que a Europa estava no fim e jamais voltaria aos velhos tempos de gloria. Os campos arruinados, a população dizimada, o comercio e a finança em bancarrota; pela Europa inteira a miseria dava mãos ao desespero. Carlyle achava melhor morrer do que viver; Byron atordoava-se na luxuria; Musset ansiava pela volta dos Bourbons; Goethe agradecia a Deus já não estar na mocidade, num mundo em ruinas como aquele. Quem poderia adivinhar, naquele desespero, o preludio do "seculo das maravilhas", esse seculo 19 que iria, no fim, proclamar ter feito mais "progresso" que todos os seculos da éra cristã somados — progresso não apenas em maquinaria e riqueza, mas em ciencia e musica, em literatura e filosofia, culminando numa vitoria sem precedentes sobre a superstição e a ignorancia?

A Vida desnorteia-nos, brinca com o homem; julgamo-la exausta quando "nós" estamos cansados e velhos. Mas nós passamos para ceder o lugar a espiritos jovens, não estragados pela luta, nem melancolizados pelo crepusculo de queridos deuses; já a geração que enche nossas escolas não se lembra

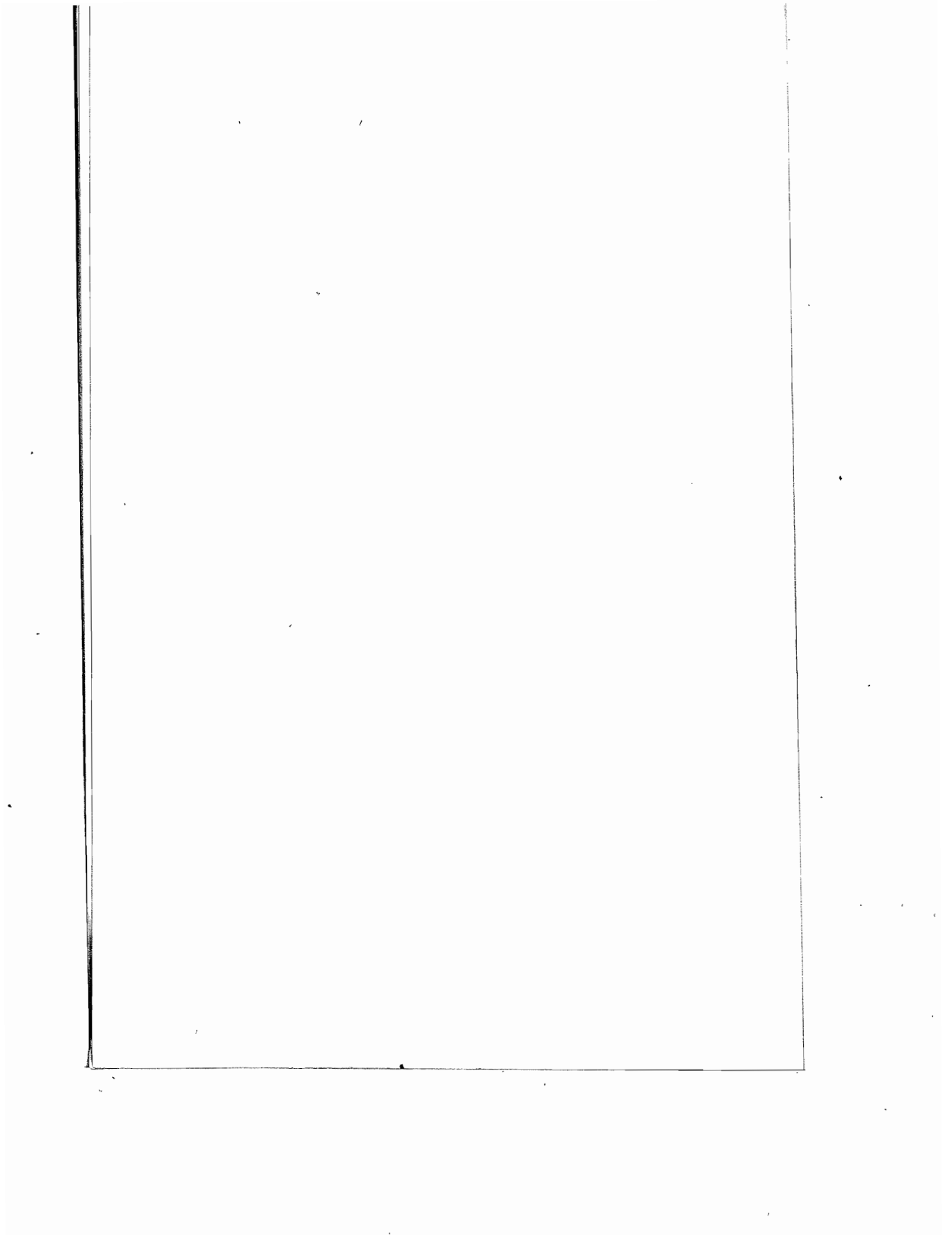
da guerra e não tem tempo para tristezas. Anda no ar uma vitalidade que não se harmoniza com a morte.

O caduco estava doente, teve de ser podado; a aristocracia casava cultura com podridão, era avida e cruel tanto quanto bem entrajada; tinha sobrevivido a si mesma e estava madura para a morte. A religião torna-se obscurantismo e tirania, uma craca ferrujenta nas asas do pensamento; foi bem que Prometeu se desamarrasse e se pusesse de pé diante de Deus. Como disse Maquiavel, a Civilização tinha de renovar-se retornando á sua fonte; tinha de refrescar-se com sangue novo, abolindo golilhas e soltando o genio. Tinha de recuar um momento para preparar novo pulo.

Certa timidez patologica, oprimida pelo "incubo" das acumulações ideais do passado, torna-nos envergonhados de nossas riquezas e realizações, de nosso conforto e de nossa força, de nossa conquista do raio e nossas audacias aereas; certo "laudator temporis", certa senil saudade dos dias da juventude, faz-nos comparar os nossos "vizinhos" com os "genios" gregos, a nossa "media" com as "exceções" da antiguidade, as nossas planuras e vales com as montanhas maciças que só nos surgem tão belas e fortes porque tudo quanto a elas se ligava já caiu em esquecimento; e, desesperados, concluimos que todos os grandes homens já estão mortos. Ilusão. "This minute that comes to me over the past decillions, there is no better than it and now." Trenada por uma vida incomparavelmente mais complexa e tensa que a antiga, a nova geração é tão boa como qualquer outra, tão rica em sementes de genialidade como qualquer outra; mais limpa e forte de corpo, mais generosa e compreensiva, mais util e livre de pensamento do que nenhuma outra geração anterior.

Apesar de tudo, porém, este homem é grande. Que sucederia se a America vivesse e só a Europa morresse? ou se a Europa se recusasse a morrer? Estes dois volumes de apaixonada erudição ainda seriam considerados pelos nossos filhos como picos dominantes na nossa literatura. Quanto conhecimento, quanta iluminação, quanto desafio á mediocridade, á democracia, a toda a alma moderna? Haverá nada melhor, para nós, do que enfrentarmos o insulto e o desprezo deste

autocrata, o brilho do cutelo deste carrasco? Talvez sua profecia de ruina seja justamente o de que precisavamos para estimulo, para advertencia contra o nosso materialismo egoista. de modo a fazer-nos passar do intelecto para a inteligencia, da ciencia para a sabedoria, da industria para a arte.

Quão pouco importa que concordemos com ele ou não! Spengler conversou conosco por uns momentos, aprofundou-nos, fez-nos talvez mais fortes á força de chicotadas. Com suas teorias e formulas não ha duvida que ele pôs senso no caos da historia, que lançou luz sobre mil pontos até então obscuros ou não bem atentados; que nos advertiu da necessidade de cruzar a democracia com a aristocracia como meio de obter um estado melhor; que derramou no cadaver da ciencia historica o espirito de Copernico e Einstein, tornando relativas todas as verdades e revelando perspectivas mais amplas que as anteriores; e, acima de tudo, que transfigurou a historia por meio da filosofia e vice-versa, dando á historia unidade e profundez, e á filosofia uma nova totalidade — tempo; e dando á filosofia o grande remedio: visão mais larga. Quando o mundo passar sobre todos nós, esta critica estará esquecida — mas a obra de Spengler permanecerá como o maior monumento filosofico da nossa época.

CAPÍTULO II

A FILOSOFIA DE KEYSERLING

I — RETRATO DE UM EGO

NO TOWN HALL de New York em março (?) de 1928: uma audiencia de mulheres idosas, iluminada aqui e ali de carecas ou cãs masculinas; excitado ambiente de expectação; o palco severamente vazio. Subito, um homenzinho calvo como qualquer filosofo e vivo como qualquer rapaz, aparece duma das alas e anuncia que o orador é o conde Hermann Keyserling, da Alemanha, o qual falará sobre a tese "Somos imortais?". Um milheiro de almas se prepara para conhecer, afinal, os seus proprios destinos.

Entra o conde, nordico gigantesco, irrepreensivelmente vestido e impressionadoramente barbado e calvo; olhos penetrantes, rosto de maçãs mongolicas; braços que se agitam como galhos quebrados que o vento move; nervoso e impertinente, embora bem controlado; orgulhoso como um nobre de privilegios sequestrados que desafia a tragedia. Lê sua conferencia num inglês deliciosamente teutonico. Claro que a assistencia nada compreende, mas ouve-o com atenção; aquele homem vai esclarecer os ouvintes se continuarão vivos depois de mortos. Mas, por estranho que o pareça, o orador calmamente ignora a questão; é de modo abstrato que fala a respeito da vida e da morte, do bem e do mal, do belo e do feio, como contraponto e ritmos necessarios da existencia. Revela-se exaltado, iluminado, profundo. Mas a audiencia suspira com desapontamento: porque não lhe dá ele a imor-

talidade que todos vieram buscar ali? O orador termina a conferencia e vai retirar-se; uma consideração qualquer o detem; olha para o publico com ar impaciente e pontua a sua oração com estas palavras consoladoras: "Quanto à imortalidade, está claro que somos imortais!" E desaparece levado sobre as compridissimas pernas; incerta em suas duvidas, a audiencia se esvae pensativamente na rua onde reina o inverno.

Este homem é interessante. Tem personalidade; num mundo de duplicatas estandardizadas ele caminha como um espartano entre hilotas, como um romano entre escravos, como São Bernardo entre os chineses de Pekim. Segue seu proprio caminho; não se deixa desviar pela multidão; tem seus defeitos e estima-os; não se sente afogado pelas metropoles, por nações ou estrelas. Será curioso conhecermos as suas ideias sobre o mundo.

Mas que egoista ele é!

Encaremos de frente este seu defeito e por uns instantes demos ao ego keyserlingiano redeas soltas até que ele se limpe da congestão do orgulho; removido do caminho este entrave, estaremos preparados para a compreensão.

"Nasci no ano de 1880... no estado feudal de Kowno, no que era então a Livonia russa" — e hoje é a Estonia. Sua familia distinguiu-se através de varias gerações: Bach, Voltaire, Frederico e Bismarck figuraram entre seus amigos, Emanuel Kant entre seus instrutores. Sua mãe foi a baronesa Pilar von Pilchau, do mesmo violento clan feudal dos Ungern-Sternbergs que deram um heroi aos "Homens, Feras e Deuses" de Ossendowski. Seu pai foi dum molde mais literario e suave, neto do conde Cancrin (ministro das finanças de Nicolau I), mas ligava o seu pedigree a Genghis Khan. Esta complexa hereditariedade deu a Hermann Keyserling aquelas tensões no sangue que na filosofia são requisitos para a grandeza d'alma, como as tensões entre individuos e grupos são requisitos para a grandeza dum estado. "Eu era, dum lado, o mais sensivel dos seres, impressionavel e sugestionavel fora de conta, duma receptividade feminina; e, de outro, um homem de vulcanica violencia, de vitalidade primitiva, com

todos os instintos do conquistador e do dirigente." Esta diversidade de elementos foi justamente o de que ele necessitava para a boa compreensão do Oriente e do Ocidente; seu sangue russo e sua educação europeia permitiram-lhe abarcar o mundo. "É por ser russo e não alemão do Reich, e por pertencer a dois mundos — um fronteiriço no espaço e no tempo — um viking e um filho das estepes que traz consigo as mais remotas tradições e o mais avançado futuro, que me sinto habilitado a fazer as coisas que estou fazendo."

Sua educação foi tão complexa como sua herança. Por alguns anos viveu sob tutoria; depois, acanhado menino de quinze anos, associou-se a rapazes de dezoito e dezenove no Ginasio russo de Pernau. Graduado em 1897, foi a estudos em Genebra por um ano; de volta á Estonia entrou na universidade de Dorpat e fez o que pôde para adquirir virilidade por meio da bebida, dos duelos e da arte de amar. Num desses duelos quasi foi morto; e a longa convalescença encaminhou-o para vinte anos de meditação. De Dorpat mudou-se para Heidelberg e daí para Viena, onde completou seu curso universitario em 1902. De todas as materias que estudou, "a filosofia, como era lá ensinada, foi a que menos me atraiu." Um livro iria mais tarde mudar tudo. As impressionantes teorias e dogmas de Houston Chamberlain excitaram-no; e depois de encontrar esse autor e tornar-se por um ano o seu protegido, encaminhou-se decidida e irrevogavelmente para a filosofia. "Graças a Chamberlain tornou-se-me claro que, sendo eu o que era, tinha de estabelecer como meu alvo, não a realização objetiva, mas a perfeição pessoal" — não "fazer", mas "ser". "Minhas reações foram de indizivel felicidade."

Em 1903 foi a Paris, onde viveu dois anos e cultivou a amizade de Bergson; em 1905 escreveu um livro, "Das Gefuge der Welt". Subito, recebe a noticia da revolução na Russia; o Soviet apoderara-se de S. Petersburgo; as propriedades de sua familia em Raykull haviam sido confiscadas. Privado assim de rendas, passou dois anos de pobreza em Berlim, á custa dum incerto labor literario. Mas sua familia foi restaurada em seus direitos, e em 1908 Hermann, agora conde

Keyserling, voltou a Raykull para entrar na posse de terras e da velha mansão, como um senhor semi-feudal.

Igual a tantos outros que se educaram fora, Hermann sentiu-se miseravelmente descontente naquele ninho ancestral. Tudo lhe parecia barbarico e primitivo; em milhas de raio não encontrava uma alma afim — e seu pensamento voltava-se para os salões de Paris e os cafés de Viena. "Em parte nenhuma da Europa o ambiente era menos artistico do que em meu lar", queixa-se ele; "faltava-me o alimento graças ao qual os florentinos em posição semelhante adquirem naturalmente o bom gosto". Keyserling limita-se a essa observação. O viking nele existente tem sêde de espaço e terras estranhas; ele sonhava a conquista duma nova filosofia, de novas religiões que o aprofundem; e pergunta a si mesmo por que Schopenhauer encontrara tanta profundidade no pensamento hindu. Por fim resolve largar aquele solitario comodismo feudal para um mergulho no magico Oriente. "A Europa nada mais tem a dar-me. A vida é muito familiar para induzir meu ser a novos desenvolvimentos." Em 1911, com trinta anos, ansioso por "mergulhar no fundo onde o Ser realmente mora", encaminhou-se para a India.

Era ainda um rapaz suscetivel de entusiasmos, feminilmente sensitivo, apto para de bom grado render-se a influencias estranhas. Não desejava fatos, mas sentimentos; não novos conhecimentos, mas intuições; queria imitar Ramakrishna, que testara experimentalmente varias religiões fazendo-se proselito de cada uma. "Impossivel, sem essa amorosa rendição, compreender qualquer coisa na vida." E deliberou adotar em cada país o modo de vida local, os costumes, o vestuario, o regime da alimentação, os rituais e credos. Na India, fez-se Yogi com resultados apreciaveis: "Por causa da minha fraqueza nervosa, não pude, nos meus trinta e dois anos, ao iniciar os exercicios do Yogi indiano, ininterruptamente concentrar-me numa só coisa por longo tempo." Mais tarde escreveu: "Estou agora vivendo inteiramente á chinesa; tomo minhas refeições fora do quarteirão da Embaixada. A mudança faz-me bem; um regime de vida sempre o mesmo torna-nos o organismo filistino, rouba-nos a

agilidade mental... Estou convencido de que se os hindus não comessem o mesmo prato de arroz tres vezes por dia, não nos apareceriam tão estereotipados." E, mais: "Até que extensão já me tornei japonês!"

Viajou vagarosamente, com aristocrático desprezo pelo tempo. Em 1912 voltou a Raykull e escreveu com vagar as suas experiencias, produzindo uma obra prima de ideia e forma, o "Diario de Viagens dum Filosofo". O rapaz de 32 anos não hesitava em chamar-se filosofo — e justificou a presunção compondo o mais serio, e talvez mais original, de que quantos livros foram escritos em anos tão verdes. E escreveu-o com prazer; a febre da criação euforizou-o como nenhuma outra coisa o fizera ainda; Keyserling sentia-se renascer.

O manuscrito estava quasi pronto em 1914, e já ele corrigia as provas do primeiro volume quando o Armaggedon soou e toda a humanidade marchou, vestida de cáqui, de baionetas aos ombros. "Fui tomado da mais imensa tristeza. Aquele mundo em que eu me sentia tão em casa, desaparecera. Afigurou-se-me que a Europa já havia concluido o seu curso; e cheguei a corresponder-me com o embaixador niponico em S. Petersburgo a proposito dum plano de acolher-me a um mosteiro das montanhas do Diamante, na Coreia." Consolou-se re-escrevendo o "Diario de Viagens"; se da guerra nada resultasse, resultaria o perfeito acabamento dessa obra perfeita. Durante quatro anos trabalhou nela, e só em 1918 deu-a de novo ao prelo. A Alemanha, tornada meio oriental com o cansaço e o pessimismo da derrota, aclamou o livro como obra prima unica. Por um momento o mundo concordou com Keyserling a proposito de Keyserling. Foi a sua hora suprema.

Mas a revolução explodira na Estonia mais uma vez; todos os proprietarios de terras foram espoliados; Raykull foi incorporado ao estado — e no exilio em Berlim, sem vintem, Keyserling se viu novamente forçado a ganhar a vida escrevendo e conferenciando. Procurou obter uma cadeira na universidade, mas a universidade não queria saber de filosofos vivos. No meio dessa penuria, entretanto, ele casa-se em 1919

com a condessa de Bismarck, neta do Chanceler de Ferro. "Essa união, aparentemente realizada no peor momento, representou uma conciente realização simbolica; eu "queria" tomar sobre mim todo o destino humano." Maravilhoso raciocinio. Nunca foi uma dama tão cosmicamente cortejada.

E Keyserling teria morrido de fome, se não fosse o seu amigo e editor Otto Reichel e o ex-grão-duque Ernest Ludwig von Hessen, que em 1920 organizaram um curso de conferencias em Darmstadt, a Escola da Sabedoria, como a denominou o nosso filosofo. E breve o genio de Keyserling tornou o "N.º 2 de Paradeplatz" conhecido no mundo. "Meus deveres para com os outros", explica ele, como se não houvesse passado dois anos no estudo da psicanalise, "pede que eu tenha vida publica para maior beneficio do proximo... A fundação da Escola da Sabedoria surgiu como um ato de dever, e era-o." Na verdade ele encontrou na escola uma agradavel valvula para a paixão exibicionista que aparece em sua natureza como o contraponto compensatorio do seu amor á solitude; desse tempo em diante deu livre curso ao "self-respect". Estabeleceu como regra não discutir depois das lições na escola; queria "fecundar" seus ouvintes com a sabedoria; e a consciencia da abundancia espermatica de sua mente fê-lo cantar qual outro Chantecler. A partir daí o egotismo ressoou em suas composições como um continuo acompanhamento de orgão.

Reuniu em torno de si outros conferencistas, a ele subordinados, organizou o trabalho numa "symposia" e descobriu "que o meu dom mais original é o de um condutor de orquestra mental." "Livro do Casamento" é o mais feliz atestado dessa tecnica de infundir significação. "Sem duvida", acrescenta ele, "a existencia da Escola da Sabedoria é da maior importancia." E porisso publica suas conferencias na "Recuperação da Verdade" e na "Compreensão Criadora"; do mesmo modo que muitos outros escritores ele não vacila em arruinar a sua reputação amoedando o bronze juntamente com o ouro. E fala dessas obras como de "meus dois livros mais vitalmente importantes", esperando por meio deles perpetuar-se mais do que por meio do "Diario". Mas nós não estamos de acordo: raras vezes o vento soprou mais arida-

mente como nesses dois livros; e as sentenças grifadas pelo autor são particularmente desvaliosas. Grande erro foi imprimir esses cursos, porque revelam lamentavel degeneração: o sabio do "Diario de Viagens" transformou-se num comerciante; o aristocrata, num propagandista. O triunfo de sua obra prima fôra demais para ele. Nada prejudica tanto como a vitoria; muitos homens se fizeram graças ás tribulações padecidas; nem um só em cem resiste á vitoria.

A seguir, o imediato livro de Keyserling foi o "Mundo em Formação". Começa com uma interessante parte introdutiva intitulada "minha vida e minha obra, como as vejo". "Considero-me no dever de dar a publico não só o meu pensamento como o relato da minha vida. Esta exposição de si proprio não constitue um prazer... Se estivesse em mim, eu regressaria á solidão amanhã. Mas não o posso fazer ainda." Logo depois aparece o "Livro do Casamento," um simposio aberto com um ensaio sobre a "Correta Proposição do Problema do Casamento." Obras mediocres; mas foram seguidas pelo segundo trabalho de valor de Keyserling, *Europa*, uma brilhante serie de ensaios sobre a psicologia das nações. No tempo do "Diario de Viagens" "o planeta, como um todo, era o meu ambiente natural. Mas fui depois obrigado a confinar-me á Europa." Esta explanação, porém, não o satisfaz; "fundamentalmente" diz ele, "este livro exprime o mesmo estado psicologico de que resultou o "Diario"; desde 1925 o centro focal da atividade em minha natureza moveu-se, de acordo com a periodicidade peculiar á minha vida, no rumo da visão e da experiencia." Alem disso, as nações estavam ficando muito orgulhosas; "foi a razão que me levou a começar cobrindo-as de ridiculo." E com medo de que por sua vez esta afirmação pareça ridicula, acrescenta com bravura: "Cada individuo, na sua qualidade de individuo, possue o direito de emitir juizos sobre povos inteiros." Para tais juizos não são necessarios muitos conhecimentos ou experiencia. "Uma pessoa pode inferir as caracteristicas nacionais dum povo com base em alguns individuos representativos — ou nunca inferirá coisa nenhuma." "Estes retratos das nações são expontaneamente formados no meu inconsciente."

Em 1928 Keyserling deixou Darmstadt para uma serie de conferencias nos Estados Unidos, porque, primeiramente, queria ser melhor compreendido na America — "Em meu caso, uma compreensão perfeita de toda a materia só pode ser alcançada pela compreensão da minha pessoa." Secundariamente, seria desejavel exportar um pouco de sabedoria para esse país. "Para onde quer que eu vá, a Escola da Sabedoria vai comigo." Afim de completar a doutrinação da America, ele escreveu, de volta, o *America Set Free*, "não como um livro *sobre* a America, mas *para* os americanos; eu queria ajuda-los."

Keyserling raramente se refere a outros livros alem dos seus, e costuma cita-los abundantemente. Na *Recuperação da Verdade* há 63 referencias; na *Compreensão Criadora*, 55.

> Seja-me permitido chamar a atenção do leitor para o fato de que meu livro *Das Gefuge der Welt*, escrito aos 24 anos... Já declarei isto em meu livro *Imortalidade*, escrito aos 36 anos... A fé, como fui eu o primeiro a provar na *Imortalidade*... As provas de que somos fundamentalmente livres constituem o principal do meu livro *Compreensão Criadora*, Darmstadt, 1924 (Otto Reichl Velag)... O problema da decadencia está conclusivamente investigado na *Compreensão Criadora*, etc., etc.

Além da riqueza informativa deste Baedeker do Ego temos certas auto-referencias muito afetuosas, sem parelha na literatura. *Et pluribus pauca.*

> É de maior importancia que este problema seja apreendido, e porisso entrarei mais a fundo no caso... Até aqui não formulei explicitamente o problema catolico. Cabe-me a mim, agora, desempenhar esta importante tarefa... As seguintes predições devem inevitavelmente realizar-se... O primeiro e ultimo objetivo do *Livro do Casamento* é ajudar aos homens; e porisso a coragem e a pureza constituem as fontes de sua inspiração... Para mim, aristocrata individualista, a autoridade só pode residir na superioridade pessoal e não em nenhum direito legal. Penso que estou certo neste ponto, e a historia inteira me apoia... Não é sem satisfação que recordo os erros cometidos em minha vida... Em minhas exteriorisações sou multiforme e complexo... Meu polifonico estilo de pensar... Sou um pensador, e no entanto meu temperamento

é o dum condottiere... O barão Ungern-Stenberg declarou em 1915 que me via no futuro dirigindo cargas de cavalaria e fundando imperios... Quantos dos meus amigos creriam que durante os anos de mocidade fui considerado fraco de vontade?... Primeiramente, sinto-me um estadista e um marechal de campo... Por mais que minha natureza se incline para o contemplativismo, eu escrevo aqui como um prometeano, não como um epimeteano: não experimento passivamente, mas posso criar... Minha vida, tomada em conjunto, é uma coisa bela... Certamente que não sou da terra... É tragico para um homem ter mais conhecimento do que capacidade. Por que não sou eu um deus?

Depois que Nietzsche revelou a sua megalomania no *Ecce Homo* ninguem mais que Keyserling se louvou tanto a si proprio. Quão grosseira e solta parece esta propaganda ao lado da verdadeira aristocracia, da infinita modestia de um Darwin, um Bergson, um John Dewey! Por instantes Keyserling sente que perdeu a perspectiva: "Estou, sem duvida, excessivamente centralizado em mim mesmo." "Por que ha de o homem distinto julgar-se um asno? Por que apreçam tanto a modestia?" Não lhe ocorre que, sendo a filosofia a arte de ver a parte á luz do todo, a modestia faz parte da sua essencia; um filosofo deve ver-se como Deus o veria — dum ponto de vista do qual pouca diferença haverá entre ele e um asno.

Keyserling defende-se com o argumento de que só os egoistas podem ser profundos psicologos. Embora isto pareça aproximar-se da verdade, basta a existencia de William James para destruir a generalização; e não é desejavel que consideremos nossos vicios como necessarios. A verdadeira defesa de Keyserling é que ele confessa o que nós na maioria escondemos; que êle não é mais egoista do que nós outros, apenas mais ingenuo; que ele diz o que tambem diriamos, se tivessemos coragem. Desde que toda exposição de ideias sob forma impressa é exibicionismo, pouca distancia ha entre modestia impressa e orgulho impresso; o escritor modesto será apenas um que aprendeu o modo de falar de si indiretamente. Podemos ainda acrescentar que muitas frases parecerão imodestas pelo fato de se apresentarem em outra lingua que não a em que foram escritas; uma mesma palavra muda

de significação na passagem duma lingua para outra. Mas é fora de duvida que o caso de Keyserling é de reação; reprimiu-se demais na mocidade e agora expande-se ao calor do triunfo. Podemos perdoa-lo: a perda de seus dominios arremessou-o a um mundo grosseiro, forçando-o a adquirir a subsistencia a troco das suas ideias e da propaganda de seus livros. Deus sabe como é dificil ser modesto, num mundo em que o egotismo parece requisito indispensavel de qualquer realização.

No fim sempre perdoamos ao egotismo, se a realização é de valor; é o caso de Keyserling. Mas é bom que antecipadamente mostremos o seu peor defeito, para não pensarmos mais nisso daqui por diante; basta que, apesar desse defeito, ele escreva com profundez e brilhantismo, com humor e graça; basta que nos dê excelentes livros e seu nome só esteja abaixo do de Spengler, entre os filosofos alemães de hoje. Esqueçamos o seu egotismo e descubramos a sua sabedoria, por que em sua obra a sabedoria abunda.

II — O TRAVELOGUE DUM FILÓSOFO

1. *Índia*

Que homem moderno já não ansiou por uma viagem em redor do mundo? Para muitos de nós isto tem sido apenas um sonho; para outros, um objetivo acenado na juventude como o premio da vida — graças a essa experiencia poderiamos penetrar mais á vontade na maturidade. Oh, fugirmos do nosso poleiro, atravessarmos todas as limitações, como Whitman nos preluz em sua *Saudação ao Mundo!*

Foi essa viagem ao redor do mundo que transformou Keyserling em filosofo; o titulo de seu diario justifica-se. Deixar Raykull e espalhar-se pela Alemanha; deixar a Alemanha para o mergulho em Paris; deixar a Europa e atravessar os desertos pelo caminho de Suez; abandonar-se á India, esquecido do mundo da ciencia e atolado no da fé;

passar da India á China para, esquecido dos mundos da ciencía e da religião, mergulhar-se no da filosofia e da arte — só um estupido integral o faria sem sentir os efeitos de tão variados estimulos. Um homem pode tornar-se filosofo pela contemplação da totalidade do tempo ou pela contemplação da totalidade do espaço conhecido; um livro de historia universal ou de astronomia inteligentemente escrito e inteligentemente compreendido pode dar a uma boa cabeça a perspectiva da verdade e o senhoreamento da sabedoria. A intuição do total faz dum homem um perfeito filosofo.

Imagine-se Keyserling a medir passos, com suas longuissimas pernas, num navio de rumo a Colombo, empenhado em esquecer-se de si e considerar o mundo. Imediatamente adquire ele um grau de objetividade em desacordo com o seu pensamento egocentrico; vê a "beleza perfeita" nos negros de Aden, e antes de alcançar Ceilão já está semi-converso á fé budista. Faz o pitoresco passeio a Kandy, onde encontra o templo em que um dente de elefante ou rinoceronte é adorado como tendo pertencido a Buda; perdoa os hediondos animais-deuses que passaram do hinduismo para o budismo e percorre, sem um comentario, os ridiculos afrescos em que o suave Gautama aparece trucidando gente no inferno para regalo da gente da terra; admite que isto não passa de concessões feitas á populaça, porque já se imbuiu da filosofia que flue subterraneamente. "Este é o terceiro dia que gastei quasi exclusivamente na atmosfera dum templo budista. Assisti a muitas cerimonias e conversei com sacerdotes e monjes." Ele mistura com a ingenua tagarelice dessas criaturas primarias o conteudo profundo de suas concepções pessoais; e considera-as profundas porque nelas não alcança o que procura encontrar. (Vinte anos mais tarde os sacerdotes de Kandy lhe parecerão prototipos da infantilidade, incapacidade e indolencia da raça).

Atrás daqueles bonzos vestidos de amarelo vê a figura e a filosofia de Buda — e curva-se, cheio de felicidade, diante do santuario.

> Buda foi a maior mentalidade entre as dos criadores de religiões... Frequentemente se perguntam os sabios, com ingenuidade, por que Cristo e Buda significam mais

> que todos os grandes espiritos precedentes, desde que o primeiro nada ensinou que já não houvesse sido proclamado antes e o segundo valia menos que os seus predecessores quanto a profundidade; a razão de maior significação é que neles a palavra não permaneceu palavra, mas fêz-se carne — e isto é o maximo que se possa conseguir... Porque nele a palavra se tornou carne, não como um dom das alturas, mas em consequencia dum desenvolvimento natural, acelerado pela intensa auto-cultura — eis porque é Buda o maior exemplo da historia.

Por algum tempo Keyserling se perde no budismo: louva os sacerdotes por terem queimado em seus corações todo o egoismo e louva o povo do Ceilão por praticar com tanta fidelidade o credo budista. (Em 1930 os budistas do Ceilão comiam carne no quantum permitido pelas posses de cada um, e no Templo do Dente o sacerdote, antes de começar as cerimonias, levava os visitantes á caixa de contribuições para a conservação do sagrado dente). Na inervante atmosfera da ilha, longe do louco tumulo europeu, Keyserling chega á conclusão de que toda luta, todos os desejos, todos os bens deste mundo são vãos como Buda os considerava; ficou a ponto de tornar-se monje budista e quedar-se ali, a caminhar á sombra das palmas do bosque monastico existente junto ao lago, a recolher as esmolas da gente do povo, a contemplar serenamente a vaidade de todas as coisas humanas. Infortunadamente, o seu itinerario de viagem não lho permitia; ele era obrigado (horrivel pensamento europeu!) a apanhar o trem. Apanha-o e ei-lo a cruzar o estreito de rumo á India, onde se extasia ante os gigantescos templos de Rameshvaram, Madura, Trichinopoly e Tanjore.

Não se sente vivamente interessado pelo povo hindu; passa por ele quasi sem o ver; o que procura são os sacerdotes, os filosofos, os deuses. Gosta tanto dos pensadores hindus que exalta com romantismo o povo; a inconciencia de suas superstições, a humilde adoração da vaca, do macaco, do elefante, da serpente e de seus fantasticos idolos masturbadores; e anota que "os hindus consideram com horror o ato de comer carne", quando a verdade é que acham a carne muito cara. Entrega-se concientemente a todas as influencias locais de modo a absorver no maximo o ponto de vista hindu.

Sua linhagem aristocratica ajuda-o a compreender a virtude do sistema de castas: talvez seja melhor, reflete ele, que cada homem se sinta amarrado desde o berço a uma certa ocupação, do que se empenharem todos na livre conquista de tudo, jamais tomando posição definida, permanecendo inquietos e infelizes. E pergunta a si proprio se a introdução do sistema de castas na Europa não seria uma admiravel forma de seguro da propriedade.

Esquece depois os idolos e ritos dos templos budistas porque de boa mente aceita a explanação braamanica de que essas imagens e formas não passam de simbolos dum deus unico, Brama, a Alma do Mundo; para o povo tais imagens e cerimonias servem como estimulo á imaginação; unicamente o filosofo pode ver o Absoluto sem o auxilio de representações sensoriais. O hinduismo está para o budismo como o catolicismo está para o protestantismo — religião sensual oposta á religião espiritual. Nos dois casos a forma sensual se mostra mais bem adaptada ás mesmas; a forma intelectual é mais restrita e mais transitoria em suas satisfações. O budismo passou na India, o hinduismo ficou; o protestantismo passará na Europa, o catolicismo ficará — sobreviverá até ao proprio cristianismo.

Não obstante, atrás desta fé servida por um infinito ritual em honra a inumeraveis deuses, jaz a mais perfeita das religiões, a mais sutil das psicologias e a mais profunda das filosofias. Mais perfeita das religiões, porque foi a que melhor transformou animais de presa em homens bondosos, pela magia do Karma e do Darma, isto é, pela doutrina de que cada ato bom ou mau praticado na terra será recompensado ou punido pela reencarnação em uma mais alta ou mais baixa forma de vida; e pelo ensino de mil Rishis e do *Bhagavad-Gita* ("talvez a mais bela obra literaria do mundo"), que é melhor cumprirmos bem as funções e obrigações da nossa atual posição do que realizar mal os trabalhos de uma situação mais alta. Mais sutil das psicologias, porque percebe a superficialidade do intelecto a fabilidade da razão, a vaidade da logica; porque, muito antes de Kant, descobriu que percepção e concepção atingem apenas a ilusoria superficie — a *Maia*

— a aparencia das coisas. E mais profunda das filosofias, porque reconhece que muito mais profunda que o conhecimento ou a ciencia é a contemplação interior que se afasta das sensações e "fatos" para procurar na concentração mistica, longe do intelecto e da razão, longe do numero, da medida, do mecanismo e da forma, a indizivel compreensão da essencia ultima e da significação ultima do mundo. Não é por mero acidente que "esta nação filosofica *por excelencia*" possue mais palavras sanscritas de uso no pensamento filosofico e religioso do que as encontramos no grego, no latim e no alemão combinados. Os hindus não inventaram novos sistemas de filosofia porque, como metafisicos, eram muito profundos, e sabiam que a compreensão logica não alcança as profundidades. Nunca foram racionalistas... A absoluta superioridade da India sobre o Ocidente depende da admissão de que a cultura, em seu sentido real, não se alarga com o alargamento da superficie (isto é, do conhecimento), "mas pela mudança de plano com olho na profundidade e esta pesquisa da profundidade depende do grau de concentração... A sabedoria hindu é a mais profunda que existe."

Essa profundidade é devida ao Yoga. Porque o Yoga disciplina o desejo, reduz ao minimo as necessidades do corpo até que a carne cesse de dominar a alma; nesse estado, então, o pensamento liberta-se das cadeias, a quietude do corpo permite-lhe a concentração — e lentamente o espirito se torna conciente das coisas ultimas — fato impossivel quando o pensamento se vê perturbado pelo caos do desejo. Os metodos mais grotescos podem contribuir para esta emancipação; a musica hindu consegue-a mantendo todas as notas num tom basico; tambem o consegue a repetição da palavra sagrada *Om* — ou olhar para o sol, porque, como disse Hobbes, sentir sempre a mesma coisa equivale a não sentir nada. De cem maneiras podemos escapar á sensação, anestesiar a futil sequencia do pensamento racional, deixando a alma dona de si num plano onde só sinta Deus — só sinta o indizivel Ser. Que maravilhoso não é ver aqueles pietistas do Ganges imergindo na sagrada agua suja, rezando não para a obtenção de bens, mas de luz, ungindo-se com estrume de vaca em homenagem ás suas deidades, sentando-se de pernas cru-

zadas, imoveis e calados, cobertos de cinzas, nada vendo, nada ouvindo, nada sentindo, mas, talvez, tudo compreendendo. As proprias crianças aprendem esta arte da meditação e parecem concentrar-se no meio de mil banhistas hindus e cem turistas observadores. Esses homens, e talvez essas crianças, chegaram ao estagio ultimo da duvida e da pesquisa humana — o estagio que nós do Ocidente só conhecemos quando, depois duma vitoria, percebemos a inanimidade de tudo. Inutil desprezarmos esse povo; ele não vê o valor das coisas como nós o vemos; não procuram conquistar o mundo, mas perder-se na sua essencia ultima, tornar-se de novo, como quem volta do exilio, uma gota d'agua no oceano.

Esta filosofia compensatoria dum povo muitas vezes conquistado seduz Keyserling porque o oriental que ha nele é mistico; ele vê nos descarnados Yogi que se banham no Ganges os irmãos de Lao-tse, de Eckart, de Bohme e de Bergson; e por um instante parece-lhe que sua vocação é aquela. Vai a Adyar, aceita a hospedagem de Annie Besant e em consequencia se torna teosofista *pro tem.* Vai a Benares, pratica a arte Yogi, desce todas as tardes ao rio sagrado, aprende a concentrar-se e, erguendo-se ás sumas alturas mentais, quasi atinge Deus.

2. *China*

> O mundo das ideias não significa o estagio mais alto; acima de suas torres está o dominio da significação pura — e quem nele paira pode ser oniciente... Escusa dizer que não subi tão alto... Quanto mais experimentei a maneira indiana, mais vi o mundo da vida á luz do sol espiritual do Indostão... E como renunciei a isso? Parece-me hoje que era assim; que todos os propositos terrenos já haviam morrido em mim, bem como toda vaidade, toda ideia de luta pela conquista da fama. Tudo morreu. Se um mestre me aparecesse hoje e dissesse: vem! eu o seguiria cegamente.

É evidente que Keyserling escapou da India a tempo; por pouco mais que se demorasse ter-se-ia tornado um Yogi semi-nu, acocorado á margem do Ganges, coberto de cinzas

e de olhos enfitados no sol. Novamente o itinerario pre-estabelecido salvou-o: partiu para a China, observando que "a exclusiva ocupação com o Yoga deteriora espiritualmente a maior parte dos que a ela se entregam... O ocultista é, em regra, um ser inferior."

Na China, a mesma sensibilidade, a mesma ansia de penetrar segredos, de alcançar o fundo das filosofias exoticas empolgou o filosofo; já de começo deixa escravizar-se. Sedu-lo a esfumada paisagem chinesa, que ele admite como a fonte da aerea subtileza e sugestividade da pintura desse país. A principio aspira com repugnancia o cheiro de Cantão, depois recebe-o com resignação e finalmente com afeição; "constitue o encanto peculiar" daquela zona. "Sinto-me envergonhado da repugnancia que me causou um prato de vermes, o qual mais tarde me soube "deliciosamente." Acaba equiparando a cozinha chinesa á dos franceses; e acha possivel classificar as civilizações de acordo com as respectivas cozinhas. Deleita-se com os vestuarios coloridos, as bandeiras embrazonadas, os rostos risonhos, o alegre movimento das ruas; admira a boa vontade dos trabalhadores, a cortezia dos negociantes, a pericia dos artezãos. Cantão espanta-o.

> A cidade é bela. Todo decorativo é de uma perfeição que não vemos em parte nenhuma. A arte da ourivesaria e do entalhador de ebano e marfim paira em nivel incrivelmente elevado; o mais elementar artesão parece possuir bom gosto em alta dose... Dificilmente encontramos um objeto caseiro que não possua valor artistico... A supremacia da China em materia de forma é coisa fora de duvida.

Que diferença entre os chineses e os hindus! Que saude e vigor ha na China, que ancianissimo senso pratico, que bom senso, que libertação de qualquer metafisica! Por algum tempo os chineses oprimem Keyserling com a sua simplicidade e praticidade; o misticismo trazido da India lá se evapora; e subitamente o filosofo descobre o segredo de tudo: em vez de ciencia, arte; em vez de conhecimento, vida; em vez de construção de sistemas de pensamento, o alegre

cultivo dos campos. "O idealismo chinês aparece no modo pelo qual eles conduzem as tarefas do dia...; o modo de viver dos chineses é expressão de profundidade." Sua civilização é a sua filosofia.

> A China é o unico imperio que resolveu a questão social por um longo periodo; o unico em que as massas populares sempre foram felizes... Nesse colossal imperio em que nunca se tomaram medidas radicais contra os abusos existentes, tem reinado mais ordem que em todos os estados conduzidos com grande energia; nesse país sem policia, com autoridades de duvidosa integridade, ha menos latrocinios, menos homicidios, menos abusos de confiança e brigas do que no bem organizado imperio alemão... Os mandarins não dispõem de força militar nem de policia para apoiar suas ordens — e são obedecidos prontamente. Basta-lhes o prestigio do cargo, pois o povo admite que se os ocupam é porque deles são dignos. Que maravilhosa é essa ideia de governo! É a mais alta que ainda foi concebida.

Esta vitoria no governo, a maior observada no mundo e que tanto espantava Voltaire e Diderot, deve sua extraordinaria permanencia á profunda moralidade dos chineses, ao seu sistema educativo, aos seus filosofos. A moral para o chinês substitue a lei; os governos podem vacilar ou cair sem que a estrutura social, baseada na familia, se ressinta. Nossa concepção da moralidade pode ser mais alta — podemos demonstrar mais simpatia pelos sofredores, podemos revelar mais amor romantico, mais consideração para com a mulher: mas na China a moralidade e a familia funcionam e entre nós não. O respeito dos moços para com os velhos, ou dos ignorantes para com os educados, basta para manter a ordem, disciplinar o carater, moderar a natural selvageria dos instintos, transfazendo-a nas amenidades corteses da civilização. "São os chineses, em conjunto, muito mais domesticados que os homens do Ocidente; a relação entre eles e estes é a mesma que ha entre os animais domesticos e os selvagens... Os chineses cultos, lá entre eles, referem-se a nós como "piratas" — e não ha severidade nesta apreciação. Quando penetramos no Oriente, convencemo-nos de que a nossa cultura moral é só externa." A despeito do recurso á

mentira e do baixo patrocinio aos bordeis, os "chineses pairam num nivel moral incomparavelmente mais alto que o da maioria dos homens da nossa raça." São eles "o unico povo que se aproxima do ideal cultural" consistente em que cada homem trabalhe com alegria em sua ocupação e para o governo sejam escolhidos os melhores. "A mais civilizada humanidade que existe está lá."

Que foi que elevou uma tão vasta aglomeração humana a tão alto tipo de humanidade? Keyserling admite como causa os filosofos chineses. "A superioridade chinesa resulta da ideia de que quem quer melhorar externamente, deve melhorar-se no interior." *Ser* deve preceder ao *agir* — *agere sequitur esse;* para remodelar uma nação tereis de remodelar o homem, capturar seu coração ainda no berço e forma-lo de modo a permitir o bom governo. "A ideia fundamental de que o ser condiciona os fenomenos, e não viceversa, foi a base do grande sistema de Confucio, o sistema que por dois mil anos tornou possivel a vida social do maior ajuntamento humano que a historia revela... A filosofia chinesa suportou o teste pragmatico melhor do que qualquer outra"; criou um carater e por meio dele uma nação de civilização mais continuada de qualquer outra. "A China foi o país que mais me impressionou — e mais me ensinou."

Keyserling não está seguro se gosta mais dessa civilização terra-a-terra do que a que o levava regularmente aos banhos no Ganges, onde assistia ao espetaculo da aspiração e loucura humanas elevadas ao apogeu. Mas á velha civilização chinesa admira sem restrições — e daí a sua aristocratica revolta contra a revolução de 1911. "Sinto-me dominado por crescente repulsa contra o estado republicano. Que coisa deslocada é aqui! Quão mais superior é o velho mandarim, comparado aos moços impudentes que estão na chefia do imperio hoje! Os chineses europeizados não podem, de modo nenhum, suportar comparação com os que continuam chineses á moda classica. A parte do Oriente que se deixou penetrar do espirito do Ocidente entrou num tremendo processo de bastardia psiquica, e terá de passar por um longo periodo de caos."

A China tambem tem de passar pelo sarampo e pela tosse comprida da democracia; essa China que durante milenios foi governada por uma aristocracia baseada na cultura e aberta a todos, tem de "progredir" no rumo do estado politico americano, que é governo dos peores e a abstenção dos melhores. "Os chineses não ficarão mais livres graças á Revolução; a America não está mais livre do que os chineses. A comunidade local, que é o atomo social da China, possuia completa independencia administrativa... A China, que foi livre, será escravizada; o nivel do povo descerá, e a *canalha* tomará o lugar da *intelligentsia*, a não ser que a China, mais feliz que a Europa e a America, fuja ao perigo no ultimo momento." Talvez seja isso necessario; talvez, á semelhança dos japoneses, a China substitua a agricultura pela industria de modo a criar riqueza e produzir os canhões que a libertem dum Ocidente que só pensa em dolares e granadas. Mas o preço de tal liberdade será um seculo, talvez um milenio, de escravização a propositos materiais, a produção, a lucros, ao "progresso" a fabricas, monopolios, intermediarismo e minas. "A luz espiritual já não pode ser procurada no Oriente, pois que vai se transformando em simbolo do materialismo." O Ocidente cansado e rico importará confucianismo e teosofia, enquanto o mistico Oriente fabricará canhões. A necessidade tem mais força que a filosofia; mas "para mim", diz Keyserling, "não pode haver duvida quanto á posição dos individuos de maior desenvolvimento no futuro: eles estarão mais perto de Confucio do que o homem moderno de hoje, e a ordem social do futuro será mais aproximada da dos chineses do que das concebidas pelos utopicos." Estudemos a China que está morrendo; talvez jamais vejamos uma civilização de tão alto nivel.

3. *América*

Keyserling começara a viagem com a ideia de encontrar uma "nova filosofia que harmonizasse o antagonismo entre o Ocidente e o Oriente" por meio da união e permuta de suas "verdades". Quando o navio o levou da Asia para a America, lutou para libertar-se das garras do Oriente afim

de avaliar de novo a significação do Ocidente; e lutou para reajustar-se ao conceito de democracia, igualdade, capitalismo, socialismo, riqueza, poder, progresso. Encontrou dificuldade; e quando se cruzou com certos missionarios, a sua resolução de aproximar-se da America com simpatia quasi esmoreceu. "Não posso ajeitar-me com missionarios, apesar de suas boas intenções... Aqui a bordo conversei com varios, que viveram anos na China, e em nenhum observei a menor compreensão do confucianismo. Tal cegueira talvez seja um dom da Providencia; só pode ter explicação sobrenatural." Esses contactos acentuaram em nosso filosofo a sua predileção pelo Oriente, "quanto mais estudo o Oriente, menos importante me parece o moderno tipo do ocidental... As filosofias da India e do Ocidente não se harmonizam — não ha ligação possivel entre elas... Prefiro o orientalismo ao ocidentalismo porque prezo mais o aperfeiçoamento da vida do que a vitoria na vida." Krishna já o dissera: vale mais ser um mascate perfeito do que um ministro incompetente. Perfeição é mais que progresso. Compreender, mais que conquistar. Conhecer, mais que possuir.

Mas Keyserling chega ao Golden Gate de S. Francisco; visita as montanhas da California, as geleiras de Yellowstone, os montes de Yosemite, as divinas arvores de Mariposa, as profundezas do Grand Canyon — "essa revelação geologica, a maior de todas." ("A delicadeza das cores brinca com um sorriso nas atormentadas faces do Grand Canyon.") Lá se encontra com o americano medio e acha-o muito melhor do que o pinta a literatura; e começa a sentir-se em simpatia com aquele ar claro e vibrante, com a alegre convivencia, a *camaradagem* entre vendedores de rua e presidentes, a gigantesca e turbulenta transformação do deserto em civilização. Aquela vida crescente e florescente, extendendo com alegria o seu imperio mais sobre a natureza do que sobre o homem, empolgou-lhe a imaginativa como algo epico. Afinal de contas, pensa ele, ha alguma coisa de nobre nesse esforço para subjugar o planeta, para extorquir-lhe todas as riquezas ocultas de modo que até os mais pobres possam ter comodidades, segurança, escolas. A sujeira, a miseria e fome chinesas, o pietismo e a renuncia hindu, o nirvanismo budista,

a indiferença dos bramanes diante dos sofrimentos e da ignorancia do povo — seria isso coisa mais alta que a corajosa resolução de acabar com a pobreza e a ignorancia ainda que á custa da paz interior? Daquela ação intensa não emergiria um Ser mais alto que os anteriores? O filosofo formulou a si mesmo essas perguntas e deu-lhe uma resposta provisoria.

> Que forma de existencia é preferivel, a do Oriente ou a do Ocidente? Poderei eu julgar isso? Já me sinto conquistado pelo crescer, pelo criar, pelo realizar, pelo aperfeiçoar; já a volição em si toma-me de tal maneira a conciencia que me parece dificil a entrada por outro caminho. Mas isto soa-me evidente: para *este mundo* o Ocidente escolheu a melhor parte. Afim de dar força ao que é direito, torna-se necessário *poder*, porque o direito por si só nada vale. Se a aspiração do espirito é penetrar o mundo das aparencias, se a missão do homem é realizar esta espiritualização, nesse caso o nosso materialismo tem mais valor que a espiritualidade dos hindus. Porque esta espiritualidade revela-se impotente diante da natureza. Não pode controla-la — e por isso não pode espiritualiza-la. E temos de realizar isto.

III — KEYSERLING NA AMÉRICA

1. *A arena americana*

Já que cada intelectual europeu que vem á America tem de pagar seu ato por meio de conferencias, ou dum livro, ou de ambas as coisas, e já que a champanha custa caro, Keyserling sentiu-se moralmente obrigado a expor suas vistas sobre os barbaros que povoam os Estados Unidos. É verdade que ele apenas os cruzou em 1912 e só permaneceu quatro meses em 1928; mas para um homem da sua intuição esse farejar é o bastante. E realmente foi o bastante, porque quanto menos sabemos dum assunto, mais brilhantemente escrevemos a respeito; os fatos paralizam-nos a imaginação; e podemos descrever com mais vivacidade um acontecimento quando o não presenciamos.

> Tomei o cuidado de ler o menos possivel a respeito da America, antes de encaminhar-me para lá. Durante minhas viagens pelo país guardei-me com a maior cautela contra a informação. Poucas perguntas fiz; evitei o obvio. Não me encontrei com nenhum dos grandes homens tidos como grandes porque, como dizem os americanos, estão no mapa. Saí pouco; li o minimo de jornais, fiz o que pude para conservar minha conciencia livre de impressões acidentais... E usei exclusivamente a minha faculdade de intuição — a faculdade que estabelece o contacto com a vida como um todo. Mas apesar de tudo, não estou certo de haver apreendido a verdade.

Isto é melhor do que Molière ou Oscar Wilde. Tal egotismo nos diverte; choca-se tão violentamente contra nossas convenções que contra ele só podemos proteger-nos com o sorriso. Somos todos nós, como já foi dito, egotistas; mas uma das regras do jogo das boas maneiras é que devemos simular que não nos consideramos o centro do universo — porque do contrario a vida poderia tornar-se insuportavel em virtude do conflito das orbitas e da colisão das estrelas. Keyserling ignora estas regras, e somos tentados a considera-lo pretensioso — mas ao faze-lo damos com passagens do seu livro que nos fazem hesitar. Será que nos vai ele dizer alguma coisa que valha a pena ouvir? Será possivel que um homem de visão filosofica possa num mês ver e compreender mais do que um turista compreende e vê num ano? Será que julgamos muito apressadamente o seu livro?

Num volver d'olhos inicial ele vê na America os seus elementos etnicos constituintes — indios, negros e brancos. "Os indios degeneraram desde que lhes deixou de ser permitida a guerra." Os brancos americanos ainda não formam um povo; resumem-se numa seleção de varios povos europeus; muitas gerações serão necessarias para a completa fusão. "A America é ainda uma *colonia* em que uma civilização nativa ainda não se desenvolveu". Nem tão pouco a civilização europeia conseguiu passar-se toda para a America: "experiencias provam que quando um povo muda de terra, leva consigo o corpo, não a alma." Os Estados Unidos ainda não têm alma; é um vasto molde espiritualmente vazio, daí

a facilidade com que é invadido pelas culturas alienigenas. No momento, por falta duma alma ou cultura propria, estamos inclinados para o negro. "Por que todos encontram hoje no negroide primitivo o melhor instrumento de expressão?" Porque o espirito do negro, uno e simples, domina o complexo e dividido espirito dos brancos. "A America nada criou que suporte comparação com a força da dansa e da musica negra — talvez com a só exceção da Christian Science." "E posso antecipar que as maiores realizações culturais da America poderão originar-se de seus filhos pigmentados." Isto são exageros maliciosos; temos de desconta-los, aceitar o estimulo que encerram e gozar a malicia.

A America, portanto, é um povo, não uma nação; e consequentemente não podemos esperar encontrar nela maturidade, sutileza ou bom gosto — produtos da idade madura. "A vida áspera que a America teve de enfrentar recuou o imigrante vindo da Europa ao primitivismo do aborigene"; o europeu tornou-se novamente simples e primitivo. Mas cada mal traz um bem; a imaturidade é apenas o preço do rejuvenescimento da raça branca numa terra nova. É consolador ver como uma raça pode readquirir a mocidade pela simples mudança de ambiente e abertura de novas linhas; a frescura do solo penetra no sangue e raças envelhecidas na Europa tornam-se moças na America. "Para que o novo se desenvolva, o decrepito deve desaparecer... O que é lamentado como crescente rudeza na realidade significa que novas forças primordiais estão a manifestar-se... A alma americana está de novo se tornando primitiva."

Está sendo remodelada, pensa Keyserling, pela atmosfera e o solo. Sinto-me pessoalmente satisfeito de que sob a psicologia de cada nação haja uma fisiologia; que o tipo de cada um dependa principalmente da correlação "no funcionamento das glandulas endocrinas"; "que esta correlação esteja por seu turno condicionada em alto grau pelo ambiente material — mais ainda do que pela hereditariedade." Lentamente o clima amolda o tipo novo em desenvolvimento no solo novo. "Ha bem pouco tempo o americano educado era ainda um de nós, europeus; hoje a America ou, pelo menos,

a sua ultima geração, corporifica literalmente um novo mundo." Keyserling cita a lisonjeira interpretação do americano dada por Jung: "um europeu com maneiras de negro e alma de indio"; e acrescenta: "O espirito primario do solo americano e o espirito do negro já disputam a supremacia com o espirito dos imigrantes europeus; e qualquer que seja o resultado, a sintese final será nitidamente americana."

Deste ponto de vista etnico Keyserling vê a Odisseia Americana como o ultimo estagio do erradio das nações. Hunos e godos, semitas e eslavos, passaram do Himalaia ás montanhas Rochosas. Ainda hoje os americanos são nomades; não aprofundam raizes duradouras; e porisso não possuem cultura fundamental; são dinamicos, mas sem estabilidade ou equilibrio. New York é uma cidade de nomades; lá está o cerebro da America, o que a livra de ser dominada pelo Fundamentalismo e pelo Babitismo; mas nenhuma alma tem raizes na cidade. Á medida que caminhamos para o Oéste, a estabilidade aumenta e a flexibilidade da inteligencia diminue. "Meus sentimentos amistosos foram-se; Chicago é horrivel." Esse comentario de Keyserling feito em 1922 não muda em 1927 e ele acrescenta reveladoramente: "Fiz uma visita ao matadouro", como se nós pudessemos viver se alguem não matasse. Ele não tem olhos para a magnificente transformação das margens do lago; compara a cidade com a Napoles e a Sicilia anteriores a Mussolini; descreve os crimes dos gangsters como "valvula de segurança" contra as repressões da civilização — e prediz o aumento, em vez do decrescimo, do crime na America, como consequencia da "civilização", isto é, dos progressos da arregimentação e da padronização.

De Chicago vai para a região das planicies, e da janela do Pullman generaliza: "O americano é hoje mais afim do russo e do chinês que do europeu; como o russo e o chinês, o americano é essencialmente um filho da vastidão." S. Francisco o seduz, mas certas estreitezas puritanas de Los Angeles o irritam; "é provavelmente para fins de purificação que Hollywood se estabeleceu lá."

Com certeza os anglicanos deixaram de apresentar ao conde as raparigas e a champanha que sua fama pedia; é

dificil agradar a um conhecedor. Depois foi ele para a Virginia; "é uma região americana em que ha uma atmosfera de cultura generalizada." Unicamente no Sul o tipo americano apresenta-se de bom nivel; e o possivel futuro predominio do Sul sobre o Norte é a esperança da cultura americana. Esta sentença muito reconfortou o Sul, embora ninguem cogitasse da diferença que haverá entre a cultura do Norte e do Sul, quando o Sul estiver tão industrializado como o Norte. Keyserling evita cuidadosamente tocar neste ponto.

2. *Indústria americana*

Como tudo mais, o industrialismo tem dois gumes e dois cabos; significa o advento de Babbitt e a libertação do homem. Significa que pela primeira vez na historia do planeta um organismo dominou o ambiente e tornou-se quasi um deus no manejo das forças naturais. Significa a vitoria sobre a pobreza e a outorga ao homem comum dum nivel de vida antigamente só ao alcance dos magnatas. Mas significa tambem um redobro de grosseria comercial em cada lutador empenhado na incessante luta economica; um sacrificio da qualidade pela quantidade, da arte pela ciencia, do *otium cum dignitate* pela competição destruidora. No fim o homem acaba possuido pelo seu padrão de vida; hipoteca o futuro para brilhar no presente e põe sobre si uma carga de dividas e trabalho que não lhe deixa tempo para as letras e artes. Ha uma suave benevolencia e muita simplicidade na vida americana e uma agradavel ausencia da inveja e do odio que dividem as classes na Europa; mas cedo ou tarde a luta economica envenenará tudo. A amizade torna-se passageira conveniencia comercial; o governo, um agente promotor de vendas e cobrador de contas. "Os homens de negocio da America não nos sugerem que seus avós cruzaram o oceano levados por motivos religiosos afim de fundarem na terra desconhecida um reino de santos."

O resultado é uma "prosperidade sem gosto" em que cada um se vê duas vezes mais rico que antes mas tambem duas vezes mais atropelado. Para manter-se no nivel o ame-

ricano introduziu a escravidão, já não de outrem mas de si proprio; isto é, fez do trabalho o tudo de sua vida. "No total, a vida americana vai se tornando mais e mais organizada, como se a nação fosse uma fabrica unica." O americano não descansa, embora se entregue a jogos desportivos; "tem medo da folga como poucos europeus têm medo do inferno." Só em condições excepcionais admite algo de maior importancia que o progresso material; e nisto está o segredo de seu barbarismo. O ideal animalesco do conforto material o satisfaz; o ponto de vista do "vendedor" invade todos os campos, e só aparecem genialidades nos campos da industria e da finança. "Na America admite-se que a riqueza cria o "grande homem". Se é assim, então não ha processo menos misterioso que o da transubstanciação."

É conhecido o efeito deste sistema sobre o carater. Por uma estranha inversão, o individualismo economico rebenta em socialismo psicologico. A caça á riqueza conduz á produção em massa, á estandardização de produtos, gostos, ideias, almas; vender o mesmo artigo ao maior numero de pessoas exige que grande numero de pessoas tenham a mesma mentalidade; fazer o povo pensar e agir do mesmo modo é a função da propaganda comercial — gotas d'agua que caem incessantemente sobre o cerebro humano até que a individualidade se adormente e só fique o estereotipado. "Unicamente na America a propaganda pôde tornar-se uma industria autonoma"; sem a produção em massa, tal coisa seria impossivel. Por meio dela forma-se em todos os campos uma opinião publica artificial, que se vai acumulando geometricamente graças á imitação, até tornar-se irresistivel. "O mais incrivel ideal que o homem jamais teve — o ideal do homem da rua", o desejo de ser exatamente igual aos outros — amolda o vestuario, a conduta, o pensamento e até as caras do americano. Por fim cada homem se torna a duplicata de outro, e o grande valor da realidade espiritual, que é a personalidade caracteristica, desaparece. Quando um tal automato despersonalizado defronta um inglês, que é a individualidade encarnada, sempre metido consigo e em reserva, o americano sente-se vexado; percebe então o valor do espiritual e do individual como força creadora. Esta dominação ou aterrorização do individuo pela

opinião publica "é na realidade a unica mancha negra e feia que se observa na vida americana." "Na America a diversidade tem que ser doravante mais preconizada que em outra qualquer parte do mundo".

A esta socialização da mentalidade americana Keyserling dá o nome de socialismo. Sinclair Lewis, cujos livros Keyserling considera como o melhor desenho da vida americana, surpreender-se-á de saber que os mais perfeitos socialistas do país são os rotarianos e que o país que mais se assemelha á America é a Russia. Lá tambem está o individuo subordinado ao grupo, e disciplinado do ponto de vista da maior produção possivel de bens materiais. Keyserling regala-se em acumular evidencias sobre a similaridade entre os dois países, os quais timbram em se considerarem antipodas. Sem duvida que os dois povos são diferentes; "a tremenda tensão entre o animal e o homem filho de Deus — que é a principal caracteristica do russo — falta ao americano." Todavia, "ha muito pequena diferença entre a vida espiritual do bolchevista e do néo-americano." O espirito americano não é menos primitivo que o russo; como o russo, o americano despreza os valores espirituais e culturais, as boas maneiras e o sangue aristocratico; e a falsa igualdade social dos americanos corresponde á igualdade dos camaradas russos. "Na America, como na Russia, o individuo vai afundando na massa homogenea"; em ambos os paises uma nova servidão se substitue á era do individualismo e da diferenciação. "Tomemos as organizações americanas e animemo-las com o apaixonado espirito da Russia — e teremos o ceu na terra", diz um jornal russo.

Está se dando hoje uma "irresistivel bolchevização da mocidade no mundo inteiro"; mas na America e na Russia o fenomeno se acentua singularmente. A politica sexual de alta porcentagem dos americanos modernos é exatamente a mesma dos jovens bolchevistas; a "revolta da mocidade" nos Estados Unidos é exatamente a mesma subversão da religião e da moral observada na Russia. E o mundo inteiro procurará imitar a Russia e a America; alguns paises imitarão o socialismo competitivo e livre de uma, outros imitarão o socialismo compulsorio de outra; as duas nações tornar-se-ão os focos centrais do futuro, em similaridade de miras e dife-

rença de meios; e o maior conflito se dará entre ambos, justamente por serem tão iguais — isto é, rivais que se julgam com direito ao Eden socialista. Keyserling admite que o sistema americano vencerá porque no campo do bem estar material já estão quasi realizados os sonhos do socialismo do seculo 19. Por esse motivo a America ficará imune a todas as tentativas de revolução comunista.

O de que, segundo Keyserling, necessitamos, não é de comunismo, sim de aristocracia; temos de admitir distinções e aceitar os homens superiores. Os testes de inteligencia, diz ele, abalam a nossa fé na democracia; como a maioria é de tolos, ha necessidade de encontrar meios de barra-los dos cargos de direção — ou pereceremos na primeira oportunidade em que for mister apelar para cerebros. Keyserling não atribue a nossa corrupção politica a nenhum tipo especial de venalidade, mas á paga insuficiente dos funcionarios municipais — embora nossos prefeitos estejam remediando este mal. Em regra, todavia, Keyserling empresta pouca significação ao governo. Nossos politicos disputam, rapinam e discursam, mas a vida nacional deixa-os á margem e segue na sua gradual e impessoal transformação da industria, da moral e do pensamento. "Estamos indubitavelmente vivendo numa éra em que a importancia do estado diminue."

3. *Nossa moral*

O que mais interessa Keyserling é a tremenda transformação da nossa vida moral. Como aristocrata que é, sem castelo mas ainda com realeza, Keyserling despreza as mulheres emancipadas e a erotomania do nosso tempo. "A *flapper* é decididamente inferior a qualquer mulher que aceita a verdade da ordem velha." Ele lamuria a substituição do amor romantico pela sensualidade cinica, e considera-a como signo de exaustão espiritual ou retorno do civilizado ao primitivo. "Quem ama a serio tem mais profundidade que o ceptico frio" (Shaw parece superficial perto de Hardy ou Tolstoi). "Hoje o sentimento das exterioridades (preliminares e cortezias do amor) passou de moda até na França.

O desejo impera, desnudado e exagerado; em vez de se tornarem brilhantes junto ás mulheres, os homens se tornam grosseiros." Por toda parte, da Russia á America, o sentimentalismo está em desfavor e a emoção vai morrendo. "Os americanos rejeitam, como a um trambolho, a ordem moral e espiritual." A nova geração é intelectualmente mais ampla (não mais profunda) que a anterior, e emotivamente mais estreita; "talvez geração nenhuma seja tão pobre em sua vida interior, desde o tempo das grandes migrações... Se ela acha "in-moderno" o sentimento pessoal, é que esse sentimento já se foi."

Em vez de procurar na vida industrial urbana a causa desta atividade mental e da insensibilidade emotiva, Keyserling a retraça como proveniente da decadencia da fé religiosa. Quando a religião perde a fôrça, a inibição desaparece e os instintos tomam as redeas nos dentes. O resultado, pensa Keyserling, é nocivo para o individuo e a raça. "As inhibições são tão necessarias para o desenvolvimento da vida da alma como o esticamento das cordas do violino o é para a boa qualidade dos sons... A imoralidade é contraria á natureza porque corresponde á dissolução da forma na esfera organica; e vida sem forma não pode subsistir... A natureza pune a imoralidade com pena de morte... Se sob a bandeira da Revolta da Mocidade um novo tipo de americano surgir, isto significa, fundamentalmente, que o mesmo processo ocorreu na India milhares de anos atrás, quando a alma dravidiana suplantou a hindu com detrimento da ariana — e que esse processo está agora a agir nos Estados Unidos."

Consequentemente, a mocidade moderna não é moderna, é primitiva, é uma reversão para tipo já passado. Nosso nomadismo, nossa perpetua mudança de ocupação e residencia corresponde a voltar ao primitivo; e talvez até o nosso matriarcado, a nossa submissão ás mulheres, seja passo para trás. As mulheres americanas tendem a tornar-se amazonas; sem sensibilidade e ternura, só pensam em dominação; o homem americano faz-se escravo e ama seca; para Keyserling esta é a "principal caracteristica da vida americana." A posição da mulher na America "é a duma raça dominante, tal qual os ingleses na India." A cortesia do homem para com

a mulher é normalmente a consideração do forte para com o fraco; mas na America é a timida obsequiosidade do ser inferior para com o ser superior. "Os homens americanos são extremamente atirados, mas raramente são o que êles chamam "hemen" (machos); a glorificação desse tipo é uma freudiana confissão de fraqueza." Na realidade, os homens americanos "são uma raça de gente humilde. Essencialmente infantis, isto é, sem as qualidades que fazem o que chamamos um homem." O ultimo estagio da decadencia é a floração do homossexualismo e do lesbismo.

Esta predominancia feminina não é anti-natural, porque na natureza o macho é inferior á femea, depende mais da sexualidade dela do que ela depende da dele. Alem disso, "a mulher nasceu dominadora", não só porque é normalmente quem dirige a casa como porque excede ao homem nas artes da sugestão, da indireta, do coleio, da lisonja e da compreensão rapida, sobre que, nas sociedades civilizadas, a dominação repousa. Mas no seculo XVIII a mulher conseguiu a liderança por intermedio de meios que induziam os homens a redobrar de esforços criadores; com a graça e a delicadeza ela o elevava ao maximo, e dum bruto fazia um cavaleiro; porque "a mulher quer ver o homem tão ativo no plano espiritual, como o homem quer ve-la ativa no plano fisico." Se perde a mulher estas qualidades de refinamento, estes atrativos do pudor e da delicadeza, os quais já lhe deram tanto poder sobre o homem, e se os substitue por um rude prosaismo de pura animalidade, ou pela agressividade, a civilização perderá uma das suas secretas fontes de nutrição: — a fome do homem pela aprovação da mulher; e as boas maneiras degenerarão em selvageria. Keyserling conclue: "Não ha duvida, os americanos são barbaros."

4. *A mente americana*

O mesmo barbarismo que ele encontra em nossas maneiras, encontra-o em nosso pensamento. Keyserling observa a alta proporção de maníacos — gente que insiste em fazer

a coisa direita no momento errado; a credulidade, o convencionalismo imitativo e o extremo conservantismo do americano medio; a "lerdeza mental do americano nativo" e nossa geral disposição para pensar com slogans, titulos e subtitulos. Sacrificamos a energia mental á fisica; temos em nossas cabeças mais ideias e fatos do que sabedoria para compreende-lós e usa-los; "intelectualização sem equivalente desenvoltura da alma opera em favor da barbarização." A educação americana faz mais pelo corpo do que pela mente, e mais pela mente do que pela alma; é uma forma de treino animal produtor de ganhadores de dinheiro, dos tais que julgam ser Whitman um confeiteiro. Nossas universidades são as mais bem aparelhadas do mundo; possuem tudo, menos cultura. Em certo sentido esta observação tambem cabe á Europa de hoje.

> Tudo que hoje recebe o nome de educação falha no ponto capital; produz conhecimentos mas não inspira compreensão pessoal; desenvolve a eficiencia mas não cria a elevação. E deste ponto de vista não é progressiva — não difere da escola medieval em que a mocidade simplesmente aprendia a explicar o que já era crido. Que isto é assim, parece-me provado pela recrescente inferioridade de nivel das massas tidas como educadas em todos os países do mundo; mais elas sabem, menos compreendem; mais se apuram como especialistas, menos superiores e completas aparecem como personalidades.

Keyserling lamenta este sacrificio do cultural ao pratico; esquece-se de que tambem ele, desde o confisco de seus bens, passou a ser um ganhador de dinheiro, e fala com aristocratico desdem duma filosofia pragmatica que parece identificar a verdade com o triunfo e a beleza com o uso. Ri-se do behaviorismo estimulo-e-resposta como teoria essencialmente americana: o homem é uma "slot-machine" que reage como a gente deseja, por intermedio da introdução duma moedinha deste ou daquele valor. Tal filosofia e tal psicologia são desastrosas para a cultura, para a religião e a arte; não as anima nenhum padrão estetico, nenhum senso de valores alem do da espetaculosidade e do apreço. Resulta daí uma prodigiosa falta de personalidade e bom gosto. Certas "estru-

turas metalicas — estações, pontes, tuneis — possuem um valor artistico vivo", tanto na America como na Roma antiga; mas pela maior parte "os americanos parecem singularmente destituidos de dons artisticos e de interesses... Nunca me senti tão ofendido em minha sensibilidade estetica como ao conhecer a estandardização do lar americano." São todos iguais; nenhum reflete uma personalidade; possuem tanta alma como os que a compõem. A unica forma de "beleza cultural nativa" que Keyserling louva na America é a disposição das verduras nos mercados de New Orleans; e isto apenas lhe sugere que "a má cozinha e a tolerancia do povo nesse pormenor são gigantescos obstaculos á cultura americana." Keyserling tambem se revela um pragmatico.

Em religião somos mais originais, mas duma originalidade de terriveis resultados. A America difere da Europa pelo fato de tomar a religião a serio; é "o unico país exclusivamente cristão de todo o mundo ocidental, porque é o unico em que as raizes psicologicas não se entroncam no paganismo." Não obstante, o cristianismo como a Europa o concebe está em decadencia na America. Os arrancos fundamentalistas são as derradeiras manifestações dum puritanismo nas vascas da morte — embora o moralismo puritano ainda tenha que sobreviver por muito tempo. "As igrejas mais normais não desempenham papel digno de menção na vida espiritual do país... A maioria dos americanos pertence a certa igreja exatamente no mesmo sentido de pertencerem a certo clube de golf ou de rotarianismo." A religião verdadeiramente vital da America é a "Ciencia Cristã" — e por motivos que só um psicanalista pode compreender. "Desde que a vida americana se inclina para a dominação da materia em proporções jamais sonhadas no mundo, é de logica necessidade que a grande religião realmente creadora e original seja a Ciencia Cristã, ou outra desse tipo; porque a Ciencia Cristã nega completamente a materia." Nada mais calmante para um homem de negocios que durante a semana inteira perseguiu o dinheiro, do que ouvir nos sermões dos domingos que as coisas materiais não existem. Isso vale por absolvição.

5. *O futuro americano*

A conclusão da analise de Keyserling é pessimista. Não ha verdadeira cultura na America; o abismo entre a exterioridade do progresso e a perfeição interior é ainda mais profundo do que na Europa... O pequenissimo interesse que a liberdade de pensamento provoca no país que na Europa ainda é chamado a Terra da Liberdade demonstra como estamos distantes do cultivo do espirito, coisa tão diferente do cultivo da carne. Estamos a realizar o ideal romano, não o grego; poderemos ser a maior potencia do mundo, mas tomaremos nossa arte, nossa filosofia e nossa literatura do estrangeiro e com temas de fora. Quando a nossa ascendencia economica sobre a Europa for completa, uma nova Idade Media começará. "Por que motivo prevejo uma nova Idade Media, desta vez para o mundo todo? Simplesmente porque a mudança que se está operando pelo mundo inteiro é tão radical como o foi ha dois mil anos atrás"; na Europa a entronização dum operariado materialista, hostil ás coisas do espirito; na America a entronização duma burguesia materialista, ignorante das coisas espirituais. "As éras de verdadeira cultura... nada mais têm sido do que meros episodios ou acidentes." A éra do progresso mental chega ao fim, e a era do chauffeur, do mecanico e do empreiteiro começa.

Não obstante, sob outro ponto de vista a America é um simbolo de esperança, não de decadencia. Porque nela subsistem duas condições que no fim trarão rejuvenescimento e desenvolvimento. Uma é a mistura de muitas raças, o que permite esperar, depois de muitas gerações, uma nova cepa possuidora de originalidade e vitalidade juvenil; talvez o vigor economico dos povos setentrionais se solde, no "melting pot" americano, á artistica sensibilidade dos povos mediterraneos e isso produza uma raça mais sadia e fina do que quantas conheceu o mundo. "A historia da America está realmente começando. Nenhuma raça que emigrou do seu habitat se torna verdadeiramente nativa no espaço de poucos decenios... Idades Medias significam periodos de gestação"; estes nossos anos de materialismo e acumulo de riqueza, de

mudanças revolucionarias em todos os metodos de produção e distribuição, representam a infancia duma nova ordem, duma ordem cuja mira é a abolição da pobreza e o estabelecimento de bases mais humanas á cultura. "A despeito do carater preliminar da maioria dos seus fenomenos, a America está indubitavelmente mais proxima do novo ideal do que a Europa... Não é impossivel que na America, depois que os periodos selvagens hajam passado, se desenvolva a mais alta civilização que possa ser concebida do ponto de vista das ideias ocidentais... na America o mundo ocidental completará a sua evolução — se é que venha a completa-la." O de que necessitamos para elevar-nos da adolescencia á maturidade é, primeiramente, uma grande coragem critica que nos liberte, como a psicanalise liberta o individuo dos recalques da infancia; depois, uma grande crise, guerra ou revolução intestina, que ponha em prova as almas ou acabe com tudo. "Confio que a Providencia abençoará os Estados Unidos com as dolorosas dificuldades que eles tanto necessitam para alcançarem o desejado grau de aperfeiçoamento em linhas proprias... E essa benção sob forma de tempos duros, estou certo de que virá."

6. *Juízo em suspenso*

Nós, pobres americanos ricos que o mundo inteiro critica e imita, já suportamos a maior parte dessas aperturas e não nos alegramos com a profecia de novos maus tempos a baternos á porta. Nas palavras de Keyserling vemos o éco das de Spengler e o geral sentimento de uma Europa que está a pagar muito caro o preço duma guerra para com um país extremamente bem dotado de recursos materiais e espirito inventivo — e que como é muito novo deve ser ralhado e castigado. Mas a mocidade, como disse Pitt, é doença que o tempo cura.

Não ha duvida que somos materialistas: uma nação nova se vê forçada a estimular o espirito de empreendimento e aquisição afim de desenvolver os seus recursos; e um povo de poucas fortunas e privilegios herdados obriga seus cida-

dãos a ganharem a propria vida e a cuidarem da familia antes de se dedicarem aos primores da cultura. Mas estas humildes condições democraticas já lá se foram; estão se desenvolvendo aqui castas e classes, situações e riquezas hereditarias, e uma aristocracia que dispõe de seu tempo e que á custa propria aprende a compreender e a fomentar as artes. Um dia tambem teremos cultura — a cultura que é suportada sobre os ombros dos escravos.

Os americanos não são mais aquisitivos que os franceses, ingleses ou chineses, e talvez sejam mais generosos e prontos em repartir o seu ouro; ha menos grude em seus dedos do que entre os que se mostram tão sequiosos de gorgetas e *baksheesh.* Nada ha na vida americana que corresponda á sordida taxação dos hindus feita pelos filhos da aristocratica Inglaterra. Talvez a America tenha razão: primeiro acabemos com a pobreza, depois cuidemos da arte. Enquanto isso, é curioso observar como muitos escritores e conferencistas europeus encontram neste barbaro país publico, assistencias muito maiores do que em suas terras. Todos estes desprezadores da riqueza se vendem por um certo preço; e denunciam o dinheiro em conferencias pagas ao preço de dez centavos a palavra. A prosperidade, diz Keyserling, é um embaraço para o progresso espiritual — mas das suas notas no fim das paginas vemos que ele não descansará enquanto não vender o ultimo exemplar das edições dos seus livros.

Não obstante, devemos aceitar-lhe a lição. "O santo, diz ele, não condena ninguem; o sabio não considera ninguem como totalmente errado." Façamos o papel do sabio e admitamos que com todas as suas falhas, suas repetições e exibicionismo, com toda a sua presunção e palavrosidade, com toda a sua prestidigitação psicanalitica, que prova tudo com a interpretação simbolica dos fatos, admitamos que ele escreve com brilho, vigor e eficacia; que condena com muita extensão, mas com candidez que não irrita; que é precipitado nos juizos mas independente e intemerato. Seu desprezo nos fará bem; porque ainda que tenhamos virtudes que ele não viu, e que os nossos defeitos não sejam nossos, mas sim de todas as raças, sempre vale algo a cirurgia que corta fundo

em nossa carne. E ao fim de tudo, Keyserling é leniente; nada diz a respeito do nosso cinema. Percebemos no fim da obra que se trata dum monumento de analise — mais profunda que a de Siegfried porque cura menos do nosso corpo economico do que da nossa alma intangivel. "Os chineses", diz ele, "designam o sabio por meio duma combinação de caracteres ideograficativos de vento e relampago." Vento e relampago — eis Keyserling.

IV — KEYSERLING E A EUROPA

1. *Orgulho e preconceito*

Das obras de Keyserling a mais parcial e cheia de preconceitos, embora a mais estimulante e rica de frutos, é o volume intitulado *Das Spektrum Europas,* no qual o alegre conde observa da sua torre de marfim os povos que rodeiam a Escola da Sabedoria e julga-os não sem justiça, amargor e humor.

Temos preliminarmente de descontar o que disse sobre a psicologia dos povos; a tentação dos autores de só observar os fenomenos que estão de acordo com as suas teorias é muito grande para ser resistida por um homem tão fraco que até escreve livros. Assim, vamos encontrar o nosso conde de Keyserling caracterizando os alemães como "pre-ocupados com o objeto" (mais tarde acusa-os de introversão) — como se isso não se desse tambem com os ingleses, americanos, chineses, japoneses... A mor parte das "caracteristicas" de um dado povo na realidade pertencem a uma duzia de povos. Os franceses, por exemplo, são em materia de economia mais economicos que os escoceses — e os ingleses mostram os efeitos do contagio.

Alem do mais, nenhum autor pode escrever de uma nação sem generalizar com base em sua estreitissima experiencia pessoal, esquecido de que nossa experiencia depende do ponto em que nos achamos na vida. Não é digno dum escritor condenar um povo por causa dum *concierge.* Em cada capitulo desta obra encontramos um caso incidental que

desassizadamente explica os inconcientes preconceitos do autor. No primeiro capitulo lemos: "Nunca pude compreender por que razão precisamente os ingleses me acusam de falta de senso de humor", e "Não disse um critico inglês, num grande jornal, falando de meu *Diario de Viagens*, que eu vivo numa indecente intimidade comigo mesmo?" Como pode um homem escrever com imparcialidade sobre a Inglaterra, depois de haver recebido um insulto desses?

E, mais: "Durante minha estada em Paris estive certa vez num hospital. Antes que meus amigos franceses começassem a cuidar de mim..., experimentei uma falta de humanidade que não me parecia possivel na Europa"; temos que conservar esta recriminação em mente durante a leitura dos seus capítulos sobre a França. Se achamos a parte referente á Suissa tremendamente mesquinha, havemos de nos recordar que o *Berner Bund* criticou-o como "incrivelmente grosseiro" e "pessoalmente ofensivo"; se o conde mostra amargor contra a Revolução Russa, havemos que perdoa-lo, pois houve o confisco de seus bens. Em Estocolmo irritou-se porque sua conferencia foi anunciada no programa como "Conferencia por Keyserling", entre um numero de canto e um de dansa; daí concluiu ele que "os grandes homens da Escandinavia emigram para fundar reinos novos; o que permanece em casa é o restolho."

Ao falar da Holanda, á pagina 257, um leitor do livro escreveu á margem: "Lá pelo fim do capitulo deve aparecer o caso pessoal que o levou a esta denuncia" — e poucas paginas adiante a coisa aparece: "Recentemente, num hotel belga..., fui envenenado pelas ptomainas duns mariscos que comi." O capitulo em questão é um sub-produto desses mariscos.

Não obstante, trata-se dum bom livro. Colhemos proveito com a sua leitura.

2. *Inglaterra*

Todas as nações são coisas profundamente desagradaveis. O homem não passa dum ser dubio; e do momento em que aparece coletivamente, seus lados condenaveis

aumentam na mesma proporção com que avultam os lados aceitaveis... A primeira observação a fazer a respeito das nações é que elas são despidas de valor.

É este o preludio usual de Keyserling; e não deixa de conter alguma verdade. Uma nação não é completamente sem valor como nação; a America, por exemplo, é maior na totalidade do que nos seus individuos; é grande no nivel da sua energia corporada, na sua habilidade, na sua prosperidade (como costumamos dizer), embora seus chefes se mostrem mediocres em tudo que não sejam invenção e industria; aqui é a media, não a exceção, o que dá valor ao todo. Mas, como já vimos, isto é justamente o que Keyserling aborrece; ele despreza a media e só mede a humanidade pelos seus homens excepcionais. Concorda com Goethe que os vicios do homem são recebidos do meio, ao passo que suas virtudes são dele proprio.

Eis a razão de Keyserling aceitar a Inglaterra; apesar de ter o povo inglês como o mais obtuso da terra, vê nos seus lideres o mais alto desenvolvimento do animal humano. "Em parte nenhuma podemos encontrar almas de maior profundidade e finura." "O gentleman inglês é um tipo que sustenta confronto com o *kalos kagathos* grego." Keyserling admira a liberdade de pensamento e ação da Inglaterra, sua amavel aceitação das indiosincrasias tradicionais e das heresias que se conformam com todas as convenções; nunca, como lá, a liberdade se afastou mais da licença. A liberdade alemã do bom tempo gotico não sobreviveu na Alemanha, sim na Inglaterra, onde o ideal nietzscheano do anarquismo aristocratico quasi alcançou realização. Quando, certa vez, Galsworthy admoestou Shaw de que se continuasse a comportar-se como o fazia breve seria abandonado pelos amigos, este replicou: "E se você continua como vai, breve acabará sem um só inimigo!"

A Inglaterra é a mais feliz das nações. Não só o seu imperio cresce (como pretendem os imperialistas) por artes da sorte, como a sua posição geografica a protege das guerras que ela acende ou financia. O desenvolvimento do puritanismo na Inglaterra tem quasi o efeito da meditação Yoga;

fortalece o caracter e aprofunda a alma. Desde a revolução de Cromwell que os ingleses puseram o moral acima do intelectual; e suas escolas produziram verdadeiros homens, em vez de pedantes e escribas. O resultado é um tipo unico, estranho e ininteligivel para o resto da Europa. "Quem não nasceu inglês, pode tornar-se tudo, menos inglês."

Mas o resultado é tambem um produto não intelectual. "O gentleman inglês é *criado* como uma especie de animal nobre; seus instintos são submetidos a treino." A força do gentleman está no seu inconciente, nos impulsos da intuição; a sua cobiça do poder é coisa inconciente; "as queixas dos hindus contra as famosas depredações da Companhia das Indias caiam em ouvidos honestamente surdos." Em suma: o inglês é um animal perfeito, bem alimentado de bife e cerveja. Quando no apogeu, torna-se um heroi, com uma singular capacidade para atender ás emergencias e ver as coisas sob esse prisma; represento-o cantando o "Nearer My God to Thee" durante o afundamento do Titanic. Em ponto medio, é um sportsman que aceita com humor a derrota e age lealmente em relação a todos os povos armados. No ponto mais baixo, é um "homem de cavalariça", com feições cavalares.

Mas, alto, medio ou baixo, falta-lhe intelecto. "A nação inteira mostra um irredutivel preconceito contra o ato de pensar." "O inglês medio nunca reflete", encontra "mais sentido em esbofar-se atrás duma bola do que na literatura de bons livros", o inglês "enuncia chatices com o mesmo poder de convicção com que Galileu pronunciou o *eppur si muove*"; seu tipo e modelo é o Dr. Johnson, "o homem que lançou com maior convicção maior numero de lugares comuns." "Os intelectuais ingleses raro suportam a comparação com os intelectuais dos outros povos" — juizo este bem pouco aplicavel a Buckle, Shaw, Huxley, Wells, More e Chesterton. "No mundo moderno é completamente impossivel a um filosofo não ser anti-inglês e essencialmente alemão" — modo de confessar que ele ainda não sarou da epistemologia; mas esquece que essa doença foi pegada em Leibnitz e Kant por Locke e Hume. E, agora, o peor dos golpes: "O homem perdeu a sua inocencia e com ela o paraiso, ao comer o fruto

da arvore do Conhecimento. Assim, o inglês é por natureza mais sadiamente ajustado e mais harmoniosamente treinado do que qualquer europeu." Nesta frase o conde vinga-se do tratado de Versalhes.

3. *França*

A França é mais bem tratada. Através de toda a sua civilização o conde vê graça e cortezia sem par em qualquer outro país da terra. Este refinamento de alma e corpo resulta de longa tradição, duma liderança do espirito e das maneiras que permaneceu intacta durante dois seculos. (A propria Inglaterra, outrora isolada como um castelo no mar, foi lentamente sucumbindo ás influencias continentais.) Segura em seu trono de arbitra da elegancia, Paris aceita com um sorriso de equanimidade todas as inovações, desde as atrizes nuas até Marcel Proust; já viu muitas novidades para escravizar-se a alguma; e em redor de Paris fica a França, a nação mais conservadora da Europa. O povo recorda-se das suas revoluções e esquece a sua imutavel estabilidade burocratica; "a França não sofreu essencialmente nenhuma instabilidade desde o tempo dos romanos" — embora esta afirmativa possa espantar Robespierre.

Mas tem sido tão lisonjeada a França, que "pouca gente gosta dela"; possue as mais lindas catedrais e os peores hoteleiros do continente. O camponio francês é, na sua tenacidade, duro como uma velha raiz... O mais generoso francês é mais avarento de dinheiro que o mais economico alemão. Será isto psicologia, patriotismo ou verdade?

Keyserling conhece a sua França desde a anatomia até á estetica. As francesas vestem-se com mais gosto que as demais mulheres porque são menos bem feitas, diz ele. Apesar disso, o conde gosta mais das mulheres francesas do que dos escritores franceses, aos quais suspeita que muito cuidam do estilo por pouco terem a dizer.

> Balzac, para o qual todos os escritores franceses do seculo 18 estão na relação de baratinha, para um continente, não é devidamente honrado em seu país. Falta-lhe estilo... Como se qualquer gigante, seja Cervantes, Dos-

toiewski ou Goethe, jamais tivessem o mesmo senso da forma de Téophile Gautier. Os deuses e os cinzeladores de camafeus não estão sujeitos ás mesmas leis.

A grande fraqueza dos franceses é o racionalismo, a excessiva confiança no intelecto e na razão. "Enquanto o resto do mundo acentua os poderes irracionais do inconciente, a França firma-se cada vez mais na inteligibilidade." Isto tem seu valor num mundo que se deu á irracionalidade na literatura, na psicologia, na filosofia e na politica; mas torna esse povo particularmente incapaz de compreender os outros. "Porque os franceses parecem incapazes de compreender a diferença entre o espiritual e o intelectual." Desde que a supremacia do intelectualismo caiu, a França foi perdendo a sua velha hegemonia; "a abertura de novos caminhos não é tarefa para a França"; Voltaire foi o seu ponto culminante, a deusa Razão foi a sua queda. "Os franceses começaram a declinar a partir do seculo 18, embora sem revelarem traços de degeneração...; a superioridade do carater francês demonstrada na Grande Guerra" deixou isso fora de duvida. Mas as nações não podem permanecer toda a vida num apogeu. A França dominou o seculo 18, a Inglaterra o 19; provavelmente os alemães dominarão o seculo 20. "A cultura francesa está hoje nua de força criadora nova." (As sombras de Clemenceau, Anatole e Foch que respondam). "Grandes personalidades, no sentido alemão e russo, só são produzidas por povos moços... Marcel Proust indisfarçadamente marca um fim." Que geração, a partir de Burke, já não anunciou o fim da França?

4. *Itália*

Ha mais futuro na Italia, apesar de velha como é, do que na França. Porque é fora de duvida (pensa Keyserling) que o fascismo representa um começo novo, uma nova idade heroica, inimiga do palavroso parlamentarismo que felizmente a guerra matou. Keyserling cita e aprova um pronunciamento fascista: "A chamada liberdade de pensamento foi o mais doloroso desastre, porque em substituição das verdades classicas não nos deu nenhuma certeza e só soube criar prin-

cipios." (O conde passa por cima do "casamento de experiencia" de Mussolini com o papa; o governo autocratico tem, como o papado, um sistema de dogmas acorrentadores do pensamento). Na periodica alternação de liberdade e autoridade que constitue o ritmo da historia, assistimos hoje á morte duma éra de liberdade e ao surto dum novo periodo de autoridade. O fascismo "fornece-nos o melhor simbolo do que as massas de todo o Ocidente necessitam" — um contra-vapor na população que andou estragando nossas cidades com as "maquinas" politicas e o governo dos gangsters, e estragando a arte e a moral com os seus impulsos baixos e selvagens.

O fascismo chegou primeiro á Italia porque era a Italia o país que mais urgentemente reclamava a "disciplina prussiana." "O carater fundamental da Italia é inequivocamente primitivo. Italianos das melhores classes seriam imediatamente classificados de barbaros, se não fosse a natureza essencialmente humana que revelam." Keyserling ilustra o que diz com palavras de d'Annunzio, o qual atraiu Tchicherin a um quarto em Gardone, trancou a porta, sacou da espada e informou a esse desarmado representante dos Soviets de que iria mata-lo. Um povo anarquico por instinto, ha seculos destituido de forte unidade nacional, desmoralizado politicamente por uma éra de liberalismo contrario á sua natureza — tal povo necessitava daquilo, e foi beneficiado por aquilo que a Alemanha perdeu quando perdeu a força: o estadismo prussiano. Para a Alemanha tambem esse estadismo foi em certo tempo de real vantagem; do contrario estaria ainda no que era antes de Napoleão.

A democracia está moribunda e merece morrer, porque cometeu o erro de admitir que a multidão pudesse compreender e escolher. Um governo forte, a cuja vontade a multidão se subordine, como o queria Nietzsche, deve surgir em toda a Europa, como já surgiu na Russia e na Italia. Desde a morte de Lenin que Mussolini, apesar de não ser o grande homem que se supõe, tornou-se o unico estadista de visão da Europa. Não que seja, como se julga, um Maquiavel no trono, mas porque é perfeitamente representativo do povo;

em seus sonhos todos os italianos são Mussolinis. É a razão de necessitarem dele.

5. *A Europa aristocrática*

Agora que a aristocracia "passou", Keyserling aguarda-lhe a ressurreição nos países em que a doença não é endemica e não destruiu o carater e a disciplina: Italia, Espanha, Hungria, Turquia e Russia. Talvez a Italia e a China exijam mais um seculo para se libertarem da infecção parlamentarista; mas na Espanha e na Hungria a aristocracia inata e intacta ha de mostrar a sua superioridade, e na Russia e na Italia a ditadura dará um substitutivo para a ordem espontanea e natural, na sociedade e nas almas, que decorre do governo hereditario.

"Eticamente, a Espanha está neste momento no apice do mundo europeu." Porque na Espanha cada homem é um aristocrata que se ergue firme diante de Deus, do Diabo e da Inglaterra. Dos Pireneus ao Mediterraneo não ha um só plebeu. Desde o tempo da Invencivel Armada que os espanhois perderam todas as suas guerras, mas não perderam uma gota do orgulho. Transparece neles qualquer coisa da severa, fatalistica feição dos arabes e beduinos; a Espanha, com a sua nobreza e os seus desertos, pertence mais á Africa do que á Europa. Não teve Renascimento nem Reforma; nada a separa da Idade Media, de Cervantes ou do Cid; suas raizes permanecem inteiras. Se a dinastia desses herois puder sobreviver ás agruras da democracia, "as abobadas do Escorial, onde se vêem tantos sarcofagos vazios á espera de reis ainda não nascidos, não serão logradas em sua espera."

Durante o ultimo seculo houve consideravel deterioração na maior parte das cepas europeias, graças aos disgenicos efeitos da guerra e da restrição da natalidade; esses fatores impediram os melhores elementos da população de continuarem suas linhas. A aristocracia austriaca, por exemplo, desabou durante a Guerra, em consequencia de cem anos

de desintegração; dela nada ficou, a não serem as boas maneiras — "nos filhos de muitos aristocratas austriacos de hoje podemos, com todas as probabilidades saudar fundadores de dinastias de impecaveis chefes de garçons." Mas na Europa Ocidental a semente aristocratica ainda existe. Os magiares são "a raça mais aristocratica da Europa de hoje"; "na realidade, o *grand seigneur* hungaro é o único aristocrata que subsiste no continente."

Mais para leste estão os turcos, uma raça superior, não estragada pelas invenções modernas. "Por longo tempo foram os turcos não só um dos mais distintos como um dos mais belos povos... Através de toda a historia mostraram-se os turanianos a raça produtora por excelencia dos grandes tipos de imperantes. Os arianos... jamais produziram homens tremendos como Atila, Genghis Khan ou Tamerlão. E onde quer que o sangue turaniano se misturou com o de qualquer outra boa raça, têm emergido personalidades de grande valor. O Ocidente nunca produziu ninguem comparavel a Akbar, esse mestiço do sangue dos Timurs com o dos Rajputs." (A distancia embeleza tudo.) Lenin é um exemplo de tal mistura — e talvez Clemenceau tambem tenha nas veias um pouco do sangue turaniano.

6. *A Europa burguesa*

Keyserling revela exagerado amor por essas nações aristocraticas, e em louvor a elas entoa a encantadora "canção do Grand Seigneur" — o panegirico das virtudes da aristocracia (pp. 183-220). E concomitantemente derrama desprezo sobre os paises governados pelos negocios; são eles amontoamentos de fabricas e hoteis em que o ganhar-dinheiro resume a vida, e a arte do guarda-livros é a unica existente. Keyserling observa que o "suisso só existe como um povo de hoteleiros", como hospedeiro dos turistas da Europa; seu cretinismo endemico e a "extraordinaria ausencia de caras bonitas" indica qualquer profundo defeito fisiologico; e em meio da paisagem linda a raça decai. E o nosso conde ainda se agrada menos da Holanda. "A feiura dos holandêses é

qualquer coisa basica, de que só Deus é o responsavel. E que dizemos da lingua que falam? A gente dos portos de Amsterdam é das mais feias do mundo. O proprio Satã tem que pensar duas vezes antes de aproximar-se dum transeunte das ruas holandesas."

Tambem detesta os judeus, bom eslavo que é. Aceita o judeu judaico, o homem fiel ás suas tradições; vê uma nobreza simples nesses patriarcas barbaçudos que estão mais proximos de Hillel do que dos nossos tempos. Mas repugna-lhe, acima de tudo, o tipo do judeu desnacionalizado, que corta as raizes que o prendem ao tronco e mistura-se á massa envolvente para confundir-se com a maioria; nada decai tanto como esse tipo de judeu. Keyserling admite que "o sangue judeu corre nas veias de grande numero dos espiritos mais notaveis do ultimo meio seculo"; e crê que os judeus hoje são "parte tão necessaria a todos nós como certos parasitas intestinais o são ao bom funcionamento das tripas"; remove-los é ameaçar de colapso a estrutura do credito. (Comparação injusta, em se tratando do mais forte e mais generoso povo da historia. "Hoje novamente, como durante o declinio da antiguidade, os judeus, a despeito de seu pequeno numero, estão conquistando uma indiscutivel posição de predominancia." Seus habitos e modos de pensar dão o tom á epoca; seu intelectualismo, seu cepticismo, sua astucia, sua ausencia de sentimentalidade e o seu ponto de vista economico estão se generalizando pela Europa, America e Asia. O espirito comercial é o Zeitgeist do mundo moderno.

Pelo fato desse espirito ter conquistado a Alemanha, Keyserling critica severamente, como a qualquer outro país, a terra que é hoje a sua patria.

Chama aos alemães o povo da classe media por excelencia, e vê entre eles uma mecanização mais desalmada e peor que a da America. Olha com "verdadeiro horror" para a "crescente idealização, por parte dos lideres espirituais alemães, do que se passa nos Estados Unidos." Consequentemente, os americanos-germanicos são os mais materialistas de todos os americanos. Keyserling sorri da insolencia prussiana e da enfase teutonica sobre a masculinidade; isto trai

um carater verdadeiramente feminino, pensa ele. Os alemães não são guerreiros, são professores; se, como disse um inglês, tivessem de escolher entre o Ceu e conferencias sobre o Ceu, os alemães escolheriam as conferencias. E tais professores e conferencistas não são tão bons como a America pensa; "dificilmente em 70% deles encontrariamos uma ideia original em cada mil paginas."

> Desde a queda de Bismarck o professor é que tem dominado na Alemanha, ainda que seja um erudito absolutamente ignorante. E depois da Guerra as coisas ficaram peores. Está na natureza do professor ser vazio de compreensão da realidade psicologica. Tambem é da vontade de Deus que o professor seja destituido de tacto. Só apanha o que já se realizou, nunca o que se está realizando. Faltam-lhe todas as aptidões para a vida viva. Vem daí o povo alemão, tão bem dotado, não haver gosado por muito tempo a grandeza adquirida graças á liderança de seus grandes homens.

Não obstante, essa mania de erudição apurou a Alemanha. O alemão examina-se mais profundamente que os outros homens, e ha sondado abismos nunca anteriormente atingidos. Pagou, é claro, o preço dessa introversão, embora aparentemente mergulhado nos prosaismos do comercio; mas ergue-se de vez em quando, cabeça e ombros, acima do resto da Europa; pense-se em Goethe e Schopenhauer, em Bismarck e Nietzsche. As grandes figuras da historia medieval e moderna são quasi todas alemãs. "Nem sequer os mais finos representantes da elite francesa jamais se mediram com as grandes individualidades alemãs. Voltaire foi um pensionista de Frederico, e a filosofia do seculo 19, fora da Alemanha, não passou de meros comentarios sobre Kant." Ha na raça alemã uma virilidade brutal que não pode ser completamente subjugada pelo escolasticismo; ainda é o alemão o povo mais sadio e forte da Europa. A vitoria da França quasi destruiu a França, que hoje faz o que pode para conservar a cabeça fora d'água; mas a derrota da Alemanha fortaleceu ainda mais a Alemanha e breve vê-la-emos mais forte do que nunca. "O tempo está do lado da Alemanha."

7. *Rússia soviética*

Um serio defeito no livro de Keyserling é discutir largamente todos os paises europeus, exceto a Russia. Nenhuma outra nação do globo, nem mesmo a India, pode rivalizar hoje com a Russia do ponto de vista do interesse para o filosofo que quer manter-se em contacto com a vida. Um quarto da superficie da terra transformado em laboratorio de experiencias economicas e politicas; ideias que ha mil anos se conservavam apenas com ideias, subitamente passam a concretizar-se; operarios, camponeses e intelectuais experimentam-se no estatismo e na estrategia militar; a imemorial lei da oferta e da procura é subitamente substituida pelo controle central de todas as relações comerciais, de toda a finança, de toda a produção, de toda a distribuição, e isso num povo de 150 milhões de criaturas; a abolição da agricultura individualista, velha como o mundo, e o estabelecimento de gigantescas lavouras cooperativas dirigidas pelo estado; o abandono da aristocracia e da democracia por uma ditadura partidaria que monopoliza o poder e está aberta a todos; como não ha de o mundo aprender alguma coisa da Russia?

Mas Keyserling só fala incidentemente desse vastíssimo país; a Russia permanece um assunto sobre o qual ele não se expressa dogmatica e definitivamente. Keyserling reconhece a legitimidade de ocasionais revoluções como o unico processo corretivo da concentração da riqueza, a qual decorre, naturalmente, da desigualdade dos homens; e por momentos escreve com um heroico esquecimento de si proprio.

> Rompimentos de promessas, impiedosos ataques, violação e anulação de direitos adquiridos, são processos normais sempre que uma nova ordem de coisas começa a estabelecer-se; nada novo pode ser criado de outra maneira, salvo em condições excepcionais. É fato provado que a propriedade de hoje pode ser entroncada na rapina, e isso numa proporção de 70%. Se não fossem os periodicos retornos bolchevistas, desta ou daquela forma, a terra inteira seria em breve possuida por um minusculo numero de pessoas.

"Cada especie de progresso", acrescenta Keyserling, "procede invariavelmente da Esquerda"; e talvez a maior parte do que na Russia o bolchevismo destruiu já se tinha tornado sem significação. Keyserling suporta a violencia, a chacina, a compulsão, embora fale com horror da Tcheka. "O bolchevismo admite que a violencia é necessaria como primeiro passo; no correr do tempo, o que era resultado da compulsão automaticamente se muda em volição individual." E a isto acrescenta uma impressionante comparação: "Durante longos seculos o cristianismo tambem agiu com essa tatica."

Mas Keyserling não confia na pressa da Russia em industrializar-se; fala, em termos que recordam a melhor peça de O'Neill, da Maquina-Deus que o bolchevismo está procurando colocar em substituição ao Deus cristão. "Ha quadros em que pintores bolchevistas representam a maquina com atributos da divindade." No fim, talvez a Russia só consiga fazer-se uma duplicata da America.

Aceitando como autentico o idealismo dos lideres russos, o nosso conde prediz a invasão da Asia pelas ideias russas. "Moscou tornou-se definitivamente o simbolo da proxima modernização do Oriente." Ele crê não somente que a Russia se conservará bolchevista mas que o bolchevismo acabará invadindo toda a Europa, como a democracia já o fez; o proprio "inglês do seculo 20 está hoje mais aparentado com os bolchevistas do que o seu avô da éra vitoriana." O mundo deixou-se levar pelas ideias socialistas e não sossegará enquanto não as concretizar; esta aspiração é compensatoria do espirito burguês da epoca, e "todas as refutações abstratas serão impotentes diante dessa força viva."

Em suma, Keyserling encara os eslavos com aquela afeição filial que perdôa tudo. Como Houston Chamberlain admitia que Cristo fosse germanico, assim Keyserling pensa que Socrates deve ter sido russo; as feições do filosofo grego, e aquele nobre nariz, traiam a sua origem tracia, isto é, russa; e sem duvida "Socrates arguia tão insuportavelmente como um estudante russo." Considerados todos os fatores, "as naturais capacidades dos eslavos são mais ricas que as dos

outros povos europeus"; e isto se deve á mistura de sangue mongol, a qual produz na alma russa uma tensão criadora que vai do bruto ao santo, de Tamerlão a Cristo. "O russo é um homem situado entre dois polos; o animal e Deus. Hoje predomina o animal." E Keyserling conclue:

> Estou certo do grande futuro da Russia. No seio desse povo maravilhosamente dotado, rico de alma e vitalidade, uma das mais importantes culturas humanas se desenvolverá. Mas esse radiante futuro não é para breve; prevejo-o para depois de seculos. Até lá, o caos será inevitável.

Ao que um bolchevista poderia responder: "Uma ordem social que não nos agrada é sempre caos."

8. *Tôda a Europa*

O que Keyserling vê quando corre os olhos pela Europa em conjunto é uma encantadora variedade e um perigoso fluxo. Ele defende o carater balcanico do continente, sua fragmentação em muitas linguas, povos e estados; esta riqueza de diferença num territorio escasso ganha o premio do unico e do individual. Foi bom que a Europa se tornasse o campo de interferencia das linhas de força do romano e do teutão, do eslavo e do ocidental; foi esplendido que todas as tentativas para unifica-la, desde a de Cesar até a de Napoleão, hajam falhado. "A Europa é "na essencia balcanica". Imaginemo-la unificada, ou nivelada, como a America: o seu sentido desapareceria." É para bem da Europa que a ideia internacionalista não conquistará o continente. O europeu de hoje "é algo mais que o europeu do passado, porque possue um escopo mais amplo. Toda superioridade depende da integração em unidade mais alta de todos aqueles valores que em seus planos proprios são exclusivos."

Não obstante, todas as nações europeias, conquanto mantendo, e mesmo acentuando, as suas diferenças politicas, culturais e economicas, devem ligar-se entre si por um acordo de ordem economica e politica, se querem preservar-se da

America e da Asia. O prestigio do homem branco foi destruido pela Guerra; a Asia já não teme a Europa; aproveitou-se da Guerra para inaugurar aquela industrialização do Oriente que eventualmente o subtrairá á influencia comercial do Ocidente. A éra da dominação do mundo pelos brancos está no fim.

A Europa aflige-se hoje com a ressurreição da Asia e a força americana. Está sendo derrotada no Oriente pelas ideias politicas e tecnicas que deu ao Japão, á China, á Russia e á India; todo o Oriente fala de maquinas, democracia, liberdade. E alem-mar, as colonias europeias se desenvolveram no bastante para assustar o pequeno continente que lhes forneceu o material humano; mesmo espiritualmente a Europa se vê ameaçada de conquista pelos Estados Unidos. Metida entre esses dois fogos, a tarefa da Europa é preservar o seu individualismo contra o socialismo russo e a arregimentação de alma e corpo caracteristica da America. Não importa que o socialismo ou a arregimentação tragam riqueza; "isto é coisa que até os chimpanzés podem conseguir." A Europa tem que ficar do lado do espirito contra a materia, do lado da liberdade contra a servidão, do lado de Goethe contra o sargento-instrutor. No fluidico tumulto dos nossos tempos, a preservação da cultura herdada, ou da propria cultura em si, está periclitando como jamais o esteve desde a queda de Roma.

> Nunca a Europa esteve num tal estado de fluxo como hoje. As tradições perderam toda a significação historica, os precedentes não mais se aplicam, a velha harmonia estabelecida já não existe, todo o equilibrio está ameaçado... O resultado real da Grande Guerra não foi de nenhum modo o triunfo das ideias dos aliados, mas a liquidação da ordem velha. Não é só na Russia que um novo tipo de ordem domina; o mesmo se dá na Alemanha e na Inglaterra, e mais ainda nos Estados Unidos. Este novo tipo, cujo mais alto simbolo é o chauffeur, não é cultural. E é primitivo, violento, cheio da arrogante vitalidade dos moços.

Por momentos Keyserling desespera e resigna-se a um longo periodo de "medievalismo"; depois dele que venha o diluvio. Mas logo em seguida o otimismo da sua elastica

natureza irrompe, e ele piedosamente reafirma a sua fé na Europa. "Não somente a elite europeia, como tambem as massas, são fundamentalmente imunes tanto ao bolchevismo como ao americanismo. Na Europa nenhum movimento de profundas consequencias poderá fazer que o espirito seja suplantado pela materia."

Esperemos que assim seja. Talvez o nosso bom conde faça muita honra aos seus patricios do continente; Frederico ter-lhe-ia dito o que disse a Zollner: "Você não conhece esta detestavel raça como eu a conheço." Provavelmente todo o mundo se americanizará; havendo falhado a esperança do ceu, o desejo de felicidade material nesta vida dominará todos os povos. O homem prudente não lamentará isso, como não lamentará nenhuma outra fatalidade, e procurará descobrir na nova ordem um lugarzinho para o espírito, algum secreto alimento para a filosofia e a arte. A cultura do futuro, em vez de ser eco dum passado ciosamente defendido pela aristocracia moribunda, erguer-se-á fresca, com todos os defeitos das coisas moças, saidas do mundo sem precedentes que nossas invenções e nossa desilusão crearam. A historia não descansará enquanto em cada campo de vida e de pensamento a Revolução Industrial não se completar.

V — KEYSERLING SÔBRE A VIDA E A MORTE

Havendo adquirido filosofia por meio de viagens, com a visão do mundo qual um todo no espaço, Keyserling, nos intervalos de suas posteriores excursões, tentou uma filosofia mais profunda, por meio apenas do pensamento e com a visão do mundo com um todo no tempo. Não foi completamente bem sucedido, porque a fragmentação espiritual, consequente ao muito viajar, deixou-o pouco paciente para o estudo da significação da vida desde o berço até o tumulo. Mas é-nos possivel extrair de suas incontaveis paginas os fios soltos da sua filosofia: uma logica e uma metafisica, uma etica e uma religião — e uma teoria da historia e do estado.

1. *Base lógica*

Keyserling começa com o seu usual floreio, anunciando que o cavalinho que ele monta é o mais bonito animal do mundo. "A mais importante tarefa de hoje não cabe á religião, sim á filosofia." Não á ciencia, porque "a ciencia não passa da gramatica do mundo" e "conquanto tenhamos de domina-la, afim de que possamos falar, nossa fala cientifica depende da nossa sabedoria." Nem cabe, tão pouco, á filosofia epistemologica, esse esporte dos cerebros escolasticos do qual o mundo só tem o esperar teias de aranha. A filosofia que constroi homens e estados não se resume nas disputas entre escolas, mas na livre sapiencia do sabio. Ah, que muito necessita o Ocidente duma classe de mandarins, que paire serena acima do fragor da industria e da febre da riqueza, e que infunda nos caos da nossa vida e dignidade, profundidade e significação!

A distinção entre o sabio e o erudito é estranha ao Ocidente; "a ideia do perfeito sabio como "um que sabe", não como "um que procura saber", nunca entrou em nosso hemisferio." Nossos filosofos não passam, na maior parte, de inefetivas almas academicas, que confundem intelecto com inteligencia, logica com experiencia, raciocinio com vida da razão; encontram carne e vinho nos livros e escandalizam-se ao pensamento de tomarem parte dos conflitos do tempo; o concreto desaparece de suas vidas e do seu estilo. Peor ainda que os filosofos, são os homens de letras que derramam seu pensamento em todas as fendas da ordem moral e social; a "canaille écrivante", como dizia Voltaire, que reduz grandes florestas a celulose para a eterna produção de paginas e mais paginas; que repele tudo quanto não pode compreender e com epigramas destroi instituições criadas pela sabedoria dos seculos.

Porque a sabedoria é inconciente; não passa de premissas formuladas e conclusões — sim, "sente" as conclusões da vida; o argumento não procede do cerebro, sim do sangue. O intelecto é o orgão da analise, não o é da sintese ou da compensação; como a populaça, o intelecto pode destruir, mas não sabe construir; pode derruir o Valhalla, mas não conserta

uma vida alquebrada. Foi o intelecto que transformou Atenas numa sociedade disputante e fadada á divisão, ao caos, á derrota; que transformou a França de Luiz XVI nos escombros de Robespierre. Não é a logica, nem a agudeza, que faz grande uma nação, sim o carater e a nobreza inata. Talvez que quando cessarmos de debater voltemos de novo a viver. É-nos impossivel destronar o intelecto, porque estando a sua dinastia no tom da epoca temos de suporta-lo poı muitas gerações; mas podemos enriquece-lo e fortalece-lo, ficando de novo suas raizes nas inconcientes profundidades da alma.

2. *A matriz metafísica*

Em consequencia, não devemos incomodar-nos de que o intelecto nos descreva a nós como bonifrates de lama a dansarem irremediavelmente ao som da musica da hereditariedade, do ambiente e das circunstancias. "Pensamos" de nós mesmos como maquinas, mas "sabemos" não somos maquina; e estas formas de conhecimento imediato não dão tento ás artificiais construções da "ciencia". A inteligencia pode ser uma operação da "materia", mas a "vida nunca é um processo mecanico"; "essencialmente pertencemos ao mundo do espirito, cujas leis são diferentes das leis da terra."

Aqui o nosso filosofo abandona a unidade (o que significa trair a filosofia) e admite um abismo entre o homem e a natureza. E com impressionante obscuridade continua a defender a liberdade metafisica.

"Que é que chamamos um ato livre? Um acontecimento espontaneo que se realiza de acordo com leis estritamente determinadas...

Não sei de nada menos mecanico do que a eclosão dum rebroto nos tropicos... E as leis da natureza nunca se mostram com maior evidencia do que ali; sua natureza pode ser matematica e fisicamente compreendida, e possivelmente um tecnico pode estabelece-la.

Mas na pratica seremos nós, de qualquer modo, mais livres que a planta? Dificilmente." Não obstante, "o mis-

terio da encarnação não pode ser explicado. Não ha duvida que é o homem, dum lado, um ser espiritual que nunca poderá completar-se ou alcançar a felicidade enquanto não se aperfeiçoar em espirito; e de outro, um ser tão entretecido com a materia como o pensamento com as palavras que o exprimem". O conceito fundamental na "unica metafisica certa" chama-se vida. A flor da vida é o espirito, e a flor do espirito é a liberdade. Nossas raizes são terrenas, mas por meio dessas raizes erguemo-nos fora da terra e das suas limitações. Cada aumento de ciencia, cada dilatamento da imaginação liberta-nos um pouco mais das garras do ambiente e das circunstancias. Se o nosso conhecimento fosse completo, seriamos em absoluto livres.

3. DESENVOLVIMENTO MORAL

Assim como a planta tem uma estrutura de crescimento, assim o homem precisa ter ordem na sua liberdade; e "moralidade, como tal, não passa de ordem ou forma" na alma. Unicamente os individuos superficiais professam o individualismo; os de mais profundidade sentem as suas ligações com o todo; sabem que a forma é o molde do crescimento; e o caos, o desintegrador da decadencia.

E é precisamente este caos o que se nos defronta hoje, porque a industria urbana e o individualismo das tarefas destruiram a instituição sobre que todos os sistemas de ordem e moralidade imemorialmente repousavam — a familia. A disciplina familiar foi minada pela libertação do individuo dos laços da familia, a qual deixou de ser o que era na fase agrícola: unidade de produção e, porisso, unidade social e autoridade; a continuidade da tradição moral desapareceu.

Esses casamentos de amor sobre os quais toda a literatura moderna regira, representaram parte importante no advento da decadencia, porque anularam a autoridade paterna sobretudo no ponto em que era de vital importancia para a raça — a escolha da mulher. Nenhum casamento é mais desastroso que o baseado no amor; não só porque "o amor

é essencialmente injusto, eivado de preconceitos exclusivistas, ambicioso e descaridoso", como, fundamentalmente, porque o "amor não passa de um produto de arte", uma criação dos poetas madrigalescos, incapaz, portanto, de fornecer base estavel á sociedade e á virilidade da raça. "Dificilmente posso dizer como o conceito de amor dos ocidentais parece superficial comparado ao dos orientais. O amor para com um certo ser sensual é a significação da vida: este conceito é terrivelmente errado e só revela superficialidade." Contratar ou anular um casamento com base na paixão equivale a mostrar-se inferior de mentalidade. "A procriação é coisa que diz respeito á raça, e não pode ser regulada só de acordo com as preferencias individuais... A continuação da especie não deve ficar permanentemente exposta aos caprichos das inclinações amorosas." A maior parte do nosso aumento de população no ultimo seculo decorre da multiplicação das classes inferiores; e nada pode barrar esta decadencia, a não ser a eugenica responsabilidade do individuo para com o grupo racial. Os homens nunca devem casar-se com mulher inferior, porque se a mulher pode erguer o homem a altos niveis, o homem não pode elevar a mulher; os genios produzem em geral filhos mediocres porque raramente desposam mulher que se lhes equiparem em plano. Que mais poderia Goethe extrair de Cristina senão um filho idiota?

Esta ruina do casamento, que ameaça tornar-se a ruina de toda a civilização do Ocidente, está radicada num conceito grotesco da significação do casamento. As criaturas tomam o casamento como meio legal de dar expansão ás suas energias sexuais; pensam no casamento com a lua de mel da felicidade, mas breve concordam com a definição do casamento dada pelo cinismo de Talleyrand: "deux mauvaises humeurs pendant le jour et deux mauvaises odeurs pendant la nuit". Casamento como felicidade, quando "todos somos poligamos e a mulher ainda mais que o homem?" quando "homem e mulher, como individuos e tipos, são fundamentalmente diferentes, incompativeis, essencialmente solitarios e, pois, incapazes de mutua compreensão?" E quanto mais desenvolvido, sensivel e diferenciado é o individuo mais dificil se lhe torna encontrar felicidade no casamento.

O espirito maduro reconcilia-se com a infelicidade no casamento; não só porque "quem tem filhos renuncia a todos os seus direitos á independencia pessoal", como porque é precisamente nessa infelicidade, nessa tensão e sofrimento bipolar, que o individuo sobe a maiores alturas de desenvolvimento; pela aceitação de sua responsabilidade como pai ele se coloca na verdadeira corrente da significação da vida, onde as mais altas tensões produzem os mais altos estados.

Sendo tal a natureza do casamento, havemos de penetrar nele com meditação e calculo, nunca por influição do extase sentimental. "Casamentos arranjados graças á experiencia da familia são em regra mais felizes que os determinados pelo amor. A afeição pessoal nasce com mais frequencia nos primeiros do que nos segundos." "Casar erradamente é imoral"; é um pecado contra a raça. Consequentemente, "o homem deve ser impedido de casar-se antes dos trinta anos; e a moça, antes que a experiencia a habilite a reconquistar a sua virginal simplicidade" — embora o filosofo não defina o estagio em que esta segunda inocencia começa.

E uma vez realizado o casamento, que se não dissolva; o divorcio é mais destruidor para a alma do que a tensão e a luta; pode ser admitido no caso das pessoas supersensiveis — mas para o homem comum o adulterio é preferivel. O adulterio tem sido praticado sem que destrua a instituição do casamento, ao passo que meio seculo de divorcio levou o casamento á beira do abismo. Para defender-se contra a infelicidade, a base da estrategia é fisica; os conjuges devem aprender a dar um ao outro a mais completa satisfação carnal, e se o não podem fazer pelo instinto, que aprendam a arte de faze-lo. Justamente por motivo desta intimidade corporal, uma distancia espiritual deve ser guardada. Cada um deve permitir ao outro certa intimidade de habito e de alma, com largo desafogo para as diferenças é idiossincrasias.

O mais social dos homens é no fundo um solitario, um amigo de sua paz intima; e "no casamento esta insulação do ego deve ser assegurada." Metade da arte do casamento se resume em temporarias separações consentidas.

Para com a vida em geral o homem de sabedoria deve assumir a mesma estoica aceitação que assume diante do casamento. Porque a vida tambem é essencial e inevitavelmente tragica — uma equação insoluvel; como há de o individuo escapar á derrota, se seus inimigos são o mundo e a morte? Bom será que ele tome a morte como o fazem os orientais — que a aceitam como fatalidade que "atinge indiscriminadamente todos os seres, dos insetos do campo ao homem."

Vida e morte são coordenadas correspondentes, que juntas descrevem e definem a existencia; uma não pode existir sem a outra. A mortalidade do individuo assegura a imortalidade da especie; a soma das nossas derrotas individuais assegura o progresso do genero humano. Do mesmo modo que o casamento, a vida é um fenomeno polar; a alteração de nascimento e morte é a cosmica oscilação dentro da qual os opostos se realizam — noite e dia, verão e inverno, semeadura e colheita, bem e mal, vitoria e derrota, homem e mulher, pai e filho, sociedade e individuo, ordem e liberdade, mocidade e velhice. O mal é o necessario correlato do bem, e a sabedoria aceita-lhe a tensão polar como o verdadeiro mecanismo da musica da vida. Uma ampla perspectiva cura muitos males, embora acentue a tragedia da nossa pequenez. "Em certo sentido, cada tendencia leva ao bem; a percepção disto é o problema fundamental da arte da vida; percebe-la em suas relações gerais constitue o fim ultimo da humana sabedoria."

4. *A válvula religiosa*

O esforço para triunfar da morte constitue a essencia da religião. O budista consegue-o por meio da transmigração; os cristãos e maometanos, por meio da imortalidade. Desse modo a fé resolve instantaneamente o problema que tem desafiado a filosofia: de como pode a parte ter permanencia no todo eterno. Porisso a religião reconforta a tantos, e a filosofia a tão poucos. A fé fortalece a coragem; a duvida desintegra a alma. "A religiosidade tem sido em todas as epocas o mais tremendo poder da vida em ação." "O homem

suporta tudo, menos a ideia de que sua vida não tem significação — porque significação e vida são coisas que se equivalem." Daí o estado d'alma suicida duma sociedade mecanizada; civilização que não pode crer em si propria está no fim.

Keyserling gostaria de recuperar a sua fé nos dogmas da juventude; e a espaços, por meio de maravilhosas prestidigitações dialeticas, quasi se convence de que ainda crê. Ele anuncia corajosamente a sua aceitação da reencarnação; e depois de arguir, ao modo de Spinoza, que cada alma cujos pensamentos e propositos transcende a mortalidade é imortal, conclue, como quem assobia no escuro: "A imortalidade, portanto, existe. Unicamente os seres superficiais permanecem na irreligião; quando a alma se aprofunda, surge a consciencia de Deus." No conceito dos homens Deus é real, concebido como um benevolente criador, e os homens movem-se influenciados por esta concepção. Deus só pode ser (como diz Santayana) o mais alto ideal da nossa alma, mas a nossa fé nesse ideal cria uma força que nos impele através da vida. Nos momentos amargos, entretanto, esta logica de Anselmo não nos satisfaz; o ideal descora aos golpes dos sofrimentos imerecidos — e então o senso do mal quasi que destroi a conciencia de Deus.

> Que loucura crer numa providencia que do lado de fora guia a vida na terra!... Porque o que na terra sucede, só poderá provar a completa indiferença de Deus. Espirito, ontem; hoje, nada; amanhã, talvez, espirito novamente; ás vezes jardim, ás vezes deserto, ás vezes floresta virgem, ás vezes mar; ouso dizer que Ele se deleita em mudanças sem objetivo, como o cansado maharajá se deleita no Nautch, afim de que a eternidade não lhe seja demasiado tediosa.

Aqui temos o autentico Keyserling, o viajante do "Diario" que gostou da India a ponto de sonhar em fazer-se monje budista. De retorno á Europa, reencontra as suas raizes e procura ser um bom cristão dos velhos tempos. "O cristianismo ergue-se acima de todas as outras religiões porque corporifica, mais que qualquer outra, o espirito de liberdade";

exalta o individuo acima do estado e a conciencia acima da lei; e anuncia aos desherdados o valor sem limites, perante a eternidade, da mais humilde das almas. Por intermedio do catolicismo deu-nos arte, e por intermedio do protestantismo deu-nos ciencia; a despeito do fanatico puritanismo anglo-saxão "a liberdade da ciencia proveio da Reforma." Deu-nos ao mesmo tempo, "ao lado de tesouros de bens, opulentas colheitas de males. Baixou o nivel mental do Ocidente. O desagradavel materialismo dos nossos dias é consequencia da luta medieval para a conquista do ceu; o recrescente perigo da ditadura dos homens vulgares sobre os mais finos elementos humanos, é a imediata consequencia da exaltação dos pobres de espirito."

E, finalmente, conclue Keyserling que o cristianismo está no fim. "A verdadeira fase da humanidade especificamente cristã é coisa já do passado...; o prestigio dos europeus e do cristianismo acabou depois da Guerra." "Estamos inegavelmente a penetrar num periodo anti-religioso." O cristianismo perde sua influencia sobre o homem porque o homem aprendeu a dominar a natureza e não pode admirar aquilo que domina. O catolicismo demorará a morrer porque não se baseia no intelecto, nem na evidencia; o protestantismo desaparecerá primeiro, parte porque "está completamente vitorioso como ideia", isto é, como liberdade de pensamento e fé; e parte porque cometeu o erro de apelar para a razão. "A éra de produtividade do puritanismo já passou. Ninguem mais se firma numa grande fé; e não pode ser assim porque o conhecimento da correlação das coisas restaurou em principio aquela liberdade de visão que a antiguidade nos transmitiu." Após um esforço de vinte seculos, pensa Keyserling, o cristianismo falhou. E jamais realmente conquistou a Europa: no sul cedeu diante do paganismo, no norte cedeu diante do nacionalismo militarista do nordico, que é mais germanico do que cristão; a conversão da Europa foi anulada, e a Italia e a Alemanha estão hoje, espiritualmente, onde estavam antes do advento do papado. Nossos tempos assemelham-se aos primeiros seculos do cristianismo; a decadencia da religião

velha deixa um vacuo psiquico e mil fés novas aparecem, cada qual mais extravagante. Uma delas vencerá e dará forma á irredutivel esperança do homem.

5. *Conflito político*

Desse modo, arremessado dos ceus qual outro Lucifer, o homem descobre que está ligado á terra, *adscriptus glebas;* e, cheio de esperança, determina que a solução é transformar a terra em ceu. A teologia agoniza e a democracia e o socialismo tomam-lhe o lugar; os infortunados e oprimidos querem aqui mesmo o seu paraiso.

Será assim? Keyserling espera uma generalização do socialismo na Europa e reconhece que do controle da industria pelo estado pode resultar a eliminação da pobreza. Mas encara com horror a entronização do homem comum. O socialismo é "um dos peores inimigos da cultura jamais aparecidos na historia"; estabelecerá a mecanização mental, entronizará o tipo chauffeur, com prejuizo do cientista, do artista e do pensador; e gerará outra "idade media" do espirito por talvez milhares de anos. Protegerá o fraco e o estupido contra o processo da seleção natural, encherá a raça de elementos debeis, baixará a tal grau a vitalidade e a iniciativa dos povos da Europa que a derrota os marcará na primeira guerra internacional. Mas Keyserling consola-se admitindo que a natureza humana não suportará por muito tempo o socialismo; e que o incoercivel instinto aquisitivo do homem porá fim ás experiencias igualitarias e libertará os homens de valor das unhas da plebe.

A democracia desagrada-o; porque é dificil ser conde e tambem democrata. Primeiro, porque a democracia é uma coisa deshonesta: gasta muito tempo para, por meio de eleições e outros passes, convencer ao povo de que ele se governa a si mesmo. Segundo, porque é desmoralizante, visto como está sempre recorrendo á inveja. E, finalmente, porque é destruidora: do mesmo modo que o comercialismo e o industrialismo que a geraram, ela põe a quantidade acima da qualidade, o numero acima da capacidade, e disso decorre

uma progressiva deterioração do estado. Suas unicas virtudes consistem na exaltação e encorajamento do homem comum na sua (teorica) hostilidade ás descriminações sociais e legais, e no seu lento trabalho de elevação do homem a um nivel um pouco superior, no qual o futuro poderá assentar as bases duma nova e melhor aristocracia. Talvez seja necessaria como preparação.

"De hoje em diante unicamênte o governo de qualidade poderá salvar a Europa; a ideia de quantidade está exausta." A aristocracia renascerá de qualquer modo. Não porque seja reclamada "pela lei do contra ponto historico" — uma forma de governo ou um estilo sempre substituido pelos opostos — não meramente pela reaparição em plena democracia duma aristocracia ideal; mas pela necessidade de segurança e ordem social. O homem perceberá, *malgré lui,* que a liderança requer continuidade de direção, e tambem talento e integridade; que "pelo menos tres gerações são necessarias para produzir um gentleman" ou um estadista; e acabará aceitando a definição de Kessneor; o bom nascimento como economia de experiencia, como acumulo e transmissão de capacidade por meio da seleção dos pais e da continuidade do treino; por fim a superioridade parecerá de novo tão natural como a das arvores do bosque de Mariposa (é provavel que a vegetação em redor do bosque se queixe da orgulhosa altura dessas arvores, e da abundancia de sol que absorvem); e um privilegiado afastamento dos trabalhos grosseiros e amesquinhadores será levada em conta como paga da nossa libertação do governo dos gangsters. "A experiencia do ultimo seculo provou que nossos antepassados estavam certos na admissão da importancia das velhas linhagens, com suas qualidades ingenitas." A democracia está no fim; o tratado de Versalhes envenenou-a.

O problema basico, portanto, é: Poderá surgir uma nova aristocracia? "Vale dizer se não surgirá um tipo novo e mais profundo de homem." Temos de criar novamente a especie "nobre": o homem que herda talento e generosidade; que é sensivel a todas as tensões dum organismo de alto desenvol-

vimento, e estavel e sereno graças "ao giroscopio existente no sangue de todos os verdadeiros aristocratas"; que "não é especialista em coisa nenhuma" e por força de sua propria natureza vê o mundo com amplidão e profundidade; que não procura segurança (á moda burguesa) mas aceita as responsabilidades e riscos; que não procura direitos, mas deveres, que não procura prazer, mas trabalhos e perigos; que é conservador como todos os que "possuem o senso da historia e sabem que só o crescimento organico leva para cima"; que não cria arte, mas revela-se artista em todos os atos de sua vida; que por meio da cortezia preserva a sua distancia e o seu orgulho, mas desse modo levanta até ao seu nivel todos os homens que o rodeiam; cuja riqueza, esplendor e sorte parecem tão naturais que se tornam uma fonte de satisfação e enobrecimento para todos.

A este tipo de homem a sair da noite burguesa que nos envolve, Keyserling lança todos os tentaculos da sua esperança; talvez que longe das feiras e dos parlamentos de hoje uma nova aristocracia assim esteja se formando, a qual, depois que tudo degenere em caos, tomará as redeas e novamente dará ás nações ordem e sanidade mental. Unicamente tais homens poderão organizar aquele estado "ecumenico", ou supra-nacional, que será a salvação do Ocidente contra a implacavel competição dos Soviets. O estado nacionalista está moribundo; já não corresponde ao carater internacional da industria e da interdependencia das finanças e do comercio. "O estado ecumenico já existe de fato"; não só na centralização economica de 150 milhões de russos, mas na crescente unidade economica e sentimental do mundo islamico. Por força das competições e das circunstancias "a rivalidade das nações" terminará "numa solidariedade pan-europeia ou de todo o ocidente, de tipo que ainda não apareceu depois da Idade Média." Um mundo integrado, ligado pelas vias de comunicação e industrias internacionais, tem que ser mais amplamente planejado e mais profundamente guiado do que o podem fazer os estadistas-negociantes. Impossivel continuarmos governados pelos nossos homens de quarta classe.

6. *A tragédia histórica*

E, todavia — os proprios aristocratas o enxergam — a velha aristocracia está morta; sua éra terminou, esmagada pelo malho dos Soviets. Não somente na Russia como em toda a Europa, ou em todo o planeta, uma nova éra — a éra da mecanica, do tecnico, do chauffeur; o homem que pode construir e consertar maquinas é o herdeiro da terra.

> Uma idade de massa está emergindo do globo... Por toda parte a velha cultura perece porque um novo tipo de homem a refuga... Por toda parte as condições pre-tecnicas estão condenadas, e os que pregam a doutrina de "dar costas ao tecnico" não passam de maus romancistas... A vida é profundamente anti-sentimental; não dá um figo seco pela saudade das almas romanticas... Como é possivel ao homem que se volta para os tempos classicos admitir que, diante dum lider bolchevista, ele represente uma força?

E assim o mundo apresenta hoje, como sempre, um espetaculo de destruição e construção. A desintegração opera-se no corpo politico e nas almas; um novo barbarismo nos engolfa á proporção que as classes de baixo sobem ao poder pisando as ruinas das velhas familias e das velhas tradições; "seculos talvez se passarão antes que surja uma condição organica correspondente á que suporta a elite de hoje", que é o aristocrata de ontem. Nem nos salvará o Oriente; tambem está ele corrompido pelo toque do ouro e do ferro, e muito sequioso por industrialismo e poder; tambem acabará esquecendo o santo e adorando o chauffeur.

E desse modo a historia, reflexo que é da vida, não passa de tragedia; sobre todas as coisas a morte apõe a sua mão, e realizações infinitamente preciosas vêm-se destruidas pela ferocidade das revoluções, ou por catastrofes geologicas, ou por qualquer perturbação astronomica de que resulta a esterilização do solo. Diante desses insignificantes acidentes, o nosso "progresso" em instrumentalidade e comodidades de vida parecem coisas bem pequenas e vãs; a ruina da moral, das maneiras e dos valores não é contrabalançada "pelo fato de que cada Jack possa usar o telefone." A espaços a alma

se volta sobre si mesma e, vendo-se vazia das velhas fés, velhos sonhos e velhas esperanças, perde o interesse pela vida e aceita que a morte é um bem; nações inteiras, e civilizações, depois de perdidos os seus ideais e os seus deuses, cairam no desespero cinico que desvitaliza a raça e a leva á ruina.

E, entretanto, já que não podemos viver sem fé — consola-nos o pensamento de que, na historia como em nós mesmos, "a morte do que é velho já é um nascimento do que é novo"; e de que a destruição é a cirurgia que salva a parte sã e corta fora a doente. A velha cultura tornou-se frivola e sem função, uma coisa vazia e deshonesta, que não mais corresponde ás realidades da vida; tem que ser guilhotinada pelos escravos rebeldes e pela mocidade impaciente. E tudo não estará perdido; cada civilização sobrevive como um germe no corpo da humanidade. Depois que o caos da revolução passa, os novos barbaros recolhem sedentos a herança cultural do passado — como o Renascimento tão alegremente o fez com a da Grecia e Roma. Os homens não se contentam apenas com pão e salarios. "Estamos entrando numa fase de trevas... Mas o resultado tem que ser uma Éra de Luz como jamais o mundo viu outra."

VI — COMENTÁRIO

Havendo exposto tão concienciosamente esta filosofia fico-me dispensado de critica-la; a analise é a melhor critica. Se algumas conclusões vão ser sumariadas, isso significa apenas a expressão dum juizo parcial; o leitor que decida por si mesmo sobre o valor das ideias de Keyserling.

Não ha duvida que este filosofo abunda em imperfeições; e temos de enfrenta-las com franqueza, para depois, pondo-as de lado, ver o que resta. Talvez que a sua clareza e o seu humor lhe hajam prejudicado a reputação: a plebe gosta de filosofos ininteligiveis e dá mais amor aos que a fazem chorar do que aos que a fazem rir. Disto Keyserling se defende muito bem: "a profundidade não é profunda se não se expressa

com beleza e graça...; a leveza de toque é o verdadeiro sintoma da vitoria final sobre o grosseiro, o qual significa materia mal dominada pelo espirito." E sobre o humor diz: "Existem poucas coisas mais profundas... Possue humor quem sabe dar serena expressão a um profundo contraste."

Em regra temos de admitir uma certa deterioração em Keyserling depois do "Diario de Viagens." Esta obra ele a escreveu como o estudioso que modestamente procura instruir-se. Infelizmente, o homem cujo primeiro livro é tido como o melhor vem a sofrer nos posteriores da comparação, e passa a vida condenado a falhar. A obra prima de Keyserling foi burilada frase por frase com aristocratico sossego, de modo a ressaltar a beleza e a clareza; contem paginas de extase poetico em esplendida prosa; já as obras subsequentes são descuidadas e obscuras, escritas com pressa comercialmente democratica. Começou como um sensivel eslavo e, mudando-se para a Alemanha, acabou poderoso como um teutão. Não decaiu em vigor, mas aumentou de verbiagem a ponto de na *Recuperação da Verdade* e na *Compreensão Criadora,* estender por mil paginas a materia que mal daria para um folheto. Acumulo de abstrações, paragrafos até de quatro paginas e contradições á moda de Whitman.

No fundo desta deterioração jaz a logica mistica de Keyserling. Qualquer filosofia que apoie o inconciente contra o conciente, o irracional contra o racional, está fadada á obscuridade e á vacilação; isso poderá representar valor na religião e na arte, mas na filosofia é suicidio; a filosofia é a vida da razão e a razão é a sua vida. Otimo que sejamos advertidos contra o intelectualismo — a substituição da vida pelos livros, da experiencia pela teoria, da afeição pelo calculo; mas colocar o instinto e a intuição acima desse cuidadoso estudo da evidencia, desse calmo teste das ideias por meio da observação e da prova (que é o que faz a inteligencia), corresponde a entregar a filosofia á teologia, e entregar a sabedoria á infancia. Foi esta sua impaciencia diante da lentidão da razão que o levou a aceitar a astrologia como "coisa provada", e a destruir-se pela intensidade da sua apreciação sobre si mesmo.

Pode ser que esta mistica exaltação do "inconciente" decorra de Keyserling ter-se achado a si proprio, pela primeira vez, quando viajava no Oriente. Muito tempo levou para sarar do seu "casamento de experiencia" com a India. Realizou-o numa idade muito impressionavel e isso o prejudicou; fe-lo confundir novidade com excelencia, como o turista que confunde novidade com beleza; daí as suas sentenças sobre a superioridade chinesa ou a "absoluta superioridade da India sobre o Ocidente." Por um momento percebe que está envenenado: "É dificil julgar-me com isenção", diz ele muito honestamente, "porque nos europeus só vejo o que lhes falta e nos orientais o que lhes sobra." Esse erro comum a todos os estudantes vem da tentação de exaltar a importancia de suas experiencias; preferimos sempre encontrar um oceano a descobrir um riacho. Assim, Keyserling representa o papel do Balboa da filosofia hindu, e escreve com tanta admiração da China que nos dá vontade de adquirir um rabicho; parece não suspeitar que a India está em periodo correspondente ao da Europa antes do Renascimento, e a China no estagio da Europa antes da Revolução Industrial; e ele é pela imitação do Oriente exatamente quando o Oriente destroi todas as suas mais caras tradições para imitar o Ocidente. Talvez ambos estejam errados; nós enunciamos com muito romantismo as nossas inocentes maquinas e os orientais abandonam com muita precipitação o solido senso de Confucio, a suavidade de Buda e o heroismo dos samurais.

Não obstante, com que fina simpatia Keyserling escreve sobre as religiões! Não ha nele nenhum matador de Deus, mas um espirito bastante emancipado para ver, dentro do simbolo e do ritual, o eterno misterio do sofrimento e da esperança. Conserva algo da fé antiga, herdada com o sangue eslavo; e tão suscetivel se mostra á atração da paz monastica, que deseja fazer-se monje; deleita-se em empregar a fraseologia religiosa nas coisas profanas; e luta para, de alguma forma, reter a crença na imortalidade e na deidade: Keyserling vê com ansiedade os problemas do futuro: não socialismo e revolução, não paz ou guerra — mas se o homem tolerará a vida sem Deus.

Graças ao industrialismo nós nos mergulhamos em experiencias que a historia já provou serem fatais: a separação entre a moralidade e a religião, e a separação entre o governo e a aristocracia. A filosofia tem o habito de destruir as teologias e depois anunciar que a moralidade desaba se não tiver suporte sobrenatural; tem o habito de destruir aristocracias e depois anunciar que não pode haver governo sem homens superiores; põe Deus em duvida e não confia no homem; põe em duvida a autocracia e não confia na plebe.

Assim Keyserling não se acomoda consigo proprio. Vê os efeitos do cristianismo e não admite que uma igreja medieval, que unifique e moralize a especie humana com mitos consoladores, possa ser uma solução do futuro. Fala da aristocracia com o amor natural a um conde que teve os bens confiscados, e ironiza o barbarismo da nossa éra democratica; mas admite que as aristocracias sempre abusam do poder, e com bravura proclama que a "verdadeira historia do genero humano começou agora" — na nossa éra de plebes e chauffeurs! Parece ser isto a sua fraqueza; não saber louvar ou condenar com nuanças.

Apesar de tudo, Keyserling é um elemento ativante no pensamento atual; não tão profundo e perturbador como Spengler, não tão claro e direito como Russell, nem tão corajoso e influente como Dewey; mas só está abaixo destas tres culminancias de hoje.

Não devemos pedir-lhe perfeição; ele é homem muito acossado pelo temperamento artistico e pelas incertezas da vida. Talvez que quando o seu vulcão interior arrefecer ele se reconcilie com a paz da obscuridade e escreva novamente com o fino primor da sua obra inicial. Está apenas com 50 anos hoje. Justamente a idade em que a filosofia começa. Talvez que ele pare um pouco de ensinar e novamente principie a aprender.

CAPÍTULO III

BERTRAND RUSSELL: CASAMENTO E MORAL

I — O PROBLEMA

POUCO têm dito os filosofos sobre o casamento. Alguns o consideram caso ainda mais rijo e escorregadio do que o da metafisica; outros não eram viuvos; e a bom numero faltava a experiencia pessoal. Mas desde os dias de Salomão (que resolveu o problema com a tabuada de multiplicar) o casamento sempre fez fortes saques contra a sabedoria, tornando-se um dos castigos da existencia humana. Um seculo atrás Percy Shelley escreveu nas notas á "Rainha Mab": "Nenhum sistema de associação elaboradamente hostil á felicidade humana sobrepujará o casamento." Foi esse o unico ponto em que Shelley concordou com sua mulher, suicidada por afogamento no Tamisa.

Nossos pais não foram mais felizes do que nós no casamento; apenas aceitavam a miseria matrimonial como coisa da natureza ou, no dizer poetico de então, como coisa estabelecida pela vontade de Deus. Encontravam consolo na esperança de que o mesmo Deus que inventara a instituição compensaria suas vitimas com um chuveiro de felicidade no paraiso; se os casados pudessem suportar-se por algumas dezenas de anos, conquistariam eterna liberdade no Ceu. Nós de hoje, porém, perdemos tão consoladora esperança, e com ela a nossa pia resignação; queremos felicidade á vista, e não a credito num banco já de portas cerradas. E, assim, os

males da atroz monogamia alcançam a carne viva dos nossos nervos super-estimulados, fazendo de cada lar um campo de batalha em que o contacto noturno não passa de breve armisticio. Nossa infelicidade perdeu a paciencia e encontrou voz.

Embora o problema seja velho, está sobre forma nova, mas nenhuma nação moderna ainda o solucionou. Nos velhos "bons tempos" (bons porque já esquecidos) o casamento se popularizou pelo fato das esposas custarem menos que as escravas; a maternidade tornou-se sagrada porque os filhos eram valores economicos na familia; o divorcio constituia uma raridade; e o evitar filhos, uma extravagancia; o vulto da familia impunha que os pais permanecessem unidos até que o ultimo rebento estivesse criado — e ao chegar a esse ponto o cansaço favorecia a fidelidade. Ao homem ficava o direito ao adulterio, mas exercido hipocritamente; o isolamento rural limitava as oportunidades, tornando a fidelidade possivel. A mulher aceitava o seu estado de subordinação com uma paciencia que todas as religiões benziam, e ficava ao arbitrio do macho a dominação fisica da femea, sempre que as circunstancias o exigissem. A familia tornou-se uma instituição sadia e poderosa, com a autoridade do pai como o alicerce da ordem social, porque a familia era uma unidade economica de produção, que lavrava o solo, plantava e colhia sob o comando do onipotente macho. De cem maneiras a monogamia ligava-se á vida agricola.

Mas a Revolução Industrial ameaça pôr de lado a nossa moral matrimonial, como o fez com as monarquias e teologias do sacrossanto passado. Porque a industria traz consigo cidades, fabricas, multidões, variedade, complexidade, luxo, individualismo e processos de evitar a concepção. Nas cidades a adolescencia se prolonga, a educação consome mais anos, a maioridade economica vem tarde, tambem se retarda o casamento, o numero de solteiros que não se multiplicam recresce, a felicidade dos celibatarios olha com menos inveja para a febre dos que procriam — e o velho negocio da reprodução da especie modera a marcha. A mulher emancipou-se, mas enquanto não se casa continua tão sujeita como antes.

Excitavel aos dezesseis anos, não casada aos vinte e cinco, ei-la a defrontar a dura alternativa da promiscuidade ou da "tia"; e quando se inclina para a primeira hipotese, destroi uma das razões do casamento.

Se se casa, é quasi sempre com homem de larga experiencia sexual, já cansado de variar e que olha para o matrimonio como para uma conveniencia fisica levemente superior á prostituição. A união se realiza sem a menor cerimonia diante do juiz de paz — e lá vão eles para um dormitorio em Park Avenue ou Hester Street. Não ha filhos, porque os filhos constituem pesada carga num centro urbano que proibe a escravização dos menores e força os pais a mante-los na escola até á idade de rebelião. O casal muda-se cada ano, sem conseguir nunca fazer da casa um lar. Todo o trabalho que outrora enchia os lares, realizam-no hoje as fabricas; o esposo moureja para poder adquirir coisas e a mulher medita sobre a função que poderá ela ter num apartamento sem crianças. Marido e mulher são iguais e portanto vivem em luta perpetua. Tudo possuem em comum, e as disputas a proposito de dinheiro começam logo que a lua de mel termina. Desgastam a paciencia e a curiosidade, e assistem á morte do desejo e do amor: surge o anseio de novas aventuras romanticas em que a posse se adorne com a poesia da persuasão e das longas esperas. Eles fazem parte de aglomerações humanas onde os contactos se multiplicam e as excitações sobem ao apogeu. A esposa suspira, lamentando-se de não haver encontrado o gentil-homem dos seus sonhos — e o marido "emenda" — acha que sim, que isso foi de fato um grande infortunio.

Será então impossivel a monogamia?

II — PROPOSTA

Eis a pergunta a que Bertrand Russel se propõe responder, depois do estudo da situação, em seu temerario volume sobre "Casamento e Moral." Temerario, porque nele um inglês (coisa rara) aborda os mais delicados aspectos

do amor e do casamento ainda durante a vida de, pelo menos, uma de suas esposas, e faz sugestões que barrariam a sua entrada na America, se as autoridades americanas pudessem compreende-lo. Embora escreva com clareza para todos os leitores educados, Russell usa a maior cortezia; explode bombas com toda a graça; e quem o lê não suspeita que ideias tão gentilmente expostas só eram anos atrás encontradas em Ema Goldman. Deve ter trazido alguma consolação a esta impenitente sonhadora (cujas ideias faziam bastante justiça á nossa vil e facinorosa raça) que vinte anos depois de as haver avançado um filosofo de alta reputação apareça a defende-las.

Porque Bertrand Russell permanece filosofo ainda quando se faz anarquista. Jamais perde a cabeça, nem refoge áquela amavel tolerancia que imaginamos ser o proprio de todas as filosofias. Reconhece a possibilidade de estar em erro, e a despeito dos cabelos brancos modestamente acentua: "Tenho receio de que nenhuma reforma seja de esperar antes que a morte leve toda a gente madura e velha de hoje" (1). Ás vezes escreve descuidadamente, como é natural em quem recusou uma herança e passou a ganhar a vida com o suor da pena; mas ainda neste livro tão despreocupado da forma revela-se frequentemente brilhante, e jamais á custa da verdade. Acima de tudo é um gentleman; sua cortezia suporta os mais duros testes; antes de lançar um golpe, verifica se o florete está bem embolado. O mundo inteiro lhe aceitaria as teorias, se o mundo tivesse a sua inteligência.

Notamos nele um pouco de preconceito contra a religião, á qual define "na maioria das suas formas, como a crença de que os deuses estão do lado do governo". Completa ausencia daquela ternura pelas consoladoras ilusões comuns a todos os credos, que vemos em Renan e Anatole France; educado por um pai livre-pensador, Russell não traz da infancia nenhuma bagagem de fundo romantico. Admite que a maior parte das condenações em nome da moral não passam de

1. "Casamento e Moral."

manifestações do ciume; que nossa conciencia está sempre muito atenta ás transgressões dos outros; e que em regra só denunciamos aqueles pecados para os quais a natureza nos negou elementos ou as circunstancias nos negam oportunidade. Em vista disso, diz ele, nossa moral sexual anda corrompida pela deshonestidade de julgamento. "O conceito de que o intercurso sexual, mesmo no casamento, é algo lamentavel... fez do Cristianismo, através de toda a sua historia, uma força promotora de desordens mentais e morbidos pontos de vista." Não ha duvida que a reforma do mundo por Bertrand Russell começaria com a suave e cortês eutanasia da religião.

As consequencias da transformação do sexo em tabú foram perniciosas sobretudo para as mulheres. Russell admite que a superior estupidez da mulher decorre de seu menos acesso ao conhecimento das coisas sexuais; e admite que muito casamento infeliz vem da incapacidade duma moça distinguir entre desejo e amor. Daí a ideia de Russell da criação dos meninos e meninas em comum, frequentemente desnudos, achando que isto lhes daria melhor saude e melhor moral, alem de melhor concepção da beleza. Russell desconfia de todas as proibições, e se declara a favor de nenhuma lei sobre o que chamamos literatura ou arte obcena. "Publicações francamente pornograficas nenhum mal farão se a educação sexual for racional." Rejubila-se com a emancipação da mulher e deseja-lhe bom exito no campo do maior conhecimento e experiencia da vida sexual. Aprova de coração o "companionate marriage" embora lamentando que não vá mais longe. "Penso, diz ele, que todas as relações sexuais que não trazem filhos devem ser consideradas méro assunto pessoal, e que se um homem e uma mulher determinam viver juntos sem ter filhos, isso é negocio exclusivamente deles... Nenhum casamento deve ser legalmente valido antes da primeira prenhez... Os filhos, e não as relações sexuais, constituem o verdadeiro fim do casamento", e desde que o uso de preservativos tornou possivel distinguir, dum modo que a natureza não previu, entre união para o

prazer e união para obter prole, os casamentos de experiencia devem ser estimulados, ainda entre colegiais, como o meio de afasta-los da degradante promiscuidade.

E depois de advinda a prenhez que traz consigo a legalização da união, os laços do casamento não devem ser tão rigidos como os temos: tanto a mulher como o marido podem (é como tambem pensa Mrs. Russell) permitir um ao outro uma certa dose de adulterio, caso venha sublimado pelo amor.

> Não resta duvida que vedar a uma creatura o amor pelo fato de ser casada é diminuir a receptividade e a simpatia e as oportunidades de valiosos contactos humanos... O adulterio em si (se impedido de produzir filhos) não deve, a meu ver, constituir razão para o divorcio... Suponhamos, por exemplo, que um homem tem de ficar longe de casa, a negocios, por varios meses. Se é um homem fisicamente vigoroso, encontrará dificuldade em permanecer continente durante esse lapso, por mais que ame sua mulher... A infidelidade em tais circunstancias não deve formar barreira para a subsequente felicidade — e de fato não forma, quando os conjuges não se lançam em melodramaticas orgias de ciumes... Cada parte deve poder realizar essas temporarias escapadas... contanto que a afeição que os une permaneça intacta (1).

Esta é sem duvida a passagem principal do livro de Russell, reveladora da sua grande coragem e da superioridade de sua esposa. Seria precipitado, entretanto, supor que ele é um extremista, dos que desejam destruir tudo quanto está para trás do seu seculo; ao contrario, o filosofo escreve com muito sentimento sobre o amor romantico, "fonte dos mais intensos deleites que a vida nos pode ofertar", e diz que o "intercurso sexual sem amor não tem força para dar nenhuma profunda satisfação ao instinto." Com impessoal e serena imparcialidade lamenta o surto do divorcio, considerando-o de tal modo prejudicial á prole que só deveria ser concedido em casos extremos. E receia que "o divorcio facil, como

1. Op. cit., pags. 141, 230-1.

existe na America, possa ser considerado um estagio de transição entre o atual regimen da familia paterno-materna e o regimen da familia puramente maternal"; Russell não acha "nada improvavel que o pai acabe completamente eliminado da familia", isto é, substituido por instituições oficiais que cuidem das mães, da criação dos filhos e da preservação da autoridade e da ordem. Entretanto, ao contrario dos comunistas, o nosso filosofo não vê com prazer esta hipotese. "Crianças educadas por instituições tenderiam a conformar-se todas pelo mesmo molde, de jeito que as que ficassem de fora seriam mais tarde perseguidas... Enquanto o problema do internacionalismo permanecer insolvido, a crescente participação do Estado na criação e educação das crianças oferece perigos maiores do que as suas indiscutiveis vantagens."

Quanto a si, o filosofo está disposto a criar os seus proprios filhos, a educa-los em sabedoria e nudez, e a adiar o mais possivel o tempo em que os pais já não lhes serão necessarios, "como acontece entre os cães e gatos." Russell sonha com a Utopia, mas não a aceita entrajada á moda russa. "A sina dos idealistas é ver aquilo pelo que mais lutaram aparecer sob forma que lhes destroi todo o ideal."

III — CONSIDERAÇÕES

Quem muito viaja deve aceitar com agrado uma etica sexual que beneficia sobretudo os conferencistas perambulantes e outros "salesmen". Um mundo em perpetuo movimento e sempre sujeito áquele maximo de tentação e oportunidade que Bernard Shaw erroneamente supõe coexistir no casamento, ouvirá com secreto alivio uma filosofia que ás claras condena o casamento; milhares de homens que sofrem duma conciencia ou duma prudencia incompativel com a virilidade, encontrarão aqui uma providencial racionalização dos seus sofrimentos. Da minha parte procurarei, neste assunto, ser tão honesto quanto o permita o decente respeito ás hipocrisias sociais.

Bertrand Russell não dá a devida importancia ás posições que refuta. Sinto, através da sua convincente cortezia,

não só a força da "atitude vitoriana", como ainda a fraqueza de precipitados raciocinios no campo sexual ou da experiencia social.

O ponto de vista dos conservadores repousa no espaço de tempo que a civilização colocou entre a idade da potencia sexual e a idade do casamento. Na puberdade a natureza emprega toda a sua energia para impelir-nos ao intercurso sexual e portanto á reprodução; mas durante a puberdade, na opinião do banqueiro e do psicologista, somos economica e mentalmente crianças; e até o fisiologista é contrario ao intercurso sexual na puberdade, como sendo prejudicial tanto aos pais como aos filhos. Em consequencia, o problema dos moços, do ponto de vista dos maduros e velhos cuja morte Bertrand Russell pacientemente espera, é, no mais possivel, desviar do sexo a atenção dos adolescentes, de modo a refrear o impeto sexual procreador. Daí a velha politica do silencio sobre coisas do sexo, e a cegonha, e a censura á literatura, e o amordaçamento da ciencia, e o afastamento das crianças não só da pornografia como tambem de qualquer conhecimento sadio sobre assuntos sexuais. O resultado era, para o psicanalista, a neurose; e para o conservador, a deliciosa floração da inocencia, o prolongamento do periodo da educação, e o impedir que o individuo se consumisse muito cedo no altar da raça.

O segundo alicerce do ponto de vista conservador é a dependencia fisiologica e economica da mulher. Nenhum codigo de conduta sexual que aceite a igualdade da mulher pode ser estimavel. Digam elas o que disserem e embora nos governem quando nos empolgam, as mulheres constituem ainda o sexo mais fraco; mais fraco em virtude da periodica perturbação mensal, mais fraco pelo preço imensamente maior que paga pela reprodução, mais fraco no relativo á capacidade de ganhar a vida no mundo economico. Até que a mulher seja de fato fisiologica e economicamente independente, e não apenas em programa ou em palavras, a irregularidade das relações entre os sexos ficará fora do codigo do cavalheirismo; os homens de espirito cavalheiresco assumirão sempre a responsabilidade de qualquer depreciação ou dificuldade que surja para a mulher com quem ele viveu.

O terceiro ponto dos conservadores é o da propriedade como base do casamento. Os homens aceitam a monogamia como meio de transmitir os bens acumulados a filhos presumivelmente seus. Porisso exigem da mulher a mais estrita fidelidade — conservando para si toda liberdade. Enquanto a mulher não descobrir meios de provar, para gaudio dum Strindberg, que os filhos que ela dá ao marido procedem dele e não de algum amigo, o macho resistirá á extensão á femea do seu velho direito ao adulterio.

Finalmente, o senso de propriedade do macho; pelo fato de por muitas gerações ter ele comprado a companheira, esse senso de propriedade desenvolveu-se e criou o ciume. O macho gosta que a femea seja sua; e embora gaste uma noite, uma semana ou um mês com outra, quando se trata da esposa ele faz questão de a possuir do modo mais completo, em alma e corpo. Este sentimento é grotesco do ponto de vista da razão, e ha de ir desaparecendo; mas enquanto perdurar, todos os tipos de "casamento de experiencia" diminuirão de alguma coisa o valor da mulher no mercado marital. Porisso é que o "companionate marriage" e o amor livre são de duvidosa vantagem para a mulher.

Tudo isto é logico, e a logica sabe ser mais simples do que a vida. Nossas instituições sexuais, do mesmo modo que nossas coordenações musculares, são produtos de instintos sutis e de longa experiencia racial; tentar alivia-las de tudo quanto a jovem razão não consegue compreender equivale a contar demais com a infalibilidade do pensamento, justamente na epoca em que Freud denunciou como o desejo sexual o domina. Cada proposta da razão provoca milhares de consequencias que a razão não pode prever; cada intelectual que refaz a sociedade e a moralidade de acordo com os seus sonhos, lembra o mecanico amador a mexer no maquinismo dum automovel de luxo; em ambos os casos o certo é a emenda estragar o soneto. Quando o intelecto se vê em conflito com instituições ancestrais, que as interpele corajosamente — mas como a criança que interpela o sabio. A duvida é apenas o começo da sabedoria; a modestia, o seu fim supremo.

Admitido isto, ha, entretanto, um fato que se impõe: as circunstancias economicas têm alterado as situações morais, e velhos habitos vão perdendo a razão de ser em nosso mundo tão urbanizado e inventivo. Parece impossivel hoje evitar-se o alargamento da experiencia pre-marital, ou a maior frequencia do amor livre, ou o encurtamento do matrimonio, ou a substituição de lares e pais por simples dormitorios, nurseries e escolas. Numa situação assim infixa, as propostas de Bertrand Russell constituem apenas uma experiencia, ou uma ingenuidade a mais — e não podem causar mal maior que o resto.

Não ha duvida, por exemplo, que a nudez em comum entre as crianças dos dois sexos seria algo admiravel, embora não fosse assisado prolonga-la acima de certa idade; para os adultos o vestuario é um requisito de beleza. E quanto á pornografia, não serei tão liberal quanto Russell. Desde que a irrestrita circulação de certas representações graficas podem ofender psicologicamente as crianças (cuja natural poesia não devemos ter pressa em encruar em prosa), eu favoreceria a proibição da pornografia; mas imporia ao moralista denunciante o encargo de provar por meio dum juri de artistas e escritores que a pretensa pornografia o era de fato. Desse modo a literatura e o drama seriam deixados em paz, e a ciencia poderia propagar-se sem encontrar obices na lei.

Quanto ao resto, não me atrevo a apresentar objeções aos planos de Bertrand Russell; ao contrario, sinto impetos de aprova-los. Mas uma senil incapacidade para esquecer os preconceitos da mocidade inclina-me á unidade ortodoxa como mais satisfatoria, no final das contas, do que a excitante variedade que Russell me oferece. Tenho receio de que a sua proposta para legitimar a consolação adultera presuma um alto grau de sanidade; e não estou seguro de que a esposa aceite a palavra do esposo quanto á perfeita assepsia dos seus adulterios e á esterilidade das mulheres com as quais os praticou. Muito provavelmente teriamos de usar o sistema proposto pelo filosofo britanico com uma judiciosa mistura de silencio e mendacidade. Porque nada tão destruidor

como a verdade; e o homem que inventou a honestidade tornou a cortezia muito dificil.

O casamento nunca voltará a ser uma instituição sadia enquanto as esposas e os filhos não voltarem a ser valores economicos. Temos porisso de aceitar a cada vez mais completa industrialização da mulher; e com a consequente supressão do lar desaparecerá, felizmente, a figura da mulher vadia que hoje apenas o "enfeita", nesta nossa epoca de transição da agricultura para a industria. O custo de criar filhos caberá mais e mais ao Estado, afim de que os homens e as mulheres não se recusem a produzi-los — num mundo em que as crianças constituem um luxo só ao alcance dos indigentes. As despesas da maternidade estão hoje de tal modo elevadas que o inteligente é deixar aos ignorantes o privilegio de reproduzir a especie; para evitar que assim seja, os encargos da maternidade terão de recair sobre a comunidade.

Operadas estas mudanças, o casamento de novo oferecerá atrativos. Se o velho costume do dote reviver, de algum modo equilibrando a fraqueza economica do noivo, o casamento precoce poderá voltar, muito contribuindo para a diminuição da promiscuidade. Quando os filhos, na ebriedade do primeiro amor, se aproximam de nós e pedem licença para casar, devemos esquecer a nossa conta no banco e dar livre curso a Eros; ainda que pouco lhes dure aquele extase, é coisa magnificente. Mas então teremos de admitir o divorcio por mutuo assentimento; porque seria calamitoso exigir que as criaturas persistissem toda a vida nas superficiais afinidades da juventude; e a mocidade de hoje está já muito arisca, apesar da sua enciclopedica ignorancia, para penetrar cedo no casamento — enquanto o casamento for um recinto de facil entrada e dificil saida.

Admitidas estas modificações no casamento e no divorcio, não vejo razão para legitimar o adulterio. A fidelidade é antinatural, mas a cortezia tambem o é; a civilização seria impossivel se a conduta dos homens fosse natural. O casamento é uma leal escolha entre os deleites da novidade e as satisfações da estabilidade; entre o prazer duma serie de

conquistas e o de envelhecer a dois nessa lenta cimentação de experiencias e memorias que marca o apogeu da associação humana.

Quanto a mim, não troco todos os regalos da mudança, todas as variedades e loucuras e escandalos e belezas da Broadway, por uma lealdade e um lar á moda velha. Mas não desejo impor meus gostos como principios de moral, ou erigir meus preconceitos em leis; e aplaudo, como preço de nosso progresso mental nesta epoca de inquietação, a politica das inovações e experiencias. E direi a Bertrand Russell, dentro da humildade dos meus sentimentos reacionarios, que admiro a sua coragem e a sua lucidez, a sua simplicidade e a sua nudez; e que sejam quais forem as liberdades que tome para com o nosso velho codigo moral, estou certo de que ele permanecerá sempre um gentleman — que é, afinal de contas, a unica moralidade que eu procuro.

III Parte

AVENTURAS NA LITERATURA

CAPÍTULO I

EM LOUVOR DE FLAUBERT

I — O ESTILISTA

"DESDENHO todas as "leis da literatura", diz Émile Faguet, exceto esta: cada escola literaria é seguida de outra que só vence por ser a sua contraria." Depois do classicismo, o romantismo; depois do romantismo, o realismo; depois do realismo, o simbolismo e todos os mais "ismos" do mundo. Faguet só aparentemente tem razão, porque cada movimento na historia da literatura tem as causas nos acontecimentos e no carater da epoca; não são devidos a reações contra o anterior, mas refletem as mudanças sociais e intelectuais operadas. O classicismo era contraparte da aristocracia, o romantismo foi consequencia do erguer-se da burguesia, e o realismo foi a expressão da ciencia triunfante — um esforço da literatura para ver o mundo com a mesma objetividade da fisica e da quimica.

Gustave Flaubert torna-se o pico da literatura francesa do seculo 19 porque reune em feixe todos estes movimentos e estilos, e realiza a perfeição artistica: porque expressa o realismo na "Madame Bovary", restaura o romantismo na "Salammbô" e em todos os seus trabalhos realiza a simplicidade e o comedimento do estilo classico. Nunca, desde então, nenhum homem influenciou mais profundamente a literatura, nem escreveu melhor.

Era filho e neto de medicos e foi, como Dostoievski, criado em ambiente de medicos; gostava de diagnosticar e receitar, e fascinava-se até á morbidez com o anormal; seus

tipos são seus pacientes, seus "casos" — e como bom medico ele termina mandando-os todos para o outro mundo.

Nasceu em Rouen, em 1821, quando Napoleão morria em Santa Helena. Em menino foi enviado a desasnar-se em Paris. Aos vinte e cinco anos voltou para Croiset, um suburbio de Rouen, a viver com sua mãe e irmã duma pequena renda herdada do pai. Excetuadas tres excursões á Bretanha e ao oriente proximo, permaneceu em Croiset a vida inteira, dedicando a sua mãe um amor freudiano que o fazia fugir ao casamento.

Começou com saude e passou a doente por uma ininteligivel fatalidade. Em moço era "um jovem grego", diz Edmond Gosse, cheio de vigor e graça, efervescente e unico, "construido como um atleta, com uma esplendida cabeça de viking." Mas a epilepsia veio e as convulsões derramaram-lhe na alma negra melancolia. "Ontem", escreveu ele a 14 de dezembro de 1846, "fui ligeiramente operado na face, dum abcesso; meu rosto enfaixado mostra-se bastante grotesco. Como se todas as infecções e putrefações que precedem o nosso nascimento e que retomam seu curso depois que morremos não fossem bastantes, passamos a vida numa continua corrupção e putrefação... Hoje perdemos um dente, amanhã um fio de cabelo; abre-se uma ferida, forma-se um abcesso, levamos vesicatorios ou pontos de agulha. Juntem-se a isto os calos dos pés, os maus odores naturais, as secreções de toda sorte e de todos os cheiros e não teremos um retrato agradavel da pessoa humana. E as criaturas amam essa pessoa! Amam-se até a si proprias, e tipos como, por exemplo, eu, têm a desfaçatez de se olharem ao espelho sem se tomarem de acessos de riso." Diz Anatole France que isto é "um excelente modelo de "mauvaise grace" — uma desanimadora recepção aos néo flaubertistas.

A conciencia de sua moléstia nervosa tornou-o timido, embora pugnazmente orgulhoso. Sua extrema sensibilidade fez-se irritadiça; seus amigos só lidavam com ele com grande diplomacia, e pela maior parte o deixaram entregue á crescente misantropia e solidão. Por duas vezes apaixonou-se, sem que disso nada resultasse. Uma dessas paixões foi por

uma senhora onze anos mais velha e já casada; Flaubert tornou-se amigo do marido e da familia, mas nunca ousou falar do seu amor. Por fim engolfou-se num monasticismo literario — ficou um solteirão da arte.

Fechado em Croiset, deu a entender a todos, menos alguns amigos intimos, que só queria que o deixassem em paz; entrou na vida do *Noli me tangere.* Não revelava nenhum interesse por negocios; se alguem na sua presença dava tanta importancia á religião e á politica como á arte, ele abria os olhos espantados e comiserados. Casou-se com a arte, deu-lhe toda a sua força criadora e dela extraiu as melhores consolações. "Levo agora uma vida de santo, eu que nasci com tantos apetites", escreve ele. "Mas a abençoada literatura tornou-se parte do meu ser". "Ama a arte mais que a ti mesmo", era o seu conselho. "É um amor que não te falhará nunca — que a doença não atinge, nem a morte."

Quando menino de nove anos decidiu tornar-se um grande escritor. "Hei de escrever os romances que tenho na cabeça: *A Bela Andalusa, O Baile de Mascaras, o Marido Prudente."* Eram naturais rebrotos da arvore da juventude; por sorte sua os não publicou. "Ah, que bom senso mostrei não imprimindo aquilo! Como me envergonharia agora!" Ele se propusera anos de pratica, de trabalho rijo, para a conquista da perfeição; dia e dia, durante anos, plantava-se á mesa na obra do cinzelamento. "Ninguem pode pensar ou escrever senão sentado", disse ele — ao que Nietzsche, muito nervoso para sentar-se por muito tempo, replica: "Aqui te apanho, meu nihilista! A vida sedentaria é um pecado cometido contra os deuses. Só têm valor os pensamentos ocorridos quando andamos." Cada qual com sua moda.

Flaubert detestava a burguesia como a grande inimigo da arte, e ao mesmo tempo era um modelo de virtudes burguesas — ordem, regularidade, precisão, industria; "temos que viver á burguesa, mas de pensar como um artista. Afim de seguir esta regra... oito e dez horas por dia... precisamos duma constituição forte e temperamento de resistencia teutonica." E o tempo, oh! "A vida é curta! E nunca escrevo como quero, nem escrevo a quarta parte do que sonho. Toda

esta pujança que sentimos borbulhar em nós tem que morrer conosco sem haver conseguido exteriorização."

E assim trabalhou no silencio e na solidão; ás vezes agarrado a uma pagina pela semana toda, nunca satisfeito com o que realizava, atormentando-se por causa dum adjetivo, procurando, investigando sempre. "Em meio a todas estas expressões, todas estas formas e todos estes modos de dizer, só ha uma expressão, uma forma, um modo de dizer que sirva para o meu caso." "Morra eu como um cão, antes que fixar uma frase ainda não madura!" "Ele é um desses marceneiros", disse Dumas Filho, "que derrubam toda uma floresta para fazer um guarda-roupa." E Flaubert dá a receita da perfeição na prosa: "Primeiro, seguir de perto as metaforas; depois, não entrar em detalhes alheios ao assunto; trabalhar em linha reta." "Condensar o pensamento. Remendos de purpura de nada valem. Unidade — o tudo está nisto! O todo — é nisto que os nossos escritores de hoje, grandes ou pequenos, falham... Comprimir o estilo. Criar um tecido fino como a seda e forte como a malha." Nunca repetir na mesma pagina um adjetivo, nem repetir numa frase uma preposição; escrever "a fronteira do reino da França" é um pecado mortal. E, por fim, a frase deve permitir a leitura em voz alta. "A frase mal escrita não suporta este teste... A frase só está correta quando se harmoniza com todas as necessidades da respiração." Flaubert fez como pregou; muitas vezes a meninada se reunia sob sua janela para ouvi-lo "cantar" frases.

A perfeição artistica não lhe veio "naturalmente" ou pela "inspiração"; suas cartas, sempre cheias de erros gramaticais e defeitos retoricos, descrevem a espaços a trabalheira deste metodo. "Ah, eu sei o que são os terrores do estilo!" "Meu pescoço está quebrado de tanto suportar a cabeça inclinada. As repetições de palavras, os *todos*, os *mas*, os *porques*, os *entretantos* que tenho de eliminar... Isso é tarefa que não acaba nunca." O que as almas romanticas chamam a "alegria da criação" era para ele uma febre consumidora. Diz ainda Anatole: "Ninguem escreve obras primas movido pelo prazer

pessoal, sim pela pressão duma inexoravel fatalidade." O genio está no intelecto objetivo, escreveu Schopenhauer — mas temos de acrescer que está tambem na vontade infatigavel de afeiçoar.

II — O REALISTA

Afinal, a primeira obra prima se concluiu em 1857: *Madame Bovary* começou a aparecer na *Revue de Paris.* Flaubert assomou-se de ser chamado aos tribunais sob acusação de imoralidade. Satisfazer o sensualismo do leitor foi coisa que nunca lhe passou pela cabeça; não fôra para isso que dedicara seis anos de labor áquele livro. Nele descreveu o adulterio como teria descrito a variola, desapaixonadamente e sem enfase; não passava dum acidente na sua analise dum coração romantico. E com furor Flaubert produz a defesa; depois dum julgamento que moveu a França literaria inteirinha, os seus editores foram absolvidos porque, como rezava a sentença, "não parecia que o livro fosse escrito... com o unico proposito de fornecer satisfação ás paixões sensuais."

O triunfo de *Madame Bovary* fez mal a Flaubert, porque levou o publico a esperar dele obras gratas aos amigos do erotismo; quando o publico percebeu que Flaubert se interessava mais em arte do que em sexo, abandonou-o — deixou-o entregue á elite. Era virtuoso como uma anacoreta, dos que se contentam com as visões de Santo Antonio. Uma frase da *Educação Sentimental* demonstra que Flaubert era mesmo como dizia, o "homem de menos vicios." "Uma mulher honesta", diz um dos personagens dessa obra, "é mais agradavel que a Venus de Milo... Não é a sua opinião, padre Dussardier?" Dussardier não responde. Todos o apertam para que fale. "Bem", disse ele por fim, corando, "por mim eu gostaria de amar á mesma mulher sempre!" Houve uns instantes de silencio, surpresos uns daquela candura, outros encontrando naquelas palavras o secreto anelo de suas almas.

Um a um Flaubert constroi os tipos do seu romance. O primeiro, como já o esperavamos, é um medico de aldeia, Bovary, imensamente mais real que virtuoso monstro de

Balzac no *Medico do Interior;* e mais real porque mais mediocre; nada se parece tanto com a vida como a mediocridade. Bovary estabelece-se numa cidadezinha em que o seu unico rival era o boticario Homais, sujeito manhoso que "curava" ilegalmente e não matava mais que Bovary. O medico não se queixa; limita-se a exercer a sua profissão com diligencia só igual á sua incompetencia. Vive calmamente no acanhado circulo da classe media e tem a felicidade de não ter historia, até que se casa com mulher bonita.

Madame Bovary é o mais bem acabado retrato que existe nos romances (1). Desforra-se da educação em colegio de freiras substituindo as vidas dos santos que lá leu por historias de amor; ingere quanto romance encontra e vibra ao pensamento de que sua união com Bovary lhe dará os ternos idílios livrescos. Atribui ao pobre medico todas as qualidades heroicas e sentimentais que vê nos romances preferidos.

Mas, aí, até um genio é muitas vezes um aborrecimento para sua mulher; depois dum ano ou dois ela já conhece todas as ideias do esposo, ouviu-o falar demais; está sempre a ve-lo em *deshabillé* intelectual e boceja ante suas inspirações. Pior para o simplorio do Bovary. O medico "não tinha ambição"; mas do ponto de vista duma mulher a ambição é a maior qualidade dum homem; não ha amor que dure quando o objeto amado não muda, não se desenvolve, não varia; é da essencia duma esposa impelir o companheiro a novas realizações. Mas Bovary está contente com o que é; cai na rotina em tudo, seja obstetricia ou amor. "Suas expansões tornam-se regulares; conjuga-se á esposa em dias fixos. Era aquilo mais um habito na lista dos seus habitos."

Ema Bovary sente-se inquieta; vem-lhe a coceira do romance; como poderá suportar aquela vida, se sempre sonhou ser marquesa? O de que ela precisa, pensa o leitor, é dum filho. Mas Flaubert dá-lhe um filho e passados dois anos (o menino anda nas mãos da ama) Ema está de novo a sonhar com Paris; se cai em Paris, tudo estará bem. "Ema

1. Huneker.

tornou-se palida, com palpitações do coração. Charles (Bovary) receitou-lhe valeriana e banhos canforados."

Foi quando lhe apareceu Rodolfo, belo e deliciosamente amoral, um desses homens educados que quando se sentem acesos pregam o amor livre. E Rodolfo diz a Ema o que ha um ano Bovary não se lembra de dizer — que ela é formosa, encantadora; e Ema exulta de ver-se novamente desejada. Rodolfo a seduz com silogismos, aliás superfluos. Enquanto eloquentemente fala de seu amor eterno, vemos lateralmente o prefeito dirigir-se aos camponios na feira; vemos uma velha receber um premio em dinheiro por "cincoenta e cinco anos de labuta na mesma propriedade agricola"; a velhinha toma com timidez o premio e corre a reduzi-lo a missas para o eterno repouso de sua alma. Raramente a arte foi tão feliz no retratar o ambiente vulgar dum romance. Durante uns meses Rodolfo e Ema encontram-se secretamente — e tanto amor lhe choveu ela em cima, que ele enfartou. Atravessam os dois as zonas da temperatura decrescente. "Rodolfo esconde cada vez menos a sua indiferença", e ela "redobra de ternura". Quando Ema lhe propõe a fuga, ele manda-lhe um delicado bilhetinho e desaparece. Ema consola-se com a religião. Ao ajoelhar-se no seu escabelo gotico, dirige ao Senhor as mesmas suaves palavras que dera ao amante nas expansões do adulterio.

Um ano mais tarde encontra Léon, um leão de Paris, o qual lhe conta as glorias da cidade de onde acaba de fugir para escapar aos credores. Léon "faz-lhe amor", facilmente persuadindo-a com a simples formula "Em Paris é assim." Ema afunda no torvelinho da mentira e das dividas para encontrar-se com ele todas as semanas; derrama sobre Léon a sua beleza e os seus favores; mas novamente verifica que os homens destruidores de lares não são os amantes mais leais. Léon farta-se de Ema e Ema de Léon. "De novo ela encontra no adulterio todas as chatices do casamento" — esta é a ideia central do livro, e a mais profunda de Flaubert. Por fim Ema pede-lhe que a auxilie no pagamento das dividas que contraiu para custear os encontros; Léon roda nos calcanhares e Ema suicida-se.

Em seus ultimos momentos abraça o marido. "Tu és bom — tu!" exclama. A eterna tragedia da bondade sem habilidade e do amor que morre quando é retribuido demais. Bovary nada sabe das aventuras da esposa; ama-a depois de morta ainda mais do que antes, já que as recordações não são perturbadas pelos atritos do real; uma esposa morta é sempre boa. Reune suas coisinhas para beija-las e entesoura-las; entre elas encontra as cartas a Rodolfo e alguns retratos. O choque o arrebenta. Seu criado o encontra morto num banco do jardim.

Este facinoroso desfecho é quasi a unica falha dum livro destinado a banir da literatura e da vida a irrealidade. E era este livro, não um posterior, que devia chamar-se *Educação Sentimental,* porque é um perfeito diagnostico da alma burguesa. Nunca o realismo foi tão calmo e preciso. Ante esta serena perfeição de analise as expedições de Zola pelos porões da alma humana parecem exibições de partidarismo. A observação de Flaubert tem a sutileza da de Stendhal, sua descrição tem a profundeza da de Balzac; mas se Balzac primeiro narra e depois descreve, Flaubert descreve por meio da narração. Cada personagem no drama é a um tempo tipica e individual, revelando a humanidade inteira através duma alma; tomados em conjunto formam um tratado de psicologia e historia da civilização burguesa. Nada pode ser mais objetivo; o autor fala do "bom" e do "mau" com a neutralidade dum coveiro. Criou pois um livro que fixou um genero; uma escola literaria saiu dali — com os Goncourts, com Daudet, com Zola, com Maupassant. Foi o primeiro livro do realismo e o melhor.

Será muito cinico? Sainte-Beuve lamentava em *Madame Bovary* a ausencia de almas nobres, uma só que fosse; e o toque final, mostrando Homais a suceder a Bovary e a ganhar a Legião de Honra como recompensa da vida sem escrupulos, irrita o leitor ao qual ensinaram na escola que a virtude e a felicidade são causa e efeito inevitaveis. Se o livro pretendesse ser um epitome da vida, seria intoleravel; mas como retrato duma fase da vida é verdadeiro como uma chapa fotografica. Com respeito á moralidade, os padres que se

alegrem: o pecado está ali exposto como a coisa mais mortal da terra — já que dura tanto como a monogamia.

III — O ROMANCISTA

Madame Bovary tornou Flaubert, num momento, famoso e infame; o bom povo de Paris acusou-o de corromper a mocidade, e os genios de França reuniram-se-lhe em redor, quando Flaubert condescendeu em deixar Croiset para ir á capital. Maupassant descreve o epileptico viking em seu quarto de hotel, recebendo as congratulações dos confrades; e a tradição fala dos olimpicos jantares de Magny, onde Flaubert se encontrava com Sainte-Beuve e Taine, Turgniev e Gautier, Renan e George Sand, Zola e Daudet. Eram os gigantes da epoca.

Naquele ambiente de adulação Flaubert se sentiu infeliz; o grande realista não se contentava de ser chamado realista. "Crêem vocês que tambem me desagrada o ignobil realismo que todos encontram em meu romance? Se me conhecessem melhor saberiam que execro a vida lugar-comum. Fujo dela o mais que posso." Falubert viveu num ambiente lugar-comum, mas sempre revoltado; descrevia o real, mas sonhava com o irreal. "Ha em mim dois homens", diz numa carta, "um, lirico, amante do estranho, do apavorante, do sonoroso; o outro deseja sentir em sua natureza material as coisas que descreve." Assim, enquanto escrevia sobre a França rural, Flaubert tinha os sonhos no colorido Oriente. "Pensar que eu talvez nunca vá á China, nunca me embale ao trote dos camelos, nunca veja por entre a folhagem o brilho dos olhos dum tigre na moita — eu sofro quando penso nisso."

Cada genio tem em si algo de romantico, porque tem em si algo de poeta. Em homens como Platão e Gœthe o romantismo da mocidade amadurece lenta e naturalmente na calma classica; em Napoleão e Flaubert a imaginação romantica e a visão classica coexistem lado a lado, gosando alternativamente os dois reinos. O elemento dominante em Flaubert foi o realismo colerico e o sentimento ultrajado; o

tema de todos os seus livros, exceto um, é a sentimentalidade romantica exposta por meio de cruel descrição; sua preocupação com o assunto mostra como o assunto o empolgava; denunciava o romantismo porque o sentia no sangue e queria elimina-lo — ser "duro".

Mas tendo-o expulso de sua vida, encontrou-o na historia. "Amo á historia loucamente. Os mortos são muito mais agradaveis que os vivos." Clarividente como era, devia ter sentido o quanto este sentimento se aproxima do mais impetuoso romantismo; porque os mortos foram vivos e os vivos acabarão mortos; o fulgor de uns e o grosseiro de outros não passam de criações nossas. Tudo contem poesia, se somos poetas; e ainda em sua cozinha Heraclito descobria deuses. Mas para Flaubert os mortos tinham a vantagem de não irrita-lo. Um livro é um amigo que faz o que nenhum amigo faz — cala-se quando queremos pensar.

Em consequencia, Flaubert mergulhou-se na arqueologia, tornou-se tão adepto do saber classico como o seu descendente espiritual da Vila Said. Quando Anatole o visitou em 1873, Flaubert falou interminavelmente de Homero, Euripides e Troia; "parecia sinceramente lamentar não ter vivido no tempo de Agamemnon." "Creio que sempre existi e que tenho recordações de tempos anteriores aos faraós!" escreve ele a George Sand, o seu correspondente favorito. Fui barqueiro no Nilo; fui *leno* em Roma, durante as guerras punicas; fui depois um retorico grego na Suburra, onde os percevejos me devoraram. Morri depois durante as Cruzadas, de chupar uvas nas costas da Siria. Fui pirata e monje, palhaço e cocheiro. E talvez até imperador no Oriente!" Sempre e sempre o Oriente — essa eterna fonte do romanesco.

Por impulso do genio ou por força da paixão, resolveu ele derramar todos os seus recalques romanticos num livro tremendo; pôr de lado o mundinho burguês de Croiset e de França, os sordidos camponios e os implacaveis financistas, e lançar-se de corpo e alma no passado oriental. Ainda quando compunha *Madame Bovary* já o seu pensamento se voltava para esse livro. "Que demora em acabar *Bovary*... para entrar num novo periodo e entregar-me ao belo!...

transformar pela arte tudo que é eu mesmo, tudo que perdi... Sinto-me cansado de coisas feias e da feiura do ambiente que me envolve... Preciso durante varios anos viver imerso num assunto esplendido, com as costas voltadas para o mundo moderno. Trata-se duma empresa louca, e não ha contar com sucesso perante o publico. Não importa! Temos de escrever para nós mesmos... É o unico meio de criar alguma coisa bela."

Em 1849, muito antes da publicação de *Madame Bovary*, Flaubert viajara pelo Egito, Nubia, Palestina, Siria, Turquia e Grecia — e nunca mais lhe esqueceu essas excursões. Nem deixou de ler o que pôde a respeito desses lugares. Mais tarde mergulhou no orientalismo. Aos Goncourts escreve: "Que fazem vocês agora? Eu estou afundado na Kabala, em Mischna, na tatica militar dos antigos, etc. — massa de leituras que não me são de particular interesse mas que aceito por pressão da minha consciencia e tambem porque me diverte um pouco." "Quanto aos cartagineses, realmente creio que exgotei os textos existentes." Flaubert debruçou-se sobre documentos antigos e modernos durante nove anos; depois, em 1858, foi a Cartago para pesquisas locais. De retorno lançou-se á composição de *Salammbô* e nisso ficou durante quatro anos. Raramente um volume de historia foi tão acuradamente escrito, como essa novela romantica.

O drama se passa em Cartago, depois da primeira guerra punica (268-241 A.C.). Os lineamentos e tipos centrais são historicos, mas a imensa erudição oculta no enredo está tão bem entretecida que na fluidez da narração o leitor nunca percebe o historiador. A grande cidade antiga, com seus majestosos palacios e templos, foi deixada na sombra, porque a historia não lhe forneceu elementos esclarecedores; mas em redor dela, e ao longo dos grandes desertos, tudo vive com a realidade das coisas eternas.

Cartago fôra derrotada e Amilcar exilado; o tesouro publico está vazio e a soldadesca mercenaria amotina-se na reclamação dos soldos não pagos. O governo dos "velhos" ilude-os com promessas, e depois, com medo que isso lhe

não encha o estomago, abrem as portas do palacio de Amilcar e refartam-se do que ha lá. Flaubert descreve com morbida minucia os animais esotericos que encantavam os *gourmets* da epoca — caramujos, gafanhotos fritos, arganazes em conserva; "e eles não se esqueceram duns tantos daqueles cachorrinhos gordos, de roseo pelo sedoso." Embrutecidos pela guerra, os soldados lançam-se ao vinho; e já bebedos preparam-se para saquear o palacio, quando Salammbô, filha do exilado Amilcar e vestal da deusa Tanith, cujo altar se ergue no palacio, aparece, em palida e mistica majestade, nas escadarias de pedra e com um olhar os detem.

A soldadesca se afasta, e Matho, o gaulês que a chefia, leva a imagem de Salammbô gravada no coração. "Ela amarra-me com uma cadeia que ninguem pode ver. Se ando, é ela que está andando; quando paro, ela está parada. Seus olhos queimam-me. Ouço-lhe a voz. Ela acompanha-me, penetra-me. Parece que se tornou a minha alma!... Eu odeio-a! Queria espanca-la!... Oh, hei de mata-la... Sim, hei de mata-la!" Não pagos ainda e semi-mortos de fome no deserto, os mercenarios sitiam a cidade. Aqui a erudição do autor em arqueologia empolga-o e Flaubert dá pintura mais perfeita dum antigo assedio do que qualquer livro de historia. Matho, perturbado pela sua inquietação, encontra meios de penetrar na cidade, e depois no proprio palacio de Amilcar; sente a imperiosa necessidade de ver Salammbô novamente. Por entre os leões adormecidos Matho chega ao santuario de Tanith e furta o veu sagrado da deusa — o veu que os supersticiosos cartagineses consideravam o indispensavel simbolo da vitoria. E envolvido nele penetra na camara de Salammbô, onde a contempla imersa no sono. A vestal acorda e ouve com desprezo a declaração de amor do chefe gaulês; horrorizada com o furto do veu, ordena aos seus escravos que o agarrem. Hesitam os escravos, têm receio de tocar no veu — e Matho foge. Perseguido pela população aos gritos, consegue varar as ruas da cidade e alcançar a sua tenda de campanha. Está orgulhoso da façanha, mas vencido pelo amor.

Desde esse momento a maré dos infortunios invade a urbs assediada; todas as sortidas falham; a fome já começa

a torturar a população. Embora ainda o odeiem, os Velhos chamam Amilcar para restaurar o exercito e chefia-lo. Amilcar: o orgulhoso aristocrata, o negocista deshonesto, o filantropo amigo dos pobres, o capitão do genio, o amoroso pai do pequeno Anibal e da virginal Salammbô. Um homem dos mais humanos porque era todo ele còntradições. Na noite em que á frente das forças reorganizadas, Amilcar sai de Cartago, o sumo sacerdote de Tanith ordena a Salammbô que recapture o veu roubado, ainda que tenha de entregar-se ao chefe gaulês.

Salammbô esgueira-se por ocultas sendas até ao campo inimigo; vence todos os obstaculos; consegue alcançar a tenda de Matho. Lá está ele e o veu. O gaulês toma-a nos braços com paixão; nisto sôa o apelo á refrega. Amilcar atacara. Matho não hesita; o guerreiro é mais forte que o amante; deixa Salammbô, esquece o veu e lança-se a chefiar seus homens. Salammbô toma o veu sagrado sem dificuldade e sem pressa; e, como só um Flaubert diz: "de pé ficou diante do seu sonho realizado."

Agora o romance se volta para a luta guerreira, e a descrição sobe num crescendo até á beleza terrificante. Os mercenarios são batidos e forram de cadaveres a planicie deserta. O valente Matho, entretanto consegue fugir com o remanescente dos mercenarios; mas Amilcar — ciencia impiedosa contra a paixão barbaresca — apanha-os num desfiladeiro, fecha as saidas e espera que a fome os acabe.

> Os mais estoicos se conservam uns perto dos outros, sentados em roda, no meio da planicie, aqui e ali, entre os mortos; e envoltos em seus mantos entregavam-se silenciosos á tristeza. Os que eram da cidade recordavam as ruas barulhentas, as tavernas, os teatros, os banhos, os barbeiros onde se ouvem mexericagens. Outros reviam os campos ao pôr do sol, quando os trigos louros ondulam e os pesados bois sobem as colinas com a canga ao pescoço. Os viajantes reviam as cisternas dos oasis; os caçadores, as florestas; os veteranos, as batalhas; e na sonolencia que os derrubava seus pensamentos tinham a nitidez de sonhos. Alucinações os invadiam a espaços; e procuravam na montanha uma ponta que lhes permitisse a fuga. Outros imaginavam estar navegando em dia de tempestade,

davam ordens para manobras de navio, ou recuavam, espantados, percebendo nas nuvens batalhões punicos. Outros se representavam em festim e cantavam. Muitos, tomados de mania, repetiam sempre a mesma palavra ou gesto. E quando voltavam a si e entreolhavam-se, espantavam-se, e soluçavam, ao horrivel aspecto de seus rostos. A morte era inevitavel para todos.

Amilcar concorda em liberta-los, se Matho render-se e submeter-se á pena que Cartago lhe impuser. Porque já sabia, pelo sumo sacerdote, da historia do veu e tambem Salammbô confessara a sua visita á tenda do gaulês; o pai não concebe que ele houvesse respeitado a sua virgindade e para puni-la compele-a a desposar Narr'Havas, um mercenario que traira Matho durante a luta. Quando Matho, para salvar os companheiros, se entrega, Amilcar condena-o á morte na tortura. Os sadistas de Cartago ganham um dia de folga; Amilcar sobe a um trono na praça publica, com a triste Salammbô ao seu lado; a população armada de lategos alinha-se nas ruas — por elas passa Matho nu, recebendo milhares de chibatadas. Por fim, transformado numa horrivel massa de carne escalavrada, chega diante de Salammbô e olha-a por um momento com os olhos turvos de sangue. Salammbô ergue-se do seu rico trono e estende-lhe os braços apiedados, gelando de assombro a multidão. Mas o gaulês cai-lhe aos pés sem vida; e com um grito de remorso, arrancando-se das mãos de Narr'Havas, a virgem de Cartago lança-se sobre o corpo do gaulês e junta-se a ele na morte.

Trata-se duma historia maravilhosa na substancia e na forma; profunda de interesse, perfeita no estilo, apenas mareada pelo morbido estadear de cenas de sofrimento e chacina. O sacrificio das crianças cartaginezas nas chamas do altar de Moloch é não somente repulsivo como historicamente pouco verdadeiro; as paginas finais são uma caudal de flagelações, com cada capitulo cheirando a coluna de obituario. "Meu trabalho está progredindo", escreve Flaubert, "estou agora metido numa refrega de elefantes e garanto que vou matar homens como moscas; derramo sangue ás torrentes."

O velho sadista! Somos tentados a gritar-lhe que é facil impressionar quando recorremos á morte em cada pagina E a construção é imperfeita; o começo prepara-nos para mais Salammbô do que o autor nos dá; como o disse o proprio Flaubert, generosamente concordando com os criticos, "o pedestal é muito grande para a estatua." Mas que lingua! Aqui, por exemplo, ao pintar o nascer do sol sobre Cartago:

> Uma faixa luminosa desenhou-se do lado do oriente. Á esquerda, em baixo, os canais de Megara começavam a raiar de sinuosidades brancas a verdura dos jardins. Os tetos conicos dos templos heptagonais, as escadarias, os terraços, as muralhas, tudo pouco a pouco emergia ao luar da alvorada; e em redor da peninsula cartagineza uma cintura de espuma branca oscilava, enquanto o mar esmeraldino parecia como entanguido pelo frescor da manhã. Depois, á medida que o roseo do ceu se ia ampliando, as casas sobre o declive dos terrenos erguiam-se, amontoavam-se como rebanhos de cabras negras a descerem a montanha. As ruas desertas se estiravam; palmeiras, aqui e ali emergentes dos muros, imobilizavam-se. As cisternas cheias pareciam escudos de prata perdidos ao leu; o farol do promontorio empalidecia.

Não ha francês mais belo que o de Flaubert na *Salammbô;* nas proprias traduções é coisa que brilha e canta. Diz-nos ele que havia sonhado de um "estilo ritmico como o verso e preciso como a linguagem da ciencia, mas com vibrações gementes de violoncelo e linguas de chamas." Maupassant chamou a esse livro "opera em prosa"; mas porque ha de a opera ser tão honrada assim com a comparação? Não ha lá um *cliché,* uma só frase trivial ou metafora vulgar; nada nervoso como em Taine, ou cru e abrupto como em Balzac, nem exageradamente retorico, como em Hugo; é musica de Bach no esplendor de Euripides; palavras modeladas como templos. Salammbô é certamente a obra prima de Flaubert; não admira que a amasse mais que todas e a escrevesse num delirio de alegria. *Salammbô* e não *Madame Bovary* fez de Flaubert o deus do estilo entre os franceses, o padroeiro dos homens de letras de toda parte e o Keats da prosa moderna.

IV — O CÍNICO

Depois dum tal extase de composição, um descaida estava na ordem natural das coisas. Libertado dos seus recalques romanticos, Flaubert voltou ao realismo, e ao seu inimigo predileto — a burguesia. Tinha já analisado o carater duma mulher romantica; ia agora fazer o mesmo ao de um homem, e ainda mais impiedosamente. Frederico, o heroi da *Educação Sentimental* (1869), é filho do casal Bovary, como diz Faguet; andava sempre soprando bolhas para o ar, construindo castelos em Espanha, enquanto seus negocios iam agua abaixo. Atrasara-se nos estudos e no exame de admissão para a advocacia veio a falhar. Salva-o uma herança, que, entretanto, em pouco tempo se evapora. Frederico sonha de grandes coisas a fazer mas esquece das pequenas de que as grandes dependem. É um desses que estão sempre se resolvendo e nada resolvem, e acusam o universo dos efeitos de suas inepcias; acha que "a felicidade devida á existencia de sua alma está demorando a chegar."

Não obstante, é generoso, como a maioria dos perdularios; e quasi chegamos a ama-lo, se o comparamos a Deslauriers, cujo unico pensamento é ganhar dinheiro e gasta-lo da maneira mais espetacular possivel. "Se fosse eu", diz esse burguês quando Frederico lhe conta da herança, "compraria uma baixela de prata" — revelando "pelo amor ás coisas materiais o homem de baixa condição", observa Flaubert. "Chamo burguês a todos os homens que pensam com sordicia", foi a definição do burguês que Flaubert deu a Maupassant — uma inexoravel definição que alcança todas as classes.

A heroina do drama é Mme. Arnoux, cujo unico encanto reside na virtude. Seu marido é tão poligamo como Mme. Bovary; Flaubert parece dar a entender que a felicidade de um conjuge provoca a infidelidade do outro. Logo depois de sair do colegio, Frederico apaixona-se por Mme. Arnoux, ao encontra-la naquela plenitude de formas que tanto atrae os moços romanticos. E timidamente resolve seduzi-la; procura entrada na casa, mas ao anuncio de que "madame saiu", uma sensação de alivio o empolga, como se lhe houvessem

tirado um peso dos ombros. Não obstante, a aventura se desenvolve, desde que uma mulher pode resistir a tudo, menos á admiração. Mme. Arnoux está prestes a ceder quando um seu filhinho cai gravemente enfermo — e por amor á cura da criança ela oferece a Deus, em holocausto, o sacrificio da sua primeira paixão real, da sua unica fraqueza de mulher. Frederico retira-se, derrotado como de costume, e consola-se com uma aventureira, ao mesmo tempo que faz a côrte a Mme. Dambreuse; beijando uma, pensa em outra — e diz consigo: "Que patifaria!" Mas Mme. Dambreuse perde a herança que andava a disputar e tambem perde a Frederico, que rompe as promessas feitas. Na idade de cincoenta anos encontra-se só, praguejado de cortezãs, sem um amigo, sem ambição, sem lar.

De mistura com esta historia do amor prosaico define o romance do revolucionario Dussardier. É um suave socialista, frouxa duplicata do come-fogo Senecal; Dussardier não despreza nenhum amigo; Senecal denuncia a todos que dele divergem em pontos de doutrina revolucionaria. Quando ocorre o movimento de 1848, lutam pela republica, mas o ano de 1849 os desaponta — o espetaculo dos impulsos aquisitivos dos radicais e dos conservadores postos a nu destruiu-lhes os sonhos igualitarios. E Dussardier diz a Frederico: "Pensei que iriamos ser felizes quando a revolução viesse. Lembra-se que bela coisa era? Como nós respiravamos livremente! Mas eis-nos mergulhados em condições muito piores do que antes." O golpe de Estado de 1851 encontra de novo Dussardier nas barricadas, lutando pela republica em que já não crê. Frederico entra em cena para ver o socialista atirado por um policial — um policial em que ele reconhece Senecal.

Temos aqui o Flaubert realista e, mais que isso, cinico. Sensivel a todos os sofrimentos humanos e suspeitoso da insignificação de tudo. Apreciamos mais o seu romance oriental, com virgens misticas e chefes barbaros do que esta lugubre fotografia de vidas sem alvo e sonhos derrotados. Cada um de nós é realista e romantico a turno; mas Flaubert vacila entre os dois polos, como Fausto entre Mefisto e Mar-

garida; nunca os tece em unidade, seja em sua arte, seja em sua alma — e por fim a clivagem o arrasta á loucura.

A clivagem prossegue e a loucura entremostra-se em uma das suas mais poderosas composições, a *Tentação de Santo Antonio* (1874). Estamos novamente na Africa, mas ao invés de resplendente palacio vemos uma cabana nas areias do deserto, e em vez de guerreiros, e princesas, um velho santo nu. "Aqui, por mais de trinta anos, vivo gemendo no deserto." Poderiamos esperar que após tantos anos de renuncia êle já se achasse livre de tentações; mas, ao contrario disso, os desejos da carne continuam vivos e desviados para formas anormais; no proprio momento em que se flagela, um deleite masoquista o invade: "Oh! Oh! Oh! Cada golpe rasga a minha pele, corta a minha carne. Arde horrivelmente. Ah, não é tão horrivel assim! Vem o habito. Parece-me até... Que delicia! São beijos."

As tentações acodem como invasão de fantasmas na noite: pensamentos de promoção a grandes dignidades eclesiasticas, quadros de imensas multidões genuflexas, orações de hereticos vencidos. Os poentos objetos da planura de areia transformam-se em coisas perturbantes: "num comoro, a velha palmeira com a sua fronde de folhas amarelecidas torna-se um torso de mulher inclinado para o abismo." Uma rainha de majestosa beleza oferece-se-lhe; ele resiste e a visão se afasta, mas deixando um rastilho de voz que lhe canta na alma: "Inutil resistir. Eu sou onipotente. As florestas ecoam os meus suspiros, as ondas rolam graças á minha agitação. Virtude, coragem e piedade estão dissolvidas no perfume do meu halito. Acompanho o homem em cada passo que ele dá; e no limiar do tumulo volta-se ele para mim." As tentações do intelecto assaltam-no: duvida, negação, heresia; todos os grandes heresiarcas aparecem-lhe em visão e murmuram-lhe desafios á fé ortodoxa; os deuses e idolos de povos já extintos passam pelos seus olhos ardentes, e Buda conta-lhe a historia de sua vida, perturbadoramente semelhante á do Filho de Deus. O diabo vem e leva-o para o ceu; o santo horroriza-se de ver que a terra não passa dum grão de pó num oceano de espaço e estrelas, que não é o

centro do universo, nem o cenario da Criação ou da Encarnação ou da Expiação ou da Ressurreição; esse diabo antecipa Spinoza quanto á impessoalidade de Deus e a subjetiva relatividade do bem e do mal. Antonio desperta a sua imaginaria viagem para ver seu discipulo Hilarião, repentinamente crescido e forte, transformado num ceptico defensor da ciencia.

Temos aqui um primor de estilo e imaginação que lembra as torturadas obras primas de Miguelangelo; é a fonte da *Thais* de Anatole France, até na apostrofe do Espirito da Mulher endereçada a Paphnuce em oração; fonte tambem do interesse pelos detalhes das teologias mortas que enchem as paginas de Renan e Anatole, a serviço duma fé intelectualmente morta, mas ainda retida pelo sentimento; uma obra ao mesmo tempo genial e louca, morbida ao extremo e proxima do desespero; quem a lê fica a pensar na proxima derrocada do espirito que a concebeu.

V — A VÍTIMA

Quando morreu, Flaubert deixou inacabado um terrivel manuscrito que ele denominava *Bouvard e Pécuchet.* Dois amanuenses numa repartição publica herdam uma propriedade que os habilita á realização do velho sonho de fugirem á escravatura burocratica e viverem no campo. Lêem livros de agricultura e procuram aplicar-lhes as teorias — mas falham. Abandonam a agricultura e dedicam-se á quimica, embriagados pela grandiosidade e pelas promessas da ciencia; fazem experiencias; escapam de varias explosões e por fim acham que o seguro é estudarem geologia; "sentiram uma especie de humilhação á ideia de que seus proprios corpos continham fosforo, como o que vem em caixinhas, e hidrogenio, como o do gás das ruas." Mas tambem a geologia os desanimou; ficaram tontos com as teorias dos plutonistas e netunistas; o melhor seria estudarem arqueologia e historia. Mas aqui tambem o conflito das autoridades deixava tudo na incerteza; admiravam-se, com Walter Raleigh, de que a propria evidencia dos conflitos recentes fosse objeto de duvida; e concluiram, com Matthew Arnold, que a historia é um Mississipi

de falsidades. Passaram-se para a literatura e então respiram vendo que nela ha obras confessadamente imaginarias; mas desapontam ao descobrirem que tais obras são ultrajes á realidade e á probabilidade, apresentando uma errada visão da vida e da natureza humana. Entram na politica e fazem-se revolucionarios; mas a revolução vence e eles concluem que as mudanças nos governos são a coisa mais superficial do mundo. Entregam-se ao amor; um apanha uma doença e o outro é repelido porque sua renda é menor do que a dama dos seus olhos a supunha. Estudam filosofia e só encontram um tecido de refutações sucessivas que desfecham em desilusão e imoralidade. Retornam á religião, viajam pelo ceu e pelo inferno em companhia de Swedenborg; aprendem a duvidar da sua geografia e desconfiam que o espiritualismo seja fraude. Tornam-se educadores, lêem os livros dos reformadores, aplicam as novas teorias e percebem que os alunos por eles educados degeneram em patifes. Resolvem primeiramente educar os adultos e inauguram um curso de conferencias para o povo; a assistencia os denuncia como sediciosos e eles são expulsos da cidade. Por fim, com os nervos em ruina, afundam no desespero; para que lado se voltarão agora? Uma ideia vinha sendo carinhosamente alimentada por ambos, ás ocultas um do outro. A espaços ambos sorriam de si para si. Por fim abriram-se: volta ao amanuensado. Requerem a nomeação e obtêm-na. "Sentaram-se á secretaria e puseram-se a escrever."

Temos aqui uma dolorosa filosofia que não podemos aceitar. Seria preferivel que a obra se reduzisse a um conto revelador de apenas um aspecto da cena humana; Voltaire ou Maupassant te-la-iam transformado no diamante do desespero. A extensão que deu a esse conto já revela a insanidade de Flaubert. Esquecera-se do principio que sempre considerara fundamental — a beleza está alem da bondade ou da verdade; ou talvez ele encontrasse uma beleza dantesca nesse ciclo de futilidade. Enamorado da estupidez humana, Flaubert colecionava belos casos com paixão quasi escatologica. "Guarde-me todas as tolices que disserem do seu livro. Esses documentos muito me interessam", escreveu ele a Zola. "Por

que a descoberta dum equivoco sempre me causa alegria?... Adoro ver a humanidade, e tudo que lhe diz respeito, rebaixada, amarfanhada, vaiada, — e por isso tenho alguma consideração para com os ascetas." "Sinto pela especie um sereno odio, ou uma piedade inativa, parenta desse odio. Fiz grandes progressos em dois anos e a situação politica confirmou minhas velhas teorias sobre o bipede implume, que considero oscilante entre o abutre e o ganso." "Pellerin não admitia que houvesse belas mulheres; ele preferia os tigres."

Flaubert amuou com a relativa pouca aceitação de seus livros depois de *Madame Bovary; Tres Contos* ainda não tinham nascido, apesar de coisas perfeitas como "Herodias" e "A Lenda de São Julião o Hospitaleiro." Acrescente-se a piora da sua epilepsia, o terrivel amiudamento dos ataques. Por esse tempo já perdera a maior parte dos amigos e parentes, por morte ou brigas; a velhice veio encontra-lo só, triste qual um monje, olhando através das grades da sua cela para tudo o que ele detestava. "Ninguem me compreende. Eu já pertenço ao outro mundo."

O celibato deixara-o atado á sua mãe. Quando ela faleceu foi-se-lhe o interesse na vida. "Compreendi, nestas ultimas semanas, que minha pobre mãe era o ser que eu mais amava. Perde-la equivale a destruir um pedaço do meu coração." Logo depois morre George Sand, que fôra a sua mais querida amiga, embora não a conhecesse pessoalmente. "Parece-me que estou enterrando minha mãe pela segunda vez." E Flaubert não demora a ir-se tambem. Morre de apoplexia a 18 de Maio de 1880, com 58 anos.

"Gostas demais da literatura; isso te matará": foi como George Sand o advertiu. Ele o sabia, mas não curava; todos estamos condenados a ser destruidos; por que não ser destruido por uma sublime devoção? Flaubert voluntariamente pagou com o preço do seu sangue a grandeza conseguida no ceu literario da França. Talvez lhe faltasse perspectiva, ou lhe faltasse humor para ver-se a si mesmo, ou integrar-se, num todo; perdeu porisso á vontade, o encanto, a saude de Voltaire e Anatole France; mas havia nele uma profundidade,

uma seriedade de paixão e propositos que faz esses dois felizes epicuristas parecerem superficiais e frivolos. Ambos amavam a literatura, mas não morreriam por ela.

"Flaubert", como disse o seu discipulo e idolatra Maupassant, "deu desde moço toda a sua vida ás letras e nunca pediu devolução. Gastou a existencia nessa imoderada, exaltada ternura, passando noites de febre como o amante que treme de paixão, caindo de fadiga depois de horas de amor violento, e recomeçando de novo, cada manhã, a dar tudo de si á bem amada. Finalmente, um dia, caiu fulminado sobre a mesa de trabalho, assassinado por *ela*, pela *literatura*: assassinado como o são todas as almas grandes — consumido pela paixão que neles arde."

Que estas palavras sejam o ponto final.

CAPÍTULO II

ANATOLE FRANCE

I — O PARADOXO

"SE EU fosse a natureza", disse Anatole France, "não faria o homem e a mulher á semelhança dos grandes macacos, mas á semelhança dos insetos que depois de um periodo de lagarta viram borboletas e na ultima parte da vida só pensam em amor e beleza. Eu poria a mocidade no fim da existencia humana... Arranjaria que o homem e a mulher, desdobrando rutilantes asas, vivessem por um tempo no orvalho e no desejo, e morressem num beijo de extase."

Talvez tenha sido isto o que a natureza fez no caso de Anatole France. Muitos de nós escapamos da vida por intermedio dos livros e escondemos nossa timidez numa torre de marfim; Anatole France saiu dos livros para a vida — saiu da paz da erudição para a vida perigosa e cheia de vicissitudes. Mas Anatole começou conservador e terrivelmente conservador permaneceu até cincoenta anos; nessa idade — a idade em que a maior parte dos espiritos estão mortos — voltou-se para o sol nascente e aliou-se ás forças liberais de toda parte. Aos quarenta e cinco, idade em que Spinoza morria e Nietzsche enlouquecia, Anatole entrava para a redação do *Le Temps,* o mais respeitavel jornal da França; aos cincoenta e dois era eleito para a Academia Francesa como o rival conservador dum candidato indulgentemente liberal; aos setenta e quatro juntava-se aos comunistas e dava os 40 mil francos do seu premio Nobel á beneficencia russa. Foi um octogenario aos quarenta e um rebelde

cheio do otimismo da mocidade aos oitenta. Viveu, portanto, por algum tempo, no orvalho e no desejo, e recusou-se a morrer antes de tornar-se perfeitamente jovem.

Como explicarmos esta anomalia? Ter-se-ia embebedado, esse velho, nalguma fonte de mocidade perpetua? Como pôde o indolente ceptico de *La Vie Litteraire* tornar-se o guerreiro d'*A Igreja e a Republica?* Como pôde o indulgente humorista d'*O Crime de Silvestre Bonnard* transformar-se no audacioso revolucionario do *Rumo a Melhores Tempos* ou de *Sobre a Pedra Branca?* Como o recolhido coletor de brochuras, sempre mergulhado no pó das bibliotecas e ás voltas com o espirito dos mortos, conseguiu saltar fora e vir combater o padre, o soldado e o imperialismo, por amor á liberdade e á paz?

Estudemo-lo no seu desenvolvimento, através de cada estagio da vida — e talvez consigamos compreender o paradoxal do seu genio e o segredo de sua eterna mocidade.

II — O HOMEM

Anatole Jacques Thibault nasceu a 16 de abril de 1844. Era filho de Paris e foi logico ao tomar o pseudonimo de *France.* Falava de si proprio como dum "parisiense de corpo e alma" e falava de Paris com "imenso amor." Fez-se a voz da sua cidade, daquela Paris que tinha visto tudo e *nil admiratur,* que tinha conhecido todas as esperanças e padecido todas as derrotas que provara todas as filosofias e todos os pecados; Paris, a herdeira e o foco da cultura, da sabedoria e da arte do mundo ocidental.

"Somos já tão velhos quando nascemos..." diz ele. E velhos não apenas pela hereditariedade biologica: atrás de Anatole, pronta para infiltrar-se osmoticamente em sua alma, estava toda a riqueza da arte e da literatura de seu país. "A cultura francesa é a coisa mais nobre e delicada do mundo", escreveu ele numa dessas passagens de enternecido patriotismo que o fez tão amado pela França, mesmo depois que denunciou os lideres que a arrastavam á guerra e combatiam

a reconciliação e a paz. Essa cultura francesa foi o seio que o nutriu e no qual sugou até o fim. Ninguem melhor que Anatole conheceu essa cultura, nem a latina em geral. Pouco sabia das letras inglesas e alemãs; não tinha em redor de si nada do que Renan chamou os "pesados hiperboreos." Era todo francês, latino e grego; como o conceito de memoria na filosofia de Bergson, ele trazia consigo o passado e o resumia — e quando falava era a voz da França. Em Anatole vemos a profunda continuidade da cultura francesa; o riso escandaloso de Rabelais, o bondoso humor de Montaigne, a sutil satira de Voltaire; na *La Rotisserie de la Reine Pedauque* temos Rabelais, na *La Vie Litteraire* temos Montaigne, na *Ilha dos Pengouins* temos Voltaire, no *Jardim de Epicuro* temos Renan, no Trublet da *Historia Comica* temos o Graindorge de Taine e em *Thais* vamos para os desertos do Egito monastico em companhia do Flaubert da *Tentação*. Em todos esses homens ha uma suave desilusão, um *savoir-vivre* de cidade grande, uma intuição das sutilezas e nuanças da vida, uma simplicidade pagã na alegria, um grande refinamento na sensibilidade e no toque artistico, qualidades que os erguem ao cume das letras modernas. Anatole é o herdeiro de todos, a reencarnação, a soma dos mestres.

Tinha, pois, direito ao alto nome que adotou; seu nome verdadeiro desapareceu para sempre ao fulgor do pseudonimo. Esse nome de guerra veio-lhe de seu pai, François Noêl Thibault, que os amigos chamavam simplesmente France. Era France um piedoso catolico e um intransigente realista ao tipo vendeano, que serviu na guarda de Carlos X e com ele caiu. Ao pequeno Anatole ensinou o credo bourbonico e lhe deu a retalho as mais simpaticas fases da revolução francesa; meio seculo levou o aluno para vencer as inoculações paternas, as quais ainda transparecem no *Les Dieux ont Soif*. (1912). Muito diferente já era a sua avó paterna, nem piedosa nem realista, mas livre de pensamento, pagã, voltairiana; "Não tinha mais religião que um passarinho; pertencia claramente ao seculo 18."

Era dificil ao pai conservar o filho nas tradições, porque mantinha um "sebo" no Quai Malaquais, defronte ao Louvre,

e o menino crescia entre brochuras tresandantes a heresia. Em redor do berço de Anatole, todos os genios da literatura; e fronteira á sua casa, a maior coleção de obras primas de arte! Tudo conspirava para fazer do menino um erudito, um filosofo, um artista.

Em seus livros de reminiscencias — *Le Livre de Mon Ami* (1885), *Pierre Nozière* (1889) e *Petit Pierre* (1915) contou Anatole, com deliciosa naturalidade, a historia desses dias de menino — e talvez que se perpetuasse jovem por estar sempre rememorando a sua vidinha infantil. "Minha cosmografia era imensa... A terra formava um largo circulo em redor de nossa casa. Cada dia eu encontrava, indo e vindo nas ruas, gente que me parecia ocupada num estranho jogo — o jogo da vida. Refleti que havia um grande numero de tais seres, talvez mais de cem." Depois de certo tempo alongou-se mais; sua ama levou-o ao jardim zoologico, que ele confundiu com o Jardim do Eden; pois não havia sua mãe descrito o Eden como "um lugar delicioso, de belas arvores e com todos os animais da criação?" A unica diferença era que no jardim zoologico "os animais viviam em gaiolas, em consequencia dos progressos da civilização... e o anjo de guarda á porta com um glaivo flamejante fôra substituido por um soldado de culote vermelha."

Em idade muito verde foi iniciado nos misterios do sexo por uma menininha. "Sou grato a Alphonsine por ter-me, aos dois anos de idade apenas, acrescido de modo tão amplo o meu conhecimento da natureza humana." Bom aluno que era, soube manter pelo resto da vida as vantagens da primeira lição na ciencia de Eros. Anatole representa-se, com orgulhosa exageração, como um rapaz atirado. Certa vez sua mãe apanhou-o em flagrante; "ela avermelhou e olhou-me de soslaio, sondando minha fisionomia a ver se detectava incipientes sintomas de loucura ou perversidade." Aparentemente, o seu grande crime era a curiosidade; aos seis anos, diz ele, "eu já me sentia atormentado pela curiosidade que me iria ser a perturbação e a alegria da vida inteira, e que me lançou á procura incessante das coisas que nunca são encontradas."

O menino foi para a escola, onde aprendeu menos do que na rua. "De todas as escolas em que estive a do Dr. Truant foi a unica de que gostei e a em que mais aprendi." Depois dessa escola da rua, a melhor foram os "sebos".

> Fui criado no cais, onde os livros velhos formam parte da paisagem... Se o Sena é o rio da gloria, podemos dizer que os livros empilhados pelo cais formam-lhe a corôa... Depois de tudo experimentado, não sei de maior prazer do que caçar livros ao longo das margens do Sena... Naquela zona solitaria podeis evocar o espirito dos que já se foram, como se dispusesseis duma varinha magica... Quanto a mim, foi lá que encontrei a sabedoria. Aquelas rumas de papel borrado de tinta de impressão ensinaram-me a vaidade dos triunfos que amarelecem, da gloria que floresce e morre... Ó sordidos velhotes judeus, candidos vendedores de livros no cais, meus mestres, quanta gratidão vos devo! Mais que aos professores da Universidade... vós derramastes diante dos meus olhos deslumbrados as misteriosas fórmas da vida passada e toda sorte de monumentos do espirito humano.

E assim o vemos, "passando de livro em livro como a abelha passa de flor em flor, enquanto o indiferente pendulo do relogio segue calmamente, e com precisão, a podar aos segundos o fio da vida." Foi nesses sebos e nessas horas que ele adquiriu as bases da erudição espantosamente ecumenica que tão modestamente se oculta atrás de sua arte perfeita. Ele levava nesses dias a "calma vida de imaginação das crianças"; livros e mulheres criaram-no, fizeram-no um enternecido bibliofilo, quasi despegado da terra. Seu pai opunha objeções contra os habitos meditativos do rapaz: "A solidão excita a imaginação." Nunca lhe passou pela cabeça que a natureza havia marcado o seu filho como um artista da imaginação; esquecia-se de que a atividade embota a imaginação tanto quanto a imaginação embota a atividade. Os rapazes ativos raro se revelam genios — nem sequer genios da ação. E Anatole havia deliberado ser um genio.

> Ainda em idade bem verde, já me senti possuido pelo desejo de conquistar renome e viver eternamente na memoria dos homens... Pudesse eu, e iria conquistar minha gloria nos campos de batalha... Mas eu não tinha cavalo, nem uniforme, nem soldados, nem inimigos, ingre-

dientes necessarios á gloria militar. Ocorreu-me, então, que poderia tornar-me um santo. O equipamento era mais simples que o exigido pela carreira militar.

Isto era provavelmente o resultado duma diaria ingestão de hagiografia, isto é, de ser incessantemente alimentado com vidas de santos; resultado mais permanente foi Anatole tornar-se um mestre no lendario medieval, a ponto de incomodar os sacerdotes com a sua erudição. E assim, um belo dia, recusou o almoço, deitou fora os brinquedos, rasgou o seu melhor chapeu, a titulo de penitencia (donde vir a ter sua mãe algumas duvidas sobre a religião).

Como Renan e Lemaitre, Anatole foi mandado para uma escola jesuitica — o Colegio Estanislau — "ao templo onde se forjam os martelos que destroem o templo." Gostou da vida colegial, exceto quanto á confissão todas as semanas, que o irritava porque não tinha pecados a contar. Consultando a lista dos pecados no livro de orações, encontrou coisas pavorosas como "simonia", "prevaricação", "concupiscencia", e em falta de coisa melhor, decidiu acusar-se desses pecados; mas no ultimo momento sua coragem falhou, ao pensamento de que o padre poderia perguntar-lhe que coisas eram aquelas. Foi forçado a confessar, com muito vexame, que não havia cometido pecado nenhum.

Na *Flor da Vida* (1920) conta uma passagem crucial da sua vida de colegio, a "bifurcação", quando o estudante é obrigado a escolher entre as ciencias e os classicos. Anatole pediu o parecer duma criada quanto á "bifurcação", e não conseguiu demove-la da ideia de que se tratava indubitavelmente de um animal feroz ou uma doença gravissima. Tambem consultou aos pais, que, por estranho que pareça, o deixaram livre na escolha. "Minha mãe não tinha duvida de que, qualquer que fosse o caminho escolhido, eu havia de revelar o genio oculto; e meu pai era de opinião que tanto as letras como as ciencias não levavam a coisa nenhuma." Sua verdadeira opinião era que a "bifurcação" não passava dum absurdo. "Qualquer escolha que façamos, nosso espirito está condenado; porque a ciencia separada das letras permanece mecanica e bruta, e letras sem ciencia são coisa vazia, já que

a ciencia é a substancia da literatura." Ele era de opinião que a burguesia dominante falha no bom governo porque tem a mente treinada apenas em mecanismos, não em humanidades; achava que um pouco de grego e bastante latim deviam ser exigidos no colegio; e porque um homem sem intimidades com a cultura classica não está apto para governar,

> Decidi-me pelas artes porque pareceram-me mais faceis... O instinto nunca me enganou. Naquelas sordidas salas encontrei-me com Grecia e Roma; a Grecia que ensinou aos homens a ciencia e a beleza, a Roma que deu paz ao mundo... Podereis chamar-me mandarim ou aristocrata, mas creio que seis ou sete anos de cultura literaria dão ao espirito preparado para recebe-la uma nobreza, uma beleza e uma força que não são conseguidas por nenhum outro meio.

Talvez fosse a revelação da polida cultura pagã que minou em Anatole a fé nos dogmas do catolicismo, do mesmo modo que uma similar revelação paganizou a Italia do Renascimento. Ajunte-se a isto que Taine e Bernard haviam posto na ordem do dia o determinismo e o darwinismo; que Anatole lera Darwin e Spencer e ficara um feroz evolucionista, fazendo do Museu o seu templo, lá seguindo as transformações da vida, do molusco ao homem. Vemo-lo tomar um apaixonado interesse pela ciencia, e trabalhar na fisica, na astronomia, na geologia e na antropologia, assentando sobre essas disciplinas um inexpugavel sistema filosofico. Com esta ciencia e esta filosofia o poeta nele existente perdeu as asas; depois de dois volumes de poesias, Anatole passou a escrever sua poesia em prosa. Talvez esse treino inicial na poesia explique ter-se ele tornado o mais fino mestre de lingua da sua geração. Podemos ser poetas e escrever boa prosa.

Mas a sua transição do catolicismo para um darwinismo agnostico não estava completa. Nos *Les Désirs de Jean Servien* (1882) recorda algo das torturas da perda da fé; descreve as sucessivas mudanças, todas inconcientes, através das quais Servien se tornou pagão; conta como no dia da graduação os seus orgulhosos pais (que o queriam padre)

proporcionaram-lhe uma ida ao teatro, que só serviu para fazê-lo doidamente apaixonado pela atriz principal; conta como o amor, a piedade e a duvida se travaram de unhas e dentes na alma do rapaz; como essas forças lhe impuseram desejos contraditorios, numa alternação quasi russa de esperança e desespero — e como por fim o levaram ao suicidio. Ao modo de Goethe no *Werther*, Anatole France mata-se por procuração — e vive oitenta anos para contar a historia de sua morte.

III — O CONSERVADOR

Depois de graduado, Anatole fez-se bibliotecario e entra como leitor na casa editora Lemerre, e em 1876 passa a bibliotecario do Senado. Estas ocupações harmonizavam com os seus habitos de estudo, e ainda mais o inclinam para a cultura classica. Perguntado mais tarde por que a sua biblioteca pessoal tinha tão poucos autores modernos, respondeu que raro lia os contemporaneos, porque o que lhe poderiam dizer já ele o sabia e pelo melhor processo, o da experiencia direta. Na calma dessas bibliotecas e de sua casa (ele só se casou depois dos oitenta) Anatole escreveu os quatro romances que chamarei da sua primeira fase: *Jocaste et le Chat Maigre* (1879), *Le Crime de Silvestre Bonnard* (1881), *Les désirs de Jean Servien* (1882) e *Le Livre de Mon Ami* (1885). Este ultimo é um desenho da infancia; o segundo, um quadro da velhice — ambos tão vivos, tão reais, que o mundo teve dificuldade em admitir que proviessem do mesmo autor e quasi ao mesmo tempo.

Bonnard, velho e honrado membro do Instituto de França, vive uma modesta vida de estudos em sua biblioteca, disputando ao gato a unica poltrona existente. A espaços viaja pela Europa em coleta de antiguidades de erudito, modestamente aceitando como sua igual em dignidade cientifica Mme. Trepoff, colecionadora de caixas de fosforo. Encontramo-lo até na Sicilia, entretido na compra de fatias de melancia dum vendedor ambulante que grita: "*Co tra calle vive, magna, e lava la faccia*" — "por tres centavos você come,

bebe e lava a cara." Mas em todas estas excursões e estudos seu espirito não se absorve nos velhos manuscritos e velhas edições; Bonnard não pode esquecer que a filha da mulher que anos atrás ele fiel e inutilmente amou está sofrendo de solidão num odioso convento. Não tem ele requisitos legais para fazer-se o tutor da menina, e seu crime é furta-la durante a noite e leva-la para sua casa. Já de muitos anos que a envolve de todos os carinhos. Por fim o inevitavel sobrevem — o namorado; e o velho Bonnard vê o premio de sua vida escapar-se-lhe das mãos, deixando-o mais solitario ainda. Mas não se queixa; abençoa os noivos e, vendendo a sua unica propriedade — a biblioteca que levou a vida inteira a juntar — redu-la ao dote da moça. E quando ela se afasta, o velho Bonnard, criminoso de duas paixões, retorna de coração vazio para a sala vazia, onde encontra o gato a ocupar a sua cadeira.

O romance conta uma historia bem pouco vulgar, cuja ternura e delicadeza põem-na á parte numa epoca em que a literatura francesa fazia experiencias com o sexto mandamento e em cada romance havia pelo menos um adulterio. De chofre Anatole tornou-se um classico; e o mais poderoso jornal francês abre-lhe as colunas para um rodapé semanal de critica literaria. Reunidos em livros, esses ensaios deram *La Vie Litteraire,* varios volumes de critica francamente subjetiva, impressionista, cheia de encantos para os cultores da literatura francesa. Os quatro anos de sua colaboração no *Le Temps* fizeram de Anatole o chefe das letras de sua terra; e quando em 1892 Renan morreu, o novo critico, já com 48 anos, subiu ao trono da cultura mundial latina.

Foi um aristocrata, um desiludido, um finissimo diletante. Anatole só admitia nesse tempo um crime: falta de bom gosto. "Sem bom gosto, impressionamos mal até aos que não têm gosto nenhum." Um erro de estilo é mais censuravel que uma violação do codigo criminal. E Anatole condenou Zola por falta de gosto — numa incontinencia de linguagem que jamais se repetiu em sua vida. Seu ideal era então a *equanimitas* — o moto de Spinoza, que o praticou, e de Nietzsche, que o não praticou. Anatole gostava de viver em

reclusão quasi monastica, chamando-se a si mesmo "um monje filosofo que de coração pertence á abadia de Theleme."

O segredo da tranquilidade, dizia ele, é viver com bem escolhidas almas do passado — e descreve suas criticas como aventuras de sua alma por entre as obras primas. Não obstante, convenceu-se, ante a infinita profusão, da quasi futilidade dos livros. "Nunca penetro numa livraria sem que uma calma e suave tristeza não se infiltre em meu coração, e eu digo: "Que adianta acrescentar mais umas tantas paginas a esta massa de papel sujo de tinta? Não seria melhor parar de escrever?" O seu famoso conto da "camisa da felicidade" prega vida simples á moda de Rousseau; um rei infeliz, avisado por um vidente de que nunca terá paz antes que vista a camisa dum homem feliz, manda emissarios pelo reino dessa avis rara; esses agentes interpelam meio mundo, cortezãos, financeiros, amantes, generais, artistas, sabios, mas não ha um que não lhes confidencie a miseria secreta; por fim descobrem um homem que se declara perfeitamente feliz — um ermita que mora no mato, e não tem camisa.

No fim, como neto de Voltaire, Anatole adota o evangelho do *Candide*: "Acho melhor plantar couves do que escrever livros... Os livros formam o opio do ocidente. Devoram-nos... Crede-me quando vos digo isto, porque eu adoro os livros e de ha muito a eles me entreguei sem reservas." E descreve com inveja os ceifeiros na tarefa do campo:

> Que vale o meu trabalho ao lado do deles? E quão humilde e mesquinho me sinto ao lado deles! O trabalho que fazem é uma cousa necessaria. E o nosso? E o dos frivolos prestidigitadores, tocadores de flauta que somos? Feliz o homem e o boi que abrem sulcos na terra! Tudo mais é loucura, ou, pelo menos, incerteza, fonte de perturbações e cuidados. O operario que vejo da minha janela ceifará hoje trezentos molhos de trigo e irá para a cama cansado mas satisfeito, sem a menor duvida sobre a qualidade do seu trabalho. Oh, a alegria de realizar uma tarefa regular e exata! Mas eu, poderei eu saber, esta manhã, quando as minhas dez paginas estarão escritas, ou se bem enchi o dia e ganhei honestamente o meu sono? Saberei eu se levei meu trigo para a tulha? Saberei se minhas palavras serão o pão da vida?

Amigo como é do viver calmo e regular, Anatole inclina-se por natureza ao conservantismo, ao amor das tradições dos camponeses que ele tanto admirava — e que duvidamos estivessem livres de cuidados e perturbações. Anatole conhecia muito o passado para excitar-se facilmente com o futuro. Tudo já está experimentado. A grande coisa procurada não é a Utopia, mas a estabilidade; a cultura só floresce debaixo de governos fortes e estaveis. Os amigos de Anatole por essa epoca pertenciam todos ás fileiras conservadoras — sacerdotes, generais, diplomatas; se mais tarde os descreveu tão bem, é que muito bem os conhecia. Quando *Le Cavalier Miserey*, romance anti-militarista, foi publicado, Anatole France citou com aprovação o ato da censura determinando que todos os exemplares apreendidos nos quarteis fossem queimados, com pena de prisão para os soldados que os retivessem. "A frase não é elegante, disse Anatole, mas eu preferia te-la escrito a ter escrito as 400 paginas do *Le Cavalier Miserey*. Porque estou seguro de que ela é de muito maior valor para o meu país." Em certo 14 de julho ele descreveu com entusiasmo o desfile das tropas e terminou o artigo com uma frase patriotica, "Viva o Exercito!" Dez anos depois encheu-se de amargura quando a escoria de Paris, incitada pelos inimigos de Dreyfus e Zola, juntaram-se á sua porta e lançaram-lhe esse viva ao rosto.

IV — O EPICURISTA

A vida longa foi a salvação de Anatole France; deu-lhe um continuo desenvolvimento através de meio seculo de adolescencia. Na idade em que a maioria dos espiritos criadores chega ao fim do seu trabalho, Anatole rompe subitamente com as ortodoxias e tradições e começa a produzir obras primas sucessivas. Aos 46 escreve a sua mais bela obra, *Thais;* aos 48, o seu mais belo conto, "O Procurador da Judeia" (em *L'Etui de Nacre*); aos 49, o mais delicioso dos seus livros, *La Rotisserie de la Reine Pedauque;* e aos 50, a sua obra prima filosofica, *Le Jardin de Epicure*. Acrescente-se a isto *Les Opinions de l'abbé Coignard* (1893), *Le Lys Rouge*

(1894) e *La Tragedie Humaine* (1895) — e teremos descrito esta segunda fase, de 1890 e 1895, como a assinaladora do zenite da sua força.

Thais é a história duma atriz e dum santo. Toda Alexandria está falando das dansas de Thais, embora seja a Alexandria do segundo seculo A.C., ardente de zelo religioso e cheia das denuncias monasticas vindas da Tebaida. Ricos e pobres, todos se rendem aos encantos de Thais: os filosofos disputavam sobre a sua beleza; "os carregadores, varredores e trabalhadores das docas privavam-se do pão diario para irem ve-la dansar." (1) Entrementes, lá no deserto, o monje Paphnuce, que outrora amara Thais, luta para libertar-se da sua imagem; seus desejos renascidos evoluem para a ambição de converte-la a Cristo e á santidade; e a despeito das ordens do seu superior, Paphnuce deixa a cela e faz-se de caminho para Alexandria. Anatole delicia-se em mostrar como a piedade pode mascarar o desejo, e como os codigos morais e eclesiasticos cedem diante da insistencia da carne.

Paphnuce encontra Thais no meio de seus aristocraticos adoradores, cujos altos debates oferecem um esplendido amortecimento á sua emoção. A cortezã mostra desprezo pelos sermões do monje e, qual outra Afrodite em frente a outro Hipolito, adverte-o da vingança de Venus contra o desprezo do amor que ele prega. Se é pelo amor que o homem nasce, como pode uma vida redimir-se senão pelo amor? Mas julga o monje que sua alma está seca para o amor e simula desprezar os encantos de Thais; e mais ele a despreza, mais Thais se inclina a ceder ao seu pedido de enterrar-se num convento, para expiação. Assim como o homem segue a beleza (a maior força da vida, para Anatole), assim a mulher segue o que julga ser a força. Thais está cansada de amantes

1. Anatole gostava de contar os embaraços de Gollet ao organizar o libreto da opera *Thais* de Massenet. "Confessou-me Gollet o seu embaraço em conservar o nome de *Paphnuce* para o do meu heroi, pela dificuldade de encontrar boas rimas ao *uce*. Só achou *puce*, pulga, e *prepuce*, prepucio — o que o não satisfez. Porisso mudou o nome de Paphnuce para *Athanael*, que rima com *ciel*, *autel*, *irréel*, *miel*, palavras de bom tom social" — Gsell, *Les Opinions de Anatole France*.

perdularios e de seus cumprimentos estereotipados; que novidade, ter um homem que a domine! E lá segue Thais rumo ao deserto e ingressa no convento enquanto o vitorioso monje se recolhe á cela.

Mas o monje cometeu o erro de levar consigo o seu corpo; e agora esse corpo o atormenta sem cessar com sonhos eroticos. Um espirito lhe aparece e lhe revela a verdade que ele ignorava: "Não poderás escapar-me: eu sou a beleza da mulher. Como pensas em fugir de mim, louco? Encontrarás minha imagem na radiancia das flores e na graça das palmeiras; no vôo dos pombos, nos pulos da gazela, no bisbilho dos riachos, na suave luz da lua; e se fechares os olhos encontrar-me-ás dentro de ti."

Por fim "o sonho suplanta a realidade"; Paphnuce escapa da cela e, atravessando as areias, corre ao convento — mas para encontrar Thais moribunda e santa. Agarra-lhe os braços: percebe estar segurando um cadaver. Escandalizadas com aquela ressurreição da carne, as monjas expulsam-no para o deserto, pelo qual erra dentro da noite, louco.

Nunca na literatura o triunfo do corpo sobre a alma, ou do espirito pagão sobre o cristão — Epicuro contra o Estoicismo — foi mais finamente traçado, com tanta graça e melodia de estilo. Aqui o artista excede ao filosofo, e o credo epicurista é antes sugerido que professado. Mas em outros romances dessa fase, *Rotisserie* e *Opinions*, o interesse sensual domina os demais, e Anatole se revela rabelésiano. A rotisserie da rainha de perna de pau é conduzida pelos pais de Jacques Tournebroche, que destinam o rapaz ao sacerdocio; mas o menino cai nas unhas do padre Coignard e de duas raparigas de mais beleza que virtude. Essas jovens torturam-no á força de infidelidades — "Supõe você", diz a mais bela das duas, "que é facil ser bonita sem causar desgraças," — enquanto o padre Coignard o consola com a filosofia. Este adoravel padre é o retrato mais perfeito de quantos Anatole pintou — com exceção, talvez, de Mr. Bergerest. É um padre solto de vida, cujas calças sempre caindo refletem a frouxidão da sua moral; tem a alma dividida entre o amor pelas belas raparigas e a paixão dos livros. "Que é a mulher

comparada a um papiro alexandrino?" exclama ele na vespera de seu encontro amoroso com a namorada do discipulo. Contra esse padre ergue-se d'Astarac, um alquimista ascetico que despreza as mulheres e só ama á ciencia e ás salamandras. "Em vez de assegurar a imortalidade aos amantes, cada união dos sexos é uma evidencia da morte, e nós nunca conheceriamos o amor se fossemos eternos." D'Astarac prossegue, á Shaw: "Jurei a mim mesmo prolongar a vida humana com o auxilio da ciencia, pelo menos de cinco ou seis seculos." Ele despreza os prazeres dos sentidos; comer parece-lhe deploravel e bestial; "os dentes do homem são o signo da sua ferocidade." "Se nas escolas fosse possivel encontrar um verdadeiro doutor, não mais seriamos obrigados a estas desagradaveis orgias. Esse doutor nos dava extratos de carne contendo unicamente o que é simpatico e afim ao nosso organismo... E, desembaraçado do lento processo da digestão, o homem tornar-se-ia singularmente agil, com a vista muito mais aguda — a ponto de ver navios nos mares da lua." Depois deste etereal evangelho o padre Coignard e seu discipulo Tournebroche metem-se numa briga por causa de mulher, matam um homem, escondem-se na floresta e raptam Jael, a bela sobrinha do sabio judeu Mosaide. Mosaide persegue-os e apunhala Coignard — e a historia se suspende.

Através dos tempos Anatole vê essencialmente a mesma coisa — um homem perseguindo uma rapariga. *Le Lys Rouge* é outro estudo dos sentidos e do pecado, com recheio das observações do suave epicurista Choulette — no qual ha toques de Verlaine. Anatole crê que a sabedoria é uma mistura de filosofia e amor, e que o amor é mais que a filosofia. "Ninguem pode mostrar-me com precisão qual o caminho certo... O sentimento da beleza me conduz. Que homem pode encontrar melhor guia?... Se eu tivesse de escolher entre a beleza e a verdade, não hesitaria... Nada é verdadeiro no mundo, exceto a beleza." A sensualidade é a base da sensibilidade artistica e constitue por tres quartos o genio dos grandes mestres. Assim, Anatole, neste estagio do seu desenvolvimento, é desavergonhadamente epicurista e ingenuamente sensual, como a criança que encontra a Utopia no seu dedo min-

guinho. Não admite pecado e sim, apenas, erro. "O cristianismo trabalhou muito pelo amor, ao transforma-lo em pecado." E cita a oração de uma bela rapariga de Genova á Madona: "Sagrada mãe de Deus, que concebestes sem pecado, fazei que eu peque sem conceber." Nicias professa a sensualidade, Paphnuce é o prazer mais que tudo; não obstante, "invariavelmente advoga o prazer como superior a todas as renuncias, e combate a teoria de que o sofrimento é bom", diz Brandes. "Fechemos os ouvidos aos padres que ensinam a excelencia do sofrimento", diz Anatole a uma audiencia de operarios; "porque o bom está na alegria... Não temamos a alegria, e quando uma bela coisa ou um pensamento risonho nos oferece prazer, não os recusemos."

Sendo um epicurista em metafisica e em moral, e crendo, como Epicuro, que todas as coisas são compostas de atomos variadamente dispostos, Anatole "gostosamente aprovava o arranjo de atomos a que chamamos mulher." É verdade que ás vezes diz justamente o contrario:

> "Reparei nessa mulher bem feita..." diz M. de Terremondre. "Dificilmente haverá uma," observa o doutor. "Sua resposta faz-me lembrar o meu calista..." "Se você fosse calista não jogava nas mulheres."

Apesar disso Anatole mostra-se sempre escravo da beleza e só lamenta que ela fale. Na peça *O homem que Desposou uma Mulher Tola* diz-nos dum juiz que encontra o cirurgião capaz de dar fala á sua esposa muda. "Traga-me um espelho", grita a mulher logo que recobrou a lingua; "e um capote de veludo para o meu dia de anos." E entra num tal Niagara de falatorio que o juiz, para salvar-se, pede ao cirurgião que desfaça o seu trabalho — e quando lhe respondem que isso é contra as leis, pede para si uma nova operação — que o prive dos ouvidos.

É dificil descobrir como se comportava Anatole com o belo sexo; sabemos que por duas vezes prestou homenagem á mulher, casando-se duas vezes — mas certo desapontamento transparece em sentenças como esta: "Ter a pretensão de deixar memoria num coração de mulher é tentar imprimir

qualquer coisa na agua corrente." Talvez, diz ele, a mulher maltrate o homem com muita justiça, vingando-se de a não amarem por elas mesmas, sim por mera satisfação sensual. "Não devemos ser egoistas no amor", aconselha Jael a Jacques; "isto é o que o homem jamais compreende." E falando de si proprio Anatole escreve: "A mulher exerce grande influencia educativa sobre o homem; é ela que o treina para a cortezia, a discreção e o orgulho. É ela que nos ensina um pouco da arte de agradar e toda a preciosa arte de não desagradar."

A mulher ideal, diz ele, seria a que fascinasse enquanto a sua beleza brilha e depois que entrasse para um convento. Talvez a mulher fosse mais feliz sob o dominio duma religião sobrenatural do que o pode ser numa era de ciencia e cepticismo. Anatole apostrofa a mulher:

"Para fazer da perigosa e admiravel coisa que sois a soberana e indiferente causa de inumeraveis crimes e sacrificios, ainda precisastes de dois elementos: a civilização que vos cobre o corpo e a religião que vos dá escrupulos. Ficastes então perfeita; sois hoje um misterio e um pecado... Candidamente não creio que o racionalismo vos seja de vantagem. Em vosso lugar eu não me agradaria dos fisiologistas, tão indiscretos, que afirmam estardes doentes, quando vos supomos inspiradas... Não é assim que se fala de vós na Lenda Dourada; "pomba branca", "lirio de pureza", "rosa do amor" são os nomes que lá recebeis. Por certo que isto é mais agradavel do que ser acoimada de histerica, cataleptica, sujeita a alucinações, como o faz a ciencia... Cuidado, digo eu: já vos despistes de algumas particulas do vosso misterio e da vossa fascinação."

V — O CEPTICO

Anatole France não atende á advertencia de Montaigne; *Ne plus sapias quam necesse est, ne obstupescas.* Não sejas mais sabio que o necessario, para que não vos torneis estupidos. Ele estudou quasi tudo, para no fim de contas verificar que quasi nada sabia. Toda educação é um enfraquecimento

de certezas; logo que o homem começa a raciocinar, a estrutura da fé desaba.

E assim Anatole duvida de tudo; Michat chama ao *Le Jardin de Epicure* o manual dos incredulos. Vai alem de Renan e Taine, de Gassendi e Montaigne, porque se estes não criam em nada, Anatole aceita tudo, e pensa que entre todas as filosofias e religiões pouco ha que escolher — e podemos enguli-las por atacado, como dizia Hobbes. Este cepticismo é mais amargo do que qualquer duvida.

Anatole ama ao catolicismo, como quem ama ao lugar em que nasceu; mas não se ilude com os dogmas. Os varios credos não passam de "antiquissimos sistemas de astrologia e aritmetica, de regulamentos de policia, de receitas de cozinha e preceitos sanitarios, de primitivas maximas agricolas e rudimentares regras de bom comportamento." Quanto a Designio, o universo o espanta mais pela incoerencia do que pela ordem e harmonia. Pode haver uma cadeia que tudo liga, mas "os elos dessa cadeia estão, em certos pontos, de tal modo embaralhados, que nem o diabo os deslinda, por habil que seja." Se ha uma cadeia, é a do cego e impiedoso determinismo. Em *La Muiron* Anatole apresenta Napoleão dizendo: "Homem nenhum escapa ao seu destino. Brutus, um mediocre, acreditava no poder da vontade humana. Um grande homem não alimenta semelhante ilusão. Vê as contingencias que o limitam... As crianças são rebeldes. Um grande homem não o é. Que é a vida humana? Curva traçada por um projetil."

Vivemos num grão de pó que gira em redor duma bolha de gás. Muito provavelmente

> não ha mais repouso no espaço do que o ha na terra; a mesma lei da luta governa a infinidade do universo... Viver é destruir, agir e atacar... A ordem do universo é luta e chacina, um cego choque de forças hostis. A ordem destroe-se a si propria, e mais eu penso nas coisas, mais me convenço da loucura do universo... A natureza, minha unica senhora e mestra, não me oferece sugestão que prova o valor da vida humana; ao contrario, ensina-me de mil modos que não tem valor nenhum. O unico objetivo

dos seres vivos é servirem de alimento a outros seres, que terão o mesmo fim... Eu de bom grado creio que a vida organica é um mal proprio a este miseravel planetinha.

Em suma, "o mundo é uma tragedia escrita por um excelente poeta." Anatole conta dum bruto que para ganhar uma garrafa de vinho lançou ao Sena a rapariga com quem vivia. E em outra historia mistura com o seu pessimismo o seu desamor pela inflação literaria. Um rei avisado de que só tinha poucos anos a viver, reuniu os sabios para lhe escreverem a historia do mundo, que ele desejava conhecer antes da morte. Um ano depois pede contas da obra e respondem-lhe os sabios que ainda estão nos tempos prehistoricos; o rei ordena-lhes que resumam e lhe apresentem o resultado o quanto antes; mas meses depois, já com a morte proxima, não obtem nem a sumula da parte prehistorica. Por fim, moribundo, pede ao mais sabio dos historiadores que lhe dê uma ideia da historia da humanidade — e a resposta foi: "Os homens nasceram, sofreram e morreram."

Anatole nada vê de admiravel na natureza, exceto o seu inconciente humor. Nada mais comico do que as hipocrisias, ilusões e enfatuamento dos homens. Somos assunto para as risadas dos deuses. Depois de fazer-nos, Jeová olhou para a obra e viu que não prestava, e "nunca um oleiro tratou os objetos que ele mesmo fez com maior repugnancia. Chegou a pensar em destrui-los e na realidade os afogou em grande massa num diluvio, como era merecido." "Nós nada somos, meu filho, senão ceramica animada", diz o padre Coïgnard. Na verdade, vendo que triste mundo é este, a suprema pilheria é a ininterrupta industria com que os homens substituem cada morte por um ou mais nascimento, e depois de cada guerra devastadora acentuam a fecundidade. "É coisa bem desrazoavel botar pequeninos desgraçados no mundo", diz Mr. Bonnard á sua caseira. "Mas essa coisa faz-se todos os dias, minha cara Tereza, e todos os filosofos da terra não conseguirão reformar tal costume." (O proprio Anatole teve uma filha, a linda Suzana, que se casou com um neto de Renan, perdeu-o na guerra e faleceu em 1918.) E o nosso

filosofo conclue amargamente que assim será até que o sol cesse de arder e a terra pare de nos alimentar; a humanidade, então, começará a definhar; a civilização desaparecerá; e "o ultimo habitante da terra será tão nu, ignorante, fraco e estupido como o primeiro." Outras especies virão suceder aos homens como reis da criação. Ha invertebrados menos sensiveis ao frio do que o homem. Quem poderá prever o futuro reservado á sua atividade e á ciencia? Quem sabe se a terra não se lhes tornará propicia justamente quando deixar de ser habitavel para o homem?

Tudo está condenado a ser substituido cedo ou tarde; a lei da morte está gravada no rosto da vida. "Adquiri uma profunda conciencia do perpassar das coisas e da nihilidade de tudo. Adivinhei que os homens não são mais que transitorias imagens na universal ilusão, e desde esse dia inclinei-me á tristeza, á bondade, á caridade." "Coignard desprezava os homens enternecidamente" diz ele; e repete com afeição a sua formula favorita: "Como juizes e testemunhas, demos ao homem a Ironia e a Piedade."

Seu cepticismo quanto á ciencia é tão impiedoso como o relativo á teologia. Porque o cepticismo traz em si a sua Nemesis; fazer da duvida um principio é lançar-se sempre adiante e atrás do ponto de partida. Como Taine e Renan, Anatole tinha fé no poder da ciencia para a remodelação do mundo — fé que tambem desapareceu. "Detesto a ciencia por te-la amado muito, á maneira dos voluptuosos que recriminam ás mulheres por não lhes terem dado tudo quanto eles esperavam." A ciencia lida com a materia, o espaço e o tempo, isto é, com incognosciveis, talvez nadas. Só conhecemos uma realidade, que é o pensamento; fora do homem tudo é incognoscivel, e dentro dele tudo é misterio; "só procuramos e só encontramos a nós mesmos." A ciencia é impotente porque não pode mudar a natureza humana; e que é que muda, se tudo permanece o mesmo? Renan admitia que a ciencia mudaria o mundo porque abre tuneis nas montanhas... e entregou-se alegre ao sonho duma moralidade cientifica. "Mas a educação não aumenta a bondade, apenas apura a habilidade. Depois do geral desenvolvimento educativo, a corrupção e a fraude têm governado o mundo."

E a filosofia é tão impossivel como a ciencia. "Os sistemas construidos pelos sabios são contos para divertir a eterna meninice do homem... Seguindo o exemplo dos gregos, eu gosto de contos e encontro prazer no que os poetas e filosofos compõem. A filosofia e a literatura são as *Mil e Uma Noites* do Ocidente." Anatole ri-se á ideia de construir um sistema seu proprio; prefere contar a sinuosa historia de algum velho estudioso — Bonnard, Coignard, Bergeret, Trublet, Brotteaux, pondo-lhes na boca os seus pensamentos felizes ou infelizes. O enredo em si é nada; o jogo das ideias é tudo. Um editor confundiu a ordem dum livro de Anatole e publicou-o atrapalhado — ninguem deu por isso, nem o proprio autor. Semelhante metodo tem o encanto da *causerie* e foge á obrigação da coerencia. Anatole sabe que ha contradições em seu pensamento e nenhum esforço faz para elimina-las; ao contrario, "ele contempla calmamente a luta desses pensamentos em guerra", como se eles refletissem a incoerencia das coisas. "Cada um de nós pode ter duas ou tres filosofias ao mesmo tempo; porque, a não ser que tenhamos criado uma doutrina, não ha razão para crer que só uma seja a boa." Pensa que a mais sabia palavra do mundo foi a pergunta de Pilatos: "Que é a verdade?" e não espera que os homens lhe dêm resposta. Na *Tragedia Humana* frei Giovanni sonha com um disco de varias cores que ao entrar em rotação se torna branco; é o simbolo da verdade — um composto de contradições. Com Montaigne, Anatole crê que "morrer por uma idéia é dar muito valor a conjeturas." "As teorias são criadas e lançadas no mundo unicamente para serem despedaçadas ao choque dos fatos — e por fim queimarem-se como balões."

> Não é pela reflexão e pelo intelecto, mas pelo sentimento que alcançamos as mais altas e puras verdades... O pensamento é coisa apavorante. É o acido que dissolve o universo; e se todos os homens fossem postos a pensar, imediatamente o mundo cessaria de existir. Mas de semelhante calamidade estamos livres... As verdades descobertas pelo intelecto são estereis... É loucura tentar mover massas humanas pela razão. Os preconceitos, como as leis e os governos, só podem ser destruidos por forças lentas, cegas, surdas, irresistiveis... Considerada em seu todo, a raça humana é dominada pelo instintivo odio ao intelecto. Esse odio nasce da vaga e profundamente arrai-

gada convicção de que tal hostilidade coincide com os interesses da raça.

As verdades cientificas ao penetrarem nas mentes medias afundam, como num pantano, e morrem afogadas. Não causam nenhum movimento e são impotentes para destruir o erro e o preconceito. As verdades de laboratorios de maior peso para nós, não têm nenhuma autoridade para o publico... A ciencia nunca fez mal á religião; o absurdo de uma pratica religiosa pode ser claramente demonstrado sem que o numero de fieis diminua. As verdades cientificas não são aceitas pela massa. As nações vivem mergulhadas em mitologias; retiram das lendas todas as ideias necessarias á sua existência. E não precisam de muito; umas tantas fabulas bem simples bastam para guiar milhões de criaturas. Em suma, a verdade não cala no homem... A verdade é a tantos respeitos mais fragil que a falsidade, que anda sempre condenada á extinção. A Bernardette de Lourdes tem mobilizado inumeraveis peregrinos, tem arrastado milhões de peregrinos rumo a uma montanha dos Pirineus. E meu prezado amigo Pierre Lafitte me assegura que estamos num periodo de filosofia positiva... A ciencia da nossa epoca dará surto a novas superstições... Religiões estão a nascer bem diante dos nossos olhos... e proclamam que têm suas fés baseadas na ciencia... Entretanto, tudo é possivel, até o triunfo da verdade.

Anatole conclue que a "alegria da compreensão é uma alegria triste." "A ignorancia é condição para a humana felicidade, e temos de admitir que em muitos homens ela realiza perfeitamente essa felicidade." Os antigos consideravam o dom da profecia como fatal, ideia que está figurada em Cassandra. "Se nos fosse possivel ver o que está para vir, nada mais nos restava senão morrer." Mr. Bergeret, diz Anatole, merece piedade, visto como pensa. Pensar "é um grande infortunio, sobretudo no campo." "Deus nos livre de pensar, meu filho", diz o padre Coignard ao seu discipulo, "como disso livrou os seus maiores santos e as almas que com especial ternura ele ama e destina á eterna felicidade."

Não obstante, Anatole ama as dores do pensamento. "Como os crentes que atingem alta perfeição moral e experimentam as delicias da renuncia, assim o sabio, persuadido de que tudo que nos rodeia é coisa vã, bebe largo nesta triste

filosofia e esquece-se nos deleites duma calma desesperança — uma profunda e nobre melancolia, jamais trocada pelas esperanças ocas e pelas alegres frivolidades do vulgo." Afinal de contas, é tão agradavel filosofar! Por varias vezes Anatole, o estudioso que disse "estamos cansados de tudo, exceto das alegrias da compreensão", declara que o pensamento "é a maior aventura dos homens." O pensamento é maior que a ação. "Se Napoleão houvesse sido inteligente como Spinoza, teria vivido numa agua furtada e escrito quatro livros." E traduz graciosamente uma frase de Epicuro — "Feliz quem possue o conhecimento! Porque esse não procura usurpar o poder aos seus concidadãos; não trama um ato injusto. Contemplando a natureza eterna, a ordem inalteravel, a origem e os elementos das coisas, sua alma não se macula de nenhum desejo degradante." Em verdade, nada mais nobre que o pensamento. "A maravilha não é que o campo das estrelas seja imenso, mas que o homem o tenha medido... A terra não passa de grão de pó na infinidade dos mundos; mas se é só na terra que as criaturas sofrem, a terra é maior que todo o restante do universo."

A Tragedia Humana reflete Anatole France neste segundo periodo, a contar a elevação e queda de uma alma. Descreve a piedade e felicidade do meigo frei Giovanni ao qual Satã destruiu a paz e a beatitude com o simples ensinar-lhe a tecnica de pensar. "Vou afligir estes monjes contando-lhes a verdade", diz Satã, "e vou entristece-los fazendo-os ouvir a voz da razão. Cravarei em seus corações o pensamento, qual espada. Mal venham a conhecer a verdade, serão infelizes. Porque não ha alegria sem ilusão, e a paz depende da ignorancia." E Satã apresenta Giovanni a um trabalhador que lhe faz ver os males e sofrimentos decorrentes da ordem economica do mundo. A alma do monje se agita e lá vai ele para a cidade pregar o novo evangelho da justiça social. No dia seguinte está na cadeia, remoendo ideias sobre as liberdades civicas e a escravidão economica. Vem o diabo conversar teologia, e os argumentos do monje esquentam-se á medida que suas duvidas crescem. Subito, a fé o abandona, como manto que cai, e ele tirita no gelido ar da negação em que Satã o envolveu. O monje sofre, mas com orgulho; sente-

se grato á amarga desilusão; e como segue Satã pela montanha acima, diz-lhe: "Vê! Sou um homem miseravel porque nunca te segui, ó principe dos homens... Por tua causa vim a sofrer, e amo-te. Amo-te porque és a minha miseria e o meu orgulho, a minha alegria e a minha dor, porque és o esplendor e a crueldade das coisas, porque és o desejo e a investigação... Mordi na maçã do bem e do mal... Amo-te porque és a causa da minha danação..." E inclinando-se ao ombro do arcanjo, amargamente chorou.

Não ha duvida que Anatole sofreu com a morte de suas crenças da juventude. Tanto do leite da bondade humana se misturava nele com a ansia de meditação e a filosofia que a natureza como que o destinara ao sacerdocio; ainda no fim, a despeito de suas duvidas, ele revelava qualquer coisa do frade trapista e apelidava-se "um perito beneditino." Sua casa na Vila Said tinha as vidraças embaçadas, e a biblioteca parecia um interior de igreja. "Anatole usava um comprido chambre relembrativo do burel, e ás vezes olhava para o mundo como um rabi entregue á interpretação do Talmud. Era um colecionador de objetos religiosos. Não havia ninguem no mundo com mais inclinações eclesiasticas... ciborios, calices, custodias, patenas e turibulos enchiam-lhe os gabinetes."

Seus ouvidos nunca puderam esquecer as musicas da velha liturgia, nem seus olhos o esplendor das antigas cerimonias; o catolicismo ressoava-lhe no fundo do coração como sinos duma catedral soterrada — o mesmo caso de Renan. Pertencia á classe dos grandes franceses que permaneciam catolicos mesmo depois de abandonarem o cristianismo, como disse Sainte-Beuve.

Anatole tinha tudo da religião, exceto a teologia e a convicção do pecado. Adorava as velhas lendas que sua mãe lhe inoculara, e de nada gostava tanto como de folgar nas esotericas sutilezas da teologia que ele condenava. "Adorava o misterioso, embora o negasse; sempre imerso na trivialidade do real, o misterioso servia-lhe de derivativo. Volta e meia interrompe-se para contar a historia de um santo — como daquele Aluizio Gonzaga, de tão grande pudor... que

não podia ficar a sós no quarto de sua mãe sem corar." Que estas lendas, que achava tão belas, não fossem tambem verdadeiras, talvez constituisse uma das causas da sua melancolia. Seus sentimentos não foram atingidos pelo seu pensar; em certo sentido ele tambem foi, como outro pagão, *a anima naturaliter christiana.*

Ás vezes falava como se á mais leve tentação fosse sua alma reabrir-se á fé antiga.

> Longe de alegrar-me quando alguma antiquissima falacia é desmascarada, penso na falacia nova que lhe virá tomar o posto; e pergunto-me se não será mais inconveniente e perigosa que a velha. Bem considerado, os velhos preconceitos são menos perniciosos que os novos; o longo uso deu-lhes o polimento e fê-los quasi inocentes... Enquanto o homem for amamentado em peito de mulher, será consagrado no templo e iniciado nos misterios divinos. E sonhará. Que importa que seus sonhos sejam falsos, se são belos? Não é do destino do homem mergulhar eternamente na ilusão? Não é a ilusão a verdadeira condição da vida?

VI — O SOCIALISTA

Atrás desse enternecido cinismo e desse brilhante desespero jaz não só o desmonte duma fé querida como a aparente destruição dum país amado. Ninguem é mais patriota que o francês, e do ponto de vista da cultura nada se justifica tanto. Imagine-se um moço de vinte e sete anos, apaixonadamente devotado á sua terra e á sua cidade, ouvindo a noticia do desastre de Sedan, assistindo ao assedio e á ocupação de Paris, a violencia da Comuna e depois a impiedosa destruição dos operarios pela burguesia triunfante; imagine-se de novo esse jovem, já maduro, a testemunhar a decadencia dos estadistas franceses, a corrupção politica, a subida ao poder da plutocracia iletrada e o silencioso retorno da reação religiosa que, depois da conquista do exercito e da aristocracia, ameaçava senhorear-se do estado: que vergonha, o otimismo em semelhante epoca! Foram para a França anos de expiação, de retração do orgulho e de estatuas cobertas de crepe. Seria excessivo exigir que um cerebro formado em tempos tão ignobeis pudesse alegrar-se em politica ou filosofia.

Talvez Anatole houvesse frequentado muito a historia — e não podia deixar de cair no cepticismo quanto á politica. Sorria ás esperanças dos democratas — os homens ainda estavam muito proximos do bruto para se governarem como seres livres. O padre Coignard não teria assinado a Declaração dos Direitos do Homem, "por causa da injusta distinção entre o homem e o gorila." "Quem quer que se meta com o governo da humanidade", diz Anatole "não deve esquecer que os homens são ainda macacos." E Coignard acrescenta:

> Mudar formas de governo é o mais frivolo e oco sistema de fazer uso da inteligencia... As mudanças mais radicais não passam do deslocamento de certos homens — e os homens tirados da massa equivalem-se, são medios nas qualidades e nos defeitos... Observo que depois das reformas os homens se mostram os mesmos que antes — alternadamente egoistas, avaros, crueis, covardes, estupidos e frivolos; e que ha sempre o mesmo numero de nascimentos, casamentos, maridos enganados e patifes — e nisso se manifesta a bela ordem da nossa sociedade.

Todo progresso, pensa Anatole, é lento e regular; "Não ha fortes mudanças, nunca as houve — isto é, mudanças bruscas. Todas as transformações economicas sobrevêm com lentidão caracteristica das forças naturais. A dependencia em que cada condição social está da que a precede, assegura a graduação do desenvolvimento." Anatole compara isto á teoria do "uniformitarismo" geologico de Lyell — as mudanças na superficie da terra não sobrevêm eruptivamente, mas pelo lento trabalho da erosão. "Impressiona-nos pensar nos beneficios desta teoria aplicada tambem ao campo moral" e politico. "O espirito de conservantismo e o espirito de revolução nela encontrariam um campo de reconciliação." Mas esses espiritos encontram o campo de reconciliação em sua propria filosofia, que é radical enquanto eles procuram as mudanças e passa a conservadora depois que as conseguem.

Anatole começou totalmente conservador. "Um ceptico nunca se revolta contra as leis porque não tem esperança de que venham melhoras." "O bem e o mal", diz Nicias, "só existem em nossa opinião. Para guias de suas ações o homem

prudente só aceita usos e costumes. Eu me conformo com todos os preconceitos do meu tempo. E porisso passo como homem honesto." Naquele periodo Anatole acreditava que o forte sempre exploraria o fraco e que este sempre se consolaria com o ceu e os sonhos utopicos. E protegia-se contra a sensibilidade pessoal deliberando permanecer, no maximo possivel, mero espectador da vida, não paladino de ideias como a justiça, a liberdade, a verdade. "Sempre me senti inclinado a encarar a vida como um espectaculo; nasci espectador." E assim passava ele por entre os negocios humanos como um visitante pelo Louvre; contava historias mas sem interesse na influencia da lição, como quem está de lado, ou em cima duma nuvem; como um deus epicurista havia conseguido chegar ao estado de *æquanimitas* e *ataraxim* — uma paz de espirito que não se deixava perturbar.

Mas em 1895 rebenta o caso Dreyfus. Um oficial francês de origem judaica é acusado de vender segredos militares á Alemanha; é condenado, degradado e deportado para a Ilha do Diabo. Uns tantos franceses ilustres, capazes de patriotismo sem odio, investigam o caso e convencem-se de que o julgamento se fizera com base em documentos falsos. O valente Zola arrosta com todas as forças do obscurantismo e da respeitabilidade no seu desafio do *J'Accuse*. Anteriormente havia Anatole criticado amargamente Zola como romancista; chegara a dizer que fôra melhor que não houvesse nascido. Mas no caso Dreyfus, Zola estava com a razão, e Anatole, que tinha mais a perder com essa atitude do que qualquer outro escritor francês, não hesitou em apoia-lo. No dia seguinte á publicação do *J'Accuse* Paris estarreceu com a aparição do *Protesto dos Intelectuais* (1898) subscrito entre outros por Anatole France.

Que o levou a saltar tão inopinadamente da sua serena torre de marfim para o picadeiro da luta? Em parte seria a amizade que o ligava a alguns dos principais escritores judeus desse tempo; mas muito mais que isso foi o seu odio ao carolismo e á intolerancia. Anatole amava as lendas religiosas, do ponto de vista da arte; mas a perspectiva de reassumir a Igreja o seu velho dominio e reconquistar o antigo prestigio era demais para aquele ceptico. Anatole viu atrás

de injustiça cometida contra Dreyfus a dominação do Exercito e da Igreja — e, ao cabo de tudo, a restauração do antigo regimen. O Voltaire nele adormecido despertou ao acicate desse desafio — e novamente as forças da superstição sentiram as mordeduras da satira francesa. Anatole desdobrou-se em livros e panfletos vibrantes de colera; arrancou das forjas do seu humor um tacape de polemista e de sua pena uma espada. Em sucessivos discursos enfrentou sem medo o chauvinismo das massas; e embora a populaça se reunisse em frente de sua residencia para apupa-lo, lutou valentemente até que Dreyfus foi de novo julgado, absolvido e reposto no exercito — todas as batalhas foram ganhas. E Anatole revelou-se; atrás do ceptico estava o fervoroso crente da justiça; atrás do diletante, um guerreiro; atrás do epicurista, um irmão apaixonado.

A Histoire Contemporaine enfeixa os passos da sua conversão nesse terceiro periodo, em que passa de indolente espectador a coparticipe ardente. *L'Orme du Mail* (1897), *Le Mannequin d'Osier* (1898), *L'Anneau d'Améthyste* (1899) e *Mr. Bergeret a Paris* (1891) são os livros dessa sequencia, em que as intrigas dos perseguidores de Dreyfus formam o efemero suporte das filosofias de um professor e o seu cachorro.

Porque o professor Bergeret e Riquet são os herois dessa Odisseia intelectual. O cachorrinho é talvez o pensador mais esclarecido, porque vê os negocios humanos dum ponto de vista não afetado pelos preconceitos humanos; e enquanto Mr. Bergeret analisa Deus e o estado, calmamente Riquet disseca o seu dono e os homens. Nos "Pensamentos de Riquet" temos a filosofia do cão:

> Homens, animais e pedras crescem á proporção que se aproximam de mim, e tornam-se enormes quando bem perto. Já comigo não se dá isso. Permaneço sempre do mesmo tamanho, onde quer que eu esteja... O cheiro dum cachorro é um delicioso perfume... Eu falo quando quero. Da boca de meu dono saem sons com um certo sentido. Mas esse sentido é menos claro que o que eu expresso com a minha voz. Tudo quanto eu pronuncio quer dizer qualquer coisa. Mas da boca do meu dono sai muita tolice.

Temos aqui um delicado desenho imaginativo dos preconceitos do homem. Observe-se tambem o modo de ver de Riquet durante a mudança do professor para Paris.

> Durante os dias da mudança Riquet errava tristemente pelos comodos devastados... Homens estranhos, mal vestidos e grosseiros, perturbavam o seu repouso... Cadeiras eram-lhe tomadas mal se sentava nelas, e tapetes eram bruscamente arrastados com ele em cima, de modo que em sua propria casa Riquet não sabia onde deitar-se.

Alem de Riquet o professor tinha uma esposa que lhe consagrava menor fidelidade. "Só os homens sabios é que são iludidos", já dissera frei Giovanni. Mr. Bergeret, tendo encontrado a mulher no colo dum amigo, nada disse, e levou-a ao desespero graças á inhumana conduta de dali por diante ignorar totalmente a sua existencia. Por fim ela acha preferivel a desgraça dum divorcio áquele intoleravel silencio; e é substituida pela irmã do professor, a virtuosa e imperturbavel Zoé.

Nesses quatro volumes Mr. Bergeret evolue gradualmente, como o seu criador, de um indolente conservantismo a uma rebeldia capaz de tudo — ou pelo menos de empunhar a pena em defesa duma causa justa. Ainda despreza a democracia e aborrece a revolução — mas qualquer coisa lhe remexe os sentimentos.

> Só os ambiciosos e loucos fazem revoluções... Para dizer a verdade, não dou nenhuma importancia ás formas de governo. As mudanças de governo não mudam as condições do individuo. Não dependemos de constituições politicas e sim dos instintos e da moral... Não, não creio que os homens sejam naturalmente bons. O que vejo é que eles estão penosamente emergindo da barbarie primitiva, e que com grande esforço estão organizando uma justiça que é incerta e uma caridade que é precaria. Está longe ainda o tempo em que os homens serão bons uns para os outros. Longe ainda o tempo em que deixarão de guerrear-se e em que quadros representando cenas belicas serão conservados escondidos, como imorais... Mas tambem creio que os homens serão menos ferozes quando menos miseraveis, e que no decurso dos tempos o progresso das industrias determinará um abrandamento de maneiras... Prevejo que a salvação virá do desenvolvimento das maquinas... A faisca que sai da garrafa de

Leyde, essa pequenina estrela que no seculo 18 se revelou a um filosofo espantado, realizará semelhante milagre... A ciencia, não o povo, possue o supremo poder; uma estupidez repetida por 36 milhões de bocas não deixa de ser estupidez. As maiorias, em regra geral, revelam uma alta aptidão para o escravizamento. Entre os fracos a fraqueza se multiplica em proporção do numero. As multidões são sempre inertes. Só dão de si um pouco de energia quando a fome aperta... E como poderemos mudar o mundo? Pela força da palavra... Nada mais poderoso que a palavra... Arma invencivel, sem a qual o mundo pertenceria aos brutos armados. Que é que os põe em cheque? Apenas o pensamento, o nu e inerme pensamento... É o pensamento que governa o mundo.

Em Paris Mr. Bergeret faz relações com o carpinteiro socialista Roupart, que vem arrumar-lhe as estantes e contar-lhe das inumeras variedades de radicais de Paris. "Não ha muitos socialistas aqui", diz ele com tristeza, "e os poucos existentes não concordam entre si." Roupart agradece ao professor o ter vindo em defesa de Dreyfus: "O senhor fez algo bem fora do comum; rompeu com a sua classe, recusou conchavo com o exercito e a Igreja." "Eu odeio os falsificadores, meu caro", diz Mr. Bergeret, "e suponho que isso é permitido a um filologo."

A entrada de Roupart vem como simbolo da *união sagrada* dos trabalhadores com os intelectuais na defesa de Dreyfus — e assinala a conversão de Anatole ao socialismo. Sempre se simpatizara com o povo simples; e agora tinha o seu coração a leva-lo mais e mais para as suas aspirações aparentemente utopicas. Anatole abandona a noção de arte pela arte; sente-se feliz de devotar o seu genio á causa dos oprimidos. Tornou-se membro do partido socialista, que no ano de sua morte iria tornar-se o mais poderoso de França; e prestou-lhe, sem reserva ou orgulho, os serviços de sua palavra. Como William Morris na Inglaterra, deixou-se arrastar a salinhas fora de mão para falar a homens e mulheres cansados de labor e derrotas. Talvez nada haja mais belo na historia da literatura do que o quadro desse grande artista, honrado e academico, descer até ao povo e a ele ligar-se contra os poderosos. Defrontou-se com as praxes usuais; o governo

mandava a essas reuniões os seus agentes provocadores, para desmoraliza-las com gritos de "Viva o anarquismo!" mas nem essa palavra metia medo ao desprezador de todas as forças. Paul Gsell descreve o Anatole desse momento, quando o velho filosofo se faz lutador social: "Numa reunião politica ele encontra dificuldade em falar. Lê os discursos. Enuncia-os em voz nasal a que não falta solenidade. Se tem de improvisar, gagueja e perde-se. Mas sua emoção é o maior cumprimento á audiencia, que, orgulhosa da sua intimidade com o genio, aplaude-o com frenesi."

Anatole não estava seguro de que os socialistas estivessem certos no que propunham — mas concordava de coração com o que eles condenavam. De longa data vinha denunciando o militarismo; e considerava o serviço militar obrigatorio como o maior dos males. Na boca de Choulette põe estas palavras:

> A conscrição é a mais hedionda invenção dos tempos modernos... Tornar a matança obrigatoria a todos os homens é a vergonha dos imperadores e das republicas, o crime dos crimes. Em éras que chamamos barbaras, cidades e principes confiavam a sua defesa a mercenarios, que conduziam a guerra com admiravel prudencia; uma grande batalha custava apenas quinhentos ou seiscentos homens. E quando os cavaleiros marchavam para a guerra, não o faziam compulsoriamente; matavam-se pelo prazer de matar-se, e muito provavelmente não prestavam para outra coisa. Ninguem, nos tempos de S. Luiz, sonharia de mandar para o campo de batalha um homem de espirito culto; nem pensava em tirar o lavrador do seu campo para força-lo á luta. Mas hoje dizemos a um homem que é grande honra fazer o serviço militar, e se ele não concorda com essa honra, fusilamo-lo. Os homens cedem por pressão do terror, e tambem porque de todos os animais domesticos é o homem o mais acomodaticio. ...Devo notar que nosso vestuario tem grande influencia sobre o nosso moral... Basta dar a um covarde um capacete peludo para que ele vá quebrar a cabeça no serviço do rei... As nações civilizadas são como os mastins. Um pervertido instinto leva-as a destruir sem motivo ou proveito... A verdade é que o homem do comum não revela desejo mais forte que o de exterminar os que pensam de modo diferente, sobretudo se são insignificantes as diferenças.

Atrás do militarismo está o imperialismo, o desejo de estabelecer a autoridade autocratica sobre terras que têm o infortunio de possuir riquezas naturais mas não dispõem de esquadra ou exercito que as defenda.

> Frei Giovanni sabia que o homem que vende é inimigo do homem que compra, e que a arte do traficante é mais perversa, se possivel, que a arte da guerra... A descoberta das Indias Ocidentais, a exploração da Africa, a navegação do Pacifico abriram vastos territorios á cubiça europeia. Os imperios brancos determinaram o exterminio dos vermelhos, amarelos e negros; e pelo espaço de 400 anos entregaram-se a uma furiosa pilhagem de tres grandes partes do mundo. É a isto que se chama civilização moderna.

Anatole acoima-a — O Perigo Branco.

Seus escritos durante os primeiros cinco anos do novo seculo colorem-se e aquecem-se com o socialismo. Num dos seus livros fala dum prefeito que diante da "propriedade sentia aquele religioso terror que a lua inspira aos cães"; e sorria amargamente á "lei", que em sua majestatica igualdade proibe tanto aos ricos como aos pobres o dormir sob as pontes, o pedir esmolas na rua e o furtar pães; e do conto *Crainquebille* (1902) fez uma obra prima de protesto. Um vendedor de rua, velho tardo em obedecer á ordem dum policial, é preso e falsamente acusado de haver lançado em rosto do policia o grito de guerra dos parisienses revoltados contra a ordem: "Mort aux vaches!" Perante o juiz o policial mente com tanta perfeição que Crainquebille fica incerto se disse ou não disse "Mort aux vaches." Depois de cumprir um ano de prisão o pobre velho é lançado á rua, com a alma em pandarecos, tão arrazado na saude que não encontra quem lhe dê trabalho. Nem pode retornar á velha profissão porque os vendedores concorrentes se apossaram da sua clientela. Por fim, desesperado de fome e só vendo salvação na volta ao carcere, avança para um policia e calmamente lhe lança em rosto a palavra magica da salvação: "Mort aux vaches!" Mas o policia dá de ombros e segue o seu caminho.

No *Sur la Pierre Blanche* (1905) Anatole dá-nos a sua utopia. É uma total "supressão da propriedade privada" no

relativo aos meios de produção. Inteira liberdade para ligações e casamento, com todas as crianças criadas pelo estado. A Europa unifica-se sob um mesmo governo socialista. A Inglaterra mantem-se de parte, mas não estaticamente. "Tornou-se socialista, mas conservou o rei, os lords e até a cabeleira dos juizes." Claro que ainda fica muita coisa a ser feita: "inda subsistem, como antes, os homens vorazes e prodigos, os industriosos e indolentes, os ricos e pobres, os felizes e miseraveis, os contentes e descontentes. Entretanto, todos podem viver — e isso já é alguma coisa."

Com tais admissões o velho ceptico revela-se não totalmente submerso pelo socialismo; só mesmo Anatole France poderia, sorrindo, informar-nos de que até na Utopia haverá gente infeliz. Ficamos a suspeitar que não é aquele o seu verdadeiro Eden; que em seu coração continua individualista; ou talvez, na sua doce maneira filosofica, anarquista. Anatole gostava de pensar "naquele fabricante de cachimbos que William Morris nos apresenta em sua utopia, o artesão de alma simples que na cidade do futuro fazia cachimbos superiores a todos os mais porque os trabalhava com amor." O mesmo individualismo que fazia Anatole contrario a sistemas na filosofia e a dogmas na religião e na ciencia, leva-o a duvidar dum paraiso em que o governo se mete em tudo e tem poderes supremos.

Em suas orações populares punha de lado as dificuldades e distinções; "precisamos tomar partido", dizia Voltaire. Mas "assim que o ardor da luta começou a esfriar, Anatole volta ás suas incertezas, á sua cara indecisão... ele não tinha o desembaraço de impeto, a fronte e a boca de bronze, necessarias aos chefes de partido." Permanecia o estudioso de sempre, apolitico, desligado de qualquer dogma, pronto para ver amigos e inimigos com olhos que se não iludem, e a rir-se de todos eles na *L'Ile des Pengouins.* (1908).

Este livro constitue a mais substanciosa e poderosa satira ainda escrita sobre a historia da França. Um velho missionario, padre Mael, dá com os costados numa ilha de penguins que ele julga serem uma nova raça humana; prega-lhes o evangelho e, conquistado pela atenção com que é ouvido,

batiza-os. Mas o ceu se toma de grande consternação, porque a lei divina é contra o batismo de seres que não sejam humanos; uma erudita discussão teologica se segue, e finalmente é decretado que para salvar-se a letra e o espirito da lei os penguins sejam mudados em homens, por uma especie de darwinismo divinamente acelerado. Depois desta concentrada evolução, padre Mael distribui roupas aos novos cidadãos, mas com tragico resultado: todos os machos correm atrás das femeas vestidas e desprezam as que respeitavelmente se conservam nuas; a posse da mulher leva á posse da propriedade; os machos lutam patrioticamente por companheiras, terras, e estabelecem leis defensivas das propriedades conquistadas. São Mael espanta-se dessa cobiça, desse ciume e dessa guerra que surgem em consequencia de sua organização; mas um companheiro frade assegura-lhe que os penguins estão realizando a mais augusta das funções — "estão criando a lei, estão fundando a propriedade, estão estabelecendo as bases da civilização". Daquilo sae o industrialismo, cujo apogeu ocorre na America. "Nunca serão construidas casas bastante grandes; cincoenta milhões de homens labutam na cidade gigantesca." Um dos mais sabios penguins chega a New York.

> Havendo desembarcado, foi para um hotel de 58 andares, onde o serviço era todo automatico. Tomou depois a grande estrada de ferro que leva para Gigantinopolis, capital do Novo Atlantico. Havia nesse trem restaurantes, salas de jogos, arenas atleticas, telegrafo, escritorios comerciais e financeiros, uma igreja protestante e oficinas para um grande jornal... O trem corria ao longo das margens de grandes rios, através de cidades intensamente fabris que ocultavam o ceu com o fumo das chaminés, cidades negras de dia e vermelhas de noite, cheias de barulho de dia e cheias de barulho de noite.
>
> — Aqui, disse o doutor, temos um povo por demais empenhado na industria e no comercio para meter-se em guerras.
>
> ...O doutor foi levado ao hall do Congresso e lançou os olhos para a multidão de legisladores sentados em poltronas, com os pés sobre as mesas.
>
> O presidente ergue-se, e em meio da generalizada desatenção murmura... "A guerra para a conquista dos mercados mongois já se acha terminada, com plena satisfação para os Estados Unidos, e proponho que as contas

sejam fornecidas á comissão de finanças... Ninguém se opõe? Está aprovada a proposta... Acha-se tambem terminada a guerra com a Terceira Zelandia, com plena satisfação para os Estados Unidos..."

— Estarei ouvindo errado? indaga o professor Obnubile. Um povo industrial empenhado em guerras?!...

— Certamente, responde o interprete. São guerras industriais. ...O numero de guerras necessariamente aumenta com a nossa capacidade produtora... Na Terceira Zelandia matamos dois terços dos habitantes afim de compelir o terço restante a comprar os nossos guarda-chuvas e suspensorios.

Nesse momento um homem gordo, sentado no meio da assembleia, levanta-se e vai para a tribuna.

— Proponho uma guerra contra a Republica Esmeraldina, que insolentemente ameaça a hegemonia dos nossos presuntos e salchichas nos mercados mundiais.

— Quem é esse legislador? pergunta Obnubile.

— Um negociante de porcos.

— Que? Vocês votam a guerra com tamanha rapidez e indiferença?

— Oh, é uma guerra sem importancia, que não custará mais de oito milhões de dolares.

— E em homens?

— Os homens estão incluidos nos oito milhões de dolares.

O doutor descaiu a cabeça, em amarga reflexão. Desde que a civilização tolera tantas causas da pobreza, como as guerras e o barbarismo, desde que a loucura e maldade dos homens são incuraveis, só resta uma coisa a fazer: reunir bastante dinamite e mandar pelos ares o planeta. Com os seus fragmentos esparsos pelos ceus um imperceptivel melhoramento advirá para o universo, e será dada uma satisfação á conciencia universal. Pena é que esta conciencia universal não existia.

No outro capitulo, sobre o caso Pyrot, vem retratada a questão Dreyfus, e o grande ceptico ri-se até de si mesmo. Vem depois a historia da organização do trabalhismo e a grande revolução; mas na ultima pagina o ceptico suplanta o socialista, descrevendo o surto de outra classe dominadora e de outro sistema de exploração industrial. E o livro termina com a odiosa repetição das mesmas palavras que usou para descrever a anterior escravidão: "Casas nunca foram construidas tamanhas; cincoenta milhões de homens esfalfavam-se na cidade gigante".

Disot ressalta que Anatole tinha suas duvidas sobre a revolução. Duas coisas ele odiava em absoluto — os males gemeos, violencia e intolerancia. Quando frei Giovanni vai para a cadeia, preso por pregar contra os "Amigos da Ordem", um anarquista que lá se achava convida-o a entrar para o anarquismo, dizendo — "Meu desejo é destruir a lei por meio da violencia, e forçar os cidadãos a viverem numa feliz liberdade. E saiba que matei juizes e soldados e cometi muitos outros crimes, visando o bem publico." Ao que o frade responde:

> Abaixo a violencia, porque violencia gera violencia. Quem age desse modo está semeando a terra de odios e furores, e seus filhos rasgarão os pés nos espinhos da estrada, e serpentes lhes morderão os calcanhares. Abaixo quem derramar o sangue do juiz injusto e do soldado brutal, pois isso o iguala a esse juiz e a esse soldado. Como eles, terás as mãos indelevelmente manchadas. É louco o homem que diz: "Pagarei o mal com o mal e meu coração exultará." "A minha injustiça será o começo da justiça..." Se desobedeces aos teus senhores, que o seja por amor. Não deves mata-los, e sim dizer-lhes — "Eu nunca chacinarei meus irmãos, nem os lançarei em carceres."

No *Les Dieux ont Soif* (1912) o tema é de novo a inutilidade e a destrutividade da intolerancia e da violencia. A cena passa-se em Paris, durante o Terror; e tem como protagonista um Evaristo Gamelin, robespierriano que destroi os suspeitos com o prazer dum Torquemada. Anatole France vê tudo vermelho; não é a oratoria o que mais lhe prende a atenção, mas a guilhotina. No fundo, a sêde dos deuses pelo sangue humano é a mesma sêde da populaça; e Anatole, como todos os filosofos, desconfia da populaça. "Não lisonjeou ninguem, nem mesmo o povo", disse Brandes.

La Revolte des Anjes (1914) é a alegoria de todas as revoluções. Satã rebela-se contra Deus; é a liberdade rebelando-se contra a ordem, a natureza contra as compressões, o individuo contra a sociedade. Vence Satã e assenta-se no trono como Deus, e prega os velhos dogmas — e conserva o papa como o seu representante na terra. "Em ti confirmo o

direito e o poder de decidir sobre materia de doutrina, de regular o uso dos sacramentos, de fazer leis e zelar pela pureza da moral... Tu és infalivel. Nada mudou." Está aqui em duas palavras a essencia do cepticismo: nada muda, ainda que as revoluções vençam e Satã substitua Deus. A unica esperança vem da fala de Satã aos seus seguidores, depois da derrota final.

> Amigos, se a vitoria nos é denegada, será porque não somos nem dignos nem capazes de vitoria. Tratemos de ver por que motivo falhamos. A natureza não pode ser governada, o cetro do universo não pode cair sob nossas mãos, exceto pela força da ciencia. Não é a coragem cega (ninguem mostrou mais coragem do que vós) que nos dará o dominio do ceu; mas o estudo e a reflexão. Nestes abismos silentes em que fomos arrojados, só nos cumpre meditar e procurar as causas ocultas das coisas; observemos o curso da natureza; sigamo-la sempre; lutemos para penetrar a sua infinita grandeza e a sua infinita minuciosidade... Quando a natureza obedecer-nos, seremos deuses.

VII — O ARTISTA

Anatole France foi um filosofo; a sazonada sutileza do seu pensamento, a universalidade do seu interesse e o esplendor da sua erudição tornaram-no caro a todos que buscam os deleites da especulação. Mas foi Anatole mais que filosofo, mais que erudito e soldado na guerra da liberação humana: foi tambem um artista. E como artista, o supremo da sua geração.

Mas não atingiu a perfeição. Não era mestre na arte de construir. Embora seus contos sejam perfeitos de tecnica, seus romances revelam falta de unidade e tendem a ser frouxamente episodicos; unicamente em *Thais* consegue a unidade de interesse, a simetria de estrutura e a inevitabilidade de desenvolvimento que a perfeição exige. E tambem lhe faltou originalidade de temas; seus enredos eram tomados de qualquer parte, com a mão leve de Shakespeare e com uma boa excusa — que ele embelezava o que pilhava. Todas as suas ideias, dizia ele, são velhas como o pensamento e per-

tencem a todos; a criação aparece na forma, não na substancia. Entretanto *Thais* relembra muito Flaubert; e *Le Jardin de Epicure* revela um tipo de pessimismo que é o de Renan. Suas criações são quasi sempre introspecções: ele não podia esquecer-se, nem construir tipos dissemelhantes de si mesmo, como Shakespeare e Balzac o fizeram; seja lá que nome tenham — Servien ou Bonnard, Bergeret ou Coignard, Vence ou Dechartre, Trublet ou Brotteaux — os tipos de Anatole são todos o mesmo Anatole, como os de Byron são todos o mesmo Byron.

Mas se lhe faltava qualquer coisa de imaginação (e ele o confessava com a maior simplicidade), está perdoado em vista da força da sua imaginação recreadora. Como se possuisse algum tapete magico, movia-se em diferentes epocas do passado e enchia-as de vida; com as lentes de sua arte os periodos distantes aproximavam-se, visibilizavam-se. Anatole viu esses seculos remotos com mais clareza do que nós vemos o nosso, e descreveu-os com uma penetração que faz o realismo dos realistas parecer infiel e obscuro. Deleitava-se em penetrar nas velhas teologias mortas e nas antigas filosofias, revelando-se fundo conhecedor das minucias esotericas. Podia mostrar-se impiedoso na revelação das reais perspectivas da historia, como no *Procurador da Judeia;* mas ao mesmo tempo sentia a beleza da ciencia antiga e revelava-a com a transparente inocencia da fé. Pôde impiedosamente despir a historia de Joana Darc de todo o maravilhoso e ainda assim apresenta-la como a simples rapariga do campo cujas visões levaram uma nação derrotada á reação que trouxe a vitoria.

O que sempre fez, em cada pagina dos seus livros, foi derramar amor e zelo em cada linha. Sua religião consistia na afeição pela humanidade e na paixão pela prosa perfeita. Não admirava, embora ás vezes o invejasse, esse tipo romantico do genio que vôa nas asas da imaginação e compõe sem esforço — e sem pensamento. Gastou-se no apuro da forma, certo de que a forma traz consigo o segredo da imortalidade. "A forma é o vaso de ouro que preserva o pensamento e lhe leva a essencia á posteridade... O artista só sobrevive pela forma... Dar forma nova a uma nova ideia é tudo na arte, e o unico tipo de criação dado ao homem."

E em consequencia Anatole escreveu melhor do que qualquer francês moderno; seu estilo exala um perfume que inebria de encanto o leitor. É fluidico, feito de ternura e desilusão; suave como o orvalho, claro como um dia de junho; estilo manso, quieto, macio, quasi langoroso e voluptuosamente belo. Como exemplo, o que ele diz da leitura dos classicos gregos, *"il voyait des figures divines, des bras d'ivoire tombant sur les tuniques blanches; il entendait des voix plus belles que la plus belle musique, qui se lamentaient harmonieusement"*. Ele tinha o ouvido musical que parece indispensavel para o estilo; suas palavras acariciam o assunto e suas frases arrumam-se por si mesmas em delicadas harmonias.

Seu estilo tambem deleita pela clareza e simplicidade. Os escritores franceses, diz ele, revelam tres grandes qualidades: clareza, clareza e clareza; pois bem: Anatole possuia as tres. "Ha um meio de atrair que está ao alcance até dos mais humildes — a naturalidade." Anatole podia mostrar-se romantico, se o desejava, como quando compara os dedos duma criança "aos raios cor de rosa duma estrela"; mas em regra evitava as metaforas coloridas. "Fujamos de escrever muito bem", advertia ele; "é a peor maneira de escrever."

A sua simplicidade era ao tipo da que absorveu a complexidade, como a sua clareza era das que são laboriosamente extraidas da obscuridade. Atrás da "naiveté" esconde-se a mais sutil ironia; o modo de apresenta-la é dos mais astutos. Anatole diz de Renan: "A crermos neste amavel pastor de almas, é-nos impossivel escapar da misericordia divina e temos de entrar no paraiso — a não ser que não haja paraiso, o que é tremendamente provavel." Anatole gosta de construir um imponente paragrafo e no fim, como Heine, destrui-lo com a ultima palavra. Nunca na literatura francesa observou-se mais delicado equilibrio entre a sutileza do pensamento e a transparencia da frase; o leitor esquece que é filosofia, porque a filosofia usualmente não se veste com tanta arte. Essa imperceptivel união entre o assunto e a forma, este casamento da sabedoria com a beleza, constitue a suprema realização de Anatole France. Sua alma era bastante grande para conhecer a bondade, a verdade e a beleza; e sua arte sabia

exibi-las no esplendor da unidade. Anatole foi um grande artista.

VIII — ÚLTIMA FASE

Quando a guerra veio, Anatole, com setenta anos, oferece-se como voluntario. Não que desadorasse a paz menos que antes, mas amava á França acima de tudo; não podia contemplar com equanimidade o possivel esmagamento da mais bela civilização moderna. "O que estais defendendo", disse ele aos soldados em 1915, "é o nosso imortal patriotismo, nossos costumes, nossos usos, nossas leis, nossos habitos, nossas fés, nossas tradições; o trabalho dos nossos escultores, dos nossos arquitetos, dos nossos artistas; as canções dos nossos musicos; a lingua materna que ha oito seculos flue dos labios dos nossos poetas, nossos escritores, nossos historiadores, nossos filosofos... O que estais defendendo é o genio francês, que tanta luz deu ao mundo e trouxe liberdade ás nações." Não era a França de Viviani e Millerand e Poincaré que ele defendia, mas a França de Montaigne, de Voltaire, de Victor Hugo e Renan; era-lhe intoleravel pensar que eles fossem esquecidos ou que a França nunca mais désse homens assim.

O Tratado de Versalhes veio arranca-lo do seu sonho da paz justa e da Europa unida; Anatole enche-se de desespero ao ver que os mesmos homens que fermentaram o veneno enlouquecedor da Europa continuavam de cima e com forças para preparar novo holocausto. E saudou a revolução russa com alegria; apesar de suas violencias e erros, era um desafio ao Ocidente para que se purificasse e renovasse. Seus amigos poderosos espantaram-se de vê-lo reunido aos comunistas, como ele dolorosamente se espantou de ver os lideres de seu país macaquearem o militarismo do inimigo derrotado; a sua adesão ao comunismo foi o meio de dizer-lhes que seu coração estava com os humildes cujo sangue fôra derramado, e não com os grandes que calmamente contavam as perdas em homens e calculavam os lucros em ouro. Quando em 1921 Anatole recebeu o premio Nobel e, voltando da Suecia, verificou que a Academia Francesa estava tão magoada com a sua nova atitude que até suspendera o programa das festas a que ele fazia jus, o filosofo sorriu com alivio e gostosamente

entregou-se á simples recepção dos seus amigos. A vitoria dos liberais no ano da sua morte deu novo surto ás suas esperanças — as esperanças que nunca deixavam de florir em tão jovem coração.

Sua magnifica residencia da Vila Said n.º 5 era o ponto de encontro de ministros como Caillaux e Painlavé, de genios e operarios. Era o templo da arte e da amizade, onde o mestre conversava com os discipulos, ou cismava solitario sobre os tesouros artisticos que ali reunira. "Com mão reverente ele tomou o Cupidinho e, erguendo-o á altura dos olhos, quasi junto aos labios, acariciou-o com ternura." Uma refugiada russa que veio pedir-lhe proteção assustou-se daquela profusão de riqueza; não percebeu que não era riqueza, sim beleza. Depois, almas perturbadas como essa vinham procura-lo sem medo. "Aquí", disse um jovem visitante, "está uma bomba em dois pedaços. Separados, nenhum perigo oferecem. Mas ligados, fazem esta casa ir pelos ares." "Não os ligue, faça o favor", disse Anatole gentilmente. "E ouça a minha palavra, moço; enquanto houver outros recursos, temos de usa-los só a eles. Lembre-se disto: a justiça homicida, ainda quando administrada por um povo que luta pela liberdade, nunca pode ser outra coisa senão um miseravel substituto. É perigoso atiçar com sangue a sede dos deuses."

Quando Anatole fechou os olhos a 12 de outubro de 1924, a França uniu-se magicamente á generosa influencia do seu nome. O presidente da Republica e o primeiro ministro juntaram-se ao cortejo popular que da manhã á noite desfilou diante do feretro, para o ultimo adeus ao homem que na sua geração ocupara nas letras de França o posto supremo. Quando o corpo foi levado para o cemiterio de Neuilly, as cinco milhas de percurso estavam apinhadas de pessoas que pacientemente ali ficaram horas á espera da passagem. Desde a morte de Victor Hugo nunca a França chorou tanto a morte de um filho.

Logo depois do passamento de Anatole uma revista americana abriu um inquerito entre os mais notaveis artistas, escritores e criticos da America sobre os maiores escritores do mundo, em ordem de preferencia. Obteve o primeiro lugar Shakespeare; o segundo, Goethe; o terceiro, Anatole France.

CAPÍTULO III

JOHN COWPER POWYS

I — RETRATO

HAVENDO eu descoberto um filosofo vivo, opulento de sabedoria e beleza, quero que o leitor comparticipe de tanta felicidade. Não é justo que este meu livro se restrinja a trombetear a fama dos já famosos e não lance a um mais largo circulo de conhecedores um estranho Platão surgido em terras muito distantes da Cidade de Deus.

Pinta-lo-ei, primeiramente, como muitos de nós já o vimos no estrado das conferencias: alto, magro, desajeitado, anguloso, um verdadeiro Miguel Angelo da tribuna; compridas pernas de aranha, compridos braços simiescos, dedos longos dando a ideia de pseudopodos — amontoado de ossos e nervos nus; porte acurvado dum solicito gigante, orgulhosa cabeça de Zeus galês a chispar centelhas, o mento obstinado dos individualistas, o nariz grande dos genios, a voz tremula dos poetas, o rebelde cabelo grisalho, os olhos espantados e penetrantes, olhos de caça perseguida e de caçador, olhos arregalados das coisas intensamente vistas, assustados com o misterio e apavorados com a compreensão — mas que palavras, exceto as dele proprios, poderão descrever este homem?

E como fala! Nada existe em nossa geração que se lhe equipare, que se lhe iguale em gotico esplendor de ornamento, em sensibilidade perceptiva, em perspectiva, em penetração mental. Ao primeiro contacto, uma mistura de frases admiraveis e epitetos sem significação para os broncos; de-

pois, um desdobrar de panejamentos de ouro, faiscantes de beleza; depois, o espelho duma complexa, indizivel e inteligivel visão; depois, peça por peça e tom a tom, o mosaico musical duma filosofia profunda como a de Spinoza e cheia de bondade como a de Cristo.

Seu nome é John Cowper Powys. Corre em suas veias o sangue dos poetas Cowper e Donne, de mistura com o dum sacerdote estoico que transmitiu aos filhos a sua ineIutavel piedade. Como Li-po, o anjo banido, Powys surgiu em nosso tempo para que tivessemos a sensação do face a face com o genio, como Shelley e Keats no-la dariam se não fôra a alucinação de um e o desespero de outro. Alguns de nós que já de anos o conhecemos, não ignoramos o quanto nos resta a conhecer desse espirito sensivel e solitario, talvez lançado no isolamento urbano por um golpe do destino sobre que jamais falou; espirito unico, profundo e intangivel, muito aristocraticamente orgulhoso para abandonar-se ou ser prontamente compreendido. Afinal de contas, se um homem escalou o zenite e sondou o nadir, como pode ser inteligivel a seus irmãos — navios que passam, na noite, fora do alcance da voz?

> No primeiro instante, quando nosso temperamento se chofra com outro, todas essas delicadas antenas se recolhem, absorvidas em si mesmas, como se dá com as anemonas do mar. Se a natureza que nos defronta é antipatica, tudo quanto apresentarmos á intrusão dessa natureza será uma substancia gelatinosa, sem forma; mas se acontece ser natureza afim da nossa, ou que tenha com a nossa algo de comum, as antenas espirituais do imo começam a reaparecer para virem expandir-se á luz e calor dessa compreensão. (1)

Foi *Wolf Solent* que nos revelou parte desta alma secretiva, através dum apaixonado serpentio autobiografico em prosa, verso e ficção; mas o retrato está ali obscurecido pela propria complexidade, e modestamente subordinado á penetrante influencia duma Inglaterra que Powys ama ainda mais

1. *The Meaning of Culture*, New York, 1929.

que a si mesmo. Aqui, entretanto, neste livro que a critica apressada poderá considerar de menor importancia, aqui no *The Meaning of Culture* (Significação da Cultura) é o homem em pessoa, de coração e pensamento abertos graças á proteção da distancia, que nos diz o que de tanto tempo queriamos saber: o que Powys sente a respeito do mundo e do homem, da terra e do amor; nele nos revela a mais sutil e a menos "fraseavel" de todas as coisas — uma filosofia de artista — a mais profunda, a mais proxima aos contrastes da vida, porque não é sistematica, não apresenta silogismos e transcende a todas as categorias do simples pensamento; rara e requintada visão das realidades interiores e exteriores que o leitor não encontrará em parte nenhuma nas letras modernas.

Quero expor essa filosofia mas sem critica-la, citando-o com abundancia para aguçamento do apetite do leitor, e desse modo transmitindo-lhe a taça da inebriante bebida que se fermentou para beneficio das pobres almas perseguidas pela sede de verdade e fome de amor e beleza. Não me proponho a julgar deuses.

II — FILOSOFIA DUM POETA

Depara-se-nos o filosofo já no começo do capitulo inicial sobre "Cultura e Filosofia". "Todas estas visões sem solução", diz Powys a proposito dos sistemas de pensamento que existem no mundo, "são igualmente verdadeiras. Assemelham-se ás pinturas dos grandes mestres." Só um calouro perguntará se Spinoza, Platão, Aquino ou Hegel estão certos (quem o pode saber?); "o homem de espirito maduro apenas indagará o que esses filosofos lhes poderão revelar — a que altura ou profundidades poderão leva-lo — que inexprimivel sentimento poderão despertar-lhe sobre a indizivel essencia das coisas." Demorar o pensamento na *Etica* de Spinoza é como demorar os olhos nos auto-retratos de Rembrandt, ou nos de Julio II devidos a Rafael, ou nos de Olivares feitos por Velasques; para quem tem olhos de ver, o mundo todo está em cada um deles.

A filosofia não pode dar-nos a verdade; bem ao contrario, afasta de nós a verdade e ensina-nos a paciente tolerancia, e tambem, quando muito a amamos, a ilimitada modestia; a Parte aprende a pensar de si propria em termos do Todo. E quando chegamos á socratica admissão da nossa ignorancia, podemos ser cortezes para com todos os credos.

> A atitude mental que as inteligencias de fina sensibilidade haurem da filosofia é uma que combina a extrema reverencia com o ilimitado cepticismo; e como resultante o tom da verdadeira cultura ver-se-á muito mais afinado pelo das imemoriais superstições da espécie humana (animismo, por exemplo) do que pela dogmatica arrogancia da ultima teoria mecanica... Tão velha é a terra, tão longo o rosario das gerações, que podemos admitir a existencia dum pouco de sabedoria em cada vestigio de superstição.

A filosofia tem muitas lições a ensinar; dá-nos a conciencia (isto é, o pensamento das coisas em conjunto), e uma fina ciencia de nós mesmos, como polos magicos de sentimentos e forças; alarga-nos o escopo e apura-nos o gume ao pensamento; ensina-nos um pouco da arte de Confucio, de comportar-nos como parte necessaria á marcha do mundo; oferece-nos aquele "conhecimento dos valores relativos" que é o segredo da cultura; proporciona-nos um refugio intimo ("mitologia" de Wolf Solent) onde esconder-nos da estupidez e crueldade dos loucos que nos rodeiam. Mas a sua lição final é que nada é certo; cada verdade não passa duma preferencia; a filosofia dum homem só pode ser dele e de ninguem mais; o proselitismo é imodestia inutil; "uma orbita não é a mais nobre ou a mais sabia, mas simplesmente a orbita de alguem."

> Quanto mais cultura possue um homem, mais firmemente — embora com muitas reservas ironicas — ele se atem ao seu proprio gosto. Constitue sempre a marca dos "parvenus" "massar-se" até que suas opiniões correspondam á ultima palavra da moda... As pessoas semi-educadas permitem que sua visão pessoal seja influenciada pelo servil respeito á ciencia moderna ou pelo convencional respeito á religião tradicional. As pessoas cultas aceitam estas duas autoridades dogmaticas com uma boa pitada de sal. A ciencia não é tudo — nem igualmente a religião. A ultima palavra está com um certo livre humanismo

poetico que para os seus propositos se utiliza da ciencia e da religião, sem deixar-se dominar por uma ou por outra. Uma pessoa educada pode voluvelmente descrever o que deseja que tomemos como a sua ultima filosofia, elaborada no momento. Uma pessoa culta muitas vezes encontra dificuldade em dizer qual é a sua filosofia; mas quando procura expo-la sentimos que aquilo é o que secreta e profundamente essa pessoa viveu por muitos anos. Para tal pessoa o snobismo intelectual não existe. Ela não se interessa em saber se sua atitude é intelectual ou não, de acordo com as modas do dia. Até pode ser culpada de certa maliciosa satisfação de ver-se tão fora da moda a ponto de parecer imbecilmente ingenua... Todos percebemos que um homem simplesmente educado traz seus pontos de vista filosoficos como se fossem outras tantas moedinhas no fundo do bolso. São coisas destacadas de sua vida. Já com o homem realmente culto não ha destaque entre suas opiniões e sua vida. Suas opiniões e sua vida são dominadas pela mesma inevitavel fatalidade organica. Elas são *o que ele é.*

Com tal orientação filosofica torna-se claro que em materia de religião Powys não crê em nada — tudo respeita. Como Anatole France (embora ele se ressinta da comparação) Powys adora todos os deuses em todos os templos. É politeista e animista, como o cumpre a um poeta-filosofo. "De cada planta e de cada pedra emana uma presença que nos perturba com o senso da multiplicidade das forças divinas, fortes ou fracas, grandes ou pequenas, que se movem do ceu para a terra com propositos para nós inapreensiveis." Powys é budista, porque, o mandamento unico da sua moralidade é nunca ofender a ninguem, animal ou planta; e isto não constitue nele teoria oca, mas regra pratica de conduta, seguida ao pé da letra sem nenhum exibicionismo. Como em Buda, temos aqui a conjugação do santo e do sabio — ou o maximo que se possa dizer dum homem.

Tambem é cristão, com uma admiração pelo Cristo bem fora da moda. Integralmente aceita, como Dostoievski, a "prodigiosa doutrina do imensuravel e da igualdade de valor de todas as almas humanas"; e repete que "a cultura deve extrair alguma coisa desta abismal humildade do espirito que, de par com a grande descoberta da igualdade das almas, foi o grande dom feito pelo cristianismo ao aperfeiçoamento do

espirito humano." Ele sabe, como sugeriu Voltaire, que embora um gondoleiro seja superior a um doge, a diferença é tão pequena que não merece ser tomada em consideração.

Se insistimos em ligar Powys a um credo, com sutil simplicidade ele responde que a alma bem desenvolvida não pode viver sem uma mistura de gratidão e desconfiança para com a Causa Primeira, ou antes, para com "a flutuante companhia de invisiveis presenças, ou os Genios e Espiritos Tutelares, semelhantes aos riachos, rochas, plantas e arvores por entre os quais nos movemos."

> Nos silencios profundos sentimos o imperceptivel respirar desta vegetação; e á proporção que o sentimos, cresce a impressão de que o sentimento dominante de tudo é uma muda expectação. Expectação de que? Ah, ninguem o poderá dizer! Mas alguma coisa em nosso coração e na nossa psique reage em intima correspondencia com esse curioso esperar — esse esperar de folego suspenso. E enquanto estamos nisso, permitindo que o nosso eu mergulhe no misterio final da vida, parece-nos que, num dialogo sem palavras com o eterno, ao mesmo tempo acusamos o desconhecido dos sofrimentos da sensibilidade e lhe rendemos graças pela felicidade que dela nos advem.

Ah, sim, quantas vezes a gratidão floresce em nós á vista da beleza, da bondade, da inesperada benevolencia dum destino que nos poupou apesar da nossa negligencia! Quantas vezes, quando a nau deslisa silenciosa através dum Mediterraneo sem ondas a refletir a lua, ou quando da janela do nosso gabinete espiamos o brinquedo feliz das crianças, palavras de agradecimento não brotam de nossos labios e não desejamos que haja um Deus para ouvi-las! E, reversamente, quando estupidos microbios aluem um genio, ou um desastre brutalmente esmaga nossos filhos; ou lá naquele campo onde se folga e tudo parece tão perfeito, a luta mortal rebenta e a destruição se revela a lei da vida e da historia; ou quando horriveis cataclismos soterram indistintamente estadistas e idiotas, criminosos e santos; ou quando loucos anulam Cesar e Heloisa languesce por Abelardo — então um cego ressentimento nos sufoca, nosso peito revolta-se contra a onipotente irracionalidade, e nós lançamos imprecações contra a indife-

rença das estrelas. Como poderemos jamais fazer justiça á Natureza, se a não personificarmos numa entidade suscetivel de ser amada ou odiada?

Consequentemente, a literatura é mais profunda que a filosofia — porque é menos coerente; e a poesia, mais profunda que a prosa, porque dá alma a todas as coisas (e talvez assim seja), de modo que possamos com elas falar e tambem ouvi-las no que dizem, e traze-las, assim vivificadas, para a compreensão humana. A arte é o que ha de mais profundo porque a beleza é mais que a verdade e a significação dada com um toque é mais profunda do que qualquer palavra. E como falamos de pintura, ouçamos novamente à musica de Powys:

> E se o corpo do homem, juntamente com o simbolico ritual do vestuario, encontra o apogeu de sua expressão naqueles soberbos claros e escuros (de Velasquez), naquelas sabias manchas de carmim, naqueles fundos sombrios, a alma humana encontra a sua culminante expressão nos extases de El Greco. Brutal e grandiosamente os santos de El Greco regiram num crescendo de esquecimento de si proprios. Como nos personagens de Dostoievski, existe algo de apocaliptico nessas luminosas lacerações debruçadas à beira dum indizivel limiar; mas os fundos imaginosos que lhes dá o pintor toledano — ondas de estranhos vapores, icebergs de confusos caos, abismos de fatalidade, antecipam aquelas formas aereas que William Blake viu nos campos dos arredores de Londres. A loucura da religião ressalta como chamas bipartidas dos tremulos dedos desses extases. Longas e finas sairam suas mãos do habito da prece exasperada; enquanto os contornos de suas faces ebrias de Deus trazem a marca dos que contemplaram a Eternidade e não pereceram.

Haverá alguem, deste lado do Atlantico, deste lado de Marte, que possa escrever assim?

III — A SIGNIFICAÇÃO DA CULTURA

Mas que é cultura? Trata-se de palavra presunçosa, que impõe cuidado no passa-la adiante; os meticulosos nos fiscalizarão, como lobos na noite. Será educação? Boa pergunta

num país cheio de escolas e tão destituido de homens cultos. Porque um homem pode saber tudo e ser um asno; pode estar familiarizado com todas as obras primas da arte e ser tão impervio como um guarda de museu; pode ter lido milhões de livros e ser um chauvinista. O conhecimento é o corpo da cultura culta...; a compreensão a sua alma. "O eterno estudante raro é uma pessoa cultivada. Homem nenhum, por mais erudito, pode ser considerado culto enquanto permanece com sua vida estranha ás suas leituras". Se ele conhece todas as paginas de Thomas Hardy e Thomas Mann, de Marcel Proust e Anatole France, é um deserto sobre cujo arido solo a semente das letras não encontrou alimento e não dará frutos.

A cultura, portanto, não é qualquer coisa depositada na cabeça, sim algo que vive na vida; não é acumulo de conhecimentos, sim *aplicação* de experiência e educação, de associação e viagens para exalçar a sensibilidade, aprofundar a significação e reduzir os atritos da vida; é a marcha do conhecimento para a compreensão e a cortezia; é *tout comprendre et tout pardonner*. Aqui, onde a cultura podia ser um pedantismo, Powys mostra o lado mais fino do seu filosofar e corajosamente admite que "a cultura tem que ser mandada para o diabo" — quando, por exemplo, um homem tem que engulir a sua repugnancia e fazer-se palhaço por ter gente querida que dele depende. Bondade é mais que cultura, e Buda mais profundo que Socrates, e Lao-tsé mais que Confucio. Propriamente compreendida, entretanto, a cultura implica bondade; "o grande mandamento da cultura é "Não serás cruel." A verdadeira cortezia pressupõe na vida duma pessoa coexistencia de compreensão e doçura; e isso se torna, no fim, a verdadeira essencia e a definição da cultura. "Cultura e dominação de si não são termos sinonimos — nenhum requinte de gosto em estetica ou em literatura pode anular a enormidade de ser alguem sujeito a acessos de colera." A verdadeira prova da cultura está nas nossas relações com os "inferiores", isto é, com os infortunados que pela força das circunstancias parecem estar abaixo de nós — como lutadores tombados na crua arena da vida."

> Não é necessario grande cultura para levar-nos a uma atitude de cortezia e atenção para com os ricos ou os mimados da beleza e da fama. Onde a verdadeira cultura se mostra é na maneira de tratarmos os pequenos, os fracos, os "despreziveis", os de espirito humilde... Cumpre-nos usar de invariavel e continua cortezia para com todos os que nos servem e para com todos os que por qualquer motivo nos são "inferiores". Não pode ser considerado culto quem não trata a todas as creaturas, sem uma só exceção, com o mais profundo interesse humano.

Somente depois da cortezia é que a cultura procurará uma ciosa solidão como indispensavel requisito para o progresso e refugio do pensamento. "Nossos mais felizes instantes serão os em que estivermos completamente sós, ou sós com os nossos mais caros companheiros. Revelar gosto por vida rodeada de muita gente parece-me sinal dum estagio rudimentar do desenvolvimento humano." Coney Island não é o zenite de civilização. Para Powys, bem como para Aristoteles, a benção suprema está no calmo contemplativismo. "Cada devaneio emerso de agradavel lazer ao pé do fogo ou á janela constitue uma especie de "ruminação" da imortal e divina contemplação, sendo pois merecedor de alto apreço". A sociedade de pessoas apenas educadas é, na melhor das hipoteses, um aborrecimento; e na peor, uma degradação, porque tais pessoas insistem em discutir.

> Dois cerebros auferem mais da troca de ideias do que tres, e tres auferem mais do que quatro. Uma das maiores pragas da troca de ideias é a disputa, a qual constitue o mais tolo metodo de passar o tempo — e sobretudo o mais esteril. A disputa vem por amor á exibição, para diminuir os outros, para pavonear originalidade, ou agilidade mental, ou erudição... Ninguem escapa nas reuniões modernas de entreouvir renhidas ou violentas discussões... Uma pessoa dotada do que chamo cultura foge a tais discussões, recusa-se a tomar parte nelas. Sabe do bem que ha em afastar-se do mais simples apaixonamento — sobretudo os relativos ás coisas muito velhas.

Não ha duvida que um homem que se sente tão mal nas multidões denuncia-se muito fora duma epoca que tanto preza o tumulto, a quantidade, o tamanho das coisas, como a nossa.

Powys não se rejubila com o "crescente papel cultural da Africa" na vida americana, e desadora a "espessa borra do grande rio da vida moderna, seu calão, seus slogans psicologicos, seus brinquedos mecanicos, suas manias clownescas, suas furiosas alternações de ateismo e catolicismo, seu brutal erotismo." E protege-se a seu modo. Quando num carro Pullman é obrigado a ouvir a conversa geral, aperta no bolso o perfil perfeito duma moeda antiga; ou recita mentalmente "preciosas passagens" de poetas que "decorou por amor." "O melhor meio de opor-nos á multidão que nos comprime é repetirmos em nosso coração a formula budista — Paz a todos os seres!" "A cultura tem o poder de habilitar-nos a ser felizes da unica maneira pela qual uma creatura humana pode ser feliz: completo desafio ao que nos envolve." Forçados pela necessidade podemos submeter-nos á rudeza da força sem lesão da nossa soberania intima; "tal submissão, cauta e vexada, enfastiada e paciente, humilde e orgulhosa, grave e ironica, tem sido desde tempos imemorais a replica da cultura á incultura." "O homem culto é um epicurista estoico numa comunidade de avidez e pietismo; mas se essa pessoa é sabia, ninguem saberá o que ela é."

Se essa pessoa é ao mesmo tempo sabia e afortunada, escapará da multidão e do tumulto, e encontrará na Natureza — na suprema divindade da *Natura naturans* — os mais profundos e deleitosos prazeres que a cultura pode dar. Aqui está o melhor de Powys, porque raramente alguem falou com mais profundo sentimento e compreensão da Natureza como teste do carater e deleite e consolação ultima do homem. Cultura é uma ponte, ou laço entre a natureza e a cortezia; radica-se numa e floresce em outra. Extasiar-se mais diante de grandes construções e maravilhosos mecanismos do que diante de rochas e arvores é, para Powys, demonstração de imaturidade. E o simples procurar as "belezas" naturais não basta; "tais pessoas são amadoras do outono e dos passeios domingueiros; um chuvisco de outubro, um pouco de tempestade de novembro e lá se vão correndo para a cobertura e segurança dos seus ninhos." O verdadeiro amante da natureza ama-la-á em todos os seus caprichos; regular-se-á com suas coleras e tempestades, seus momentos nublados e sua

melancolia chuvosa. E acima de tudo corteja-la-á quando se acha só, de modo que nenhuma terceira voz lhe venha perturbar a comunhão. "Temos um seguro sinal de incultura no permitir que um ocasional papagueio venha interferir no nosso deleitamento com a Natureza." Nem o verdadeiro amante da Natureza será um desses atletas que se gabam do numero de quilometros que correm, só vendo no caminho a meta final, não o caminho em si; porque as alegrias da vida não estão na meta final, sim no caminho; o segredo do prazer é não sacrificar os meios aos fins. O perfeito amante da Natureza errará pelos atalhos ou recessos procurando com o pabulo que dá aos seus sentidos educa-los de modo que lhe não escape uma só silaba do poema da natureza; não tomará nela nada como definitivo, mas sentirá a sua profundidade e sua gloria sempre nova a cada amanhecer ou em cada cena habitual; aceitará os fenomenos da natureza como o noumenon — as mais simples sensações, as cores, os sons e as formas, como a verdadeira essencia da realidade; aprendendo o nome das plantas e das flores, das aves e dos insetos, dos planetas e das rochas; acamando nos depositos de sua memoria milhares e milhares de impressões recebidas por montes e vales, florestas e riachos, até que a paz dos grandes campos e dos animais placidos sobre ele caia e faça-o compenetrar-se da amplitude do tempo e do espaço — e até a morte lhe parecerá razoavel e toleravel, já que natural e necessaria.

Que o leitor mobilize todas as forças do mais intimo do seu ser quando encontrar-se sob uma arvore, num descampado, ou num trato de chão inculto; e que se sinta animal humano, unico entre seus semelhantes, tomado de sensações personalissimas, arrastado no espaço-tempo, através da superficie deste orbe terrestre!... Que encare a realidade da morte, como talvez nunca a encarou antes, em toda a sua horrivel finalidade. E que nesse momento pratique a arte de esquecer, de modo que, quaisquer que sejam os horrores da vida, os que o infelicitaram sejam calmamente postos de lado ou varridos para o limbo da não-existencia.

E abandone-se então ao calor do sol que cae sobre aquela arvore ou aquele descampado, ou abandone-se ao cinerio das nuvens ou ao arrepio dos ventos, quando

> nuvens e ventos vierem destruir o encanto local. Tanto da doce calentura do sol como da tristeza e do incomodo do nublado e do ventoso, uma estranha felicidade emergirá — se ele mantem a sua receptividade de espirito; porque as profundas fontes de sua memoria se sentirão estimuladas pela passiva atitude dum que apagou tudo quanto eram cuidados e aborrecimentos. E então toda a sorte de velhos e obscuros sentimentos evocados pelo calor do sol ou pela chibata do vento, e do mais que o envolve — ar, arvores, relva, chuva — subirão á tona. E ele se recordará de certos trechos de rua em que as luzes da noite batiam dum certo modo. E recordar-se-á de certas pontes em que as pedras humidas ou os musgos suavam uma tristeza fina, ou tocaram o seu coração "com pensamentos alem do alcance da alma." E recordará os cheiros alcatroados ou salinos deste ou daquele porto, que no momento não o impressionaram mas agora lhe voltam como a verdadeira essencia de sua vida. E recordar-se-á de como certa vez subiu por uma trilha semi-abandonada de certo monte distante; e vir-lhe-ão á memoria, vagamente, velhos portões cujas pedras a vegetação recobriu; e quadros de troncos mortos Deus sabe caidos onde; e de ferrujentas barcaças em abandono em aguas estagnadas; e de verdes algas pendentes de pedras de caes; e de cintilantes reflexos de sol nas aguas, ou mortiços palores de lua em cemiterios onde as tumbas dos mortos dormem o sono interminavel dos anos. E todas as contas do rosario da memoria serão repassadas enquanto a indizivel poesia da vida inunda o seu ser de uma estranha felicidade.

Isto é tudo. Uma tal compreensão e uma tal arte falam por si mesmas; loucura seria acrescentar, ou tirar, qualquer coisa. Aqui e ali o leitor se achará em pequenos desacordos com Powys: a cultura não tem necessidade de ser tão eremiticamente individual, podendo harmonizar-se com uma sociabilidade, uma *camaraderie* e um terra-a-terra rabelésiano, o que aliás é dificil para um inglês ainda quando se trate do mais fino dos ingleses. Mas talvez nunca se nos depare outro livro do qual tenhamos de deduzir tão pouco antes de incorpora-lo ao nosso escrinio de confiança e aspiração.

E que estilo! Que vocabulario! ressonante e cintilante com o "tang" de palavras ainda não desbeiçadas pelo uso, opulento como um tecido oriental em que as cores se prendem firmes em sobrios desenhos; musica semelhante á de Schu-

mann, mistica e magica, esoterica e sutil, abismal e divinamente louca. Nele encontramos a mais fina prosa de Santayana: paginas de beleza que nunca serão esquecidas; prosa que inebria e enleva, tão iluminada de imaginação e de preciosidades como a melhor poesia. "O lugar ocupado outrora pela poesia, parece pertencer hoje á prosa imaginativa", diz ele. Sim, é isso. Temos aqui um poeta sensivel a todas as belezas e significações, maior que qualquer outro do nosso tempo; um poeta que se não vexa da sua emoção em face dum mundo tornado excessivamente grosseiro pela invasão de milhões de maquinas e pela fuga de todos os deuses.

Powys diz-nos que devemos ler os grandes livros "muito solitariamente, cuidadosamente demorados em cada pagina, saturando-nos com a sua atmosfera até tê-lo incorporado ao nosso imo." Com o seu livro é assim. Procurei le-lo do modo prescrito — e não encontro palavras que exprimam a minha gratidão para com o autor.